REVISTA ACRÓPOLE PUBLICA RESIDÊNCIAS MODERNAS

ANÁLISE DA REVISTA ACRÓPOLE E SUA PUBLICAÇÃO DE RESIDÊNCIAS
UNIFAMILIARES MODERNAS ENTRE OS ANOS DE 1952 A 1971

MAISA FONSECA DE ALMEIDA

orientador: Prof. Dr. Miguel Antônio Buzzar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Departamento de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Escola de Engenharia de São Carlos
Universidade de São Paulo
São Carlos, agosto de 2008.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Tratamento
da Informação do Serviço de Biblioteca - EESC/USP

A447r	<p>Almeida, Maisa Fonseca de Revista Acrópole publica residências modernas : análise da revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliaries modernas entre os anos de 1952 a 1971 / Maisa Fonseca de Almeida ; orientador Miguel Antônio Buzzar. -- São Carlos, 2008.</p> <p>Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) -- Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.</p> <p>1. Arquitetura Brasileira. 2. Residências modernas unifamiliaries. 3. Modernismo Brasileiro. Revista Acrópole. 4. Arquitetura moderna brasileira. I. Titulo.</p>
-------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maisa Fonseca de Almeida

Revista Acrópole publica residências modernas

Análise da revista Acrópole e sua publicação

de residências unifamiliares modernas entre

os anos de 1952 a 1971

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre
Área de concentração: Teoria da História da Arquitetura e Urbanismo

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição: _____

Assinatura: _____

Aos que partiram
Soltando foguetes e alegria em minha infância
Incentivando a educação e o conhecimento, seu carinho e amor comigo no final da jornada
As que aqui ficaram
Nos tantos sorrisos de alguma lembrança que me traz conforto
Bondade, amor e carinho que me trazem esperança, seu segredo durante noventa anos

AGRADECIMENTOS

Ao arquiteto e professor Dr. Miguel Buzzar pela orientação a esta pesquisa. Compreensivo aos meus limites e potencial, e pela grande valorização deste potencial. Agradeço pelo estímulo a resultados sempre melhores e maiores.

Aos meus pais e aos meus irmãos pelo respeito, amizade e estímulo ao saber desde cedo.

Ao companheiro, amigo e confidente Danilo.

As boas companhias pelo caminho. Amigos queridos que pacientemente mantiveram-se atentos ao meu trabalho e vida. Alguns distantes, outros nem tanto, mas cujo interesse nunca fora reduzido durante o caminhar desta pesquisa e pelos meus próprios passos.

Especialmente, a amiga que tanto me auxiliou no início deste mestrado, Mônica Vianna. A amizade que se estreitou por afinidade, Angélica Irene da Costa. Aos amigos que sempre estiveram presentes, Carolina Margarido, Chan Hua Xin, Fernando Rabelo, Lizandra Mendes, Mariana Savi, Mariane Tagliaferro, Renata Gradin, Sandra Komorita e Thaís Albanese. Aos amigos que surgiram ao longo da trajetória dispostos a acompanhar-me, Carla Gotardello, Jorge Oliveira e dentre eles a mais nova amiga Junia Mortimer. Ao amigo de sempre Frederico Daher.

Ao primo arquiteto, Marcelo, pela receptividade, auxílio, estímulo, amizade e discussões.

A professora Mônica Junqueira e ao professor Paulo Fujioka pelos comentários na qualificação.

Ao professor Fábio Lopes de Souza Santos pela oportunidade de monitoria em sua disciplina e pelas discussões que muito auxiliaram em meu repertório pessoal em artes e arquitetura.

Ao professor Hugo Segawa pelos auxílios e atenção.

A Jorge Wilhelm, Manfredo Gruenwald e Mário Gruber por concederem entrevistas, e a Carlos Lemos pela gentil conversa por telefone. A Paulo G. de Mendonça pelo depoimento e permissão de visita a sua residência. A Fernando Serapião pelos auxílios que seus comentários me trouxeram, assim como suas publicações na revista Projeto.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo pela credibilidade em minha pesquisa.

Aos seus funcionários sempre pacientes e atenciosos Marcelo Celestini, Geraldo Donizetti, Paulo Ceneviva, Zanardi, Oswaldo de Andrade, Fátima Mininel, Sérgio Celestini, Lucinda Brito Torres e Antonio João Tessarin, suas bibliotecárias, em especial, Elena Gonçalves e Rosana Paschoalino.

Ao Grupo de Pesquisa: *Brasil Arte, Arquitetura: diálogos na cidade moderna e contemporânea*, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo – USP.

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao Grupo *FORM* do Departamento de Projetos Arquitetônicos da ETSAB na Universidade Politécnica da Catalunha, em especial a Teresa Rovira e Alicia Ponce, e a Fundación Carolina pelo apoio financeiro ao trabalho desenvolvido conjuntamente a este grupo.

A História não é uma sucessão de fatos no tempo, não é progresso das idéias, mas o modo como homens determinados criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem ou transformam essa existência social que é econômica, política e cultural. (CHAUÍ, 1980, p.55)

RESUMO

ALMEIDA, M. F. (2008). **Revista Acrópole publica residências modernas** – análise da revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971. 456f. Dissertação (mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

Analisa e interpreta o desenvolvimento de tipologias espaciais e plásticas dentro da produção arquitetônica de *residências modernas unifamiliares*. Assim como, as soluções de seus ambientes e sua relação com a cidade no contexto dos seus condicionantes históricos, sociais, econômicos, tecnológicos e culturais no quadro da *arquitetura brasileira*. Questionando e verificando a existência da pertinência de uma tipologia espacial particular no interior do *movimento moderno brasileiro* que dê sustentação à formulação de uma distinção característica, a qual possui suas próprias particularidades diante do veio mais expressivo do *modernismo brasileiro*. Para tanto, utiliza como referência, as publicações deste gênero na *revista Acrópole*, considerada o periódico brasileiro especializado em arquitetura de maior período de funcionamento e publicações no Brasil (maio de 1938 a dezembro de 1971), desde sua mudança editorial, em setembro de 1952, a seu término, em dezembro de 1971. Esta revista sediada na cidade de São Paulo centra-se em expor obras residenciais unifamiliares, em sua maioria, na própria cidade, em um período em que a arquitetura moderna brasileira intensifica o debate sobre a sua produção teórica e prática, e esta cidade encontra-se em pleno processo de crescimento demográfico e desenvolvimento industrial. Diante desta intensificação das ações culturais, conjuntamente às discussões e apreensões em diversas escalas dos ideais de modernização e modernismo, a arquitetura brasileira desenvolve-se, retrabalhando suas dimensões modernas e adquirindo características consideradas particulares, vistas como conformadoras de uma identidade nacional. Por fim, este trabalho busca expor a grande diversidade arquitetônica que caracterizava a arquitetura moderna em São Paulo, verificando distinções divergentes de sua vertente maestra, a partir do momento em que adquire qualidades próprias e singulares da considerada "escola carioca". Esta maior pluralidade arquitetônica a qual se procura verificar explora conjuntamente as novas teorias, as novas características materiais e as possibilidades trazidas pela tecnologia dos novos materiais oferecidos na construção civil. Questões que foram incorporadas com maior pluralidade na arquitetura brasileira do que a simples aplicação de uma nova teoria poderia sugerir, principalmente, no período que antecede a definição de seu modelo reconhecido como hegemônico dentro da arquitetura moderna.

Palavras-chave: Residências modernas unifamiliares. Arquitetura brasileira. Movimento moderno brasileiro. Modernismo Brasileiro. Revista Acrópole.

ABSTRACT

ALMEIDA, M. F. (2008). **Acropole Magazine publishes modern homes** – analysis of Acropole Magazine and the publication of modern single homes between the years of 1952 and 1971. 456p. M. Sc. Dissertation – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

It examines and interprets the development of spatial and plastic typologies in the production of architectural *modern single homes*. Their environments and relationship solutions related with the city in the context of their historical, social, economic, technological and cultural features as part of a *Brazilian Architecture*. Questioning and verifying the existence of a particular typology in the *Brazilian's Modernism Movement* supporting the formulation of a distinguished feature, which has its own particularities inside the more expressive *Brazilian's Modernism* vein. According to the *Acrópole Magazine*, a Brazilian periodical specialized in architecture with the longest period of publications in Brazil (May 1938 to December 1971). This Magazine based in the city of São Paulo focused on publishing single homes works, mainly in that city. This work uses as its reference temporal scale the magazine's editorial change, since September 1952 (until December 1971). This period is considered the mainly search of resource in this essay when the Brazilian modern architecture intensifies its theoretical and practical production debate. When the city's population was growing and the industrial sector was developing. The intensification of its cultural activities and modernization discussions was incorporated in a different scale of the modernity idea. At the same time the Brazilian Architecture develops itself working its own dimensions and acquiring modern particular features such as a national identity former. All in all, this essay demands to expose the architectural diversity in the modern architecture in São Paulo, verifying distinctions in its mainly slope from the moment it acquires its single and particular features distinguishing itself from the Rio de Janeiro's school. Finally, this architectural plurality which this essay verifies explores new theories, guaranteed by new materials features and possibilities brought by the new technology offered in the building system. These issues have been incorporated with more plurality in the Brazilian architecture than a new theory's simple application might suggest, mainly in the previous period of its model recognized as hegemonic in the modern architecture.

Keywords: Modern single homes. Brazilian Architecture. Brazilian's Modernism Movement. Brazilian's Modernism. Acropole magazine.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I – Panorama geral	
Movimentos culturais, artísticos e arquitetônicos correntes na cidade de São Paulo	7
O movimento moderno arquitetônico internacional após a segunda guerra mundial	11
Articuladores do movimento moderno arquitetônico nacional na São Paulo dos anos 50	15
Principais meios de veiculação e disseminação da informação arquitetônica	20
Capítulo II – A construção de uma linguagem arquitetônica moderna brasileira e a concepção de uma casa brasileira	
Referências arquitetônicas modernas	25
A casa moderna brasileira na década de 1950	30
Capítulo III – Quadro de análise do objeto de pesquisa	
Período de análise	43
Livro Residências Interiores	45
Livro Modern Architecture in Brazil	67
Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo	83
A revista Acrópole	98
Nova direção da revista acrópole -setembro de 1952 - Max e Manfredo Gruenwald	102
Edições Temáticas	106
Editoriais da revista Acrópole – setembro de 1952 a dezembro de 1971	111
Primeira Fase	112
Segunda Fase	116
Terceira Fase	118
Residências unifamiliares publicadas pela revista Acrópole - 1952 a 1971	123
Modelos residenciais modernos unifamiliares utilizados como objeto de análise	387
A revista Acrópole e a difusão da arquitetura moderna em São Paulo	398
Capítulo IV – Conclusão	409
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	415
ANEXO 1 – Periódicos pesquisados	421
ANEXO 2 – Alguns aspectos da comunicação visual da revista	422
ANEXO 3 – Editoriais Eduardo Corona	424
ANEXO 4 – Entrevista com Manfredo Gruenwald	448
ANEXO 5 – Transcrição de texto de Eduardo Corona – A arquitetura paulista de 1945 a 1970	452
ANEXO 6 – Tabela – livro Modern Architecture in Brazil	455
ANEXO 7 – Tabela – livro Residência Interiores	456

INTRODUÇÃO

Inicialmente, a pesquisa a ser desenvolvida propunha analisar e interpretar a produção arquitetônica brasileira, em função das questões colocadas pelo desenvolvimento dos espaços residenciais unifamiliares modernos, procurando situá-los e localizá-los dentro desta produção. Enfatizando a produção moderna paulista, no interior do Movimento Moderno Brasileiro, de forma a verificar suas características específicas frente ao veio mais expressivo do modernismo brasileiro, a chamada escola carioca.

A partir de um distanciamento, a análise propunha-se a reconhecer os valores arquitetônicos do modernismo desenvolvido em São Paulo, particularmente, na década de 1950, marcada pela difusão da arquitetura moderna, tratando-os de forma crítica e não apenas reproduzindo-os. Visando analisar o reflexo de todo um posicionamento de criação de uma identidade nacional, de questionamentos sociais, e da influência do contexto político na alteração das relações espaciais dentro das residências, quando comparadas à casa burguesa tradicional.

Diante do tema proposto, objetivos definidos e um percurso traçado, este trabalho encontra logo em seus primeiros levantamentos uma grande alteração, em que uma de suas fontes de dados mostra-se a altura de constituir-se em sua principal fonte de dados e objeto de análise e pesquisa, a revista Acrópole (1938 – 1971).

Assim, dadas às devidas limitações, este trabalho, busca investigar e analisar a revista Acrópole desde o início de seu funcionamento em maio de 1938, até sua extinção em dezembro de 1971. De maneira a melhor compreender o objeto de pesquisa proposto e sua fonte de dados, concentrando especial atenção sobre o período de principal interesse ao trabalho, como será observado adiante.

Esta revista sediada na cidade de São Paulo e especializada na publicação de arquitetura centra-se em expor obras residenciais unifamiliares, em sua maioria, da própria cidade. Auxiliando na composição de um raciocínio contínuo e comparativo que permita a elaboração de uma análise sobre as alterações desta arquitetura. “Surgira ACRÓPOLE ante uma necessidade. São Paulo não possuía uma revista de arquitetura que debatesse os problemas da cidade e expusesse as construções mais recentes” (PEREIRA, 1952)¹.

Caracteriza-se o funcionamento e existência da revista Acrópole em duas fases, divididas por períodos: de maio de 1938 a setembro de 1952, quando fundada por Roberto Corrêa Brito com a colaboração de um Conselho Técnico de São Paulo composto por Eduardo Kneese de Mello, Alfredo

¹ PEREIRA, Cyro Ribeiro. (1952). Deixa a direção de ACRÓPOLE o Snr. Roberto Corrêa Brito - Como se fundou ACRÓPOLE. **Acrópole**. São Paulo, n.173, s/p, setembro.

Ernesto Becker e Walter Saraiva Kneese, e de outubro² de 1952 a dezembro de 1971 sob a nova direção e propriedade de Max Gruenwald.

No primeiro período, a revista contava com a colaboração do Conselho Técnico de São Paulo, Conselho Técnico do Rio de Janeiro e o Conselho Técnico do Rio Grande do Sul.

A partir de agosto de 1954 (edição nº 191) consta o nome de Manfredo Gruenwald, filho de Max Gruenwald, como diretor comercial da revista, momento em que se pode marcar novos rumos para a publicação. De todo modo, este trabalho analisa mais detalhadamente o trabalho da segunda fase da revista entre 1952 a 1971, incluindo, além das matérias arquitetônicas, o perfil do seu editorial, seu funcionamento interno e a seleção de material para publicação.

O trabalho também se utiliza de duas publicações de livros da arquitetura brasileira, a consagrada “Modern Architecture in Brazil” e “Residências Interiores”, buscando construir relações dos projetos arquitetônicos residenciais unifamiliares nelas publicados que permitam sintetizar as questões trabalhadas nas tipologias residenciais modernas unifamiliares em São Paulo, suas características particulares, dentro do período proposto.

Evidentemente, “Modern Architecture in Brazil” não se limita à produção residencial, nem tampouco a produção arquitetônica de São Paulo. O recurso a tomá-lo como um parâmetro da produção, deve-se a pretensão de se verificar quais linguagens modernas, naquele momento (1956), eram as consagradas, a ponto de serem incluídas em um livro que, certamente, mais do que registrar, pretendia impulsionar tendências (ou linguagens modernas). Isso tudo, partindo-se do pressuposto de que há dentre as vertentes arquitetônicas nacionais, distinções e diferenciações conceituais e de linguagem, que antes de enfraquecer a arquitetura nacional, torná-a mais rica.

Para tanto, este trabalho desenvolve um levantamento e catalogação das publicações relacionadas ao tema de pesquisa na revista Acrópole entre setembro de 1952 e dezembro 1971, e diante deste material elabora análises que buscam verificar as características da produção moderna no Estado: se homogênea, diferenciada, com que grau, etc., e a pertinência da existência desta vertente.

Na década de 1950 a arquitetura moderna brasileira, mais do que caracterizada por um engajamento social, ainda que este não lhe fosse estranho. Buscava construir a idéia de uma identidade cultural e nacional.

A noção de arquitetura nacional, por vezes, pode ser tomada de forma redutora, pois a ela corresponderia uma linguagem única, com um repertório reconhecido. Pelo sucesso alcançado, em alguns momentos a arquitetura da escola carioca talvez pudesse ter sido considerada a arquitetura brasileira.

² Dentro do recorte temporal utilizado neste trabalho utiliza-se o período de setembro de 1952 (edição nº 173) a dezembro de 1971, diante da apresentação e divulgação da alteração de propriedade e direção da Revista na edição nº 173. Assim, considera-se de grande importância a sua inclusão dentro da pesquisa, considerada e edição de apresentação de Max Gruenwald.

Caracterizada e nomeada como uma “escola” (ANDRADE, 1944)³ o grupo de arquitetos cujo programa adota a linguagem da arquitetura moderna incorporando questões próprias ao contexto da realidade brasileira, iniciando, assim, uma interpretação que se torna o designo de uma corrente: “A primeira escola, o que se pode chamar legitimamente de “escola” de arquitetura moderna no Brasil, foi a do Rio de Janeiro, com Lúcio Costa à frente, e ainda está inigualada até hoje” (ANDRADE, 1944).

O que o trabalho procura mostrar, é que a idéia de uma única linguagem, apresenta-se como mais uma construção historiográfica do que uma realidade construtiva, sem o objetivo de desmerecer a produção de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e de outros da escola carioca.

E mesmo levando-se em consideração que a arquitetura moderna paulista, no início dos anos 1950, e mesmo antes, caracteriza-se por grande influência direta da arquitetura da escola carioca. Para tanto, basta observar a produção de Artigas a partir da segunda metade dos anos 1940 e a Produção do Convênio Escolar no início da década de 1950, com a contribuição de arquitetos provindos do Rio de Janeiro. Esta presença do ideário e da tipologia da escola carioca foi muito acentuada, a ponto de ser secundarizado, ao menos em termos de reconhecimento, boa parte da produção anterior de arquitetos paulistas⁴.

Ainda que não trabalhe esta questão, o viés estritamente nacional da arquitetura moderna necessita ser mais bem equilibrado. Assim, além da produção do Convênio Escolar no início dos anos 1950 em São Paulo, vale lembrar a importância do Programa de Ação (PAGE). Um plano desenvolvimentista do governador Carvalho Pinto no Estado de São Paulo (1959-1963) e que representa um dos momentos mais ricos da difusão da arquitetura moderna brasileira e dos compromissos sociais que os seus protagonistas estabeleceram, através de uma significativa produção de equipamentos públicos construídos (principalmente) pelo interior do Estado⁵.

Na década de 1950, não é definida uma distinção característica entre as produções que se desenvolvem no Rio de Janeiro e em São Paulo, ou se há, não com o peso que adquiriram a partir da década de 1960. Estas arquiteturas exploram de maneira franca as novas características materiais, as possibilidades trazidas pela tecnologia dos novos materiais oferecidos na construção civil. Como por exemplo, o concreto e suas possibilidades plásticas, tendo como premissa as elaborações de Costa e como referência arquitetônica o trabalho de Niemeyer.

³ ANDRADE, Mário de. (1944). Brazil builds. In: _____. **Depoimento de uma geração**. Organização Alberto Xavier. São Paulo: CEAC, Cosac Naify, 2003, p.179.

⁴ Vale salientar que a aproximadamente 10 ou 15 anos vários nomes modernos foram recuperados em trabalhos, tais como Oswaldo Bratke, Plínio Croce e, mesmo, o de Rino Levi, nunca esquecido, mas sempre minimizado.

⁵ Referência: Plano de Pesquisa: Equipamentos Públicos e a Arquitetura Moderna Brasileira – O Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo (1958 – 1963), desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Arte e Arquitetura Brasil – diálogos na cidade moderna e contemporânea” (ArtArqBr) do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlo – USP, São Carlos, mimeo., p.2)

Posteriormente, e isso ainda será mais bem discutido, parece haver uma cisão: a arquitetura da reconhecida escola carioca caracterizada pela plasticidade compositiva enquanto a da escola paulista é caracterizada pela técnica e desenho (em que pese linhagens distintas para essas definições). No que diz respeito à produção em São Paulo, todo um repertório vinculado a uma ética arquitetônica vai ganhando expressão no final dos anos 1950 e durante a década de 1960. Sua tradução formal é a grande edificação de concreto (a grande laje, ou a caixa). Mas isso é um movimento de anos, não algo instantâneo.

Na sua análise sobre a obra de Vilanova Artigas, o professor Miguel Antônio Buzzar define um período de formação do que pode ser entendido como “Escola Paulista”, que se estende de 1956, com o projeto da casa Olga Baeta, até 1961, com o projeto do edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Do qual, dentre outros projetos, salientam-se a casa Rubens Mendonça, Taques Bittencourt, os ginásios estadual de Itanhaém e de Guarulhos, e, o Santa Paula Iate Clube.

Independente do alcance do significado preciso do que pode ser entendido como “Escola Paulista”, questão que escapa aos objetivos do trabalho, o que se busca expor é a grande diversidade que caracterizava a arquitetura moderna em São Paulo. E que, posteriormente, parece ter se concentrado na tipologia do hegemônico volume da “caixa” de concreto, a partir do trabalho de Artigas (conforme analisado por Buzzar, mas também a partir da obra de Paulo Mendes da Rocha e Carlos Millan, dentre outros). Baseando-se para tanto, no período que se abre com a mudança editorial da revista Acrópole em setembro de 1952. Período em que a revista é caracterizada por alterações em suas publicações e elaboração de edições voltadas a temas especiais⁶.

Dentre estas edições especiais se salienta os temas dedicados à obra de arquitetos, compartilhando de um mesmo volume ou constituídas por volumes monográficos, tratando exclusivamente da obra de um arquiteto ou de um conjunto de arquitetos, ou a temas de obras coletivas, cidades e detalhes construtivos, como por exemplo, os especiais sobre a cidade de São Paulo, Brasília, escolas, entre outros.

⁶ Algumas dessas edições especiais foram publicadas posteriormente como livros.

PANORAMA GERAL

Movimentos culturais, artísticos e arquitetônicos
correntes na cidade de São Paulo

O movimento moderno arquitetônico
Internacional após a Segunda Guerra Mundial

Articuladores do Movimento Moderno
Arquitetônico nacional na São Paulo dos anos 50

Principais meios de veiculação e disseminação
da informação arquitetônica

PANORAMA GERAL

MOVIMENTOS CULTURAIS, ARTÍSTICOS E ARQUITETÔNICOS CORRENTES NA CIDADE DE SÃO PAULO

E de fato, se quisermos expressar o sentimento difundido em amplas parcelas da população paulistana, a propósito da dinâmica acelerada de transformações em curso na capital, encontraremos valorizações altamente positivas a mobilizar a adesão ao novo estilo urbano que se impunha. (...)

Encontra-se em processo de cristalização um problema cultural de ordem diversa, no qual o peso normativo do passado é afastado e o presente faz-se mestre das múltiplas possibilidades inscritas da vida moderna, cuja experiência àquele sentimento difundido em meados dos anos 50 na cidade de São Paulo, diz respeito ao reconhecimento, ou talvez à sensação de que se vivia momento auspicioso dessa suspensão da história, um verdadeiro corte em relação ao passado. A aposta nas promessas desse momento ultrapassava a sensibilidade do cidadão comum permeando as análises realizadas sobre a revolução que se operava na cidade.

A ênfase no presente resulta na crença em um futuro promissor identificado, neste caso, com a realidade de uma sociedade de classes aberta e com um regime de participação democrática (ARRUDA, 2001, p. 31 e 32).

No final da década de 1940 a cidade de São Paulo encontra-se em pleno processo de crescimento demográfico e desenvolvimento industrial. Aliado ao crescimento ocorre um incremento no debate e nas ações culturais. Anteriormente, com a realização da Semana de Arte Moderna de 22⁷, uma linha de renovação artística e cultural afirmara-se na cidade, sob a influência das idéias e princípios modernos cada vez mais divulgados e aceitos.

Se nesta Semana a arquitetura moderna não se fez presente, estas novas idéias que circulavam entre artistas e críticos envolveram progressivamente aos arquitetos, os quais se engajavam na construção da metrópole.

A arquitetura moderna viria a conhecer sua primeira realização com a Casa Modernista de Warchavchik em 1928, iniciando um processo irreversível de renovação, mesmo que nos anos 1930 e 1940 permanecessem discursos de defesa a uma arquitetura tradicionalista.

Durante a era Vargas o debate cultural conheceu uma forte coordenação por parte do Estado. Em muitos campos da produção cultural o Estado transformou-se de cliente a produtor. Neste período, em que o crescimento de São Paulo não cessou, o debate cultural conheceu uma centralização na

⁷ A Semana de Arte Moderna de 22, conhecida como “Semana 22”, realizada de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, contou com a participação de escritores, artistas plásticos, arquitetos e músicos. Com o objetivo de renovar o ambiente artístico e cultural da cidade ao demonstrar uma arte brasileira afinada com as tendências vanguardistas da Europa, sem contudo perder o seu caráter nacional.

cidade do Rio de Janeiro. O que não significou uma interrupção no debate em São Paulo, e sim que a Capital Federal efetivamente ocupou um lugar de destaque na veiculação não apenas de idéias culturais, mas de políticas e ações públicas. Acrescido da contribuição do concurso de vários intelectuais, inclusive de São Paulo, sendo talvez o caso mais notável o de Mário de Andrade.

No campo da arquitetura, dentre as primeiras experiências modernas conhecidas em São Paulo, a presença do Estado foi determinante para amalgamar um grupo formado a partir das concepções de Lúcio Costa, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda que possa ser imprecisa a formulação de um grupo ou escola carioca.

Como dito, a arquitetura produzida por este grupo, considerando-se Niemeyer como o seu melhor criador, atingiu o status de arquitetura moderna brasileira e obteve reconhecimento internacional.

Assim após a segunda guerra, como dito, conjuntamente ao desenvolvimento econômico e ao crescimento demográfico, a cidade de São Paulo conheceria uma renovada articulação entre modernização material e modernismo cultural.

A dinâmica econômica da cidade, as iniciativas de estruturação de planos de industrialização que deveriam romper com o passado arcaico, animavam intelectuais e produtores culturais. Na medida em que, estabeleciam uma correspondência com as iniciativas modernas no campo cultural que inscrevia as artes plásticas, a arquitetura, mas também o teatro e mesmo o cinema.

Contingentes da nova geração de produtores culturais não se pensavam como continuadores de qualquer tradição: contrariamente, viam-se como introdutores de ruptura profunda e buscavam construir novas identidades, fato revelador de uma dinâmica desenraizadora. Essa sensação de perda de raízes, que para alguns era percebida de modo profundamente negativo, para outros significava a existência de liberdade de ação nas mais diferentes áreas (ARRUDA, 2001, p. 33).

Diversos empreendimentos, equipamentos e veículos culturais e artísticos começaram a surgir a partir deste período, tais como, museus, escolas de arquitetura, publicações e exposições. Pode-se citar entre os mais significativos: Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), Bienal de Artes Plásticas, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, entre outros.

A inauguração do MASP, em dois de outubro de 1947, tendo Assis Chateaubriand, proprietário do Diários e Emissoras Associados, como fundador e o professor italiano Pietro Maria Bardi⁸, produtor cultural, jornalista e crítico de arte recém chegado ao Brasil, como seu diretor geral, dentre outras questões, possibilitou em alguns anos o acesso a um acervo artístico internacional sem precedentes no país.

⁸ Pietro Maria Bardi era casado com a arquiteta Lina Bo Bardi (1914 – 1992), autora do projeto de ambientação e museográfico da primeira sede do MASP e autora do projeto definitivo do MASP na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo.

A escolha da cidade São Paulo para a implantação desta obra fez-se em razão de seu grande potencial econômico, no final da década de 1940, fator de grande relevância para a arrecadação de fundos e aquisição de obras para o acervo do museu.

Diante de um cenário paulista em que se mantem hábitos e estilos de tempos passados de diversos matizes, um processo de renovação artística foi impulsionado pelo modernismo, que já nos anos 1950 conquistava uma grande expressão cultural, constituindo-se em referência no país. Pietro Bardi e sua esposa Lina Bo, postulam-se como produtores culturais não somente como seguidores, mas impulsionadores dos ideais do movimento moderno, contrapondo-se ao que caracterizavam como provincianismo cultural, ainda presente na elite econômica e política, em que pese o desenvolvimento da cidade.

Como salienta o prefácio da primeira publicação da revista Habitat, de direção de Lina Bo Bardi:

Basta para tanto refletir sobre o extraordinário incremento da arquitetura hodierna, o impulso dado à cultura pelos novos museus, as afirmações da pintura, o surto das artes industriais, para não falar da difusão da música e da sua divulgação para além das fronteiras, e do entusiasmo com que está sendo encarado o problema do teatro e do cinema, para se avaliar em que termos o Brasil colocou o problema e pretende resolver a questão das artes como fato educativo. ([EDITORIAL], Revista Habitat, outubro-dezembro de 1950)

O MASP é proposto a partir da idéia de transposição da função restritiva de exposição e conservação de obras para uma função mais ativa. Destinando-se a formação de um público especializado ao vincular a função estética a atividade didática, proposta a partir de um museu-escola, o qual produz reflexões com uma programação que visa atrair jovens, intelectuais, artistas, objetivando a formação de um público receptor da arte⁹.

Em 1948, é fundado por Francisco Matarazzo Sobrinho¹⁰ o MAM, um museu destinado à veiculação e produção de arte moderna no país, situado à rua 7 de Abril, no prédio dos Diários Associados, no centro da cidade de São Paulo. Neste momento, compõe o seu conselho administrativo: os arquitetos João Batista Vilanova Artigas e Luís Saia, os críticos Sérgio Milliet e Antônio Cândido Mello e Souza, entre outros.

No ano de 1951, foi promovido aquele que seria durante décadas (e talvez ainda seja) o maior evento artístico cultural da América Latina, a Primeira Bienal de Artes Plásticas do Museu de Arte Moderna de São Paulo, no edifício do antigo Trianon, na Avenida Paulista, de grande repercussão local e

⁹ Precedidos por estes ideais, os quais irão conduzir a elaboração do novo museu, são propostas inovações que não se restringem apenas ao seu caráter projetual, mas também ao seu programa, principalmente, quando contraposto ao único museu de arte do Estado de São Paulo até o período em questão, a Pinacoteca do Estado, edifício projetado em 1897 por Ramos de Azevedo, com sua arquitetura e seu programa ainda muito carregados de conservadorismo.

¹⁰ Francisco Matarazzo Sobrinho, industrial que incentiva as artes e cultura, proprietário, dentre outras empresas, da Metalma (Metalúrgica Matarazzo).

internacional, contando com a participação de vinte e um países integrantes e sob a direção artística de Lourival Gomes Machado.

Seguindo os moldes da Bienal de Veneza, a qual iniciou suas atividades em 1895, a Bienal de São Paulo adquiriu características particulares:

(...) cedo extravasou de nossas fronteiras, e atraindo a atenção dos meios artísticos dos países vizinhos, permitiu que se intensificasse o intercâmbio cultural entre o Brasil e as nações latino-americanas. E sobre esses países, mesmo os mais remotos e isolados, exerceu a mesma influência que sobre os centros regionais do Brasil. Na época das bienais, São Paulo tornava-se, com efeito, um centro vivo de contato e intercâmbio de impressões e idéias entre críticos e artistas do mundo, mas, sobretudo da América Latina (Pedrosa, 1973).

Diversas publicações periódicas iniciam suas edições ou intensificam suas discussões arquitetônicas, tais como as revistas; Acrópole (1938 – 1971, com mudança editorial a partir de 1952), Habitat (1950 – 1965), Módulo (1955 – 1964), Arquitetura e Engenharia (1946 – 1965), Brasil Arquitetura Contemporânea (1953 – 1958), Arquitetura (1961 – 1969) e Brasília (1957 – 1961). Algumas destas com sede em São Paulo, outras não, mas de qualquer forma, todas eram veiculadas na cidade e integravam as discussões do período.

Em 1947, é instituída a primeira Faculdade de Arquitetura de São Paulo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, fruto de sua desvinculação da Escola de Engenharia Mackenzie¹¹. No ano seguinte, funda-se o curso de arquitetura e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo¹².

Dentro deste ambiente cultural, onde são discutidos e apreendidos em diversas e distintas escalas os ideais de modernização e modernismo, a arquitetura brasileira irá continuar a desenvolver-se. Retrabalhando características consideradas particulares, vistas como conotadoras de uma identidade cultural própria, como parte da identidade nacional.

¹¹ O curso de engenheiro-arquiteto da Escola de Engenharia Mackenzie foi oferecido de 1917 a 1946.

¹² O curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica foi oferecido de 1894 a 1954.

O MOVIMENTO MODERNO ARQUITETÔNICO INTERNACIONAL APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Neste capítulo procura-se correlacionar a obra dos principais arquitetos internacionais que influenciaram, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, a arquitetura moderna desenvolvida no Brasil entre os anos de 1952 a 1971, principalmente na cidade de São Paulo. Assim como os arquitetos que ali atuaram e especializaram sua formação, contribuindo para a construção de um repertório nacional. Como o período analisado é longo, no seu interior ocorrem situações distintas.

O período imediatamente posterior ao da Segunda Guerra Mundial é conhecido no Brasil como o de afirmação e consolidação da Arquitetura Moderna. Entretanto, na Europa, onde a matriz do Movimento Moderno fora formulada alinhando renovação estética e programa social, a arquitetura moderna conheceu críticas de vários matizes.

Para Montaner¹³ (1993, p.35) após a Segunda Guerra Mundial articulam-se mudanças na sociedade e alterações no perfil do profissional arquiteto, gerando novas conformações sociais e culturais:

Si toda obra de arquitectura tiene como objetivo la resolución de las necesidades del usuario –ya sea público o privado-, tras todo proyecto existen unos autores, unos proyectistas. Estos arquitectos parten de unas posiciones determinadas y diversas. La ideología de los arquitectos ha ido cambiando a medida que el mismo modelo productivo ha ido evolucionando. Dentro del siglo XX, y tras diversos experimentos basados en la autoridad, ya fuera social-demócrata, comunista o nacional-socialista, tras la Segunda Guerra Mundial, se plantea un modelo neocapitalista más liberal y abierto en el que el consumo, y por lo tanto la relación entre la gente y la oferta de diversidad tuvieron un papel predominante. En este sentido, la figura del arquitecto de pensamiento liberal – el liberal man -, más sensible a las solicitudes del medio estaría en perfecta relación con las nuevas necesidades del sistema productivo en unas sociedades tendentes a la abundancia, en el contexto de la situación post industrial.

Montaner e Frampton¹⁴ (2000, p.329) retratam uma dimensão muito interessante naquele período em que a Arquitetura Moderna mostra-se amplamente hegemônica, a do surgimento de uma nova geração de arquitetos, cujos valores adquiriam novos contornos: ainda que os mestres modernos fossem admirados, suas formulações não eram aceitas sem questionamentos. As críticas são várias, partem, tanto de dentro do movimento moderno, como de concepções culturais distintas.

¹³ MONTANER, Josep Maria. (1993). **Después del movimiento moderno – arquitectura de la segunda mitad del siglo XX**. Barcelona: Gustavo Gili, S.A.

¹⁴ FRAMPTON, Kenneth. (2000). **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes.

Assim, na Itália Zevi (1975)¹⁵ irá defender determinados valores da arquitetura moderna, identificados com a arquitetura orgânica, diferenciando-a do racionalismo. Ernesto N. Rogers¹⁶ irá propor a continuidade do Modernismo, inscrevendo no nome da revista *Casabella*, a qual era por ele dirigida, o termo “*Continuità*”. No entanto, a sua visão de continuidade considerava um respeito pelo sítio urbano-arquitetônico, por ele denominado pré-existência ambiental implicando em uma revisão do conceito (problemático) de terra arrasada, o qual se identificava com o urbanismo moderno.

Na Inglaterra, um forte debate se estabeleceu entre os defensores de uma arquitetura baseada nas tradições construtivas locais, denominada *People Detailing*, e os jovens arquitetos que defendiam posições modernas.

O *People Detailing*, na concepção de Kenneth Frampton¹⁷ e Banham¹⁸, era tributária do Realismo Socialista, ou melhor, movimento cuja expressão era sustentada pelos arquitetos de esquerda na Inglaterra, principalmente, os que trabalhavam em órgãos públicos auxiliando na implementação dos programas sociais de habitação, educação, etc.

O *People Detailing*, também guardava ligações com o Empirismo sueco, considerado a concepção arquitetônica que modelou os programas sociais do Estado de Bem Estar Social da Suécia.

Vale lembrar que na Itália, também se desenvolveu uma arquitetura Realista, cujo exemplo mais proeminente é o Bairro habitacional de Tiburtino, em Roma.

Tanto, na Itália, Inglaterra, como na Suécia essas concepções que iam do realismo ao empirismo, colocavam em cheque a renovação da linguagem arquitetônica conforme desenvolvida pelo racionalismo, objetivando criar um repertório mais próximo de determinadas práticas arquitetônicas correntes e, portanto, mais acessível ao “povo”.

Não é difícil inferir que vários episódios dessa arquitetura deslizaram para um franco populismo, em que pese às intenções de propiciar ambientes que permitissem uma identidade (social, regional, ou mesmo nacional) verificável. Por vezes, as soluções buscavam repor contextos (bucólicos) que não se comunicavam com as transformações que esta sociedade experimentava. E que a partir de meados dos anos 1950 era marcada pela afluência do consumo.

Interessante notar os arquitetos que na Inglaterra se opunham aos defensores do *People Detailing*, e apareciam como defensores do racionalismo, como Alison e Peter Smithson, James Stirling, entre outros, no Plano Internacional dos CIAM, conjuntamente a Jacob Bakema, Georgis Candilis e Aldo Van Eyck, defendiam posições críticas em relação ao modernismo. Particularmente, em relação à concepção racional de cidade.

Nos CIAM posteriores a Segunda Guerra emerge um tema muito candente em função da destruição das cidades, o da reconstrução urbana e como essa reconstrução deveria ser realizada. Em alguns

¹⁵ ZEVI, Bruno. (1975). **História da arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva.

¹⁶ ROGERS, Ernesto N. (1954). **Casabella Continuità**. Rivista internazionale di architettura. Milão: n° 203.

¹⁷ FRAMPTON, Kenneth. (2000). **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes.

¹⁸ BANHAM, Reyner. (1966). **El Brutalismo en Arquitectura: etica o estetica?**. Barcelona: Gustavo Gili.

momentos procurava-se reatar a nova intervenção aos índices urbanos anteriores. Em outros, gerar uma nova conformação urbana, baseada nas propostas modernas presentes na Carta de Atenas.

Como retrata Frampton (2000, p.329)¹⁹, de certa forma, a resposta a essa questão já havia sido indicada pelo próprio núcleo dirigente do CIAM durante a Segunda Guerra, estabelecido em Nova Iorque. Sigfried Giedeon, Josep Lluís Sert e Fernand Léger, em 1943 afirmavam que “os monumentos são ritos humanos que os homens criaram para suas idéias (...) os mais vitais são aqueles que expressam o sentimento e o pensamento dessa força coletiva que é o povo” e na sequência de “*Nine Points on Monumentality*”, indicavam também que: “As pessoas querem que os edifícios que representam sua vida social e comunitária possam dar-lhes uma satisfação funcional maior. Querem satisfazer sua aspiração à monumentalidade, à alegria, ao orgulho e à acomodação”.

Embora afirmassem a necessidade de uma funcionalidade maior representativa de uma vida social e comunitária, segundo Frampton (2000, p.329)²⁰, tanto para Giedion como para Camillo Sitte, fazia-se necessária a existência do espaço de aparição pública conjuntamente às alterações das instituições públicas.

A noção de que o funcionalismo não respondia o conjunto das necessidades humanas era explicitamente abordada pelo núcleo dirigente do CIAM. Em termos urbanos essa discussão converteu-se na proposta de dotar a cidade funcional de um núcleo que expressasse a coletividade urbana. Assim:

Em 1947, no CIAM VI, realizado em Bridgwater, Inglaterra, seus membros tentaram transcender a esterilidade abstrata da “cidade funcional”, afirmando que “o objetivo dos CIAM consiste em trabalhar para a criação de um ambiente físico capaz de satisfazer as necessidades emocionais e materiais do homem”. Esse tema foi posteriormente desenvolvido sob os auspícios do grupo inglês MARS, que preparou o tópico O núcleo para o CIAM VIII, realizado em 1951 em Hoddesdon, na Inglaterra (FRAMPTON, 2000, p. 329).

Para Frampton (2000, p.329)²¹ “ao optar pelo tema O Coração da Cidade” o grupo moderno inglês MARS “fez com que o congresso se voltasse para (o) tópico que já havia sido abordado por Siegfried Giedion, José Luis Sert e Fernand Léger em seu manifesto de 1943”. A considerada velha guarda dos CIAM embora demonstrasse sua preocupação com as “qualidades concretas do lugar” não ofereceu respostas realistas as complexibilidades provindas da nova situação urbana do pós-guerra.

Esta atitude desiluiu os arquitetos da nova geração, os quais acabaram por aprofundar a crítica ao funcionalismo identificado com Le Corbusier, Ernesto Rogers, Gropius, entre outros, em que pese às novas questões que suas obras apresentavam.

¹⁹ FRAMPTON, Kenneth. (2000). **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes.

²⁰ Idem

²¹ Idem

O rompimento decisivo veio com o CIAM IX, realizado em Aix-en-Provence em 1953, quando essa geração, liderada por Alison e Peter Smithson e Aldo van Eyck, desafiou as quatro categorias funcionalistas da Carta de Atenas: Moradia, Trabalho, Lazer e Transporte. Em vez de oferecer um conjunto alternativo de abstrações, os Smithson, Van Eyck, Jacob Bakema, Georges Candilis, Shadrach Woods, John Voelcker e William e Jill Howell pesquisaram os princípios estruturais do desenvolvimento urbano e a unidade significativa imediatamente acima da célula familiar (FRAMPTON, 2000, p. 329).

As discussões derivaram para formulações que buscavam dotar os ambientes projetados de qualidades que pudessem recompor, reproduzir ou recuperar identidades sociais e comunitárias. As noções advindas dessas qualidades passaram a fazer parte das discussões arquitetônicas da segunda metade da década de 1950 e das décadas seguintes, conhecendo algumas interlocuções com a arquitetura brasileira como no caso do Cuore da Cidade Universitária de São Paulo e de várias propostas de Centro Cívico.

Ainda que, as questões acima apresentadas influenciam a produção local, elas não aparecem de forma explícita. Necessitam ser pesquisadas a fundo. Diferente das elaborações de Le Corbusier iniciadas com a Unidade Habitacional de Marselha. O uso do concreto bruto, a tensão entre um material artificial e moderno, trabalhado de forma rude, sensibilizou os arquitetos brasileiros. Com Ronchamps, abriu-se todo um debate, em que Niemeyer e Artigas apresentam e revêem posições. A mudança de rumos na produção do mestre franco-suíço, referência direta na constituição da escola carioca incidiu diretamente na renovação da arquitetura brasileira.

ARTICULADORES DO MOVIMENTO MODERNO ARQUITETÔNICO NACIONAL NA SÃO PAULO DOS ANOS 50

Diante do panorama de um país que renovava o seu desenvolvimento e que procurava incorporar-se aos novos padrões estabelecidos pela industrialização. E que na década de 1950 tinha nas formulações da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) de substituição das importações o paradigma mais avançado, a arquitetura moderna brasileira conhecia a sua afirmação, mas também, várias críticas internas e externas.

Lúcio Costa que havia concebido a arquitetura moderna brasileira em sintonia com a formação de uma cultura nacional. Como uma componente da identidade nacional, em um projeto que o modernismo cultural e social deve estar irmanado à modernização material, e em um texto famoso de 1951, expõe sua crítica a um “modernismo” acéfalo, por ele denominado avulso, ou seja, sem compromissos com um projeto maior de nação e de país. Sobre essa produção que não indica claramente afirma:

(...) vêm-se ultimamente observando, no acervo edificado, graves sintomas de doença latente,

(...)

não se trata, ainda, de novo e precoce academicismo, pois seria macular palavra de tão nobre ascendência, mas do arremedo inepto e bastardo caracterizado pelo emprego avulso de receitas modernistas desacompanhadas de formulação plástica adequada e da sua apropriada função orgânica (...). É imprescindível que a aplicação recuada e desejável das fórmulas ainda válidas se processe com aquela mesma propriedade que originalmente as determinou (COSTA, 1951, p. 199).

Vale salientar que Costa identifica esta situação somente fora do Rio de Janeiro, pretendendo com isso salientar que as formulações modernas no Rio de Janeiro, em função do grupo constituído, mantinham os ideais intactos.

Na mesma linha, mas não poupando nenhuma região, Saia (1985)²² afirma a superação da primeira fase heróica da arquitetura moderna brasileira e identificava um academicismo e um formalismo em torno de um vocabulário constituído por “meia dúzia de soluções formais e algumas palavras de poder mágico: Brise-soleil, Colunas em ‘V’, *Pilots*, Amebas, panos contínuos de vidro, moderno, Funcional” (SAIA, 1985)²³. Esse par – academicismo/formalismo – era desprovido de conteúdo técnico e social, em que o anti-funcionalismo seria o ponto comum.

Em São Paulo, junto a Warchavichik, Rino Levi, Oswaldo Bratke e uma série de outros arquitetos, praticava-se uma arquitetura de extração moderna e de diferentes modulações. De forma genérica

²² SAIA, Luís. (1985). A Fase Heróica da Arquitetura Contemporânea Brasileira já Foi Esgotada Há Alguns Anos.

Arte em Revista. São Paulo: São Paulo: CEAC, n.4, mar.

²³ Idem

interpretava-se a arquitetura moderna como a manifestação correta e justa para o período, o que torna relativamente difícil a identificação do academicismo e formalismo apontados, caso eles tivessem como endereço a produção realizada na cidade e no estado.

Pode-se citar, neste período, desde arquitetos cuja produção arquitetônica moderna já era considerada representativa dentro do quadro da arquitetura brasileira, tais como os citados Rino Levi²⁴, Oswaldo Bratke, acrescidos de Eduardo Kneese de Melo, Vilanova Artigas, Zenon Lotufo, etc.. Assim como, arquitetos cuja formação e início da carreira realizara-se no Rio de Janeiro e que, posteriormente, transferiram-se para a cidade de São Paulo, tais como Hélio Duarte, Abelardo de Souza, Eduardo Corona, entre outros. Por fim, podem ser também lembrados arquitetos estrangeiros como Lina Bo Bardi²⁵, Lucjan Korngold, Victor Reif, Bernardo Rudofsky, Giancarlo Piretti, Adolfo Franz Heep, Mario Russo, Daniele Calabi, entre outros, que talvez pudessem causar algum desconforto em relações as formulações da arquitetura moderna como vertente da identidade nacional.

A Arquitetura Moderna Brasileira conhecerá outro tipo de crítica, aquela formulada pelos arquitetos militantes do partido comunista. Particularmente, esta crítica guarda aspectos muito peculiares. O modernismo na sua origem, sempre foi identificado com algum tipo de transformação social.

No Brasil a questão social esteve articulada à questão da identidade nacional, mas as noções de renovação social, melhoria das condições de vida ou a noção de se colocar o conhecimento arquitetônico a serviço do desenvolvimento que poderia extirpar o atraso econômico, origem de todos os arcaísmos, inclusive o social. Ainda que integrados a questão da Arquitetura Moderna Brasileira desde as preocupações de Lúcio Costa em “Razões da Nova Arquitetura” – mas talvez, de forma mais descritiva na Memória do Anteprojeto da Vila Monlevade (COSTA, 1962)²⁶ –, guardou alguma defasagem entre discurso e prática (em que pese os exemplos anteriormente citados, por exemplo, Convênio Escolar).

²⁴ Rino Levi nascido em São Paulo. Frequentou a Escola Preparatória e de Aplicação para os Arquitetos Civis de 1921 a 1923, em Milão, transferindo e concluindo seu curso em 1924 na Escola Superior de Arquitetura de Roma.

Neste período, Levi publica no jornal “O Estado de São Paulo” uma carta intitulada “Arquitetura e estética das cidades”, vista por alguns críticos como um dos primeiros manifestos por uma Arquitetura Moderna no Brasil.

Em 1926, conclui seu curso e retorna ao Brasil, iniciando no ano seguinte sua atuação como arquiteto independente. A partir de 1945, torna-se membro do CIAM e chefiou no ano de 1952 o VIII Congresso Pan-Americano de Arquitetos.

²⁵ A italiana Lina Bo Bardi, cuja formação fez-se no Liceu Artístico da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, em 1939, chega ao Brasil em 1947. Nos primeiros anos da década de 1940, colaborou em diversos periódicos: “Domus”; “Lo Stile e Bellezza”; “Grazia”; “Vetrina” e “L’Illustrazione Italiana”, entre outros, com projetos e artigos, principalmente, dedicados às artes decorativas. Dirigiu junto a Pietro Maria Bardi a revista brasileira de arquitetura “Habitat”.

²⁶ COSTA, Lúcio. (1962). Razões da Nova Arquitetura e Vila Monlevade. **Lúcio Costa: Sobre arquitetura**. Centro dos estudantes Universitários de Arquitetura. Porto Alegre, 1962

Entretanto, a vertente cultural do Realismo Socialista, propugnada pelos militantes comunistas, iria identificar na arte e na arquitetura modernas uma expressão do imperialismo, grosso modo, porque suas formas geométricas (abstratas) não referenciadas na realidade concreta, seja ela pictórica e tipológica, guardavam uma matriz alienante.

Evidentemente, que aqui foi feita uma simplificação da discussão entre uma arte realista e uma arte de vanguarda, mas como visto, ela esteve presente na Europa no mesmo período e se fez sentir aqui no Brasil. Sua expressão maior deu-se nas artes plásticas.

Na arquitetura havia uma contradição, uma parte dos arquitetos modernos brasileiros era comunista, ou simpática a uma transformação social e entendiam o modernismo como um componente dessa construção. Entretanto, em função das pressões partidárias questionaram a Arquitetura Moderna.

Uma das críticas mais fortes dessa situação foi a realizada por Vilanova Artigas, principalmente nos textos “Le Corbusier e o Imperialismo” (1951)²⁷ e “Caminhos da Arquitetura Moderna” (1952)²⁸, neste último, tece várias considerações negativas ao modernismo e aos seus mestres. Próximo da conclusão do texto Artigas recupera algumas idéias sobre o formalismo moderno, dando uma conotação mais grave, pois estaria a serviço da especulação imobiliária: “(...) hoje, a Arquitetura moderna Brasileira, progride no sentido de servir de cartaz de propaganda para tudo quanto é malandragem comercial de tipo vendas em condomínio e Hotéis em Praias Desertas” (SAIA, 1985, p. 79)²⁹.

Na virada dos anos 1940 para os anos 1950 a arquitetura moderna brasileira foi objeto de reconhecimento internacional através de publicações internacionais que reconheciam nela uma experimentação de linguagem que renovava o repertório moderno. A Arquitetura reconhecida era aquela formulada por Costa, Niemeyer, de uma maneira geral relacionada à escola carioca, e por outros arquitetos, que compartilhando ou não das idéias de Costa, auxiliavam a formulações modernas. Em que pese algumas críticas formuladas por Ernesto Rogers e, sobretudo, Max Bill, o sentido genérico das considerações sobre a arquitetura brasileira era positivo³⁰. “Embora prevalecesse certa perplexidade positiva pela arquitetura que se produzia no Brasil, nem todas eram favoráveis”. Max, Bill, Bruno Zevi e Nikolaus Pevsner estavam entre aqueles que dispararam ácidas considerações sobre a “escola brasileira” (SEGAWA, 1999, p. 109)³¹.

²⁷ ARTIGAS, João Batista Vilanova. (1951). **Le Corbusier e o imperialismo**. São Paulo: Fundamentos, p. 8-27.

²⁸ ARTIGAS, João Batista Vilanova. (1981). **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas, PINI.

²⁹ SAIA, Luís. (1985). A Fase Heróica da Arquitetura Contemporânea Brasileira já Foi Esgotada Há Alguns Anos. **Arte em Revista**. São Paulo: São Paulo: CEAC, n.4, mar.

³⁰ As críticas de Max Bill questionavam o sentido social da arquitetura moderna: “Aliás a arquitetura moderna brasileira padece um pouco deste amor ao inútil, ao simplesmente decorativo. Ao projetar-se, por exemplo, um Conjunto como a Pampulha, não se levou em conta a sua função social” (BILL, 1953).

Ver também: BILL, Max. (1980). Censura os Arquitetos Brasileiros. **Arte em Revista**. São Paulo: n. 4, pp. 49-50, agosto.

³¹ SEGAWA, Hugo M. (1998). **Arquitetura no Brasil, 1900 – 1990**. São Paulo: EDUSP.

Max Bill escreve sua crítica ao Parque do Ibirapuera³², na revista *Architectura Review*: “As formas livres são puramente decorativas (...). Inicialmente os *pilotis* eram retos, mas agora estão começando a tomar formas muito barrocas. A boa arquitetura é aquela em que cada elemento cumpre sua finalidade e nenhum elemento é supérfluo” (BILL, 1954)³³.

As críticas de Max Bill estendem-se também ao edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936-1945) e sobre o Conjunto Arquitetônico da Pampulha:

Em entrevista publicada numa revista brasileira de grande circulação em 1953, Max Bill criticava negativamente a sede do Ministério da Educação e Saúde (“falta-lhe sentido e proporção humano”, “os azulejos são inúteis”, “sou contra o mural na arquitetura moderna”) o conjunto da Pampulha (“não levou em conta a sua função social”, “o sentimento da coletividade humana é substituído pelo individualismo exagerado”, “o resultado [...] é um barroquismo excessivo que não pertence à arquitetura nem a escultura”) (SEGAWA, 1999, p. 109).

Lúcio Costa em sua resposta a Max Bill explicita o caráter social do conjunto da Pampulha e remete a presença do barroco na arquitetura moderna, remetendo a leitura histórica da arquitetura moderna nacional.

A crítica teve uma réplica de Lucio Costa, contestando as considerações sobre o edifício do Ministério, esclarecendo a falta de um sentido “social” a Pampulha (“trata-se de um conjunto de edificações programadas para a burguesia capitalista”) e replicando os excessos do “barroquismo” com uma analogia: “pois se trata no caso de um barroquismo de legítima e pura filiação que bem mostra não descendermos de relojoeiros, mas de fabricantes de igrejas barrocas. Aliás, foi precisamente lá, nas Minas Gerais, que elas se faziam com maior graça e invenção” (SEGAWA, 1999, p. 109).

As considerações de Costa, Saia e Artigas poderiam levar a conclusão de que, a parte o núcleo inicial da arquitetura moderna brasileira e mais um restrito grupo, a produção arquitetônica do período seria de qualidade muito discutível, na melhor das hipóteses. Entretanto, mesmo reconhecendo que a hegemonia moderna pudesse gerar uma banalização do seu repertório, pela sua juventude, também, se pode inferir que estava sendo aberto um campo de experimentações, que era alimentado por novos arquitetos.

Partindo do pressuposto que há dentre as discussões nacionais distinções e diferenciações conceituais através do desenvolvimento do pensamento arquitetônico aqui desenvolvido, esta pesquisa, como dito na apresentação, busca verificá-los, tomando como referência os registros da revista Acrópole, entre os anos de 1952 e 1971.

De todo modo, vale registrar antecipadamente, que no Brasil distinções em uma mesma linguagem arquitetônica como a moderna, estão evidenciadas desde as suas origens. Sendo observadas a

³² Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, o Parque do Ibirapuera localizado na cidade de São Paulo foi inaugurado em 21 de agosto de 1954 em função da comemoração do quarto centenário da cidade.

³³ BILL, Max. (1954). Report on Brazil. *Architectural Review*. Londres: n. 116, outubro, pp. 235-240.

produção articulada por Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, entre outros, no Rio de Janeiro, e a arquitetura desenvolvida, dentre outros, por Oswaldo Bratke, Rino Levi e, particularmente depois da metade dos anos 1950, por Vilanova Artigas, assim como, seus colegas e discípulos em São Paulo. A permanência de distinções (dessa e de outras) não é tomada como um axioma, mas sim como um dado a ser comprovado.

PRINCIPAIS MEIOS DE VEICULAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUITETÔNICA

Na divulgação da arquitetura moderna, as revistas de arquitetura ampliaram, logo após a Segunda Guerra Mundial, sua importância como meio de divulgação de novas idéias. Algumas destas revistas possuem um caráter documentativo, outras de difusão e outras ainda tornaram-se porta-vozes de linhas e concepções precisas.

Entre as revistas brasileiras de arquitetura de grande importância e repercussão, encontra-se a revista Acrópole, a qual mantém-se até os dias atuais como o periódico brasileiro especializado em arquitetura de maior período de funcionamento e publicações no Brasil. Portanto, busca-se melhor compreender neste trabalho o desenvolvimento e funcionamento deste periódico, suas diferentes etapas e procedimentos de trabalho desde seu início (maio de 1938) até seu término (dezembro de 1971).

PERÍODICOS DE ARQUITETURA EDITADOS NO BRASIL ATÉ JUNHO DE 1963

A arquitetura como tema autônomo manifestou-se nos anos de 1950-1960 com a circulação de quase uma dezena de periódicos especializados – publicações com pauta centrada na arquitetura (ou relacionada com as artes plásticas – uma parceria típica do momento) e não voltada apenas a alguns de seus aspectos, como as tradicionais revistas de decoração, engenharia e construção. Algumas delas tiveram boa duração: Acrópole (1941 (sic) – 1971 – seu período áureo foi entre 1950 e 1970), (...). O ano de 1965 marca o fim de algumas revistas com os problemas políticos relacionados ao golpe militar de 1964. Nunca, em momento anterior ou posterior, os leitores estiveram tão servidos com publicações especializadas de arquitetura (SEGAWA, 1999, p. 130).

A revista desenvolve um levantamento em junho de 1963 (edição nº295/296), sobre os periódicos especializados em arquitetura que haviam sido publicados no Brasil.

Encontram-se discriminados os periódicos até este momento no Brasil, conjuntamente aos dados de seus locais e períodos de publicação, volume de números editados e sua respectiva direção³⁴.

³⁴ Algumas revistas não foram incluídas neste levantamento, como por exemplo, a revista BASE.

nome do periódico	local	mês de início e período	Proprietário (s)	direção
Architectura no Brasil 29 volumes	Rio de Janeiro	Outubro 1921 - 1926	M. Moura Brasil do Amaral	
A Construção em São Paulo ³⁵ 20 volumes	São Paulo	Dezembro 1923 – 1926	Barros, Ekman & Cia. Ltda.	
A Casa 304 volumes	Rio de Janeiro	Dezembro 1923 - 1949	Ricardo Wriedt - arquiteto	
Architectura e Construções 30 volumes	São Paulo	Agosto 1929 – 1932	Julio Capua – engenheiro	Christiano das Neves e Dácio A. de Moraes – arquitetos e Antonio Ippolito e Arthur Motta - engenheiros
Revista de Arquitetura 64 volumes	Rio de Janeiro	Maio 1934 – 1944	Diretório da Escola Nacional de Belas Artes	Levi Autran e Paulo Mota
Arquitetura e Urbanismo 30 volumes	Rio de Janeiro	Maio 1936 – 1940	Instituto de Arquitetos do Brasil	Cipriano Lemos
Urbanismo e Viação 26 volumes	Rio de Janeiro	1938 - 1943	F. Baptista de Oliveira, Armando C. Silva e Edmundo Lys – engenheiros	
Acrópole	São Paulo	Maio 1938 – (294) ³⁶	Roberto Corrêa de Brito (1938 – 1952) Max e Manfredo Gruenwald (1953 – [1971])	Alfredo E. Becker, Cyro R. Pereira, Eduardo Kneese de Mello e Walter S. Kneese
Ante-Projeto 4 volumes	Rio de Janeiro	1945 - 1959	Diretório Acadêmico de Arquitetura da Faculdade Nacional de Arquitetura	Edgar Graeff, Marcos Jaimovich e Norberto Rizzo
Arquitetura e Engenharia	Belo Horizonte	Maio 1946 – (65)	Geraldo G. Castro	
Arquitetura 12 volumes	Belo Horizonte	1947 - 1951	Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura da U.M.G.	João K. de Figueiredo, Hércio S. Tito, Cláudio C. P. da Silva e Jefferson Lodi
Pilotis 3 volumes	São Paulo	1949 - 1949	Carlos Millan, Jorge Wilhelm, Paola Tagliacozzo, Roberto C. Franco, Salvador Candia e Sidney da Fonseca	Carlos Millan, Jorge Wilhelm, Paola Tagliacozzo, Roberto C. Franco, Salvador Candia e Sidney da Fonseca
Habitat	São Paulo	Outubro 1950 – (70)	Habitat Editora Ltda.	Lina Bo Bardi - arquiteta

³⁵ Em fevereiro de 1948 inicia-se a circulação de uma publicação semanal com este mesmo nome.

³⁶ O volume total de publicações da revista Acrópole durante seu período total de funcionamento, de maio de 1938 a dezembro de 1971, é de 391 volumes.

Brasil Arquitetura Contemporânea 13 volumes	Rio de Janeiro	Agosto 1953 - 1958	Edições Contemporâneas Ltda.	Joaquim de A. Matos e Mario Barata
AD 27 volumes	São Paulo	Agosto 1953 - 1958	Expedito G. Castro	Eduardo Corona - arquiteto
Forma 5 volumes	Rio de Janeiro	Junho 1954 - 1955	Luiza E. Massena	
Módulo	Rio de Janeiro	Março 1955 – (32)	Editora Módulo Ltda.	Joaquim Cardozo, Oscar Niemeyer, Rodrigo M. F. Franco, Rubem Braga e Zenon Lotufo
Brasília 52 volumes	Rio de Janeiro	Janeiro 1957 - 1961	Cia. Urbanizadora da Nova Capital	
IAB 19 volumes	Rio de Janeiro	Janeiro 1958 - 1959	Instituto de Arquitetos do Brasil, Dept. do Rio de Janeiro	J. R. Godoy Quintão
Bem Estar 4 volumes	São Paulo	Fevereiro 1958 - 1960	Gustavo N. da Rocha F.	Brenno C. Nogueira - arquiteto
Arquitetura Mackenzie 2 volumes	São Paulo	1958 – 1958	Diretório Acadêmico da Fac. de Arquitetura Mackenzie	Geraldo C. Hungria, Décio F. de Almeida, Claus Bergner e Maurício N. Lima
IAB 76 volumes	São Paulo	Julho 1959 - 1961	Instituto de Arquitetos do Brasil, Dept. de São Paulo	Brenno C. Nogueira - arquiteto
Espaço	Porto Alegre	1959 – (3)	Faculdade de Arquitetura e urbanismo da U.R.G. S.	Edgar Graeff e Nelson Souza - arquitetos
Guanabara ³⁷	Rio de Janeiro	Maió 1961 – (12)	Instituto de Arq. do Brasil, Dept. da Guanabara	Maurício Roberto, Maurício S. N. Batista, Alfredo L. Brito, Carlos Ishidawa e Carls L. Hime

Fonte: “Acrópole, 1963”

³⁷ Em dezembro de 1962 denomina-se “Arquitetura”, e em junho de 1963, o IAB – Departamento da Guanabara torna-se um órgão do IAB nacional.

A CONSTRUÇÃO DE UMA LINGUAGEM ARQUITETÔNICA MODERNA BRASILEIRA E A CONCEPÇÃO DE UMA CASA BRASILEIRA

Referências arquitetônicas modernas

A casa moderna brasileira na década de 1950

REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS MODERNAS

As culturas primitivas não eram distantes, não representavam uma outra realidade, mas não eram, até então, entendidas como uma fonte de pesquisa formal ampliadora do repertório, pelo contrário traziam à tona a perturbadora sociedade com a qual se queria romper. A operação realmente inovadora foi que o olhar modernista, porque descomplexado pôde “pensá-las”. O caminho intelectualizado foi: romper, incorporando a cultura primitiva (principalmente nas artes plásticas) e colonial (particularmente na arquitetura) e não contra elas.

(...) em busca de uma consistência histórica a vanguarda irá imantar o passado, corrigir os elementos dispersos de forma a direcioná-los num único sentido de devolvê-lo, decupado, repleto de fatos, momentos, heróis, que demonstrariam (desde o passado) a existência de uma nação. Ou seja, não existiu um resgate ao passado, mas sim uma operação de forjá-lo. Imprimir a ação como resgate, já fazia parte da própria construção (BUZZAR, 1996).

Construir uma arquitetura moderna que tivesse relação com as construções do passado colonial, de forma a torná-la uma componente de identidade nacional, foi uma operação significativa da arquitetura moderna brasileira. Essa operação estendia-se a todos os programas arquitetônicos. Entretanto, alguns foram muitos significativos. Um deles foi o da casa. Assim, com a criação de um conceito de uma casa brasileira, busca fortalecer a identidade da arquitetura nacional brasileira, reduzindo suas diferenças e suas distinções culturais regionais, tornando mais amplo seu poder de aplicação, enraizados na idéia de uma cultura de caráter nacional.

A idéia de uma casa brasileira foi fortalecida através da imagem de uma casa que mantém laços com sua tradição histórica, com suas raízes, para tanto, foi necessário unificar algumas características desta tradição e porque não dizer “criar” e “selecionar” suas raízes. Como afirma Buzzar (1996)³⁸, a vanguarda irá corrigir os dispersos elementos da própria história, direcionando-os em um único sentido, e, ao reapropriar-se destes, incorporando-os a seus ideais de criação de uma cultura de cunho nacional, em que a substituída idéia de um simples resgate do passado por uma idealização do passado.

Para melhor compreensão acerca dos conceitos idealizados de uma residência tradicional unifamiliar brasileira, serão analisadas algumas definições utilizadas por Carlos Lemos³⁹ reconhecido autor de

³⁸ BUZZAR, Miguel Antônio. (1996). **João Batista Vilanova Artigas: elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira – 1938-1967.** 337p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Mimeografado.

³⁹ Carlos Alberto Cerqueira Lemos forma-se arquiteto pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1950. Sempre ligado a prática profissional da arquitetura, a pesquisa como docente e pesquisador, é autor de

pesquisas e publicações sobre o tema da ‘casa brasileira’, assim denominada no período do modernismo. Deste modo, com o distanciamento temporal existente entre as pesquisas e análises estabelecidas por este autor e as que aqui se apresentam, procura-se reconhecer as convergências entre suas investigações desenvolvidas e inseridas concomitantemente ao desenrolar da arquitetura moderna.

Como afirma Buzzar (2001, p. 19) “A construção de um programa unitário para a casa brasileira, ou passível de uma redução a elementos comuns, é um projeto ambicioso e acima de tudo ideológico. Ainda mais se for considerado que a organização espacial na colônia, parece não ter sido única, nem tampouco uma seqüência acumulativa e progressiva, mas sim diversificada e desconexa”. E em que pese estes conceitos apontados sobre a casa brasileira, evidencia-se a tentativa de unificação de uma tradição apagando-se a grande pluralidade de modelos e exemplos, na procura por um modelo geral de maior representatividade.

Com isto, obtém-se a conformação de um modelo, predominantemente existente na região de São Paulo, e que a partir de seu desenvolvimento, ultrapassa seus limites regionais.

Lemos afirma que “a casa é o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários” (1989, p.9)⁴⁰. Expondo a relação entre moradia e cultura, e a possibilidade de uma grande diversidade de exemplares em um país como o Brasil, de diversas influências sobre o morar, tanto de origem étnica como regional.

Também afirma Lemos (1989, p.11) sobre as influências históricas do morar brasileiro “Se a história de nossa casa tem o seu começo nas terras lusitanas, também tem seus vínculos com a oca indígena e até perceptíveis compromissos com a África e com o Oriente, com a Índia, nas tentativas de contornar os incômodos do calor abrasador. Só o negro escravo não contribuiu na definição da casa nacional, embora tenha sido figura indispensável ao seu funcionamento”. A partir desta afirmação, é possível dizer que a influência portuguesa fez-se através da colonização, e que a indígena também adquire sua importância ao auxiliar na adaptação ao novo meio.

Já a influência francesa, bem caracterizada pela expressão do “morar à francesa”, apresenta-se na cultura brasileira, principalmente ao longo do século XIX, a partir da estadia da corte portuguesa no Brasil. Caracterizando-se como uma influência cultural, distinta das já citadas influências étnicas com que o Brasil havia se deparado. E ainda, com relação à citação de Lemos, fica evidente a idéia de síntese, aqui produzida, através da delimitação de uma solução única, específica: nacional.

No século XIX, as representações dos desejos da elite brasileira espelhavam-se neste modelo de morar, “uma atualização necessária à sua própria condição social” (BUZZAR, 2001, p. 28)⁴¹. Estes

diversos textos relacionados a arquitetura, assim como livros: “Dicionário da Arquitetura Brasileira”(1972); “Cozinhas etc.”(1976); “A Casa Paulista” (1999); “História da Casa Brasileira”(1989); entre outros.

⁴⁰ LEMOS, Carlos A. C. (1989). **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto.

⁴¹ BUZZAR, Miguel Antônio. (2001). **Rodrigo Brotero Lefèvre e a idéia de vanguarda**. 409p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Mimeografado.

padrões europeus que influenciavam a cultura da elite brasileira eram notáveis, tanto nos modos de vida, como na maneira de habitar e construir as cidades. Muitos bens de consumo tornaram-se importados, principalmente da França, abrangendo materiais construtivos, decorativos, de vestuário, entre outros, que acrescidos à incorporação de novos modos de vida eram adaptados pela elite brasileira.

Segundo Buzzar (2001, p. 26) “(...) com a chegada dos padrões europeus ao Brasil, e a sua conseqüente absorção, ocorria uma renovação na sociedade. Isto está claro, mas também, deve-se entender que a absorção podia acarretar, tanto resultados negativos, como positivos, em função da realidade política econômica e social. Os padrões inovadores conheceriam configurações – adaptações de toda ordem – locais”. Se por um lado a elite brasileira empenhava-se em absorver estes novos modos de viver e morar, as adaptações de ordem local, mesmo em um cenário regido pelo arcaísmo, demonstravam a ânsia por novos hábitos e costumes.

Estes costumes europeus foram incorporados através da grande influência que a cultura francesa passa a exercer diretamente sobre a cultura brasileira, “se por um lado inovadores, por outro, assumiam primordialmente a característica de distinção e diferenciação social em relação às classes menos favorecidas” (BUZZAR, 2001, p. 24).

Outra importante questão sobre as residências é a do espaço público e privado, uma discussão que tange o desenvolvimento das residências, considerando-se que por muito tempo estes espaços não eram claramente distinguidos, pela simples inexistência de tais conceitos, pelo menos, como são reconhecidos atualmente.

Dentro da casa brasileira a vida privada une-se a vida pública através do desenvolvimento de seu programa com a idéia de continuidade dos espaços, que buscam integrar-se entre si em suas áreas de convívio social, e que em termos de dimensão, agenciamento dos ambientes e simbólico conforma-se como núcleo da habitação. “A unificação da ‘vida privada’ com a ‘vida pública’ seria assim a marca do programa da casa paulista, a essa altura já tornada casa brasileira. A união entre público e privado, que a casa histórica brasileira contém, pode ser entendida como prova de um espírito social avançado, traço marcante da vida nacional” (BUZZAR, 2001, p. 23).

Enquanto a relação programática do projeto das residências e às funções da habitação, Lemos classifica em três agrupamentos a divisão de dependências de uma casa, diante dos quais ele afirma estabelecerem-se as relações que definem seu projeto arquitetônico.

O esquema funcional de uma moradia normal indica três zonas: estar, repouso noturno e serviço. Rapidamente, vejamos as funções pertinentes a cada uma delas:

1. Estar:

- 1.1. Passar o tempo livre – o lazer em geral e a televisão, o rádio, o jornal etc.
- 1.2. Receber visitas.
- 1.3. Estudo dos filhos.

2. Repouso noturno, ou habitação propriamente dita:

2.1. Dormir, repousar, convalescença de doenças.

2.2. Higiene pessoal.

2.3. Necessidades fisiológicas (que também poderiam situar-se na zona de estar).

2.4. Vida sexual dos casais.

3. Serviço:

3.1. Estocagem de gêneros alimentícios e de limpeza.

3.2. Trabalho culinário.

3.3. Refeições (a alimentação também poderia situar-se na área de estar).

3.4. Lavagem e limpeza de trem de cozinha e equipamentos afins às refeições.

3.5. Lavagem de roupas usadas.

3.6. Passagem a ferro de roupas.

3.7. Guarda de roupas (que poderia, também, situar-se na área de repouso).

3.8. A costura e manutenção das roupas.

Estas parecem ser as funções principais exercidas dentro do espaço arquitetônico abrigado, agrupadas sem muita lógica em três tradicionais zonas ou áreas, conforme velhos critérios acadêmicos de ensino. Percebe-se que podem existir superposições parciais ou totais dessas zonas e, conseqüentemente, das quinze funções arroladas (LEMOS, 1978, p. 15 - 16).

Entre o programa e as pretensões simbólicas a referência moderna foi fundamental para a conformação arquitetônica dos projetos de residência aqui. Novamente a referência maior, parece ter sido a de Le Corbusier. Entre alguns dos pontos discutidos, estão aqueles previstos para o desenvolvimento de uma casa de características modernas, as quais dialogariam de maneira adequada às novas tecnologias e aos novos modos de habitar em sociedade.

Em seu livro “Précisions” de 1930, Le Corbusier publica suas conferências realizadas na Argentina, Brasil e Uruguai. Em sua quinta conferência, sexta-feira, 11 de outubro de 1919, Corbusier define sua concepção de uma casa moderna:

Eis-nos aparelhados para encontrar soluções para o plano da casa moderna, se nos dispusermos a procurá-las.

Relembro o “plano paralisado” da casa de pedra e o plano a que chegamos, com a casa de ferro ou de concreto armado:

planta livre

fachada livre

esqueleto independente

janelas corridas ou pano de vidro

pilotis

teto-jardim

e o interior provido de “escaninhos” e livre da acumulação de móveis

(CORBUSIER, 2003, p.127)

Corbusier (2003)⁴² contrapõe a flexibilidade de uma casa com sua estrutura independente, e sua disposição interna com maior liberdade, de um andar ao outro. Para tanto levanta a necessidade de uma revolução arquitetônica, vinculada a diferentes fatores, tais como: classificação; dimensionamento; circulação; composição e proporcionamento.

Entre os arquitetos internacionais que defendem a flexibilização dos paradigmas modernos que deveriam ser adaptados às exigências regionais, pode-se citar Richard Neutra, ainda que ele não defina exatamente o corpo conceitual dessas exigências.

(...) Urge modificar o conceito largamente difundido, e a meu ver errôneo, de que a fria Europa e a fria América do Norte devem servir de exemplo para todos os empreendimentos em planejamento. Eis uma mentalidade colonial, que não tem mais razão de ser nos dias atuais.

A arquitetura do futuro é de projeção mundial e, partindo de um conceito cosmopolita mais flexível, pode ser adaptada e desenvolvida segundo todas as exigências regionais. (NEUTRA, 1948, p. 40)

Munidos destes referenciais, os arquitetos modernos brasileiros, trabalharam a “fusão” dos ensinamentos modernos, o programa de necessidades apresentado por Lemos, com a noção de uma casa brasileira. Como esses espaços foram organizados, ao longo dos anos, é uma das contribuições que Lemos e outros realizaram. O que se percebe, grosso modo, é que desde o alpendre reentrante das casas bandeiristas, passando pela sala-praça (de Dubugras), pela copa das primeiras casas urbanas, até se atingir a casa moderna, é o que o espaço de convívio, como apontado, é o dado comum da casa brasileira. Este espaço e sua importância, os quais a arquitetura moderna sempre trabalhou, aqui ganhou o *status* de característica nacional⁴³.

⁴² CORBUSIER, LE. (2003). **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify.

⁴³ Apesar de tomar a fala de Le Corbusier e secundariamente a de Neutra, elas têm peso diferenciado. O primeiro sem dúvida influenciou a arquitetura brasileira. O segundo entra no rol de arquitetos modernos admirados, mas teoricamente, sem expressão na produção local. Isto é verificado mesmo em arquitetos que se sabe importantes para a arquitetura moderna brasileira, mas que pouco comparecem, como no caso de Frank Lloyd Wright.

A CASA MODERNA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1950

A idéia de uma casa brasileira, que deveria ter a sua composição formal investigada em função de um programa habitacional local e das condições técnicoconstrutivas características a partir da vida na colônia e, também, em função das possibilidades construtivas atuais, é um item primordial, quer na arquitetura moderna que se forjou com o chamado grupo carioca, estando presente nas formulações iniciais de Lúcio Costa, quer no desenvolvimento da chamada 'escola paulista'. (...) a casa brasileira pode ser vista com um elemento arquetípico da arquitetura brasileira e de uma condição nacional (BUZZAR, 2001, p. 13).

Na década de 1950 encontramos uma tradução variada do referencial da casa moderna, o qual é disseminado e debatido por um número cada vez maior de arquitetos. Estas discussões são fortalecidas pela criação dos institutos de arquitetos e de alguns círculos culturais que buscam desenvolver tanto a profissão da arquitetura e a valorização deste profissional, como os parâmetros da arquitetura moderna dentro da realidade brasileira.

Assim, esta pesquisa visa analisar a arquitetura moderna desenvolvida em projetos residenciais unifamiliares, verificando de que forma as teorias modernas adquiriram interpretações próprias, de maneira a agregar-lhe valores, técnicas e conceitos elaborados sempre de maneira local. Vislumbra-se de antemão, a localização de alguns pontos que caracterizam semelhanças e mesmo algumas particularidades projetuais, e nota-se que estes pontos foram aplicados de maneira mais fértil do que a simples justaposição da teoria poderia sugerir.

Através de novas técnicas construtivas, dos materiais, da mão de obra e até mesmo da sua localização no território, percebe-se que estes pontos são retrabalhados e incorporados com maior hibridez do que a simples aplicação de uma teoria.

Neste momento a estrutura torna-se livre, a partir de sua independência do corpo da edificação, permitindo que seus fechamentos ultrapassem sua antiga função estrutural, permitindo diferenciações no uso de novos materiais e técnicas. Assim como, a apropriação de antigas técnicas construtivas, que fazem referência a um passado, uma tradição construtiva (como é o caso particular da residência em Nova Friburgo, projeto de Carlos Frederico Ferreira, publicado no livro de Mindlin, onde são utilizadas vedações de taipa).

Com a aplicação destas novas técnicas estruturais criam-se novos espaços, de maior permeabilidade e amplitude espacial, interligados, em sua maioria, a uma varanda ou terraço, entrecortados ou vedados por paredes de pedra aparente, alvenaria ou concreto, cobertas com lajes planas de concreto, madeira, telhas de barro ou alumínio.

Esta planta livre intercala-se a pátios e a jardins internos, os quais valorizam e filtram a luz solar, através de pergolados e elementos vazados, aplicados com grande plasticidade, compondo não

apenas uma obra de arquitetura, mas sim, uma obra de arte. Muitas vezes uma composição de sobreposições de elementos na fachada, também livre, conjuntamente aos grandes painéis de vidro e outros elementos sem função estrutural, apenas de vedação.

Na casa de campo para João Américo de Carvalho (1954), projeto de José Bina Fonyat Filho e Tercio Fontana Pacheco, esta arquitetura residencial é comparada por Mindlin a uma pintura contemporânea abstrata, em que são trabalhados os diferentes elementos de vedação, que sobrepostos cumprem com uma preocupação estética.

Na sua planta do piso e no tratamento das elevações, esta casa é representativa do vocabulário e gramática arquitetônicos incorporados à arquitetura brasileira, como resultado de pesquisas anteriores e de seu contínuo desenvolvimento. A composição formal das fachadas, nas quais os diversos elementos têm, ao mesmo tempo, um papel estético e funcional, estabelece nitidamente sua relação com a pintura abstrata contemporânea, uma tendência que pode ser vista também em outros casos (MINDLIN, 1999, p. 90).

A casa moderna desperta uma nova espacialidade projetual, o desenvolvimento de novas possibilidades plásticas garantidas pelo concreto e pela estrutura independente, assim como, a aplicação de novos materiais, embora, note-se que a questão programática da residência, em alguns momentos, ainda atenha-se a espaços considerados convencionais.

Esta casa cria mais do que uma vitalidade particular, mas uma maneira de construir-se diferenciada, que paralelamente valoriza e reconhece a cultura e a tradição local.

Visando estabelecer uma primeira leitura, sobre o desenvolvimento da arquitetura brasileira moderna, quase imediatamente, anterior ao período temporal analisado por esta pesquisa toma-se como referência as residenciais unifamiliares de “Modern architecture in Brazil”⁴⁴, de Henrique Ephim Mindlin, citado anteriormente e já mencionado acima. Da mesma forma, mas já com um olhar dirigido a produção paulista, toma-se como referência a publicação especial da revista Acrópole, “Residências Interiores” (1956).

Visto como um complemento e continuidade ao catálogo da exposição Brazil Builds, com texto de Philip Goodwin, publicado pelo Museum of Modern Art (MOMA) de Nova Iorque em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Em que um conjunto expressivo da produção de arquitetura moderna brasileira foi apresentado pela primeira vez no exterior, a maneira de uma trajetória desde o seu período colonial, este livro de Mindlin reconhece dentro da arquitetura brasileira uma tradição nacional, que acrescida à arquitetura moderna origina a *brasilidade* de sua arquitetura.

⁴⁴ Uma produção historiográfica considerada pela crítica como uma continuação tardia do livro “Brazil Builds Architecture New and Old 1652 – 1942” (1943), de Philip Goodwin. Em sua obra, Mindlin, reconhece a progressiva adaptação da arquitetura brasileira tanto ao clima, através da escolha de seus materiais, quanto ao seu desenvolvimento social, os quais constituem o verdadeiro espírito da arquitetura brasileira, ao transformar um modelo internacional em expressão de identidade e de nacionalidade.

Henrique Mindlin, o arquiteto militante é contemporâneo de todo o movimento renovador da arquitetura brasileira dedicou boa parte do seu tempo na elaboração desta obra [livro *Modern Architecture in Brazil*] que de fato, é um documentário senão completo – o que seria difícil – pelo menos o mais representativo possível da arquitetura realizada no Brasil neste últimos vinte anos.

Setenta arquitetos estão representados através de mais de setecentas fotografias e desenhos de obras executadas nas principais cidades brasileiras.

(...)

Êsse o mérito incontestável do livro de Mindlin que serve ao lado de outras obras de nossa literatura, de nossa história, de nosso pensamento para abrir nossos olhos, levando pouco a pouco nossa atividade em defesa sempre de uma cultura. Que depois dêste livro documentário, muitos estudos surjam sôbre nossa arquitetura (CORONA, 1957).

Conjuntamente a arquiteta Rachel Sisson, Mindlin estava desenvolvendo uma nova edição de seu livro, em 1971, o qual abrangeria projetos até os anos 70, incluindo e publicando obras pertencentes aos últimos cinco anos do que foi considerado por alguns historiadores como o “alto modernismo”⁴⁵ no Brasil, pois o recorte temporal de sua edição anterior restringia-se a obras do ano de 1937 a 1955.

Por sua vez, a publicação especial da revista *Acrópole* é baseada em matérias sobre residências unifamiliares, composto de quarenta projetos, entre outras sugestões de decoração e organização espacial de cozinhas, jardins, iluminação, dormitórios, escritórios, salas de jantar e *livings*, publicadas no período de 1949 a 1956 na revista, selecionadas por seu corpo editorial e organizadas na forma desse único volume.

Publicadas de maneira não cronológica, suas obras residenciais são representadas por poucas imagens, geralmente, plantas, e uma ou duas fotos externas ou perspectivas.

Estes dois exemplares de características semelhantes quanto às residências ali publicadas, que apresentam exemplares de uma morada brasileira, são utilizados para a elaboração deste primeiro quadro de análise, que visa verificar o desenvolvimento e a predominância, ou não, de alguns modelos e padrões⁴⁶.

Assim, a construção desta primeira análise estabelece um parâmetro do desenvolvimento do programa da residência unifamiliar moderna da década de 1950.

⁴⁵ Alguns historiadores, tais como Elisabetta Andreoli e Adrian Forty, em seu livro “Brazil's modern architecture”, consensualmente, delimitam o que definem como “alto modernismo” o período composto desde o ano de 1937 com o projeto do Ministério da Educação e Saúde, até 1960, com a inauguração da nova sede federativa do Brasil, na cidade de Brasília.

⁴⁶ Houve durante a pesquisa, alguma dúvida quanto ao recorte temporal, se deveria adotar-se os anos das publicações – 1956 – ou o ano da mudança de direção e propriedade da Revista. Adotou-se o ano de 1952, porque nas publicações notou-se certa continuidade entre a produção até 1952 e até 1956.

Dentre as características particulares da maioria dos exemplares estudados, pode-se ressaltar as distinções e/ou semelhanças nas especializações dos ambientes, no programa, nas técnicas e materiais construtivos, assim como, em suas implantações.

IMPLANTAÇÃO

A peripheral movement, growing out of a tendency towards decentralization already quite noticeable in Rio de Janeiro and São Paulo, results in the fact that a large number of the most interesting houses are found outside the city where larger and less expensive lots of land give the architects better opportunities. It is for this reason that so many of the houses shown in this book are country and vacation houses, or at least are located in suburban areas (as the Bardi, Portinho, Bratke, Niemeyer, Antunes Ribeiro, Waller and Holzmeister houses). As a matter of fact, it is almost easier today to become acquainted with the work of the younger architects by visiting the environs of Petrópolis or Terezópolis than by driving around Rio de Janeiro itself (MINDLIN, 1956, p.68)⁴⁷.

Sobre a implantação dos projetos publicados no livro de Mindlin, pode-se afirmar que há maior liberdade projetual devido à localização da maioria de suas residências estarem no campo, em zonas rurais, não submetidos, portanto, aos condicionantes do parcelamento e do uso do solo urbano, e também preocupando-se com a questão de uma nova configuração urbana. Estes projetos são caracterizados por não serem estabelecidos sobre os padrões de um centro urbano, isentos de algumas restrições por ele impostas através da obrigatória aplicação de códigos construtivos pré-estabelecidos que limitem, por muitas vezes, algumas características projetuais.

Já no livro *Residências Interiores* a maioria de seus projetos residenciais é localizada em lote urbano, na cidade de São Paulo, de características retangulares cuja frente constitui-se, via de regra, mais estreita do que seu comprimento longitudinal.

Suas edificações centrais respeitam em sua maioria a um recuo frontal e posterior, e seus recuos laterais quando existentes restringem-se a corredores de circulação, pequenos jardins ou à entrada de veículos e sua proteção (cobertura). O corpo principal da edificação ocupa o centro do seu lote (entre dois recuos frontal e posterior), por vezes, tendendo a uma total ocupação.

⁴⁷ Um movimento periférico, oriundo de uma tendência à descentralização já bastante perceptível no Rio de Janeiro e São Paulo, acabou resultando no fato de grande parte das casas mais interessantes se situar fora da cidade, justamente onde os terrenos maiores e menos caros dão as melhores oportunidades aos arquitetos. É por esta razão que tantas casas mostradas neste livro são casas de campo e férias, ou então localizadas em áreas suburbanas (como as de Bardi, Portinho, Bratke, Niemeyer, Antunes Ribeiro, Waller e Holzmeister). Na realidade, para conhecer o trabalho dos arquitetos mais jovens, mais vale hoje os arredores de Petrópolis e Teresópolis do que percorrer as ruas do Rio de Janeiro (MINDLIN, 2000, p. 90).

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

Procura-se analisar a questão referente ao desenvolvimento do programa, de maneira comparativa, diante do agenciamento das plantas analisadas.

Mesmo levando-se em consideração que a continuidade espacial é uma característica moderna, também verificada nas obras apresentadas, constata-se a existência de maior quantidade de elementos divisórios e maior número de cômodos para uso especificado entre eles nos projetos de maior amplitude. Assim, pode-se concluir que cada função dentro da residência nestes projetos é mais bem definida, evitando-se a sobreposição de funções.

Nota-se, em alguns projetos de residências rurais, algumas características vinculadas à tradição de alpendre e de capela, como acontece na casa de campo desenvolvida por Francisco Bolonha para o embaixador Hildebrando Accioly⁴⁸, na Fazenda Inglesa em 1950. Dentro de um programa específico para uma família numerosa e para seus convidados, destaca-se a existência da capela, talvez como uma referência às antigas casas de fazenda no Brasil.

Ainda visível é a existência da área de serviço e dependências de funcionários, de maneira sempre segregada às outras funções da casa, mesmo que muitas vezes anexas ao corpo da edificação central. Também considerada uma característica notável, o número de cômodos destinados à moradia de funcionários, demonstra, ainda, a necessidade de grande quantidade de funcionários que garantam o funcionamento diário desta residência.

SETORIZAÇÃO ESPACIAL

A tão desejada casa térrea traz sempre consigo um intruso, o corredor. Na separação da habitação noturna da parte de serviço ou social êle surge inevitavelmente. (OLGA in ACRÓPOLE, 1956, p. 3)⁴⁹

No que se refere à espacialização das residências nota-se sua divisão segundo suas funções, setorizadas em área de vida diurna, noturna e de serviço. Os próprios textos introdutórios publicados junto aos projetos descrevem-nos através da disposição e interligação destas áreas, justificadas quanto a sua maior funcionalidade ou a melhor insolação adequada ao projeto.

Percebe-se também que nas residências de maior área construída e de programa mais diversificado, como fruto da divisão em ambientes definidos, uma individualidade maior dos ambientes. Na maioria dos projetos expostos segue-se uma tendência de integração dos ambientes, criando espaços cada vez mais contínuos e integrados, como acontece, principalmente, na sala de estar e na sala de jantar,

⁴⁸ Vale salientar que o contato do embaixador Accioly travou-se devido a amizade de Bolonha com o abade do Mosteiro de São Bento, Dom Inácio Accioly. Outra possível explicação para a existência da capela no programa deste projeto.

⁴⁹ Comentário do autor do projeto residencial, engenheiro civil Clóvis Felipe Olga, sobre seu projeto.

assim como, na cozinha e copa. Como afirma Mindlin (1999, p.98) “A despeito da grande complexidade do programa, a composição é extremamente simples (...) Toda a área social é intimamente ligada ao jardim, através de paredes de vidro e portas de correr, tornando necessária a construção de terraços exteriores”.

Embora este processo de integração ocorra em alguns ambientes, observa-se, independente de qualquer outra característica a procura pela integração tanto visual como física dos espaços internos e externos dos projetos, de uma maneira geral, com a utilização de grandes painéis de vidro, portas de vidro deslizantes e pequeno número de paredes divisórias opacas entre elas (predominantes na área social).

Estas áreas externas são compostas por jardins, pátios ou varandas. Também é verificada a sobrevida de corredores em maior número e quantidade nestas obras. Enquanto nota-se também, além de um maior número de quartos para empregados, seu maior isolamento com o núcleo central da residência.

Em relação ao número de cômodos destinados aos empregados e aos serviços, em comentário jocoso, afirma Mindlin (1999, p. 46) sobre a casa de praia do conde Raul Crespi, 1943, Guarujá, projeto de Gregori Warchavchik: “O tamanho e o número das áreas de serviço e dos quartos de empregados, em torno do pequeno pátio interior, mostram como é ainda relativamente fácil encontrar empregados domésticos no Brasil”.

Já a maioria das residências analisadas caracteriza-se por uma localização da garagem, quarto de empregada, área de serviço e cozinha, predominantemente integrados ao corpo da edificação (antecipando um discurso do qual Artigas fez muito uso).

MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Há muita continuidade entre os projetos da publicação do livro da Acrópole e os do livro de Mindlin, corroborando a afirmação de que na década de 1950, particularmente, na sua primeira metade, há grande convergência arquitetônica moderna entre São Paulo e Rio de Janeiro (para não dizer em todo o país). Assim, os comentários de ambas as publicações aplicam-se simultaneamente.

Posso dizer com segurança que a Arquitetura Moderna paulistana firmou-se definitivamente na cidade somente depois da 2ª Guerra Mundial encerrada em 1945. Os anos 50 foram primordiais e nesse tempo, quatro determinantes concorreram para tal fato: a produção siderúrgica de Volta Redonda; a conversão ao modernismo de arquitetos oriundos dos cursos conservadores anexos às escolas de engenharia; a chegada a São Paulo de talentosos profissionais estrangeiros e, finalmente, a presença de arquitetos cariocas inspirados por Lucio Costa a partir, tanto de seus textos decisivos, como de sua atuação na direção da escola de arquitetura do Rio e na sua chefia na elaboração coletiva do projeto do

edifício do Ministério da Educação, onde se manifestou, também, Le Corbusier, o convidado carismático, o dimiridor de dúvidas (LEMOS, 2005) ⁵⁰.

A materialidade é aplicada com grande diversidade nos projetos residenciais analisados, buscando uma composição entre suas diversidades de texturas e materiais, assim como, composições com a luz e sombra dos ambientes. Como descreve o arquiteto Nilo Ramos Vilaboim, em seu projeto residencial: “Foram evitados panos grandes do mesmo material. Há, ao contrário, um harmonioso intercalamento de vários revestimentos decorativos, tais como: de pedra (canjica sêca), pastilhas de porcelana de várias cores, massa raspada, esmalte em verde claro com molduras brancas nas esquadrias de madeira” (VILABOIM, 1956).

Dentre os principais materiais aplicados, pode-se citar alguns que fazem clara referência histórica, como é o caso dos muxarabis, da casa de Argemiro Hungria Machado, de 1942, projeto de Lúcio Costa, no Rio de Janeiro, ou mesmo na casa de João Paulo de Miranda Neto, de 1953, projeto de Lygia Fernandes, em Maceió. Afirma Mindlin sobre a casa de Argemiro Hungria Machado, projeto de Lúcio Costa, 1942, no Rio de Janeiro,

Esta casa ilustra uma faceta de Lúcio Costa relacionada com o seu trabalho no SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), dedicado à cuidadosa restauração e reconstrução de monumentos históricos e artísticos nacionais. Aqui, os elementos tradicionais se integram em uma discreta expressão moderna. A construção maciça, o grande beiral, as telhas coloniais; o alinhamento simétrico das janelas da fachada principal e os muxarabis do pátio – evocação nostálgica do passado – se fundem naturalmente com as características modernas do projeto: o exterior ligado ao interior por uma varanda inteiramente aberta ao pátio, uma grande porta com *brise-soleil* móveis em madeira dando para o jardim em frente e, no andar superior, os jardins de inverno junto aos respectivos quartos (MINDLIN, 1999, p.44).

A alvenaria aparente ou revestida é utilizada em diversos projetos aplicada, geralmente, como elemento compositivo sobreposto a outros materiais exercendo a função de vedação; elementos vazados, ou blocos convencionais utilizados para compor elementos vazados, exemplo do pavilhão escritório e casa de hóspedes de Oswaldo Artur Bratke, de 1953, em São Paulo.

Os inúmeros *brise soleil* e pergolados de concreto ou madeira que visam melhor proteger a residência da insolação, compondo diferentes sensações de luz e sombra em seus ambientes, ao mesmo tempo em que visam protegê-los da luz direta “São de se notar o pátio social interno e os acabamentos em materiais naturais. Dentro de um orçamento limitado obteve-se uma residência confortável e perfeitamente satisfatória” (BARROS, 1956) ⁵¹.

⁵⁰ LEMOS, Carlos A.C. (2005). **O modernismo arquitetônico em São Paulo**. São Paulo: III Seminário Docomomo Estado de São Paulo.

⁵¹ BARROS, Marino. (1956). **Residências Interiores**. São Paulo: Ed. Acrópole, p. 32.

A madeira é utilizada tanto como revestimento quanto como esquadria, e a pedra pode ser encontrada constituindo uma parede estrutural ou como revestimento de alguma superfície, sendo aplicados de maneira aparente e garantindo um aspecto de utilização de materiais naturais a obra.

As esquadrias das janelas, são em sua maioria de madeira ou alumínio, compostas por venezianas, que protegem da insolação, como afirma Mindlin sobre a mescla de elementos históricos a elementos contemporâneos, na casa para José Pacheco Filho, 1946, Cataguases, projeto de Aldary Henrique Toledo. “Os detalhes da varanda, com sua balaustrada contínua em madeira, passando pela frente dos esbeltos suportes do telhado, contra um fundo de portas com venezianas, são um exemplo característico de uso contemporâneo de elementos do passado” (MINDLIN,1999, p.50).

As coberturas das residências apresentam-se como telhados sem beiral, geralmente, com telhas onduladas de cimento-amianto, já os telhados com telha de barro, geralmente de duas águas ou quatro, possuem beiral com sua estruturação de grelha de madeira, aparente ou revestida, há também as coberturas planas, como é o caso da residência de Oswaldo Arthur Bratke e de seu pavilhão, de 1953, em São Paulo, da residência de Oscar Niemeyer, de 1953, no Rio de Janeiro, e na casa de Paulo Antunes Ribeiro, cuja uma cobertura é plana, 1955, Rio de Janeiro.

Todas estas obras citadas são residências dos próprios arquitetos. E ainda, também utiliza-se da cobertura plana nos projetos de Eugênio Szilagy para Amazonas Braun da Silva, de Plínio Croce e Roberto Aflalo para o Banco Hipotecário Lar Brasileiro, de Oswaldo Arthur Bratke para Alberto de Carvalho, e de Henrique Mindlin para Horst Sekkel.

O terraço jardim defendido por Le Corbusier, é aplicado nos dormitórios e cozinha do projeto residencial de Eduardo Corona (residência 23 do livro *Residências Interiores*). A cozinha usufrui de um terraço jardim interligado diretamente a ela, já nos dormitórios, por tratar-se de um estudo de projeto, não se define de maneira totalmente clara seu uso, com a apresentação de duas plantas e uma perspectiva.

Muitos dos projetos fazem suas próprias referências, geralmente de históricas, fortalecendo a criação deste modelo tão desejado, o da casa moderna brasileira. Para a casa de veraneio do arquiteto Carlos Ferreira, de 1949, em Nova Friburgo é utilizado o sistema de pau-a-pique, garantindo um baixo custo a obra, além de uma importante referência a este sistema construtivo tão utilizado no Brasil.

Aqui, adotou-se o sistema de pau-a-pique, ainda muito comum no interior do Brasil, no qual a estrutura em madeira, incluindo suas ramificações, é simplesmente recoberta com argila, sem uso de qualquer outro tipo de liga. O telhado se apóia nas paredes, exceto no living, onde é sustentado por uma estrutura independente de postes de madeira, permitindo uma maior liberdade no tratamento da fachada. O teto, originalmente em sapê, foi construído mais tarde por telhas coloniais.

As cores usadas nas fachadas combinam branco de caiação com amarelo, azul colonial tradicional e cores naturais de pedra cinza e madeira (apenas impregnada com um verniz protetor incolor) (MINDLIN,1999, p.54).

Pode-se citar a residência de Affonso Eduardo Reidy para Carmem Portinho, 1952, no Rio de Janeiro, no que diz respeito à integração de diferentes materiais, como pedra, madeira e concreto (possivelmente aparente) os quais são evidenciados diante da aplicação destes distintos elementos compondo diferentes planos verticais.

Já no projeto residencial de Vilanova Artigas para Heitor de Almeida, 1949, em Santos, Mindlin presencia a arquitetura que posteriormente foi considerada hegemônica pela “escola paulista”. Ele descreve Artigas como um defensor da expressão clara e honesta de seus métodos e técnicas contemporâneos.

Artigas vê o homem moderno como um dominador e organizador do seu meio ambiente, na busca de um marco adequado a uma sociedade integrada e harmônica. Daí sua preferência por uma expressão clara e honesta dos métodos e técnicas contemporâneos, em vez de submissão à paisagem e uma fusão com a natureza. Se, por um lado, esta preferência pode parecer algo seca e doutrinária, por outro, não deixa de ser uma manifestação de consistente percepção poética (MINDLIN, 1999, p. 56).

Os novos materiais e técnicas construtivas foram incorporados as obras, permitindo soluções projetuais mais elaboradas, como afirma Mindlin sobre a casa para Olívio Gomes, 1954, São José dos Campos, de Rino Levi e Roberto Cerqueira César:

O telhado, cujo isolamento foi objeto de cuidados especiais, consiste de: telhas onduladas de cimento – amianto, uma câmara de ar, de 21 cm de altura, aberta nos lados, uma placa fina de lajotas e teto revestido em madeira, apoiado em uma estrutura de concreto armado.

Devido a seu tamanho excepcional, o *living* recebeu um tratamento acústico especial. O controle de ventilação cruzada, uma característica dos trabalhos de Rino Levi, foi obtido pelo rebaixamento dos tetos dos banheiros e pela colocação de ventiladores em fibro-cimento no telhado. A iluminação dos banheiros é feita através de tetos de tijolos de vidro encimados por clarabóias inseridas no telhado. A parede ao lado da entrada principal e o painel da sala de jogos são decorados com azulejos cerâmicos de Roberto Burle Marx, que também projetou o jardim (MINDLIN, 1999, p.92).

O mesmo se pode afirmar sobre o projeto de Oswaldo Arthur Bratke para sua residência na cidade de São Paulo (1953), onde desenvolve uma técnica construtiva que lhe permite construir um telhado com inclinação de zero por cento, com uma laje de concreto. Como afirma Mindlin (1999, p. 80) “Nesta casa que fez para si (...), o arquiteto conseguiu equacionar os problemas suscitados por um telhado plano no clima paulistano típico, caracterizado por variações bruscas de temperatura e umidade. Um arranjo regular das colunas de concreto sustenta uma laje de concreto armado, com revestimento asfáltico e de folhas de alumínio, coberta por telhas onduladas de cimento-amianto, entremeada por uma câmara de ar isolante”.

QUADRO DE ANÁLISE DO OBJETO DE PESQUISA

Período de análise

A revista Acrópole

Residências unifamiliares publicadas pela revista
Acrópole de 1952 a 1971

Parâmetros comparativos utilizados na eleição de
modelos residenciais modernos do objeto de
análise

A revista Acrópole e a construção da “Escola
Paulista”

QUADRO DE ANÁLISE DO OBJETO DE PESQUISA

(...) um objeto distante no tempo torna-se mais propício ao exercício puro do pensamento, por ficar protegido das injunções perturbadoras da história e mais facilmente aprisionável pelos princípios racionais do conhecimento (ARRUDA, 2001, p.36).

Para uma maior compreensão e análise de um objeto de pesquisa, o conhecimento e o reconhecimento dos fatores nos quais se insere faz-se necessário. Esses fatores culturais, econômicos ou sociais interferem diretamente sobre este objeto, tornando-se de imprescindível importância para o desenvolvimento de uma análise adequada.

Considerando-se as explanações anteriores sobre a contextualização na qual se insere o objeto, e visando uma melhor compreensão deste trabalho, consideramos de extrema importância o conhecimento dos agentes que atuaram de maneira direta ou indireta sobre as publicações da revista Acrópole, na tentativa de melhor reconhecer o material selecionado e publicado.

Assim, baseando-se em uma análise cuja base de dados utilizou-se dos índices da revista de maio de 1938 a dezembro de 1971, e posteriormente, de setembro de 1952 a dezembro de 1971, o trabalho expõe a porcentagem de publicações divididas sobre temas, com a intenção de trazer à tona aqueles de maior número de publicação na revista durante todo o seu período de funcionamento e o que foi considerado por este trabalho sua segunda fase.

PERÍODO DE MAIO DE 1938 A DEZEMBRO DE 1971

Durante este período pode-se considerar os valores aproximados de publicações da revista sobre os temas:

33,61% texto

29,24% residencial: dos quais 72,05% residências unifamiliares; 25,52% edifícios residenciais e 2,43% residências econômicas.

8,88% decoração

6,60% edifício comercial

4,45% institucional

4,39% serviços: dos quais 29,05% hotel

3,67% lazer: dos quais 23,56% cinema e 76,44% edifícios esportivos

2,42% detalhamento

2,40% urbanismo: dos quais 40% paisagismo

1,57% edifício religioso

1,46% industrial

0,75% transporte

0,25% arte

PERÍODO DE SETEMBRO DE 1952 A DEZEMBRO DE 1971

Durante este período pode-se considerar os valores aproximados de publicações da revista sobre os temas:

35,60% texto

22,90% residencial: dos quais 76,32% residências unifamiliares; 23,53% edifícios residenciais e 0,15% residências econômicas.

7,40% decoração

8,05% edifício comercial

5,68% institucional

4,11% serviços: dos quais 19,83% hotel e 31,90% banco

3,68% lazer: dos quais 7,69% cinema e 90,38% edifícios esportivos

4,11% detalhamento

3,20% urbanismo: dos quais 33,33% paisagismo

1,74% edifício religioso

2,00% industrial

0,46% transporte

0,36% arte

A partir dos valores obtidos pode-se observar e comprovar que o foco principal de publicação da revista baseou-se no tema de residencial, e dentro deste tema, possui destaque a publicação de residências unifamiliares.

Considera-se nesta pesquisa como textos as publicações de estilo dissertativo, a qual não foi classificada em temas específicos, salientando-se que são estes os mais diversos, desde urbanismo a decoração.

PERÍODO E OBJETO DE ANÁLISE

Sua história diz bem de sua importância no campo da divulgação e da análise de nossa arquitetura contemporânea. Muita coisa, hoje, ao ser pesquisada com relação à evolução de nossa arquitetura, o terá que ser feita nas páginas da ACRÓPOLE e cada vez mais o será. (CORONA, 1971)

O período correspondente de análise deste trabalho tem como marco inicial setembro de 1952, com a mudança de proprietário e direção da revista Acrópole, a dezembro de 1971, com o final das publicações da revista e sua extinção. Este período é caracterizado por mudanças nas elaborações arquitetônicas em São Paulo e por um, conseqüente, acirrado debate arquitetônico-social. Basta lembrar a discussão entre Artigas e Sérgio Ferro, na segunda metade dos anos 1960.

Por esta razão as publicações da revista Acrópole deste período⁵² são aqui consideradas como seu objeto de análise, constituindo grande importância na propagação e disseminação da arquitetura moderna nacional.

Alterações reconhecidas tanto na ação projetual, quanto na utilização de novos e diferentes materiais construtivos e em suas aplicações. Desenvolvidos em paralelo ao surgimento de uma nova demanda, tanto em termos diferenciais, como por um maior índice de qualidade construtiva. Como comenta Lauro Cavalcanti no livro de Mindlin (1999):

A partir da repercussão e respeito que obteve o novo estilo nas revistas especializadas estrangeiras e nacionais, o modernismo passou a ocupar o noticiário das revistas e jornais de maior circulação. O público, antes desconfiado e irônico, aprende a gostar das novas formas e incorporá-las a seu repertório cotidiano. A partir de meados dos anos 40, clientes particulares passam a encomendar aos arquitetos modernos projetos para empreendimentos imobiliários, casas de moradia e veraneio.

Desde materiais a técnicas construtivas irão ser repensados e expostos em forma de publicidade na revista Acrópole, muitas vezes, sendo citadas e expostas obras escolhidas pelo corpo editorial da revista como objeto de análise arquitetônica a ser publicada. Expondo uma forma de publicidade que dialogava com as obras publicadas e um corpo editorial que trabalhava em função da manutenção de um diálogo contínuo dentro da revista.

Algumas publicações da revista expõem sua preocupação na disseminação da arquitetura brasileira e no resgate de sua história. Pode-se citar entre eles: o desenvolvimento de formas de tratamento e de estudos de conforto acústicos; da coluna dos arquitetos Eduardo Corona e Carlos Lemos intitulada

⁵² As observações feitas sobre a revista Acrópole, dentro do período de análise ao qual propõe-se esta pesquisa (1952 – 1971), baseiam-se na verificação pela autora destas publicações.

“Dicionário da Arquitetura Brasileira”⁵³; da coluna de Adhemar Chaves⁵⁴, de grande contribuição para o conhecimento e julgamento histórico de diversos monumentos históricos do Brasil; a coluna intitulada “Prancheta Viva” com detalhamentos de soluções arquitetônicas diferenciadas; a pesquisa de Nestor Goulart Reis Filho sobre as residências brasileiras e suas diferenciações de implantação no lote ao longo da história do Brasil.

Além dos números especiais monográficos sobre a obra de arquiteto (s), em que se evidenciavam as obras e os pensamentos de alguns arquitetos brasileiros⁵⁵ e os números especiais dedicados a um tema, como por exemplo a cidade de Brasília, São Paulo, entre outros.

Sob o título “Um sonho torna-se realidade”, publicou o New York Times um artigo sumamente elogioso ao excelente livro do Arquiteto Mindlin. Acompanhado de ilustrações, refere-se à arquitetura brasileira contemporânea como um estupendo fenômeno cultural oriundo da combinação de uma série de fatores, tais como clima, paisagem, e principalmente talento de seus arquitetos ([EDITORIAL],1957).

O recorte temporal inicia-se com a publicação de um marco historiográfico da arquitetura moderna brasileira, que conjuntamente ao incremento de um periódico claramente identificado com a difusão da arquitetura moderna e que se constituiu em um dos seus porta-vozes mais influentes do sistema moderno que ele agrega (indústria da construção, escolas, exposições, etc.). Antecedendo a construção de Brasília, cuja construção acabara de ser anunciada. Este período finaliza-se com o término da publicação da revista Acrópole, que simbolicamente pode ser aliado ao deslocamento das questões sociais que animaram a arquitetura moderna brasileira, já em pleno milagre econômico no período da ditadura militar.

⁵³ Esta coluna é publicada na revista Acrópole a partir de junho de 1957 (edição de nº 222) até março de 1962 (edição de nº280), e que originou, um ano após o término da publicação da revista, em 1972, o livro “Dicionário da Arquitetura Brasileira”.

⁵⁴ O engenheiro, jornalista, cineasta, grande entusiasta da arte fotográfica e membro do novel Instituto Histórico e Geográfico, assim como, de outras entidades culturais, Adhemar Chaves fez um importante trabalho de levantamento das artes brasileiras pelo Brasil, publicando até o ano de 1959 mais de setenta trabalhos em jornais e revistas sob o slogan “Conheçamos o Brasil”. Em 1959 Chaves inicia seu trabalho de colaborador da revista Acrópole com uma coluna introdutória da revista, junto a seu índice, divulgando e publicando suas pesquisas desenvolvidas neste trabalho.

⁵⁵ Pode-se citar entre estes arquitetos: Sérgio Bernardes, Joaquim Guedes, Paulo Mendes da Rocha, Jorge Oswaldo Caron, entre outros.

LIVRO: RESIDÊNCIAS INTERIORES

ÍNDICE DAS RESIDÊNCIAS PUBLICADAS NO LIVRO – AUTOR, LOCALIZAÇÃO E DATA

PUBLICAÇÃO NO LIVRO

Residência 1 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1954

Residência 2 – Claus Eggers
São Paulo, 1955

Residência 3 – Clovis Felipe Olga
São Paulo, 1954

Residência 4 – Eduardo Corona
São Paulo, 1953

Residência 5 – Eugênio Szilagy
Praia Grande, 1954

Residência 6⁵⁶ – Henrique E. Mindlin
Bonclima (próximo Petrópolis), 1949

Residência 7 – José Augusto Belucci
São Paulo, 1955

Residência 8 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1955

Residência 9 – Lauro da Costa Lima
São Paulo, 1955

Residência 10 – Lucjan Korngold
Sítio das Colina, 1953

Residência 11 – Nilo Ramos Vilaboim
São Paulo, 1953

Residência 12⁵⁷ – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1953

Residência 13⁵⁸ – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PUBLICAÇÃO NA REVISTA ACRÓPOLE

Residência Santo Amaro
1954, nº 187, p. 308 e p. 309

Residência no Pacaembu
1955, nº 197, p. 234 e 235

Residência no Pacaembu
1954, nº 185, p. 219, 220 e 221

Projeto de uma residência
1953, nº 178, p. 356 e 357

Residência na Praia Grande
1954, nº 191, p. 510 e 511

Casa de Campo em Petrópolis
1954, nº184, p. 169

Residência no Pacaembuzinho
1955, nº 201, p. 401, 402, 403 e 404

Residência no Jardim Europa
1955, nº201, p. 406 e 407

Residência no Alto de Sant'ana
1955, nº198, p. 266 e 267

Residência "Sítio das Colinas"
1953, nº 177, p. 311 e 312

Residência no Alto de Pinheiros
1953, nº 178, p. 362, 363 e 364

Residência no Morumbi
1953, nº 184, p. 184 e 185

Conjunto Residencial Vila Elvira
1955, nº200, p. 356 e 355

⁵⁶ Também publicado no livro Modern Architecture in Brazil. Esta residência obteve na 1ª Bienal de São Paulo o prêmio de "habitação individual", antigo prêmio aequo conjuntamente aos edifícios de apartamentos do Parque Eduardo Guinle, de Lúcio Costa, com a premiação de habitação coletiva.

⁵⁷ Também publicado no livro Modern Architecture in Brazil.

⁵⁸ Publicação de duas residências, expondo duas plantas distintas e duas fotos externas, uma de cada obra, duas soluções Residenciais econômicas publicadas na mesma página, uma exceção dentre as obras Residenciais ali publicadas. Estas residências localizam-se em lotes de pequenas dimensões, e trata-se de uma "iniciativa particular que visa melhorar o nível da construção comercial, construindo um bairro moderno,

Residência 13' – Plínio Croce e Roberto Aflalo São Paulo, 1955	Conjunto Residencial Vila Elvira 1955, nº200, p. 356 e 355
Residência 14 – Victor Reif São Paulo, 1954	Residência no Brooklin Novo 1954, nº195, p. 136 e 137
Residência 15 – Arnaldo Furquim Paoliello São Paulo, 1953	Residência Santo Amaro 1953, nº181, p. 494 e 495
Residência 16 – Oswaldo Arthur Bratke Campos do Jordão, 1944 ⁵⁹	Projeto não publicado/localizado na Revista Acrópole
Residência 17 ⁶⁰ – Roberto Aflalo São Paulo, 1955	Conjunto Residencial Vila Elvira 1955, nº200, p. 352 e 353
Residência 18 ⁶¹ – Rodolpho Ortenblad Filho Campinas, 1955	Residência em Campinas 1955, nº197, p. 224
Residência 19 – Rodolpho Ortenblad Filho Campinas, 1955	Residência em Campinas 1955, nº197, p. 225
Residência 20 – Henrique Mindlin Rio de Janeiro, 1955	Residência no Rio de Janeiro 1955, nº 201, p. 396 e 397
Residência 21 – Carlos Lemos São Paulo, 1953	Residência em Pacaembu 1953, nº 176, p. 284 e 286
Residência 22 – Clóvis Felipe Olga São Paulo, 1953	Residência 1953, nº177, p. 316 e 317
Residência 23 – Eduardo Corona São Paulo, 1953	Estudo para residência em Sumarezinho 1953, nº175, p. 250 e 251
Residência 24 – Eulálio Vidigal Pontes São Paulo, 1955	Residência no Jardim América 1955, nº 198, p. 276 e 277
Residência 25 – Gilberto Junqueira Caldas São Paulo, 1953	Residência no Jardim América 1953, nº 183, p. 108 e 109
Residência 26 – Francisco Beck São Paulo, 1954	Residência no Pacaembu 1954, nº 196, p. 170 e 171
Residência 27 – Ítalo Eugênio Mauro São Paulo, 1953	Residência a rua Sampaio Vianna 1953, nº 181, p. 502 e 503
Residência 28 ⁶² – Jacques Pasternak São Paulo, 1953	Residência no Pacaembu 1953, nº 179, p. 415, 416 e 417

homogêneo e de alto padrão” (ACRÓPOLE, 1956, p. 13). Estes projetos foram encomendados pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro.

⁵⁹ Data estimada do projeto. A publicação não foi localizada na verificação das revistas Acrópole.

⁶⁰ Esta residência caracteriza-se por sua localização em lote de pequenas dimensões, de características comerciais, “Com dependências semelhantes, embora construídas em terrenos de dimensões diferentes, êsses imóvel faz parte de um numeroso grupo de casas, para as quais o programa prevê: 3 dormitórios, banheiro, cozinha, sala, garagem ou abrigo e dependências de empregada”. (ACRÓPOLE, 1956, p. 17)

⁶¹ As residências 18 e 19 são variações de projetos para o mesmo lote (12x32m², também de características comerciais, para o Banco Hipotecário Lar Brasileiro, prioriza a economia na disposição de suas funções hidráulicas, na dupla função da garagem/terraço e “procurou o arquiteto eliminar a tradicional edícula” (ACRÓPOLE, 1956, p. 18). Apresentam-se como estudos (desenhos), incluindo dois estudos possíveis de fachadas.

Residência 29 – Jacques Pilon
São Paulo, 1954

Residência 30⁶³ – J. Vilanova Artigas
Santos, 1949

Residência 31 – Lucjan Korngold
Santos, 1955

Residência 32 – Marino Barros
São Paulo, 1953

Residência 33 – M. Azevedo
São Paulo, 1953

Residência 34 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1954

Residência 35 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1954

Residência 36 – Rubens Carneiro Vianna
São Paulo, 1954

Residência 37 – Rubens Monteiro
São Paulo, 1954

Residência 38 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1954

Residência 39 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1954

Residência 40 – Rubens Carneiro Vianna
São Paulo, 1955

Residência no Pacaembu
1954, nº 189, p. 405, 406 e 407

Residência em Santos
1955, nº 199, p. 308 e 309

Residência no Jardim Paulistano
1953, nº 183, p. 110 e 111

Residência no Jardim Paulistano
1953, nº 182, p. 66 e 68

Residência no Jardim América
1954, nº 190, p. 460 e 461

Residência no Jardim América
1954, nº 194, p. 78

Residência do arquiteto
1954, nº 192, p. 543 e 544

Projeto de Residência
1954, nº 189, p. 412 e 413

Residência no Pacaembu
1954, nº 193, p. 14 e 17

Estudo de Residência
1954, nº 186, p. 264 e 265

Residência no Jardim Paulista
1955, nº 200, p. 318 e 319

Projeto de Residência
1953, nº 181, p. 506 e 507

⁶² Rampa helicoidal (acesso principal, pela lateral da edificação).

⁶³ Também publicado no livro *Modern Architecture in Brazil*.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 1

Arnaldo Furquim Paolielo

Residência Santo Amaro, São Paulo

1954, n° 187, p. 308 e 309

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 2

Claus Eggert

Residência no Pacaembu, São Paulo

1955, n° 197, p. 234 e 235

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 3

Clovis Felipe Olga
Residência no Pacaembu, São Paulo
1954, n° 185, p. 219 - 221

RESIDÊNCIA 4

Eduardo Corona
Projeto de uma residência (Indianópolis), São Paulo
1953, n° 178, p. 356 e 357

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 5

Eugênio Szilagy

Residência na Praia Grande, Praia Grande

1954, nº 191, p. 510 e 511

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 6

Henrique E. Mindlin

Residência Bonclima (próximo de Petrópolis)

1949

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 7

José Augusto Belucci

Residência no Pacaembuzinho, São Paulo

1955, nº 201, p. 401 - 403

RESIDÊNCIA 8

J. Vilanova Artigas

Residência no Jardim Europa, São Paulo

1955, nº 201, p. 406 e 407

RESIDÊNCIA 9

Lauro da Costa Lima

Residência no Alto de Santana, São Paulo

1955, nº 198, p. 266 e 267

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 10

Lucjan Korngold

Residência Sítio das Colinas, Sítio das Colinas

1953, nº 177, p. 311 e 312

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 11

Nilo Ramos Vilaboim

Residência no Alto de Pinheiros, São Paulo

1953, nº 178, p. 362 - 364

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 12

Oswaldo Arthur Bratke

Residência no Morumbi, São Paulo

1954, nº 184, p. 184 e 185

RESIDÊNCIA 13

Plínio Croce e Roberto Aflalo

Conjunto Residencial "Vila Elvira"(Santo Amaro), São Paulo

1955, nº 200, p. 356

RESIDÊNCIA 13

Plínio Croce e Roberto Aflalo

Conjunto Residencial "Vila Elvira"(Santo Amaro), São Paulo

1955, nº 200, p. 355

RESIDÊNCIA 14

Victor Reif

Residência no Brooklyn Novo, São Paulo

1954, nº 195, p. 136 e 137

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 15

Arnaldo Furquim Paoliello

Residência em Santo Amaro, São Paulo

1953, n° 181, p. 494 e 495

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 16

Oswaldo Arthur Bratke

Casa de Campo

1944

PLANTA PAVIMENTO TÉRRE

RESIDÊNCIA 17

Roberto Aflalo

Conjunto Residencial "Vila Elvira" (Santo Amaro), São Paulo

1955, n° 200, p. 352 e 353

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 18

Rodolpho Ortenblad Filho
Residência em Campinas, Campinas
1955, n° 197, p. 224

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 19

Rodolpho Ortenblad Filho
Residência em Campinas, Campinas
1955, n° 197, p. 225

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 21

Carlos Lemos

Residência em Pacaembu, São Paulo

1953, nº 176, p. 284 e 286

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 22

Clóvis Felipe Olga

Residência, São Paulo

1953, nº 177, p. 316 e 317

⁶⁴ Residência em construção no período de sua publicação

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 23

Eduardo Corona

Estudo para residência no Sumarezinho, São Paulo

1953, nº 175, p. 250 e 251

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

RESIDÊNCIA 24

Eulálio Vidigal Pontes

Residência no Jardim América, São Paulo

1955, nº 198, p. 276 e 277

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 25

Gilberto Junqueira Caldas

Residência no Jardim América, São Paulo

1953, nº 183, p. 108 e 109

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 26

Francisco Beck

Residência no Pacaembu, São Paulo

1954, nº 196, p. 170 e 171

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 27

Ítalo Eugenio Mauro

Residência a rua Sampaio Vianna, São Paulo

1953, nº 181, p. 502 e 503

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 28

Jacques Pasternak

Residência no Pacaembu, São Paulo

1953, nº 179, p. 415 - 417

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 29

Jacques Pilon

Residência no Pacaembu, São Paulo

1954, n° 189, p. 405 - 407

RESIDÊNCIA 30

J. Vilanova Artigas

Residência em Santos, Santos

1955, n° 199, p. 308 e 309

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 31

Lucjan Korngold

Residência no Jardim Paulista, São Paulo

1953, nº 183, p. 110 e 111

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 32

Marino Barros

Residência no Jardim Paulistano, São Paulo

1953, nº 182, p. 66 e 68

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 33

M. Azevedo

Residência no Jardim América, São Paulo

1954, n° 190, p. 460 e 461

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 34

Plínio Croce e Roberto Aflalo

Residência no Jardim América, São Paulo

1954, n° 194, p. 78

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 35

Rodolpho Ortenblad Filho

Residência do arquiteto (Itaim), São Paulo

1954, nº 192, p. 543 e 544

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 36

Rubens Carneiro Vianna

Projeto de Residência, São Paulo

1954, nº 189, p. 412 e 413

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 37

Rubens Monteiro

Residência no Pacaembu, São Paulo

1954, nº 193, p. 14 e 17

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 38

Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers

Estudo de uma residência, São Paulo

1954, nº 184, p. 264 e 265

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 39

Rodolpho Ortenblad Filho

Residência no Jardim Paulista, São Paulo

1955, nº 200, p. 318 e 319

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

RESIDÊNCIA 40

Rubens Carneiro Vianna

Projeto de Residência, São Paulo

1953, nº 181, p. 506 e 507

LIVRO: MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL

ÍNDICE DAS RESIDÊNCIAS PUBLICADAS NO LIVRO – AUTOR, LOCALIZAÇÃO E DATA

PUBLICAÇÃO NO LIVRO

Residência 1 – Lúcio Costa
Rio de Janeiro, 1942

Residência 2 – Gregori Warchavchik
Guarujá, 1943

Residência 3 – Rino Levi
São Paulo, 1946

Residência 4 – Aldary Henriques Toledo
Cataguazes (Minas Gerais), 1946

Residência 5⁶⁵ – Gregori Warchavchik
Guarujá, 1946

Residência 6 – Ítalo Eugênio Mauro
São Paulo, 1947

Residência 7⁶⁶ – Carlos Frederico Ferreira
Friburgo (Rio de Janeiro), 1949

Residência 8⁶⁸ – Vilanova Artigas
Santos, 1949

Residência 9 – Vilanova Artigas
São Paulo, 1949

Residência 10 – Henrique E. Mindlin
Bonclima (próximo a Petrópolis), 1949

Residência 11 – Francisco Bolonha
Fazenda Inglesa (próximo a Petrópolis), 1950

Residência 12 – Lina Bo Bardi
São Paulo – 1951

Residência 13 – Sérgio W. Bernardes
Rio de Janeiro – 1951

Residência 14 – Oswaldo Corrêa Gonçalves
Santos – 1951

Residência 15⁶⁹ – Olavo Redig de Campos
Rio de Janeiro – 1951

PUBLICAÇÃO NA REVISTA ACRÓPOLE

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Casa de Praia em Guarujá
1954, nº 184, p. 167

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Projeto não publicado/localizado na
Revista Acrópole

Residência em Pinheiros
1954, nº187, p. 315

Casa de Verão⁶⁷
1959, nº 251, p. 411

Residência em Santos
1955, nº 199, p. 308 e 309

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Casa de Campo em Petrópolis
1954, nº 184, p. 169

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Residência Hélio Cabral
1963, nº301, p. 183

Residência do Sr. Osmar Gonçalves em Santos
1954, nº 184, p. 192

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

⁶⁵ Pavilhão de praia sem dormitórios, Guarujá (1946), “Atualmente ele é a sede do clube de praia Jequiti-Mar e é parte de um grande projeto imobiliário de uma área conhecida como Praia Pernambuco”(MINDLIN, 2001, p.51).

⁶⁶ Faz referência ao pavilhão de praia, construído em pau a pique.

⁶⁷ Referência sobre detalhamento da esquadria utilizada na residência em número especial dedicado ao detalhamento de esquadrias.

⁶⁸ Também publicado no livro Residências Interiores.

⁶⁹ Casa para o Embaixador Walter Moreira Salles, 1951, Rio de Janeiro.

Residência 16 – Sérgio W. Bernardes Samambaia (próximo a Petrópolis), 1952	Residência Guilherme Brandi 1963, nº301, p. 184
Residência 17 – Arnaldo Furquim Paoliello São Paulo, 1952	Residência em Santo Amaro 1953, nº181, p. 493
Residência 18 – Affonso Eduardo Reidy Rio de Janeiro – 1952	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 19 ⁷⁰ – Sérgio W. Bernardes Petrópolis (Rio de Janeiro), 1953	Residência Maria C. M. Soares 1963, nº301, p. 184
Residência 20 ⁷¹ – Oswaldo Arthur Bratke São Paulo – 1953	Residência do Arquiteto em Morumby 1954, nº 184, p. 192
Residência 21 ⁷² – Oswaldo Arthur Bratke São Paulo – 1953	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 22 – Lygia Fernandes Maceió (Alagoas), 1953	Residência em Alagoas 1955, nº 204, p. 542
Residência 23 – Rino Levi e Roberto Cerqueira César São Paulo, 1953	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 24 – Oscar Niemeyer Rio de Janeiro, 1953	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 25 – José Bina Fonyat Filho e Tercio Fontana Pacheco Parque Rio da Cidade (próximo a Petrópolis), 1954	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 26 – Thomaz Estrella, Joge Ferreira, Renato Mesquita dos Santos e Renato Soeiro Rio de Janeiro – 1954	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 27 ⁷³ – Rino Levi e Roberto Cerqueira César São José dos Campos, 1954	Projeto de residência para a fazenda de propriedade do Sr. Olívio Gomes 1954, nº 184, p. 162
Residência 28 – Olavo Redig de Campos Mangalarga (próximo Petrópolis), 1954	Residência de verão 1956, nº 208, p. 137
Residência 29 – Paulo Antunes Ribeiro Rio de Janeiro, 1955	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 30 – Paulo Antunes Ribeiro Rio de Janeiro, 1955	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole
Residência 31 – Paulo Everard Nunes Pires, Paulo Ferreira dos Santos e Paulo de Tarso Ferreira dos Santos Rio de Janeiro, 1955	Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

⁷⁰ Projeto ganhador do prêmio de projeto de residência de um arquiteto com menos de quarenta anos na Segunda Bienal de São Paulo.

⁷¹ Também publicado no livro Residências Interiores.

⁷² Pavilhão anexo à residência projetada por Oswaldo Arthur Bratke.

⁷³ Residência dos trabalhadores de uma empresa industrial em São José dos Campos.

Residência 32 – Miguel Forte e Galiano
Ciampaglia
São Paulo, 1955

Residência 33 – Henrique E. Mindlin
Samambaia (próximo a Petrópolis), 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Residência 1 – Lúcio Costa
Rio de Janeiro, 1942

Residência 2 – Gregori Warchavchik
Guarujá, 1943

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 3 – Rino Levi
São Paulo, 1946

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 4 – Aldary Henriques Toledo
Cataguazes (Minas Gerais), 1946

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 5⁷⁴ – Gregori Warchavchik
Guarujá, 1946

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 6 – Ítalo Eugênio Mauro
São Paulo, 1947

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 7⁷⁵ – Carlos Frederico Ferreira
Friburgo (Rio de Janeiro), 1949

⁷⁴ Pavilhão de praia sem dormitórios, no Guarujá (1946).

⁷⁵ Faz referência ao pavilhão de praia, construído em pau a pique.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 8⁷⁶ – Vilanova Artigas
Santos, 1949

Residência 9 – Vilanova Artigas
São Paulo, 1949

Residência 10 – Henrique E. Mindlin
Bonclima (próximo a Petrópolis), 1949

⁷⁶ Também publicado no livro Residências Interiores.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 11 – Francisco Bolonha
Fazenda Inglesa (próximo a Petrópolis), 1950

Residência 12 – Lina Bo Bardi
São Paulo – 1951

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 13 – Sérgio W. Bernardes
Rio de Janeiro – 1951

Residência 14 – Oswaldo Corrêa Gonçalves
Santos – 1951

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 15⁷⁷ – Olavo Redig de Campos
Rio de Janeiro – 1951

Residência 16 – Sérgio W. Bernardes
Samambaia (próximo a Petrópolis), 1952

⁷⁷ Casa para o Embaixador Walter Moreira Salles, 1951, Rio de Janeiro, projeto de uma grande residência, com um programa distinto, que contempla freqüente entretenimento em larga escala, além de um programa para uma família.

PLANTA PAVIMENTO
TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO
SUPERIOR

Residência 17 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 18 – Affonso Eduardo Reidy
Rio de Janeiro – 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 19⁷⁸ – Sérgio W. Bernardes
Petrópolis (Rio de Janeiro), 1953

⁷⁸ Projeto ganhador do prêmio de projeto de residência de um arquiteto com menos de quarenta anos na Segunda Bienal de São Paulo.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO
SUPERIOR

Residência 20⁷⁹ - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo – 1953

Residência 21⁸⁰ - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo – 1953

Residência 22 – Lygia Fernandes
Maceió (Alagoas), 1953

⁷⁹ Também publicado no livro Residências Interiores.

⁸⁰ Pavilhão anexo à residência projetada por Oswaldo Arthur Bratke.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 23 – Rino Levi e Roberto Cerqueira César
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 24 – Oscar Niemeyer
Rio de Janeiro, 1953

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 25 – José Bina Fonyat Filho e Tercio Fontana
Pacheco
Parque Rio da Cidade (próximo a Petrópolis), 1954

Residência 26 - Thomaz Estrella, Joge Ferreira, Renato
Mesquita dos Santos e Renato Soeiro
Rio de Janeiro – 1954

Residência 27⁸¹ – Rino Levi e Roberto Cerqueira César
São José dos Campos, 1954

⁸¹ Residência dos trabalhadores de uma empresa industrial em São José dos Campos.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO
TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO
SUPERIOR

Residência 28 – Olavo Redig de Campos
Mangalarga (próximo Petrópolis), 1954

Residência 29⁸² – Paulo Antunes Ribeiro
Rio de Janeiro, 1955

⁸² Preocupação com design interno, teto da área de estar revisto por volumes semelhantes a um tabuleiro de damas, com pequenas superfícies que se alternam em maior ou menor saliência do volume, que tem a função de garantir melhor conforto acústico a este ambiente. Móvel na escada de Mário Cravo (sob influência de Alexander Calder, que visitou o Brasil em 1948).

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 30 – Paulo Antunes Ribeiro
Rio de Janeiro, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 31 - Paulo Everard Nunes Pires, Paulo
Ferreira do Santos e Paulo de Tarso Ferreira dos Santos
Rio de Janeiro, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 32 – Miguel Forte e Galiano Ciampaglia
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 33 – Henrique E. Mindlin
Samambaia (próximo a Petrópolis), 1955

ROTEIRO ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA SÃO PAULO

ÍNDICE DAS RESIDÊNCIAS PUBLICADAS NO LIVRO – AUTOR, LOCALIZAÇÃO E DATA

PUBLICAÇÃO NO LIVRO

Banco de Londres – Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti
São Paulo, 1960

Edifício Barão de Iguape – Jacques Pilon, Giancarlo Gasperini e Jerônimo Bonilla Esteves
São Paulo, 1962

Edifício CBI – Lucjan Korngold
São Paulo, 1948

Edifício Conde de Prates – Giancarlo Palanti e Alfredo Mathias
São Paulo, 1956

Galeria R. Monteiro – Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz R. Carvalho Franco
São Paulo, 1960

Edifício Esther - Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho
São Paulo, 1938

Centro Metropolitano – Salvador Candia e Giancarlo Gasperini
São Paulo, 1960

Edifício R. F. - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1961

Edifício A.B.C. - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1950

Instituto de Arquitetos - Abelardo de Souza, Galiano Campaglia, Helio Duarte, Jacob Ruchti, Rino Levi, Roberto Cesar e Zenon Lotufo
São Paulo, 1946

Edifício Lausanne - A. F. Heep
São Paulo, 1953

Edifício Prudência - Rino Levi y Roberto Cerqueira César
São Paulo, 1944

Edifício Louveira - Vilanova Artigas e Carlos Cascardi
São Paulo, 1946

Edifício Condemar - Jorge Wilhelm
São Paulo, 1959

Escola Têxtil SENAI - Hélio Duarte e R. Carvalho Mange
São Paulo, 1951

PUBLICAÇÃO NA REVISTA ACRÓPOLE

Sede do Bank of London
1963, nº 300, p. 357

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

Edifício "Conde de Prates"
1956, nº 214, p. 377

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

Edifício Esther
1938, nº1, p. 54

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

Edifício de Escritórios
1953, nº175, p. 254

Sede do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo
1948, nº121, p. 1⁸³

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

Apartamentos Prudência
1951, nº 154, p. 259

Edifício Louveira na Praça Vilaboim
1954, nº184, p.178

Projeto não publicado/localizado na revista Acrópole

SENAI – Escola Têxtil Central
1955, nº 197, p. 217

⁸³ Publicação realizada em maio de 1948 sobre o mesmo projeto e tema, embora com material e imagens distintos da publicação realizada pelo livro "Roteiro da Arquitetura Contemporânea São Paulo"

Edifício Nações Unidas - Abelardo de Souza
São Paulo, 1956

Edifício Nações Unidas
1960, nº 262, p. 270

Edifício V Avenida - Pedro Paulo de Melo Saraiva
São Paulo, 1959

Edifício 5ª Avenida
1960, nº 255, p. 88

Edifício Paulicéia - Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini
São Paulo, 1956

Conjunto Residencial na Av. Paulista
1959, nº 246, p. 205

Conjunto Nacional - David Libeskind
São Paulo, 1955

Conjunto Nacional
1955, nº 222, p. 208

Edifício Anchieta - MMM Roberto
São Paulo, 1940

Edifício “Anchieta”
1941, nº38, p. 78

Sede e Sinagoga de C.I.P. - Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti
São Paulo, 1954

Projeto para Sede e Sinagoga
1955, nº 199, p. 311

Residência A.C.L. - Joaquim Guedes
São Paulo, 1958

Residência 2
1968, nº 347, p. 18

Igreja São Domingos - A. F. Heep
São Paulo, 1952

Igreja em Perdizes
1965, nº 321, p. 40

Edifício João Ramalho - Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia
São Paulo, 1953

Edifício de Apartamentos
1958, nº 242, p. 55

Piscina Coberta - Ícaro de Castro Mello
São Paulo, 1948

Piscina Coberta “Adhemar de Barros”
1950, nº 143, p. 269

Ginásio Ibirapuera - Ícaro de Castro Mello
São Paulo, 1951

Gymnasium de Esportes no Ibirapuera
1957, nº 221, p. 158

Ginásio do Clube Paulistano - Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro
São Paulo, 1957

Ginásio coberto
1961, nº 276, p. 410

Residência G. H. K. - Victor Reif
São Paulo, 1958

Residência no Jardim América
1959, nº 250, p. 360

Residência S.F. - Jorge Zalszupin
São Paulo, 1960

Residência no Jardim América
1963, nº 298, p. 302

Residência M. G. - Carlos Lemos e Eduardo Corona
São Paulo, 1961

Residência no Jardim das Bandeiras
1965, nº 313, p. 34

Residência J. T. B. - Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1960

Residência no Sumaré
1963, nº 299, p. 328

Residência R. M. - Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1958

Residência no Sumaré
1962, nº 1962, p. 192

Laboratório Paulista de Biologia - Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar e Luis Carvalho Franco
São Paulo, 1956

Indústria Farmacêutica
1960, nº 265, p. 13

Escola de Construção Civil - Lúcio Grinover
São Paulo, 1957

Escola Senai de Construção Civil
1962, nº 279, p. 78

Grupo Escolar Gomes Cardim - Francisco Petracco
São Paulo, 1961

Projeto não publicado/localizado na
Revista Acrópole

Escola Anchieta - Helio Duarte e E. R. Carvalho Mange
São Paulo, 1953

SENAI – Escola Anchieta
1955, nº 197, p. 220

Parque Ibirapuera - Oscar Niemeyer, Zenon Lotufo, Eduardo
Kneese, Helio Uchôa
São Paulo, 1952

Exposição do IV Centenário
1954, nº 185, p. 209

Planetário - Eduardo Corona, Roberto G. Tibau e Antono Pitombo
São Paulo, 1953

O Planetário de São Paulo
1957, nº 225, p. 313

Escola de Astrofísica - Roberto G. Tibau
São Paulo, 1959

Escola Municipal de Astrofísica
1962, nº 282, p. 181

Residência J. K. S. - David Libeskind
São Paulo, 1958

Residência no Ibirapuera
1962, nº 288, p. 400

Residência C. D. P. - Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar e Luiz R.
Carvalho Franco
São Paulo, 1958

Residência no Jardim Europa
1960, nº 258, p. 121

Residência B. F. - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1956

Residência no Jardim Europa
1958, nº 233, p. 176

Residência J. Z. - Jorge Zalszupin
São Paulo, 1961

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Residência R. O. F. - Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1958

Residência no Jardim Paulistano
1960, nº 262, p. 265

Residência B. F. N. - Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro
São Paulo, 1960

Residência no Brooklyn
1963, nº 297, p. 247

Clube Pinheiros - Ícaro de Castro Mello
São Paulo, 1960

Sede do Esporte Clube Pinheiros
1963, nº 299, p. 326

Residência F. N. - Roberto Aflalo e Plínio Croce
São Paulo, 1960

Projeto não publicado/localizado na
revista Acrópole

Residência R. M. - Carlos Barja Millan
São Paulo, 1959

Residência no Alto de Pinheiros
1961, nº 276, p. 420

Residência P. I. - Jon V. Maitrejean e Helmut Hein
São Paulo, 1958

Residência na Chácara Flora
1962, nº 285, p. 286

Residência P. M. B. - Lina Bo Bardi
São Paulo, 1950

Projeto não publicado na
Revista Acrópole

Estádio e Vestiário S.P.F.C. - J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1953

Vestiário do S.P.F.C.
1964, nº 305, p. 23

Cidade Universitária, ed. residenciais - Eduardo Kneese de
Mello, Joel Ramalho Jr. e Sydney de Oliveira
São Paulo, 1962

Setor residencial da Cidade Universitária
1964, nº 303, p. 93

BANCO DE LONDRES - Henrique E. Mindlin e
Giancarlo Palanti
São Paulo, 1960, p. 1

Revista Acrópole
Sede do Bank of London
1963, n° 300, p. 357

Edifício Barão de Iguape – Jacques Pilon, Giancarlo
Gasparini e Jerônimo Bonilla Esteves
São Paulo, 1962

Edifício CBI – Lucjan Korngold
São Paulo, 1948

Edifício Conde de Prates – Giancarlo Palanti e Alfredo Mathias
São Paulo, 1956

Revista Acrópole
Edifício "Conde de Prates"
1956, nº 214, p. 377

Galeria R. Monteiro – Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luiz R. Carvalho Franco
São Paulo, 1960

Edifício Esther - Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho
São Paulo, 1938

Revista Acrópole
Edifício Esther
1938, nº1, p. 54

Centro Metropolitano – Salvador Candia e Giancarlo Gasperini
São Paulo, 1960

Edifício R. F. - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1961

Edifício A.B.C. - Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1950

Revista Acrópole
Edifício de Escritórios
1953, nº175, p. 254

Instituto de Arquitetos - Abelardo de Souza, Galiano
Campaglia, Helio Duarte, Jacob Ruchti, Rino Levi,
Roberto Cesar e Zenon Lotufo
São Paulo, 1946

Revista Acrópole
Sede do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento
de São Paulo
1948, nº121, p. 1

Edifício Lausanne - A. F. Heep

São Paulo, 1953

Edifício Prudência - Rino Levi y Roberto Cerqueira

César

São Paulo, 1944

Revista Acrópole
Apartamentos Prudência
1951, n° 1951, p. 259

Edifício Louveira - Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi

São Paulo, 1946

Revista Acrópole
Edifício Louveira na Praça Vilaboim
1954, n°184, p187

Edifício Condemar - Jorge Wilhelm

São Paulo, 1959

Escola Têxtil SENAI - Hélio Duarte e R. Carvalho

Mange

São Paulo, 1951

Revista Acrópole

SENAI – Escola Têxtil Central

1955, n° 197, p. 217

Edifício Nações Unidas - Abelardo de Souza

São Paulo, 1956

Revista Acrópole

Edifício Nações Unidas

1960, n° 262, p. 270

Edifício V Avenida - Pedro Paulo de Melo Saraiva

São Paulo, 1959

Revista Acrópole

Edifício 5ª Avenida

1960, n° 255, p. 88

Edifício Paulicéia - Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini
São Paulo, 1956

Revista Acrópole
Conjunto Residencial na Av. Paulista
1959, nº 246, p. 205

Conjunto Nacional - David Libeskind
São Paulo, 1955

Revista Acrópole
Conjunto Nacional
1955, nº 222, p. 208

Edifício Anchieta - MMM Roberto
São Paulo, 1940

Revista Acrópole
Edifício "Anchieta"
1941, nº38, p. 78

Sede e Sinagoga de C.I.P. - Henrique Mindlin e
Giancarlo Palanti
São Paulo, 1954

Revista Acrópole
Projeto para Sede e Sinagoga
1955, nº 199, p. 311

Residência A.C.L. - Joaquim Guedes
São Paulo, 1958

Revista Acrópole
Residência 2
1968, nº 347, p. 18

Igreja São Domingos - A. F. Heep

São Paulo, 1952

Revista Acrópole
Igreja em Perdizes
1965, n° 321, p. 40

Edifício João Ramalho - Plínio Croce, Roberto Aflalo e

Salvador Candia

São Paulo, 1953

Revista Acrópole
Edifício de Apartamentos
1958, n° 242, p. 55

Piscina Coberta - Ícaro de Castro Mello

São Paulo, 1948

Revista Acrópole
Piscina Coberta "Adhemar de Barros"
1950, n° 143, p. 269

Ginásio Ibirapuera - Ícaro de Castro Mello

São Paulo, 1951

Revista Acrópole
Gymnasium de Esportes no Ibirapuera
1957, n° 221, p. 158

Ginásio do Clube Paulistano - Paulo Mendes da

Rocha e João de Gennaro

São Paulo, 1957

Revista Acrópole
Ginásio coberto
1961, n° 276, p. 410

Residência G. H. K. - Victor Reif

São Paulo, 1958

Revista Acrópole

Residência no Jardim América

1959, nº 250, p. 360

Residência S.F. - Jorge Zalszupin

São Paulo, 1960

Revista Acrópole

Residência no Jardim América

1963, nº 298, p. 302

Residência M. G. - Carlos Lemos e Eduardo Corona

São Paulo, 1961

Revista Acrópole

Residência no Jardim das Bandeiras

1965, nº 313, p. 34

Residência J. T. B. - Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi

São Paulo, 1960

Revista Acrópole

Residência no Sumaré

1963, nº 299, p. 328

Residência R. M. - Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi

São Paulo, 1958

Revista Acrópole

Residência no Sumaré

1962, nº 1962, p. 192

Laboratório Paulista de Biología - Rino Levi, Roberto

Cerqueira Cesar e Luis Carvalho Franco

São Paulo, 1956

Revista Acrópole

Indústria Farmacêutica

1960, nº 265, p. 13

Escola de Construção Civil - Lúcio Grinover

São Paulo, 1957

Revista Acrópole

Escola Senai de Construção Civil

1962, nº 279, p. 78

Grupo Escolar Gomes Cardim - Francisco Petracco

São Paulo, 1961

Escola Anchieta - Helio Duarte e E. R. Carvalho Mange

São Paulo, 1953

Revista Acrópole
SENAI – Escola Anchieta
1955, n° 197, p. 220

Parque Ibirapuera - Oscar Niemeyer, Zenon Lotufo,

Eduardo Kneese, Helio Uchôa

São Paulo, 1952

Revista Acrópole
Exposição do IV Centenário
1954, n° 185, p. 209

Planetário - Eduardo Corona, Roberto G. Tibau e

Antono Pitombo

São Paulo, 1953

Revista Acrópole
O Planetário de São Paulo
1957, n° 225, p. 313

Escola de Astrofísica - Roberto G. Tibau

São Paulo, 1959

Revista Acrópole
Escola Municipal de Astrofísica
1962, n° 282, p. 181

Residência J. K. S. - David Libeskind

São Paulo, 1958

Revista Acrópole
Residência no Ibirapuera
1962, n° 288, p. 400

Residência C. D. P. - Rino Levi, Roberto Cerqueira

Cesar e Luiz R. Carvalho Franco

São Paulo, 1958

Revista Acrópole
Residência no Jardim Europa
1960, n° 258, p. 121

Residência B. F. - Oswaldo Arthur Bratke

São Paulo, 1956

Revista Acrópole

Residência no Jardim Europa

1958, nº 233, p. 176

Residência J. Z. - Jorge Zalsupin

São Paulo, 1961

Residência R. O. F. - Rodolpho Ortenblad Filho

São Paulo, 1958

Revista Acrópole

Residência no Jardim Paulistano

1960, nº 262, p. 265

Residência B. F. N. - Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro

São Paulo, 1960

Revista Acrópole

Residência no Brooklin

1963, nº 297, p. 247

Clube Pinheiros - Ícaro de Castro Mello

São Paulo, 196

Revista Acrópole

Sede do Esporte Clube Pinheiros

1963, nº 299, p. 326

Residência F. N. - Roberto Aflalo e Plínio Croce

São Paulo, 1960

Residência R. M. - Carlos Barja Millan

São Paulo, 1959

Revista Acrópole

Residência no Alto de Pinheiros

1961, nº 276, p. 420

Residência P. I. - Jon V. Maitrejean e Helmut Hein

São Paulo, 1958

Revista Acrópole
Residência na Chácara Flora
1962, n° 285, p. 286

Residência P. M. B. - Lina Bo Bardi
São Paulo, 1950

Estádio e Vestiário S.P.F.C. - J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1953

Revista Acrópole
Vestiário do S.P.F.C.
1964, n° 305, p. 23

Cidade Universitária, ed. residenciais - Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sydney de Oliveira
São Paulo, 1962

Revista Acrópole
Setor residencial da Cidade Universitária
1964, n° 303, p. 93

REVISTA ACRÓPOLE

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO E DA IMPORTÂNCIA DA REVISTA ACRÓPOLE NA DIFUSÃO DOS IDEAIS DA ARQUITETURA MODERNA RESIDENCIAL DE 1952 A 1971

Em meados de 1937 o arquiteto Eduardo Kneese de Mello foi procurado pelo Sr. Roberto Corrêa de Brito para a confecção de um álbum impresso das obras daquele arquiteto e que foi realizado nesse mesmo ano. No decorrer das conversações o arquiteto Kneese de Mello, sempre entusiasta das coisas da arquitetura, aventou a possibilidade de ser montada uma revista de arquitetura em São Paulo. O senhor Côrrea de Brito imediatamente interessou no assunto os arquitetos Henrique Mindlin e Alfredo Ernesto Becker, que se puseram à disposição da façanha. E o 1º número saiu em maio de 1938, contendo na capa um clichê do monumento a Ramos de Azevedo, e no editorial artigo de Kneese de Mello sôbre a Acrópole de Atenas (CORONA, 1971, p.7).

Em sua primeira publicação, Eduardo Kneese de Mello explicita a referência arquitetônica do nome do periódico, a Acrópole de Athenas. A revista Acrópole é considerada pela historiografia e crítica como um dos mais importantes periódicos brasileiros de arquitetura, caracterizada por uma grande freqüência de publicações, de caráter mensal.

A disseminação mais ampla de alguns valores da arquitetura paulista, no entanto, se deu por meio da revista *Acrópole*, editada em São Paulo. Em 1965, várias revistas de arquitetura deixaram de circular, inclusive a influente *Módulo*, de Niemeyer. De alcance nacional, ao lado da revista paulista, apenas a *Arquitetura*, editada pelo departamento carioca do Instituto de Arquitetos do Brasil, mantinha regularidade confiável (SEGAWA, 1999, p. 152).

Pode-se considerar a existência de duas fases de evidente alteração na editoração da revista Acrópole. A primeira, com o início das publicações da revista, em maio de 1938, e a segunda, com a venda e alteração da direção da revista para Max Gruenwald em setembro de 1952.

No período de 1938 a 1960, distinguem-se duas fases, na revista Acrópole: primeiro com a mudança de direção geral da revista de Roberto Correia Brito (1938 – 1952) para Max Gruenwald; fase que se define melhor com a publicação do “Boletim IAB/SP” a partir de 1954. A estrutura da revista é composta, nos primeiros tempos, da direção geral e um conselho técnico. Em 1942, são criados conselhos técnicos em vários estados brasileiros; sucessivamente, São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Paraná. O regime de produção é basicamente por colaboração, organizado pelos conselhos técnicos que também

produziam matérias específicas sobre seus estados de origem. (MIRANDA, 1998, p.61)

O primeiro período é marcado por publicações de caráter mais comercial e relacionadas à decoração, comparado ao segundo período, e publica-se um encarte conjunto a cada volume da revista chamado “São Paulo Imobiliário”, a partir de abril de 1940 (edição nº24) e estende-se a setembro de 1952 (edição nº173).

INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL – IAB

Em 1921 teve início o Instituto de Arquitetos do Brasil no Rio de Janeiro. Entidade fundada para congregar os arquitetos deste país já que naquela época nenhuma lei de caráter profissional amparava essa atividade. Arquitetos da então Capital da República quase todos diplomados pela Escola Nacional de Belas Artes e outros com cursos no estrangeiro resolveram dar início a uma entidade que tivesse como finalidade precípua defender os interesses da profissão e ao mesmo tempo cooperar para o desenvolvimento da cultura e da arte brasileiras.

(...)

Hoje, o Instituto de Arquitetos do Brasil constitui-se de um Conselho Superior que orienta os Departamentos nos Estados que, por sua vez, desenvolve Núcleos em cidades ou regiões onde existam poucos arquitetos. Como tivemos oportunidade de informar em comentário anterior nesta revista, é ridícula a existência de arquitetos na absoluta maioria dos municípios brasileiros. Assim mesmo, pela atuação das escolas de arquitetura, é agradável ver-se que o número de profissionais aumenta constantemente. Dessa forma, o IAB já conta com muitos Departamentos nos Estados cuja atividade, apesar de estafante, já se faz sentir no campo da cultura e do desenvolvimento artístico em nosso país (CORONA, 1971, p. 8).

O IAB foi fundado em janeiro de 1921 e sua presidência⁸⁴ sempre foi exercida por importantes arquitetos das diversas áreas de atuação profissional que muito contribuíram para o desenvolvimento da Arquitetura no Brasil.

Como já citado, a participação do IAB fez-se direta ou indiretamente no desenvolvimento da revista Acrópole, em suas publicações, contribuindo para a dinâmica de trabalho da revista. Isso porque era nas reuniões do IAB e, posteriormente, em sua sede, na cidade de São Paulo, quando e onde realizavam-se as principais discussões do meio arquitetônico e da construção civil. Dentro deste ambiente, foram travados os contatos entre o corpo editorial da revista e os profissionais da área, muito procurados na busca por material a ser publicado. Assim foram feitos os convites para publicação de obras. A princípio, é a revista quem vai convidar os arquitetos a publicarem seus

⁸⁴ Sempre presidiram o IAB alguns dos principais representantes da arquitetura brasileira, engajados sempre no discutir, atualizar e valorizar a profissão da Arquitetura no Brasil.

trabalhos. Mas, desde já, alguns profissionais iriam também contatar o corpo editorial buscando a publicação de material próprio.

Sobre o trabalho da revista *Acrópole* na divulgação de nossa arquitetura, afirma Oswaldo Bratke em entrevista a Hugo Segawa⁸⁵, para a revista *Projeto*: “Não falhava, e o Instituto [IAB/SP], no meu tempo, a protegeu na medida do possível. O Max, seu proprietário implorava por material para publicar, pagando todas as despesas com foto, clichê etc. Foi de grande ajuda para o Instituto. Ele deveria ter seu nome gravado no IAB” (BRATKE, 1988).

Na ocasião da construção da sede do IAB/SP, Bratke foi eleito presidente do departamento de São Paulo e, na intenção de arrecadar fundos para auxiliar no término da construção de sua sede, buscou o auxílio do editor da revista *Acrópole*, Max Gruenwald.

Foi dele a idéia de dividir o térreo do edifício, destinado a aluguel, em pequenos estandes de material de construção, uma iniciativa pioneira na cidade, adotada por Bratke também, diante de uma feira de materiais de construção que havia visto no centro de Nova Iorque.

Seria uma mostra permanente de materiais de construção. O Max providenciou tudo e a partir daí passou a ter uma pequena participação com uma porcentagem nos negócios e, com isso, concluímos o prédio do Instituto e ele começou firme na revista.

O pessoal metia o pau na *Acrópole* porque o papel era péssimo, que não-sei-mais-o-quê. Mas tinha uma grande qualidade: nunca recusou um projeto para publicar. Nunca houve “igrejinha” para dizer o que se publicava em suas páginas. Um grupo até tentou fazer uma revista oficial do IAB, competindo com a *Acrópole*. Mas ela deixou de ser publicada (BRATKE, 1988).

Algumas organizações de arquitetos, que antecederam a fundação do IAB expunham o anseio destes profissionais por um local adequado para discutir a profissão do arquiteto e valorizá-la, como relata a coluna intitulada “Histórias para a História” (NEVES, 1956), baseada em uma entrevista concedida por Christiano S. das Neves a Alfredo Paesani.

Essa entrevista registra as organizações de arquitetos que precederam a formação oficial do Instituto dos Arquitetos do Brasil e a atuação dos arquitetos filiados e participantes dos eventos e discussões ocorridos neste Instituto, fortalecendo sua representatividade e grande importância na propagação dos ideais modernistas na arquitetura brasileira.

Primeiramente, segundo relata o arquiteto Christiano S. das Neves (NEVES, 1956), existiu em São Paulo uma Sociedade de Arquitetos (1912), que não causou grande repercussão e teve uma duração efêmera, de um ano.

⁸⁵ Entrevista concedida por Oswaldo Bratke a Hugo Segawa, “A arte de bem projetar e bem construir”, na coluna “Ensaio e Pesquisa” da revista *projeto*.

Entre os anos de 1921 e 1922, foi fundado o Instituto Brasileiro de Arquitetos, “lembrava a criação de um órgão de classe para defender os nossos interesses e a estética de nossas cidades”, afirma Neves (1956), sobre os ideais que regiam a fundação desta organização.

Em seguida, a instalação desta Sociedade fez-se no Rio de Janeiro, contando com uma grande participação dos arquitetos lá residentes.

Posteriormente, “uma cisão de caráter estético, fez com que se fundasse, logo a seguir, outra entidade de classe, a Sociedade Central de Arquitetos” (NEVES, 1956). Os dois Institutos fundiram-se e criou-se, assim, em 1924, o Instituto Central de Arquitetos. Neste momento criam-se então diversas entidades de caráter regional, nas principais cidades do Brasil, e, em 1937 essas associações foram fundidas e transformadas no Instituto de Arquitetos do Brasil, com sede primeiramente no Rio de Janeiro e departamento em vários Estados.

Em 1930 funda-se em São Paulo o Instituto Paulista de Arquitetos (IPA), atendendo a necessidades locais, funcionando até 1932, cessando provisoriamente suas atividades devido a Revolução. Posteriormente, retomou poucas de suas atividades no aguardo de sua filiação em âmbito nacional ao IAB. Ausentado de participação na fundação em 1937 do departamento de São Paulo de IAB, afirma Christiano S. das Neves:

(...) Nem o IPA, nem eu pessoalmente como arquiteto, continuou nosso entrevistado, fomos convidados para êsses entendimentos, entabulados e ultimados principalmente pelos então jovens do Rio e de São Paulo.

Todavia, a influência do “modernismo”, do qual êle [Christiano S. das Neves] é o eterno oposicionista, e a ideologia política esquerdista de um grupo de profissionais, podem figurar como elementos que os afastaram daquelas demarches (NEVES, 1956).

NOVA DIREÇÃO DA REVISTA ACRÓPOLE -SETEMBRO DE 1952 - MAX E MANFREDO GRUENWALD

O fato que caracteriza a Acrópole na sua primeira fase (anterior a 1952) é a raridade de textos de reflexão sobre a arquitetura, pouco se comenta sobre as transformações metodológicas no projeto moderno de arquitetos como Rino Levi, Warchavichik, Artigas e Osvaldo Bratke. Um trabalho lento contra esta situação é observado na Acrópole, que em meados da década de 50, converte-se num forte interesse de integração disciplinar.

A revista procura adaptar-se a formação do campo específico e a institucionalização da linguagem moderna na arquitetura brasileira. A revista aperfeiçoa sua “parte redatorial”, moderniza “suas ilustrações em cores”. Apesar da crítica insuficiente no início, a revista apresenta o maior fôlego de sobrevivência entre as revistas de arquitetura do período. Pode-se relacionar este fato, sobretudo, à visão comercial de trabalho com publicidade organizada em “bases sólidas” (MIRANDA, 1998, p. 67).

Durante sua segunda fase, caracterizada pela mudança de seus proprietários, a revista sofreu grande número de alterações relacionadas ao caráter de suas publicações, à sua comunicação gráfica, à participação de seus colaboradores, à sua publicidade e à maneira de relacionar-se com os arquitetos e com o Instituto dos Arquitetos do Brasil. Isso porque seus novos proprietários não eram arquitetos e haviam comprado a revista por uma questão de interesse comercial⁸⁶.

Alguns arquitetos, ao longo deste período, adquirem grande importância para o funcionamento da revista, na medida em que auxiliam na sugestão de material a ser publicado, assim como colaboram diretamente com material a ser publicado.

Pode-se destacar a atuação dos arquitetos associados ao IAB, entre eles, os redatores de seu Boletim. Assim como alguns arquitetos cujo material publicado originou posteriormente a publicação livros⁸⁷, como cita Carlos Lemos:

(...) Corona teve a idéia de elaborar comigo um dicionário de arquitetura brasileira, no que me empenhei com verdadeira pertinácia, trabalhando pelo menos duas horas

⁸⁶ Entrevista com Manfredo Gruenwald, concedida a autora, no dia vinte e nove de setembro de 2006.

⁸⁷ Em entrevista, concedida a autora, em vinte e cinco de fevereiro de 2007, Carlos Lemos afirma que a publicação do Dicionário da Arquitetura Brasileira foi desde seu início idealizada como um só volume. Este deveria conter todas as suas publicações parciais, a maneira de um encarte de 3 ou 4 páginas em cada volume da revista. O convite ao desenvolvimento deste trabalho foi feito por Max Gruenwald, com a visão de um empresário, visando rentabilidade em sua execução e aumento nas vendas, garantido por seus colecionadores.

por dia no final do meu expediente na Engenharia Sanitária, onde formei uma competente biblioteca de consulta (LEMOS, 2005, p. 166).

No que diz respeito à comunicação gráfica da revista, suas capas eram desenvolvidas pelo próprio Manfredo Gruenwald, mas também receberam a colaboração de “Alexandre Wollner, Enzo Grinover, [João Carlos] Cauduro e [Ludovico] Martino, Abrahão [Velvu] Sanovicz e Júlio [Roberto] Katinsky” (SERAPIÃO, 2006).

Cobrindo todo o território nacional e vários pontos do exterior, essa publicação mantém contacto permanente com todos os principais centros de onde emanam as vigas mestras da engenharia contemporânea. Por êsse motivo e por querer sempre aprimorar seus serviços, a Revista lança agora um convite a todos os arquitetos. Pede-lhes que enviem colaborações à sua redação, bem como dados e ilustrações sôbre valores novos da engenharia nacional. Por sua vez, ela está pronta para fornecer informações que digam respeito a assunto de sua especialidade.

É como o objetivo de promover uma aproximação maior entre os que labutam dentro do seu campo de ação, que Acrópole faz êsse convite.

Divulgando com regularidade notícias ligadas à arquitetura, ela procura cada vez mais fornecer aos seus leitores um clima de pura confraternização, no ambiente da grandeza de São Paulo, isto é, na esfera superior de progresso, do trabalho e do poderio econômico. ([EDITORIAL], 1954, p.1)

A revista circulou tanto no Brasil como no exterior e noticiou sobre a arquitetura nacional e internacional contemporânea. Para tanto convidava os arquitetos a colaborarem na elaboração de publicações. Este contato aproximava-os da revista, na medida em que aprimorava arquitetônica e criticamente seu material.

Durante o período de funcionamento da revista, inúmeros editoriais conferiram-lhe sua devida importância, contando e recontando sua história desde a fundação e citando as publicações especiais. Essas publicações consideradas como especiais buscavam promover e divulgar o desenvolvimento da arquitetura brasileira. À frente da revista, colaboravam alguns dos mais importantes arquitetos e pesquisadores, conferindo-lhe maior importância dentro da trajetória da arquitetura brasileira, na medida em que este periódico se tornava uma das mais importantes publicações especializadas dentro deste meio.

Como relata este editorial dedicado a edição especial a cidade de São Paulo, em junho de 1963 (edição nº 295/296) comemorativa dos vinte e cinco anos de funcionamento da revista Acrópole.

A revista Acrópole, o mais antigo órgão de arquitetura editado no Brasil a circular atualmente, completa 25 anos de atividades ininterruptos. Fundado em maio de 1938 (assinatura 50 mil-réis, nº avulso, 5 mil-réis), no escritório do arq. Eduardo Kneese de Mello, foi seu fundador Roberto A. Côrrea de Brito. A redação se situou sucessivamente na rua Benjamin Constant 23, rua da Figueira 705, rua Boa Vista 57, rua 24 de maio 104, rua Barão de Itapetininga 93 e rua Xavier de Toledo 264.

A partir de maio de 1940 até janeiro de 1953 editou um suplemento imobiliário com o movimento de construções e preços de terrenos em São Paulo. A revista foi vendida em começos de 1953 aos atuais proprietários.

Constam de suas edições o livro “Residências – Interiores”, editado em 1955, “Notas sobre a Evolução da Morada Paulista”, arq. Luiz Saia, em 1957, “Veneziana e Vidro”, arq. Bina Fonyat, um número especial sobre Brasília (abril 1960) em duas edições, tendo publicado mensalmente (de janeiro, 1954 até junho, 1959) o boletim do Instituto de Arquitetos do Brasil, Dept. de São Paulo, e durante 5 anos (nº 222 até 280) o “Dicionário da Arquitetura Brasileira” dos arqs. Eduardo Corona e Carlos Lemos, obra esta em vias de ser publicada em forma de livro. Edita mensalmente em suas páginas o Boletim do Instituto Brasileiro de Acústica.

Assinantes estendem-se por todo o Brasil, países da América Latina, e muitas cidades européias, asiáticas e africanas. A revista é enviada, por intermédio do Itamaraty, a todas as embaixadas e consulados do Brasil no exterior.

Acrópole mantém permuta com cerca de 70 revistas congêneres brasileiras e estrangeiras. Durante os anos, a revista se tornou importante ponta de lança da boa arquitetura, especialmente no interior dos Estados, onde o contato com obras novas e qualitativas é relativamente difícil. Os 294 números espelham também o desenvolvimento da arquitetura contemporânea (EDITORIAL, 1963).

Alguns arquitetos destacam-se através da publicação de textos de sua autoria sobre temas específicos sobre a arquitetura e urbanismo. Sobre eles, discorro a seguir.

LUIS SAIA

Inicia-se em julho de 1955 (edição nº 201) a publicação mensal de Luis Saia, intitulada “Notas sobre a evolução morada paulista” até março de 1956. Em 1972, este material foi publicado livro intitulada “Morada Paulista” (SAIA, 1972). De abril a junho de 1956, publica a coluna “Notas relacionadas com a Tectônica Demográfica de São Paulo” (edições nº210, nº211 e nº212). Dividido em duas partes, o texto “Urbanismo em São Paulo”, em novembro de 1956 (edição nº 217) e em maio de 1957 (edição nº 223).

Saia também colabora na revista com a publicação dos seguintes textos: “Resposta a uma Crítica”, em outubro de 1958 (edição nº 240); “Notas para a teorização de São Paulo”, em junho de 1963 (edição nº295/296); “Congresso de Cuba”, em agosto de 1963 (edição nº 297); “Édipo Ingenierios”, em junho de 1965 (edição nº 318); “Arquitetura de forno e fogão”, em abril de 1967 (edição nº 338); “Morada seiscentista do Tatuapé”, em novembro de 1968 (edição nº 356); “Sede do sítio Mirim”, em fevereiro de 1969 (edição nº 358); “Do pau Brasil ao pinho de riga”, em novembro de 1970 (edição nº 379) – edição especial sobre o Mobiliário Brasileiro.

CARLOS LEMOS

Autor conjuntamente a Eduardo Corona da coluna mensal “Dicionário da Arquitetura Brasileira no Brasil” (publicado desde a edição nº 222, de abril de 1957, à edição nº 280, de março de 1960).

Desenvolve o livro “Roteiro de arquitetura contemporânea São Paulo” conjuntamente a Eduardo Corona, publicado em anexo a edição especial a cidade de São Paulo, em junho de 1963 (edição nº 295/296), comemorativa dos vinte e cinco anos de funcionamento da revista Acrópole.

Lemos também colabora na revista com a publicação dos seguintes textos: “A Capela de Ivopurunduva”, em janeiro de 1957 (edição nº 219); “Iporanga”, em março de 1957 (edição nº 221); “A Casa Bandeirista nos Inventários do Segundo Século”, em outubro de 1957 (edição nº 228); “A Casa Grande do Brigadeiro Tobias”, em agosto de 1958 (edição nº 238); “Notícia de Documento Interessante”, em janeiro de 1959 (edição nº 243); “Outra Casa Velha”, em julho de 1959 (edição nº 245); “Capelas alpendradas de São Paulo”, em junho de 1960 (edição de nº 260); “Capelas alpendradas de São Paulo”, em julho de 1960 (edição de nº 261); “Partido arquitetônico paulista em Goiás”, em setembro de 1961 (edição de nº 274).

BOLETIM DO INSTITUTO BRASILEIRO DE ACÚSTICA

A Revista Acrópole, prestando a mais ampla e irrestrita colaboração às entidades ligadas no campo de Engenharia e Arquitetura, divulga já há 3 meses o Boletim Mensal do I.B.A., orientado pelos Dr. Bernardo Bedrikow, Eng. Roberto Paulo Richter, João Lellis Cardoso e Orlando Manoel Brogiolo ([EDITORIAL], 1958).

A partir de abril de 1958 (edição de nº 234) inicia-se a publicação inserida no corpo da revista do Boletim Mensal do Instituto Brasileiro de Acústica, sob a responsabilidade de profissionais especializados no assunto. Essa publicação estende-se até o ano de 1967 (edição de janeiro/fevereiro nº 336) e busca discutir temas relacionados à acústica, os estudos na área, abordando projetos e materiais, no Brasil e no mundo, visando a solucionar os problemas das edificações referentes a este tema, colaborando para o conforto acústico.

PRANCHETA VIVA

Em junho de 1956 (edição nº 212) inicia-se a coluna intitulada “Prancheta Viva”, anteriormente intitulada “Detalhes Técnicos”, onde são expostos detalhes construtivos ou de mobiliário utilizados em alguns projetos publicados na mesma edição da revista. A existência desta coluna faz-se até a extinção da revista, embora eventualmente não seja publicada em algumas edições.

– EDIÇÕES TEMÁTICAS –

ESPECIAIS DA ACRÓPOLE DEDICADOS A UM TEMA ESPECIAL OU A OBRA DE ARQUITETO (S)

(...) a ACRÓPOLE como editora, publicou: um livro sobre Residências e Interiores, em junho de 54; Notas sobre a evolução da Morada Paulista de autoria de Luís Saia em 1957; a monografia Janelas – Venezianas de Bina Fonyat em setembro de 1959 e o Roteiro da Arquitetura Contemporânea em São Paulo dos arquitetos Corona e Lemos em junho de 63, além de ter editado a tese do arquiteto Eduardo Corona intitulada Princípios Fundamentais de Composição na Arquitetura Brasileira em setembro de 1957. Publicou, ainda, durante 5 anos seguidos, de abril de 57 a março de 62 o Dicionário da Arquitetura Brasileira dos arquitetos Eduardo Corona e Carlos Lemos (CORONA, p. 7, 1971).

Em seu editorial a última publicação da revista, “Vida e morte de uma revista”, Eduardo Corona faz referência aos diversos especiais desenvolvidos pela revista, um aumento quantitativo pode ser verificado com o segundo corpo editorial da revista, principalmente, no final de suas publicações.

	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABRIL
XIV					173	174	175	176	177	177	178	179
XV	181						182	183	184	185	186	187
XVI	188	189	190	191	192	193	194	195	195	196	197	198
XVII	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210
XVIII	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222
XIX	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234
XX	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246
XXI	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256 / 257		258
XXII	259	260	261	262	263	264	265	266	267		268	269
XXIII	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281
XXIV	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293
XXV	294	295 / 296		297	298	299	300	301		302	303	304
XXVI	306	307	308	309	310	311	312		313	314	315	316
XXVII	317	318	319	320	321	322	323	324	325		326	327
XXVIII	328	329	330	331	332	333	334	335	336		337	338
XXIX	339	340	341	342	343	344	345	346	347		348	349
XXX	350	351	352	353	354	355	356	357	358		359	360
XXXI	361	362	363	364	365	366	367	368	369 / 370		371	372
XXXII	373	374	375 / 376		377	378	379	380	381		382	383
XXXIII	384	385	386	387	388	389	390 / 391					

– EDIÇÕES TEMÁTICAS SEGUNDO A PESQUISA –

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1952									173	174	175	176
1953	177	178	179	180	181						182	183
1954	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195
1955	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206
1956	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218
1957	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230
1958	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242
1959	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254
1960	255	256 / 257		258	259	260	261	262	263	264	265	266
1961	267		268	269	270	271	272	273	274	275	276	277
1962	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289
1963	290	291	292	293	294	295 / 296		297	298	299	300	301
1964	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	
1965	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324
1966	325		326	327	328	329	330	331	332	333	334	335
1967	336		337	338	339	340	341	342	343	344	345	346
1968	347		348	349	350	351	352	353	354	355	356	357
1969	358		359	360	361	362	363	364	365	366	367	368
1970	369 / 370		371	372	373	374	375 / 376		377	378	379	380
1971	381		382	383	384	385	386	387	388	389	390 / 391	

Esta pesquisa considera a existência de dois tipos de edições especiais, voltadas à obra de arquiteto (s) ou a temas especiais.

As edições especiais dedicadas à obra arquiteto(s), geralmente, são precedidas de um texto introdutório de apresentação, e as obras são selecionadas e apresentadas a sua maneira pelo(s) arquiteto(s). A exceção de Carlos Millán, cujas publicações dedicadas a sua obra são póstumas, Oscar Niemeyer (edição de número 362, ano de 1969), cuja obra a ser publicada constitui parte de uma exposição realizada no momento da inauguração do novo edifício da FAU-USP.

Estas publicações, a exceção do especial dedicado à obra de Sérgio Bernardes (edição de número 301, ano de 1963) e Oswaldo Bratke (edição de número 326, ano de 1966), são inteiramente dedicadas à obra do(s) arquiteto(s) homenageado.

Já as publicações de temática especial, podem ser inteiramente dedicadas a um tema, como é o caso dos especiais sobre a cidade de Brasília (edições de número 256/257, ano de 1960 e número 375/376, ano de 1970), metrô em São Paulo (edição de número 359, ano de 1969), cidade de São Paulo (edição de número 295/ 296, ano de 1963), janelas (edição de número 293, ano de 1963), ou parcialmente dedicadas a um tema especial, onde há outros tipos de publicação na mesma edição (ver quadro abaixo)

– TEMA ESPECIAL –

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1960	255	256 / 257		258	259	260	261	262	263	264	265	266
1961	267		268	269	270	271	272	273	274	275	276	277
1962	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289
1963	290	291	292	293	294	295 / 296		297	298	299	300	301
1964	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	
1965	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324
1966	325		326	327	328	329	330	331	332	333	334	335
1967	336		337	338	339	340	341	342	343	344	345	346
1968	347		348	349	350	351	352	353	354	355	356	357
1969	358		359	360	361	362	363	364	365	366	367	368
1970	369 / 370		371	372	373	374	375 / 376		377	378	379	380
1971	381		382	383	384	385	386	387	388	389	390 / 391	

Brasília – 2 especiais: nº 256/257 (1960) e nº 375/376 (1970)

São Paulo – especial sobre a cidade de São Paulo: nº 295/ 296 (1963); especial sobre o metrô na cidade de São Paulo: nº 359 (1969)

Janelas: nº 293 (1963)

Concursos de Arquitetura: nº 283 (Assembléia Legislativa de Minas Gerais), nº 288 (Anteprojeto para clube de campo), nº 294 (Anteprojeto), nº 298 (Assembléia Legislativa de Minas Gerais), nº 300 (Clube da Orla), nº 301 (Escolas de Arquitetura), nº 302 (Igreja Presbiteriana Nacional), nº 308 (Concurso para hospital em Recife), nº 310 (Centro Comercial), nº 312 (Monumento a fundação de Goiânia), nº 320 (Paço e Centro Cívico de Santo André), nº 321 (Quartéis Gerais), nº 325 (Centro turístico na Espanha), nº 327 (Sede de clube), nº 328 (Teatro), nº 339 (Dep. Federal de Segurança Pública e Mercado Público), nº 354 (Biblioteca de Salvador), nº 357 (Secretaria da Agricultura), nº 361 (Pavilhão de Osaka), nº 371 (Hotel), nº 373 (Edifício sede SESI-CIESP), nº 382 (Concurso do Estádio de Futebol do Paraná)

Fachadas de edifícios: nº 304 (1964)

Planejamento de Unidades Sanitárias (Clubes-saúde): nº 311 (1964)

Escolas: nº 314 (1965)

Oscar Niemeyer: 90 dias em Israel: nº 321 (1965)

Núcleo habitacional do Amapá: nº 326 (1966)

Bibliotecas: nº 329 (1966)

Cidade Universitária de São Paulo: nº 327 e 331 (1966)

Banco Nacional da Habitação (BNH): nº 350 (1968)

Cidade Universitária do ABC: nº 355

X Bienal de Arquitetura de São Paulo: nº 366 (1969)

Elementos de fechamento em edifícios: 367 (1969)

Cidade Universitária de Brasília: n° 369/370 (1970)

Projetos referentes a cidade de Santos: n° 374 (1970)

Madeira: n° 379 (1970)

– OBRA DE ARQUITETO (S) –

(...) durante todos êsses anos foi a revista publicando projetos e obras da maioria dos arquitetos de São Paulo e grande número de outros do resto do país. Realizou também números especiais como: IV Centenário de São Paulo em janeiro de 1954; 25° aniversário da Revista, sobre a cidade de São Paulo em maio de 63; sobre Sérgio Bernardes, em dezembro de 63; sobre a inauguração de Brasília, em fevereiro de 60 (2 edições); sobre escolas dos arquitetos Hélio Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Tibau, em fevereiro de 65; sobre Carlos Millan (2 números, em maio de 65 e setembro de 66; sobre os arquitetos Flávio Império, Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre, em julho de 65; sobre Oswaldo Bratke e seu projeto de cidade no Amapá em março de 66; sobre João Toscano, em abril de 67; sobre Paulo Mendes da Rocha e João Gennaro, em agosto e setembro de 67 (2 números); sobre Joaquim Guedes, em fevereiro de 68; sobre Zanettini, Campos F. e Corrêa, em julho de 68; sobre Oscar Niemeyer, em julho de 69; sobre o Metrô, em março de 69; sobre a Universidade de Brasília, em janeiro de 70; sobre o Mobiliário Brasileiro, contribuição de Luís Saia, em novembro de 70; sobre Jorge Caron, em junho de 70; sobre Ruy Ohtake, em julho de 71; sobre Eduardo Longo (2 números), setembro e outubro de 71 e agora este último, dedicado às obras e trabalhos dos arquitetos João Cauduro e Ludovico, de dezembro de 71 (CORONA, 1971, p. 7).

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1954	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195
1955	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206
1956	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218
1957	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230
1958	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242
1959	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254
1960	255	256 / 257		258	259	260	261	262	263	264	265	266
1961	267		268	269	270	271	272	273	274	275	276	277
1962	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289
1963	290	291	292	293	294	295 / 296		297	298	299	300	301
1964	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	
1965	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324
1966	325		326	327	328	329	330	331	332	333	334	335
1967	336		337	338	339	340	341	342	343	344	345	346
1968	347		348	349	350	351	352	353	354	355	356	357
1969	358		359	360	361	362	363	364	365	366	367	368
1970	369 / 370		371	372	373	374	375 / 376		377	378	379	380
1971	381		382	383	384	385	386	387	388	389	390 / 391	

ARQUITETURA MODERNA (IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO – IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS):

1 especial dedicado aos arquitetos: Rino Levi, Warchavchik, Henrique Mindlin, Abelardo de Souza, Francisco Beck, J. Vilanova Artigas, Carlos A. Gomes Cardim Filho, Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Arthur Bratke, Zenon Lotufo, Ícaro de Castro Mello, Rodolpho Ortenblad Filho, Oswaldo Côrrea Gonçalves, Hélio Duarte e Carvalho Mange, Eduardo Corona, Philipp Lohbauer, Gilberto M. Tinoco e Ibsen Pivatelli, Luciano Gomes Cardim – nº 184 (1954)

SÉRGIO BERNARDES: 1 especial dedicado à Arquitetura na VII Bienal de São Paulo, em que o arquiteto recebeu uma sala especial dedicada a sua obra de arquitetura – nº 301 (1963)

CARLOS MILLÁN: 2 especiais – nº 317 (1965) e nº 332 (1966)

FLÁVIO IMPÉRIO, RODRIGO LEFÈVRE E SÉRGIO FERRO: 1 especial – nº 319 (1965)

OSWALDO BRATKE: 1 especial – nº 326 (1966)

JOÃO WALTER TOSCANO: 1 especial – nº 338 (1967)

PAULO MENDES DA ROCHA: 2 especiais – nº 342 e nº 343 (1967)

JOAQUIM GUEDES: 1 especial – nº 347 (1968)

CÂNDIDO MALTA CAMPOS F., MANOEL K. CORRÊA E SIEGBERT ZANETTINI: 1 especial – nº 352 (1968)

OSCAR NIEMEYER: 1 especial – nº 362 (1969)

VILANOVA ARTIGAS: 1 especial – nº 377 (1970)

JORGE CARON: 1 especial – nº 385 (1971)

RUY OHTAKE: 1 especial – nº 386 (1971)

EDUARDO LONGO: 2 especiais – nº 388 e 389 (1971)

CANDURO / MARTINO ARQUITETOS ASSOCIADOS: 1 especial – nº 390 / 391 (1971)

EDITORIAIS DA REVISTA ACRÓPOLE - SETEMBRO DE 1952 A DEZEMBRO DE 1971

Diante da proposta crítica desta pesquisa, cujo foco faz-se nas publicações da revista Acrópole, seus editoriais adquiriram grande importância, tornando-se também um objeto de análise essencial.

A seguir, procura-se esclarecer o desenvolvimento da revista com relação a seus editoriais, diante da participação e atuação do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), do material publicado nas revistas e das principais discussões realizadas neste período.

Temas que abrangiam o uso e aplicação de novos materiais construtivos, suas técnicas, edificações construídas no período, elaboração de leis relacionadas à construção civil e à profissão do arquiteto, suas atribuições profissionais e a divulgação de eventos e outras publicações referentes a arquitetura e urbanismo.

Em setembro de 1952 (edição nº 173), o editorial da revista dedica-se a explicitar a alteração de proprietários e do corpo editorial da revista.

Nas edições seguintes, nº 174, nº 175, nº 176, nº 177, nº 178, nº 179, nº 180 e nº 181, os editoriais relacionam-se a temas de interesse do IAB, que estão na pauta de discussão deste órgão. Posteriormente, entre janeiro de 1954 e dezembro de 1971, pode-se classificar o desenvolvimento do editorial da revista em três fases ⁸⁸, segundo sua ordem cronológica: de janeiro de 1954 a abril de 1959; de abril de 1959 a fevereiro de 1963 e de fevereiro de 1963 a dezembro de 1971.

⁸⁸ Embora situada fora do recorte temporal desta pesquisa, vale lembrar a existência de uma importante publicação conjunta à revista, o Suplemento Imobiliário, de maio de 1940 a setembro de 1952. O qual publicava o movimento das construções e preços de terrenos na cidade de São Paulo.

PRIMEIRA FASE

De janeiro de 1954 a abril de 1959

Apresenta a publicação integral do Boletim Mensal do Instituto dos Arquitetos do Brasil⁸⁹, respeitando-se, inclusive, a numeração própria do boletim, distinta da numeração referente ao volume da revista dentro da qual era publicado. Isso enfatizava o fato de que este boletim era elaborado pelo IAB e publicado na revista Acrópole.

Neste momento, duas colunas eram apresentadas na primeira página da revista: índice e editorial. Como pode-se verificar no editorial da revista “Em todos os números desta revista, neste mesmo canto de página, apresentamos aos nossos leitores, à guisa de introdução, em pequeno artigo sobre assunto de nossa especialidade. Antes de emitir uma opinião, estas linhas pura e simplesmente sugerem um problema ([EDITORIAL], revista Acrópole, nº 210, 1956)”.

Esses editoriais não possuíam assinatura, com exceção de alguns poucos exemplares, onde constavam depoimentos de alguns profissionais da área relacionados a algum assunto específico no editorial.

São Paulo é uma cidade imprevidente. Solta e desamparada, ela tem seguido o tempo, porém sempre ao acaso, sempre provisória, sem plano urbanístico preestabelecido... São Paulo cresceu ao sabor das improvisações, das necessidades imperiosas do momento, das iniciativas particulares. Hoje, alertados, os urbanistas tentam dar a São Paulo uma fisionomia de cidade grande, alargando suas ruas e arborizando-as, ou rasgando novas avenidas, idealizando modernas praças públicas, descentralizando o comércio... São problemas esses que estão sendo atacados tardiamente. Nosso dever é pois evitar que as cidades que estão nascendo por este Brasil venham a ser vítimas desses mesmos problemas ([EDITORIAL], 1956).

O caráter social do discurso de alguns editoriais era explicitado no apelo para que os arquitetos colaborassem através da prática considerada adequada da arquitetura e do urbanismo.

RELAÇÃO DO IAB COM A REVISTA

Nas páginas seguintes, eram publicados os Boletins Mensais do IAB, com a manutenção da diagramação do próprio Boletim, evidenciando seu caráter individualizado.

Sua publicação, conjunta e interna à revista, fazia-se por interesse do próprio IAB, buscando ampliar o conhecimento de suas discussões internas e a existência deste Instituto a um número maior de pessoas. Era interessante também para o corpo editorial da revista, tendo em vista o aumento das

⁸⁹ O Boletim Mensal do IAB foi publicado na revista Acrópole desde janeiro de 1954 (edição nº 184) até abril de 1959 (edição nº 246).

vendas de exemplares, uma vez que os associados, para obter o boletim, teriam que comprar o periódico.

Já tem o Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento de São Paulo, publicados cinquenta números de seu boletim, mensalmente distribuído a todos os seus associados e inserido originariamente na revista Acrópole, que de maneira simpática e acolhedora tem servido de forma positiva aos arquitetos de São Paulo e do Brasil.

Aliás, não poderia ser de outro modo o papel desempenhado pela revista na pessoa de seus diretores e proprietários que incansavelmente põe as páginas de sua publicação ao alcance de todos e principalmente no afã de divulgar nossa arquitetura.

O I.A.B. tem tido assim a acolhida mais desinteressada, ao mesmo tempo eficiente, pois onde quer que atinja um exemplar da revista – sabem todos que a maioria dos países do mundo a recebem – estará o Instituto de Arquitetos noticiando seus problemas, seus anseios, suas conquistas ([EDITORIAL], maio de 1958)⁹⁰.

Essa relação estreitou o contato entre a revista e este Instituto. Desta proximidade, verifica-se a existência de um aumento da participação e atuação dos donos da revista dentro das atividades do IAB e, conseqüentemente, de sua importância junto a este Instituto.

O IAB foi fundado com a ideologia de discutir temas relacionados à área de arquitetura e urbanismo, procurando reconhecimento e melhor caracterização das funções da profissão do arquiteto.

Embora sua proposta não fosse à formação de um meio de discussão restrito, mesmo que em alguns momentos possa ter sido específico, voltado apenas a arquitetos e engenheiros-arquitetos, a presença mais notória nesta Instituição era composta esses profissionais. Ao evidenciar-se a presença constante da revista no IAB e salientando-se que não trabalhava, nesta revista, nenhum profissional especializado da área, podemos afirmar que o estreitamento dos laços entre a revista e o Instituto era essencial para a atuação da revista, com suas publicações vinculadas ao Instituto.

Mesmo assim, não se pode considerar que esta revista constituiu um meio de publicação do IAB ou diretamente a ele voltada.

A revista também cultiva e desenvolve durante este período sua individualidade e suas características particulares, fruto do trabalho de sua equipe interna e em alguns momentos, com o auxílio de alguns profissionais vinculados ao IAB, a convite da própria revista. “[A revista Acrópole] publicou o Boletim do I.A.B. de São Paulo de janeiro de 54 a abril de 59, depois editado separadamente durante vários anos” (CORONA, 1971, p. 7).

Através da revista, o IAB viabilizou a publicação de suas discussões e garantiu que elas não se mantivessem restritas apenas aos seus associados e aos participantes de suas reuniões.

⁹⁰ [EDITORIAL]. 50 Números de nosso Boletim. Boletim Mensal do I.A.B. – Deptm. de São Paulo. São Paulo: nº 51, maio de 1958.

Como redatores do Boletim do IAB, de janeiro a dezembro de 1956, constam Alfredo Paesani, Bernardo Castelo Branco, Pedro Torrano e Rodolpho Ortenblad Filho.

A partir da publicação de dezembro de 1956 (nº 218), o Boletim é acrescido de dois redatores, Carlos Lemos e Eduardo Corona⁹¹.

EDITORIAIS

Dentre os editoriais, destacam-se as edições nº211 ao nº216 da revista, que constituem a opinião favorável da revista a algumas das discussões dentro do IAB, sob o título de “Campanha em favor da racionalização dos elementos utilizados na construção”. Nesses editoriais, alguns profissionais da área depunham sobre os benefícios e necessidades da racionalização, para a construção civil, para o desenvolvimento do país e para a arquitetura.

BOLETIM MENSAL DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL – DEPARTAMENTO DE SÃO PAULO

Nas publicações dos boletins, pode-se, de maneira sucinta, resumir suas publicações, a assuntos referentes ao funcionamento deste Instituto, à profissão do arquiteto, a eventos, notícias, e, eventualmente, a algum artigo ou depoimento de pequena extensão.

Dentre os assuntos referentes ao Instituto, os associados mantinham-se informados das preocupações e das atividades dos membros de seu conselho. A profissão e a atuação do arquiteto foram debatidas em inúmeras publicações, destacando-se a necessidade de regulamentação da profissão. Diante disso, contestavam-se algumas leis e favoreciam-se outras.

Este fortalecimento e maior clareza quanto à profissão e à atuação do arquiteto e o aumento das discussões dentro deste Instituto trouxeram de novo à tona uma questão de grande importância para a arquitetura brasileira: a proposição de uma nova capital federal para este país.

O IAB apresentou muito interesse de participação no processo de mudança da capital federal, desde a proposição de seu local, salientando a necessidade de leituras mais profundas do que as existentes sobre o espaço físico escolhido e as possíveis conseqüências de nele propor uma nova capital federal.

As discussões tornaram-se mais assíduas e as conclusões elaboradas formularam importantes opiniões sobre o processo que se encontrava em desenvolvimento. Diante de tantos pontos de vista, o IAB, emitiu um parecer único e geral, salientando sua importância como Instituto de defesa da

⁹¹ Eduardo Corona, nascido em 1921, em Porto Alegre, forma-se arquiteto em 1946 pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Autor de diversos trabalhos de caráter acadêmico e de importantes livros de arquitetura: Dicionário de Arquitetura Brasileira; Roteiro Arquitetônico da Cidade de São Paulo/ Princípios Fundamentais de Composição na Arquitetura Brasileira; Do arquiteto criador dos espaços habitáveis; Bibliografia Mínima para Escolas de Arquitetura; Arquitetura Moderna Paulistana; Oscar Niemeyer – Uma lição de Arquitetura – apontamentos de uma aula que perdura há 40 anos.

classe de arquitetos e demonstrando seu interesse em uma atuação mais ativa e próxima de seus profissionais de uma forma geral. O parecer era destinado ao presidente da República.

Desse modo, as discussões do IAB, foram direcionadas para o desenvolvimento do edital do concurso do plano diretor da nova capital federal, posteriormente, publicada na Acrópole.

Outros concursos começam a ser divulgados neste boletim, e ao longo do tempo, intensifica-se esse tipo de divulgação.

Nota-se que as publicações de projetos frutos de concurso intensificam-se, sendo publicados, ao menos, o projeto ganhador. Em alguns casos, também eram publicados, segundo e terceiro lugares da competição. Tudo isso tendo em vista a preocupação em expor os diversos pensamentos e projetos propostos para um mesmo tema.

Os Boletins do IAB finalizam sua publicação de forma integral na revista em sua edição de número 63, em abril de 1959, edição número 246 da Acrópole.

SEGUNDA FASE

De abril de 1959 a fevereiro de 1963

Esta fase é caracterizada pelo término da publicação do Boletim Mensal do IAB, e pelo reinício da publicação da coluna “Noticiário”, que em versões anteriores da revista (nº 60 – 1943; nº 154, 155 e 156 – 1951; nº 165 – 1952) localizava-se ao final da publicação, com pequenas e poucas notícias referentes a eventos.

NOTICIÁRIO E ATUALIDADES

O “Noticiário” era constituído por um resumo das notícias do Boletim do IAB⁹² relacionadas a eventos de arquitetura, concursos, premiações, exposições e assuntos de interesse geral do arquiteto. Nota-se que as notícias relacionadas ao IAB tornam-se mais breves e generalizadas.

A partir da edição da revista de número 271, de junho de 1961, o “Noticiário” volta a ser publicado ao final do volume, inicia-se a então a publicação da coluna “Atualidades”, ao início de cada volume.

EDITORIAL

Paralelamente à finalização das publicações do Dicionário da Arquitetura Brasileira, inicia-se outra notável alteração na publicação do editorial, com a coluna “Conheçamos o Brasil”. Esta coluna substitui o pequeno editorial existente até então, de caráter sugestivo de problemáticas e soluções.

Essa coluna, também localizada na primeira página da revista, junto do índice, inicia-se com a participação de Adhemar Chaves, na edição de número 254 (dezembro de 1959) e que se estende até a edição número 270 (maio de 1961). Ela é composta por uma imagem e um pequeno texto introdutório de alguns lugares históricos do Brasil, visando a divulgá-los, dando a conhecer a cultura arquitetônica e histórica brasileira. Com a mesma diagramação da coluna de Adhemar Chaves, inicia-se a partir da edição de número 271, a coluna “Igrejas do Brasil”, sendo publicada até a edição de número 280, cuja provável autoria das fotos e do texto é de Oscar Campiglia⁹³.

Esta coluna não teve uma apresentação de sua intenção de publicação de material, do que se deduz que a finalidade era também divulgar aspectos da arquitetura de igrejas brasileiras de caráter histórico, de diversos lugares do país.

⁹² Por ausência de dados referentes a continuidade da produção independente do Boletim do IAB, e, diante da redução substancial na publicação das notícias referentes a arquitetura e as áreas a ela relacionadas, deduziu-se que o Noticiário é constituído por um resumo das notícias publicadas no Boletim do IAB. Fato este a ser averiguado em acervos que possam apresentar material a ser analisado e comprobatório desta afirmação.

⁹³ Apenas as edições de número 274, 276, 277 e 280 fazem referência ao autor das fotos e texto, Oscar Campiglia. Embora todas as edições da coluna respeitem o mesmo padrão de divulgação de material.

PIONEIROS DO MOVIMENTO MODERNO - abril de 1962 a novembro de 1963

A partir da edição de abril de 1962 (edição nº 281), inicia-se a publicação da coluna “Pioneiros do Movimento Moderno” junto ao índice da revista. À maneira de uma pequena nota, essa coluna publica uma pequena biografia sobre arquitetos considerados “pioneiros do movimento moderno internacional”, além dos exemplos de algumas de suas obras. A publicação desta coluna estende-se até novembro de 1963 (edição nº 300).

- nº 281 – William Morris (1834 – 1896)
- nº 282 – Victor Horta (1861 – 1947)
- nº 283 – Henry H. Richardson (1838 – 1886)
- nº 284 – Adolf Loos (1870 – 1933)
- nº 285 – Louis Sullivan (1856 – 1924)
- nº 286 – Roberto Maillart (1872 – 1940)
- nº 287 – Erich Mendelsohn (1887 – 1953)
- nº 288 - Peter Behrens (1868 -1940)
- nº 289 – Ebenezer Howard (1850 – 1928)
- nº 290 – Hendrik Petrus Berlage (1856 – 1934)
- nº 291 – Charles R. Mackintosh (1869 – 1928)
- nº 292 - Antônio Gaudi (1852 – 1926),
- nº 293 – Otto Wagner (1841 – 1918)
- nº 294 - Tony Garnier (1869 – 1948)
- nº 297 – Frank Lloyd Wright (1869 – 1959)
- nº 298 – Henry Van de Velde (1863 – 1957)
- nº 299 - Joseph Hoffmann (1870 – 1953)
- nº 300 - Hans Poelzig (1869 – 1936)

TERCEIRA FASE

De fevereiro de 1963 a dezembro de 1971

Esta fase é caracterizada pela atuação de Eduardo Corona e pela sua assinatura nos editoriais. É um momento quando são evidenciadas mudanças no caráter das publicações relacionadas principalmente às novas questões da arquitetura e do urbanismo modernos, com grande exposição de proposições de concursos e obras públicas.

As notícias e atualidades nessa fase possuem um espaço ainda menor, abrigando resumos das principais atualidades referentes aos temas de arquitetura e urbanismo ou de áreas correlacionadas e de interesse desta profissão.

NOTICIÁRIO / ATUALIDADES

Com o término da coluna “Pioneiros da Arquitetura Moderna”, na edição de dezembro de 1963 (edição nº 301), a primeira página da revista passa a ser composta pelo índice e por uma coluna de atualidades, que também abriga notícias em geral. A partir da edição de fevereiro de 1964 (edição nº 303) até a edição última, de dezembro de 1971, o editorial de Eduardo Corona também divide espaço com a continuidade desta mesma coluna.

ATUAÇÃO DE EDUARDO CORONA DENTRO DA REVISTA ACRÓPOLE

Porque, arquiteto é quem, mestre na arte de construir de acordo com as melhores condições de vida, cria e anima os lugares os quais atua e vive o homem. Para expressar as aspirações e satisfazer as necessidades de sua época, o arquiteto deve conhecer e compreender o meio humano, na mais ampla acepção do termo, e testemunhar um respeito constante em relação à realidade econômica e todos os demais fatores que incidem sobre o meio (CORONA, 1964, p. 22).

De uma maneira sucinta, pode-se resumir a atuação de Eduardo Corona dentro da revista, considerando seus artigos e editoriais, como um dos principais atuantes dentro do período de pesquisa proposto nesta dissertação.

Inicialmente sua participação faz-se como um dos redatores do Boletim do IAB e, posteriormente, com alguns pequenos textos de sua autoria que são publicados em boletins. Até aí, sua trajetória dentro da revista faz-se de maneira muito semelhante a de Carlos Lemos⁹⁴.

Juntos, esses dois arquitetos foram os autores do “Dicionário da Arquitetura Brasileira no Brasil” (publicado desde a edição nº 222, de abril de 1957, à edição nº 280, de março de 1960). Foram também responsáveis pelo anexo especial na revista comemorativa de 25 anos da revista Acrópole,

⁹⁴ Eduardo Corona e Carlos Lemos também possuem projetos arquitetônicos publicados na revista, dentre eles, projetos e estudos de residências unifamiliares. Carlos Lemos, mantém sua colaboração a revista, através da publicação de artigos, muitos deles referentes a suas pesquisas sobre a arquitetura brasileira.

em junho de 1963 (edição nº 295/296), dedicada à cidade de São Paulo, intitulada “Roteiro de arquitetura contemporânea São Paulo”, como já fora comentado anteriormente.

A participação de Eduardo Corona distingue-se da atuação de Carlos Lemos quando aquele torna-se um dos mais freqüentes colaboradores da revista, assinando seu editorial. Corona tem seu primeiro artigo publicado junto ao índice da revista, em junho de 1962 (edição nº 283), intitulada “Concursos de arquitetura e a defesa do trabalho do arquiteto”.

Posteriormente Eduardo Corona, então redator do IAB, colabora com a revista assinando um texto editorial de caráter mensal, de 1963 até o término das publicações da revista⁹⁵, como ele mesmo afirma “Por fim, de abril de 63 até o presente número o arquiteto Eduardo Corona escreveu o artigo editorial todos os meses” (CORONA, 1971, p. 7).

Esses textos discutiam questões atuais e diretamente relacionadas ao meio cultural e arquitetônico, principalmente sobre a cidade de São Paulo, sobre a arquitetura e o urbanismo em geral e sobre o exercício da profissão em si. Alguns dos textos expunham o interesse de Corona e dos arquitetos do IAB na reformulação do ensino da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, Instituição na qual Corona foi docente.

Segundo entrevista conferida por Manfredo Gruenwald⁹⁶, a participação na publicação de artigos na revista era voluntária, assim como a atuação de Eduardo Corona, que pode ser considerado um importante personagem no desenvolvimento deste periódico, com sua participação freqüente e ativa nas publicações.

EDITORIAL

A partir de fevereiro de 1963 (edição nº 291), Eduardo Corona inicia a publicação de seu editorial com sua assinatura, intitulada “Notas – arquitetura”. Posteriormente, em maio de 1963 (edição nº 294), este editorial ficaria disposto junto ao índice, com o nome de “Atualidade”.

Entre a edição de número 342 e 346, o editorial é constituído por texto do IAB, sem assinatura, à maneira dos antigos Boletins Mensais do IAB, publicados na revista. Suas publicações nessas edições são diretamente voltadas às funções atribuídas à profissão dos arquitetos.

Títulos dos editoriais assinados por Eduardo Corona

Ano 1963

nº 291 – VII Congresso da União Internacional de Arquitetos

nº 292 – O Desenho Industrial, o arquiteto e iniciativas erradas

nº 293 – Sem título – homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer

⁹⁵ Com exceção do especial sobre a cidade de Brasília, edição de nº 255/256, fevereiro de 1960, cujos textos foram especialmente encomendados para este especial.

⁹⁶ Entrevista com Manfredo Gruenwald, concedida a autora, no dia vinte e nove de setembro de 2006.

- nº 294 – O livro de Lúcio Costa
- nº 295/6 – Roteiro de Arquitetura Contemporânea em São Paulo (autoria conjunta a Carlos Lemos)
- nº 297 – Sobre o ensino da arquitetura
- nº 298 – 40 anos de “Vers une Architecture”
- nº 299 – A construção da Cidade Universitária
- nº 300 – A nova lei de regulamentação profissional
- nº 301 – A nova lei de regulamentação profissional II

Ano de 1964

- nº 302 – A nova lei de regulamentação profissional III
- nº 303 – Uma experiência didática
- nº 304 – Desenho industrial
- nº 305 – Normas para conduta profissional para o arquiteto
- nº 307 – A propósito de concursos de arquitetura
- nº 308 – Affonso Eduardo Reidy
- nº 309 – Direção de obras
- nº 310 – “Arquitetura Formas Funções”
- nº 311 – Dificuldades do arquiteto ou A triste figura do cliente desavisado
- nº 312 – Carlos Millan

Ano de 1965

- nº 313 – Divulgação da arquitetura brasileira 2 livros
- nº 314 – Chances perdidas na nova lei das incorporações
- nº 315 – Arquitetura e comodidade
- nº 316 – Problema da Cidade Universitária
- nº 317 – ABDI IAB ESDI FAU UD USE ETC.
- nº 318 – Executiva nacional de estudantes de arquitetura e urbanismo
- nº 319 – Acerca da habitação popular
- nº 320 – U.I.A. Congresso melancólico
- nº 322 – Le Corbusier
- nº 322 – Rino Levi
- nº 323 – Lotus – Um anuário de arquitetura contemporânea
- nº 324 – São Paulo Metrópole 65, 66, 67, 68 ...

Ano de 1966

- nº 325 – Muitas idéias, pouca arquitetura
- nº 326 – 2 notas
- nº 327 – Arquitetos como adidos culturais
- nº 328 – A arquitetura nos salões de arte
- nº 329 – O arquiteto e seus direitos autorais
- nº 330 – Explicação necessária
- nº 331 – Curitiba e seu plano diretor
- nº 332 – Inspiração lamentável

nº 333 – Tragédia em um ato...

nº 334 – Lúcio Costa e equipe: a Memória Descritiva do projeto para a Universidade do Brasil 1936

nº 335 – Cidades novas

Ano 1967

nº 336 – Aspectos da nova lei

nº 337 – Morte da memória nacional

nº 338 – Roberto Rossi Zuccolo

nº 339 – Arquitetura: ensino e pesquisa

nº 340 – Lúcio Costa já disse

nº 341 – Antologia arquitetura I

Ano 1968

nº 347 – Oscar Niemeyer. Quase memórias: viagens

nº 348 – O conjunto habitacional de Cumbica

nº 349 – O trabalho nos foge das mãos

nº 350 – Renovação do ensino na arquitetura

nº 351 – Resultados do Fórum da FAU

nº 351 – Resultados do Fórum da FAU

nº 352 – A renovação urbana em Congresso

nº 353 – VII Congresso Brasileiro de Arquitetos

nº 354 – IAB – Dep. de São Paulo: 25 anos

nº 355 – Notas alheias e arquitetura do futuro

nº 356 – Um mal: as concorrências integradas

nº 357 – Uma arquitetura para as massas: porém boa

Ano 1969

nº 358 – Coisas de um vestibular: FAU

nº 359 – O Plano Urbanístico básico de São Paulo

nº 360 – Uma lição de Arquitetura

nº 361 – A propósito de um novo currículo mínimo para o ensino da arquitetura

nº 362 – A arquitetura na Vida

nº 363 – Walter Gropius (1883 - 1969)

nº 364 – Mies Van Der Rohe

nº 365 – De um possível diário de um arquiteto

nº 366 – FAU – 1º ano: os alunos pensam

nº 367/368 – Arquitetura vivente

Ano 1970

nº 369/370 – Considerações sobre o vestibular

nº 371 – População. Alimentos. Urbanização – O drama do mundo atual visto por um urbanista:
Carlos Lodi

nº 372 – Arquitetura de sentido universal

nº 373 – Mestre Lúcio

nº 374 – Opções de ensino da arquitetura

nº 375/376 – Gostar, conhecer e respeitar Brasília (artigo não editorial – edição especial 10 anos Brasília)

nº 377 – Uma exposição perdida

nº 378 – Um novo prédio

nº 379 – Uma nova faculdade de arquitetura

nº 380 – A profissão e uma pesquisa

Ano 1971

nº 381 – O projeto padronizado: outra vez

nº 382 – Comentários sobre uma publicação

nº 383 – A arquitetura e o seu ensino

nº 384 – Escolas. Escolas.

nº 385 – Lúcio Costa e Brasília

nº 386 - “São Paulo precisa parar”

nº 387 – Premiação do IAB – 70 - 71

nº 388 – Brasil, país sem arquitetos

nº 389 – IAB 50 anos

nº 390/391 – Vida e morte de uma revista

r e s i d ê n c i a s
u n i f a m i l i a r e s

REVISTA ACRÓPOLE

setembro de 1952 a dezembro de 1971

**RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES PUBLICADAS PELA REVISTA ACRÓPOLE
SETEMBRO DE 1952 A DEZEMBRO DE 1971**

	ANO	Nº	TÍTULO	AUTOR	CIDADE
Residência 1	1952	173	Residência	Oswaldo Bratke	São Paulo
Residência 2	1952	173	Residência	Tinoco & Pivatelli Ltda.	São Paulo
Residência 3	1952	174	Residência	Luciano Camparci	São Paulo
Residência 4	1952	174	Casa Week-end	Phillip Lohbauer	Represa Velha
Residência 5	1952	174	Residência	Alfredo Ernesto Becker	São Paulo
Residência 6	1952	175	Estudo de Residência para Sumarezinho	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 7	1952	175	Estudo de uma Casa de Campo	Victor Reif	Sem Localização
Residência 8	1952	176	Estudo de residência para O.S.F. em Araraquara	Irineu de Moura	Araraquara
Residência 9	1952	176	Residência em Pacaembú	Carlos Lemos	São Paulo
Residência 10	1952	176	Residência	Phillip Lohbauer	São Paulo
Residência 11	1953	177	Residência "Sítio das Colinas"	Escr. Técnico Lucjan Korngold	Suzano
Residência 12	1953	177	Residência	Construtécnica Ltda ⁹⁷ .	São Paulo
Residência 13	1953	177	Residência	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 14	1953	178	Residência	Rubens Carneiro Vianna	São Paulo
Residência 15	1953	178	Projeto de uma residência	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 16	1953	178	Residência do Arquiteto	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 17	1953	178	Residência no Alto de Pinheiros	Nilo Ramos Villaboim	São Paulo
Residência 18	1953	179	Residência no Pacaembú	Escritório Técnico Pasternak	São Paulo
Residência 19	1953	179	Residência em Guarujá	Escr. Técnico Zeno Wolanski	Guarujá
Residência 20	1953	180	Residência no Jardim Paulista	Sylvio Jaguaribe Ekman	São Paulo
Residência 21	1953	181	Residência em Santo Amaro	Arnaldo Furquim Paoliello	São Paulo
Residência 22	1953	181	Residência	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 23	1953	181	Grupo Residencial – 1 tipologia 12 residências	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 24	1953	181	Projeto Residencial	Rubens Carneiro Vianna	Sem Localização
Residência 25	1953	182	Residência no Jardim Paulistano	Marino Barros	São Paulo
Residência 26	1953	182	Casa em Belém do Pará	A. P. de Albuquerque	Belém

⁹⁷ Construtécnica Ltda (engenharia – arquitetura – construção Ltda) – Altimar Ribeiro de Lima, Clovis Felipe Olga, Paulo Yosrhikazu

Residência 27⁹⁸	1953	182	Casa em Guarujá	Valdergorn & Verona	Guarujá
Residência 28	1953	182	Casa de Praia em Belém	Leônidas Albuquerque	Carananduba (Ilha do Mosqueteiro) Belém
Residência 29	1953	183	Residência no Jardim América	Gilberto Junqueira Caldas	São Paulo
Residência 30	1953	183	Residência no Jardim Paulista	Escr. Técnico Lucjan Korngold	São Paulo
Residência 31	1953	183	Residência em Campinas	Pierre Weckx	Campinas
Residência 32	1954	184	Residência de 1927 (reforma)	Rino Levi	São Paulo
Residência 33	1954	184	Casa de Week-End de 1935	Rino Levi	São Paulo
Residência 34	1954	184	Residência de 1931	Rino Levi	São Paulo
Residência 35	1954	184	Projeto de residência para fazenda de 1949	Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar	São José dos Campos
Residência 36	1954	184	Primeira casa modernista de 1927/28	Warchavchik	São Paulo
Residência 37	1954	184	Residência de 1928	Warchavchik	São Paulo
Residência 38	1954	184	Residência de 1929	Warchavchik	São Paulo
Residência 39	1954	184	Residência de 1930 rua Itápolis	Warchavchik	São Paulo
Residência 40	1954	184	Conjunto de casas de 1930	Warchavchik	São Paulo
Residência 41	1954	184	Residência rua Bahia de 1930	Warchavchik	São Paulo
Residência 42	1954	184	Residência para casal	Warchavchik	São Paulo
Residência 43	1954	184	Residência à Av. Rebouças de 1938	Warchavchik	São Paulo
Residência 44	1954	184	Residência do Sr. Antonio da Silva Prado Neto de 1931	Warchavchik	São Paulo
Residência 45	1954	184	Residência de Praia de 1943	Warchavchik	Guarujá
Residência 46	1954	184	Residência de Praia de 1950	Warchavchik	Guarujá
Residência 47	1954	184	Residência à Rua Itápolis de 1938	Henrique Mindlin	São Paulo
Residência 48	1954	184	Residência do Dr. Henrique S. Mindlin de 1939	Henrique Mindlin	São Paulo
Residência 49	1954	184	Residência à Rua João Pinheiro de 1937	Henrique Mindlin	São Paulo
Residência 50	1954	184	Casa de Campo de 1949	Henrique Mindlin	Petrópolis
Residência 51	1954	184	Residência à Av. Anhangabaú de 1945	Abelardo de Souza	São Paulo
Residência 52	1954	184	Casa de Campo em Minas Gerais de 1949	Abelardo de Souza	Minas Gerais
Residência 53	1954	184	Residência do Lago em Santo Amaro de 1945	Abelardo de Souza	São Paulo
Residência 54	1954	184	Residência à Rua Dr. Rosas de 1952	Abelardo de Souza	São Paulo
Residência 55	1954	184	Residência no Jardim Primavera de 1940	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 56	1954	184	Residência à Rua Áustria de 1944	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 57	1954	184	Residência do Sr. I. C. Uchoa de 1945	J. Vilanova Artigas	São Paulo

⁹⁸ Publicação da residência no Guarujá, de Valdergorn & Verona, posteriormente publicada em outubro de 1956 (edição nº 216) como obra executada (residência 193)

Residência 58	1954	184	Residência do Dr. Paranhos de 1940	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 59	1954	184	Residência Tröstli de 1948	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 60	1954	184	Residência Czapski de 1949	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 61	1954	184	Residência Bittencourt de 1950	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 62	1954	184	Residência Destefani de 1950	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 63	1954	184	Residência de 1942	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 64	1954	184	Residência do Arquiteto de 1952	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 65	1954	184	Residência E. W. de 1953	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 66	1954	184	Residência de 1950	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 67	1954	184	Residência de 1952	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 68	1954	184	Residência de 1951	Oswaldo Côrrea Gonçalves	Santos
Residência 69	1954	184	Residência de 1950	Oswaldo Côrrea Gonçalves	São Paulo
Residência 70	1954	184	Residência de 1953	Oswaldo Côrrea Gonçalves	Guarujá
Residência 71	1954	184	Residência no Sumaré de 1952	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 72	1954	184	Residência no Alto de Pinheiros de 1952	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 73	1954	184	Casa de Week-End de 1949	Philipp Lohbauer	São Paulo
Residência 74	1954	184	Casa de Week-End de 1953	Philipp Lohbauer	São Paulo
Residência 75	1954	185	Residência no Pacaembu	Construtécnica Ltda.	São Paulo
Residência 76	1954	185	Residência no Alto de Pinheiros	Eulalio Vidigal Pontes	São Paulo
Residência 77	1954	185	Residência a Rua Itaperuna	Escr. Técnico Bresslau & Bastian	São Paulo
Residência 78	1954	186	Residência	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 79	1954	186	Estudo de uma Residência	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 80	1954	186	Casa de Praia	Francisco Beck	São Sebastião
Residência 81	1954	187	Residência Santo Amaro	Arnaldo Furquim Paoliello	São Paulo
Residência 82	1954	187	Residência em Pinheiros	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 83	1954	187	Residência no Jardim América	Escr. Técnico Bresslau & Bastian	São Paulo
Residência 84	1954	189	Residência no Pacaembú	Escritório Técnico Jacques Pilon	São Paulo
Residência 85	1954	189	Estudo de Residência	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 86	1954	189	Projeto de Residência	Rubens Carneiro Vianna	São Paulo
Residência 87	1954	190	Nova Rua em Pinheiros - 4 tipologias	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 88	1954	190	Nova Rua em Pinheiros - 4 tipologias	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 89	1954	190	Nova Rua em Pinheiros - 4 tipologias	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 90	1954	190	Nova Rua em Pinheiros - 4 tipologias	Ítalo Eugenio Mauro	São Paulo
Residência 91	1954	190	Residência do Arquiteto Max Ouang no Morumbi	Construtora Marino Barros Ltda.	São Paulo

Residência 92	1954	190	Residência	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 93	1954	190	Residência no Jardim América	M. Azevedo	São Paulo
Residência 94	1954	190	Residência no Pacaembú	Construtora Ocle Ltda.	São Paulo
Residência 95	1954	190	Residência à Rua Bauru	Adolpho Timm & Cia. Ltda.	São Paulo
Residência 96	1954	191	Residência no Jardim América	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 97	1954	191	Conjunto Residencial - 3 tipologias	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Santos / Cubatão
Residência 98	1954	191	Conjunto Residencial - 3 tipologias	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Santos / Cubatão
Residência 99	1954	191	Conjunto Residencial - 3 tipologias	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Santos / Cubatão
Residência 100	1954	191	Residência na Praia Grande	Eugenio Silagyi	Praia Grande
Residência 101	1954	191	Residência no Sumaré	H. S. Caiuby Com. e Const. S. A.	São Paulo
Residência 102	1954	191	Residência na Vila Mariana	Construtora São Paulo S. A.	São Paulo
Residência 103	1954	192	Residência do Arquiteto	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 104	1954	192	Residência no Jardim América	Alfredo Ernesto Becker	São Paulo
Residência 105	1954	193	Residência no Pacaembú	Rubens Monteiro	São Paulo
Residência 106	1954	193	Residência no Rio de Janeiro	Charles Bosworth Soc. Civil de Engenharia Ltda.	Rio de Janeiro
Residência 107	1954	194	Residência no Jardim América	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 108	1954	194	Residência no Jardim América	Escr. Técnico L. C. Pereira de Almeida	São Paulo
Residência 109	1955	195	Residência no Brooklyn Novo	Victor Reif	São Paulo
Residência 110	1955	195	Residência no Pacaembú	Paulo Wysling	São Paulo
Residência 111	1955	195	Residência no Pacaembú	Soc. Constr. Camargo & Mesquita	São Paulo
Residência 112	1955	196	Residência no Pacaembú	Francisco Beck	São Paulo
Residência 113	1955	196	Residência do Arquiteto	Paulo Candiota	Rio de Janeiro
Residência 114	1955	196	Residência no Campo	Arthur Arcuri	Juiz de Fora
Residência 115	1955	196	Residência no Pacaembú	Dino Adolfo Andreoni	São Paulo
Residência 116	1955	197	3 Residências em Campinas	Rodolpho Ortenblad Filho	Campinas
Residência 117	1955	197	3 Residências em Campinas	Rodolpho Ortenblad Filho	Campinas
Residência 118	1955	197	3 Residências em Campinas	Rodolpho Ortenblad Filho	Campinas
Residência 119	1955	197	Residência no Pacaembú	Clauss Eggert	São Paulo
Residência 120	1955	197	Residência no Brooklyn Paulista	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 121	1955	197	Residência no Pacaembú	Construtora São Paulo S. A.	São Paulo
Residência 122	1955	198	Residência no Alto de Sant'Ana	Lauro da Costa Lima	São Paulo
Residência 123	1955	198	Residência no Jardim América	Eulálio Vidigal Pontes	São Paulo
Residência 124	1955	198	Residência no Pacaembú	Rubens de Camargo Monteiro	São Paulo
Residência 125	1955	199	Residência em Santos	J. Vilanova Artigas	Santos

Residência 126	1955	199	Residência no Pacaembú	Victor Reif	São Paulo
Residência 127	1955	199	Residência no Jardim Paulista	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 128	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 129	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 130	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 131	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 132	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 133	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 134	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 135	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 136	1955	200	Conjunto Residencial em Vila Elvira – 9 tipologias	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 137	1955	200	Residência em Juiz de Fora	Arthur Arcuri	Juiz de Fora
Residência 138	1955	200	Residência no Alto de Pinheiros	Aluísio da Rocha Leão	São Paulo
Residência 139	1955	201	Residência no Rio de Janeiro	Henrique Mindlin	Rio de Janeiro
Residência 140	1955	201	Residência no Pacaembuzinho	José Augusto Belucci	São Paulo
Residência 141	1955	201	Residência no Jardim Europa	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 142	1955	202	Projeto para uma residência	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 143	1955	202	Residência em Petrópolis	Sérgio W. Bernardes	Petrópolis
Residência 144	1955	202	Projeto para uma residência	Valdergorn & Verona	Sem Localização
Residência 145	1955	202	Residência nas Perdizes	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 146	1955	203	Residência no Parque Anchieta	Anibal Martins Clemente	São Bernardo do Campo
Residência 147	1955	203	Residência em São Bernardo do Campo	Anibal Martins Clemente	São Bernardo do Campo
Residência 148	1955	203	Casa de Praia no Guarujá	Ítalo Eugenio Mauro	Guarujá
Residência 149	1955	204	Residência no Sumaré	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 150	1955	204	Residência em Alagoas	Lygia Fernandes	Alagoas
Residência 151	1955	204	Residência no Rio de Janeiro	Sérgio W. Bernardes	Rio de Janeiro
Residência 152	1955	204	Residência de Veraneio	Mauro Müller	Petrópolis
Residência 153	1955	204	Residência no Pacaembú	João B. de Araújo Camargo	São Paulo
Residência 154	1955	205	Residências para administrador e engenheiro (residência para engenheiro)	Grupo Cooperativo de arquitetos - Alcides Rocha Miranda, Elvin Mackay Dubugras e Fernando Cabral Pinto	Rezende
Residência 155	1955	205	Residências para administrador e engenheiro (residência para administrador)	Grupo Cooperativo de arquitetos - Alcides Rocha Miranda, Elvin Mackay Dubugras e Fernando Cabral Pinto	Rezende
Residência 156	1955	206	Residência no Pacaembú	Juvenal Waetge Jr.	São Paulo
Residência 157	1956	207	Residência no Rio de Janeiro	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro

Residência 158	1956	207	Residência no Ibirapuera	Francisco Beek	São Paulo
Residência 159	1956	208	Residência de Verão	Olavo Redig	Itaipava
Residência 160	1956	208	Residência na Aclimação	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 161	1956	208	Residência de Praia	Pedro Paulo de Mello Saraiva	Florianópolis
Residência 162	1956	208	Residência em Vitória	Marcello Vivacqua	Vitória
Residência 163	1956	209	Residência em Petrópolis	Sérgio Bernardes	Petrópolis
Residência 164	1956	209	Residência no Pacaembu	Abelardo de Souza	São Paulo
Residência 165	1956	209	Residência no Morumby	Luis Saia	São Paulo
Residência 166	1956	209	Projeto para uma fazenda (sede)	Zenon Lotufo	Botucatu
Residência 167	1956	210	Estudo de Residências (5 estudos)	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 168	1956	210	Estudo de Residências (5 estudos)	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 169	1956	210	Estudo de Residências (5 estudos)	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 170	1956	210	Estudo de Residências (5 estudos)	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 171	1956	210	Estudo de Residências (5 estudos)	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 172	1956	210	Reforma de residência antiga (Ilhéus)	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Ilhéus
Residência 173	1956	211	Residência no Rio de Janeiro	Lucjan Korngold	Rio de Janeiro
Residência 174	1956	211	Residência em Florianópolis	Pedro Paulo de Mello Saraiva	Florianópolis
Residência 175	1956	212	Residência no Jardim Europa	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 176	1956	212	Residência em Recife	Mário Russo	Recife
Residência 177	1956	212	Residência no Pacaembú	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 178	1956	212	Residência de Praia em Recife	Mário Russo	Recife
Residência 179	1956	213	Residência no Jardim América	Construtora Heep Ltda.	São Paulo
Residência 180	1956	213	Residência em Cidade Jardim	Sérgio W. Bernardes	São Paulo
Residência 181	1956	214	Residências Geminadas no Itaim	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 182	1956	214	Residência no Jardim Europa	Jorge Salszupin	São Paulo
Residência 183	1956	214	Residências no Morumby	Cesar Luiz Pires de Mello	São Paulo
Residência 184	1956	214	Residências no Morumby	Cesar Luiz Pires de Mello	São Paulo
Residência 185	1956	214	Residência no Jardim Paulistano	João B. de Araújo Camargo	São Paulo
Residência 186	1956	214	Residência no Ibirapuera	Ernani de Campos Avelar	São Paulo
Residência 187	1956	214	Residência em Santos	Roberto Carlos Millet	Santos
Residência 188	1956	215	Residência no Alto de Pinheiros	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 189	1956	215	Residência em Indianópolis	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 190	1956	215	Residência em Pinheiros	José Luiz Fleury de Oliveira	São Paulo
Residência 191	1956	216	Residência no Pacaembú	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo

Residência 192	1956	216	Anteprojeto para Residência (Jardim Guedala)	Zenon Lotufo	São Paulo
Residência 193⁹⁹	1956	216	Residência sobre Pedras	Vaidergorn & Verona	Guarujá
Residência 194	1956	217	Residência no Rio de Janeiro (Gávea Parque)	Sérgio W. Bernardes	Rio de Janeiro
Residência 195	1956	217	Residência em Indianópolis	Rubens Monteiro	São Paulo
Residência 196	1956	218	Residência no Jardim Paulista	Victor Reif	São Paulo
Residência 197	1956	218	Residência no Alto de Pinheiros	José Luiz Fleury de Oliveira	São Paulo
Residência 198	1956	218	Residência em Recife	Mário Russo	Recife
Residência 199	1957	219	Residências Térreas (4 projetos de residências)	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 200	1957	219	Residências Térreas (4 projetos de residências)	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 201	1957	219	Residências Térreas (4 projetos de residências)	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 202	1957	219	Residências Térreas (4 projetos de residências)	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 203	1957	219	Abrigo e Bar para Piscina	Olavo Redig de Campos	Petrópolis
Residência 204	1957	219	Residência no Morumbi	Ecel Ltda.	São Paulo
Residência 205	1957	220	Residência em Indianópolis	David Libeskind	São Paulo
Residência 206	1957	220	Projeto de Residência	Ibsen Pivatelli	Rio de Janeiro
Residência 207	1957	221	Residência no Itaim	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 208	1957	221	Residência de Veraneio	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Caraguatatuba
Residência 209	1957	222	Sobrados Econômicos (2 residências)	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 210	1957	222	Sobrados Econômicos (2 residências)	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 211	1957	222	Residência na Aclimação	David A. B. Ottoni	São Paulo
Residência 212	1957	222	Residência no Alto de Pinheiros	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 213	1957	223	Residência no Brooklin Paulista	Eugenio Szilagyí	São Paulo
Residência 214	1957	224	Núcleo de Residências para Operários	César Luiz Pires de Mello	Presidente Altino
Residência 215	1957	224	Residência no Alto de Pinheiros	Luiz Saia	São Paulo
Residência 216	1957	224	Estudo para Residência de Campo	Eduardo Corona	próximo de Campinas
Residência 217	1957	224	Residência no Alto de Pinheiros	Ibsen Pivatelli	São Paulo
Residência 218	1957	225	Residência em Indianópolis	Alberto Botti e Marc Rubin	São Paulo
Residência 219	1957	225	Residência em Indianópolis	Victor Reif	São Paulo
Residência 220	1957	225	Estudo de Residência	Zenon Lotufo	Sem Localização
Residência 221	1957	226	Residência no Morumbi	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 222	1957	226	Residência em Goiânia	David Libeskind	Goiânia

⁹⁹ Publicação da residência no Guarujá, de Vaidergorn & Verona, como obra executada, anteriormente publicada em novembro de 1953 (edição nº 182) como projeto (residência 27).

Residência 223	1957	226	Pavilhão de Recreio	Wit Olaf Prochnik	Itaipava
Residência 224	1957	227	Residência no Alto de Santana	Alberto Botti e Marc Rubin	São Paulo
Residência 225	1957	227	Residência no Jardim Paulistano	Marcello Fragelli e Maurício Sued	São Paulo
Residência 226	1957	228	Residência no Ibirapuera	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 227	1957	228	Residência no Alto de Pinheiros	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 228	1957	229	Residência do Arquiteto (São Paulo)	Telesforo Giorgio Cristofani	São Paulo
Residência 229	1957	229	Residência em Boaçava	Miranda Martinelli	Boaçava
Residência 230	1957	229	Residência no Jardim América	Cesar Luiz Pires de Mello	São Paulo
Residência 231	1957	229	Residência em Ilhéus	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Ilhéus
Residência 232	1957	229	Residência no Alto de Pinheiros	Marino Barros	São Paulo
Residência 233	1957	230	Residência no Ibirapuera	David Libeskind	São Paulo
Residência 234	1957	230	Duas residências no Jardim Paulistano	José Luiz Fleury de Oliveira	São Paulo
Residência 235	1957	230	3 projetos para residências	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 236	1957	230	3 projetos para residências	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 237	1957	230	3 projetos para residências	Rodolpho Ortenblad Filho	Sem Localização
Residência 238	1958	231	Residência no Morumbi	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 239	1958	231	Residência no Jardim Paulista	Ibsen Pivatelli	São Paulo
Residência 240	1958	231	Residência no Alto de Pinheiros	Arnaldo Paoliello	São Paulo
Residência 241	1958	231	Residência em Cidade Jardim	Maschietto & Wolff Ltda.	São Paulo
Residência 242	1958	232	Residência no Jardim Europa	Gregório Zolko	São Paulo
Residência 243	1958	233	Conjunto Residencial (Vila Elvira – Santo Amaro) – tipologia A	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 244	1958	233	Conjunto Residencial (Vila Elvira – Santo Amaro) – tipologia B	Plínio Croce e Roberto Aflalo	São Paulo
Residência 245	1958	233	Residência no Jardim Europa	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 246	1958	234	Anteprojetos para Residência (2 projetos para a mesma residência)	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	Sem Localização
Residência 247	1958	234	Anteprojetos para Residência (2 projetos para a mesma residência)	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	Sem Localização
Residência 248	1958	234	Duas residências no Jardim Europa	Jorge Wilhelm	São Paulo
Residência 249	1958	234	Duas residências no Jardim Europa	Jorge Wilhelm	São Paulo
Residência 250	1958	234	Residência no Ibirapuera	Cesar Luiz Pires de Mello	São Paulo
Residência 251	1958	235	Residência no Jardim Paulistano	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 252	1958	235	Residência em Sorocaba	David Libeskind	Sorocaba
Residência 253	1958	236	Residência no Alto de Pinheiros	Jarbas Karman	São Paulo
Residência 254	1958	236	Residência de Veraneio	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Guarujá
Residência 255	1958	236	Projeto para uma Residência	Zenon Lotufo	Sem Localização
Residência 256	1958	236	Residência em São Conrado R.J.	Marcello Fragelli	São Conrado

Residência 257	1958	237	Residência no Jardim Europa	Lauro da Costa Lima	São Paulo
Residência 258	1958	237	Residência no Alto de Pinheiros	Cesar Luiz Pires de Mello	São Paulo
Residência 259	1958	238	Abrigo e Piscina (1º prêmio governo do estado)	Alberto Botti e Marc Rubin	Sem Localização
Residência 260	1958	238	Residência no Jardim Paulista	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 261	1958	239	Projeto de uma Residência	Maurício Schneider e Pedro Paulo de Melo Saraiva	Sem Localização
Residência 262	1958	240	Residência em Petrópolis	Marcello Fragelli	Petrópolis
Residência 263	1958	240	Anteprojeto para Casa de Campo	Julio José Franco Neves	Jacareí
Residência 264	1958	242	Residência no Pacaembu	Rubens Monteiro	São Paulo
Residência 265	1958	242	Anexo de uma Residência	Edoardo Rosso e Yoshimasa Kimochi	Americana
Residência 266	1958	242	Residência no Alto de Pinheiros	Hoover Américo Sampaio	São Paulo
Residência 267	1959	243	Projeto para Residência	Cesar Luiz Pires de Mello	São Paulo
Residência 268	1959	243	Dois Estudos de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 269	1959	243	Dois Estudos de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 270	1959	244	Residência no Sumaré	Jarbas Karman	São Paulo
Residência 271	1959	244	Residência no Jardim Paulista	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 272	1959	244	Residência no Pacaembú	Maschietto & Wolff Ltda.	São Paulo
Residência 273	1959	245	Residência à Rua Equador	Miguel Badra Jr.	São Paulo
Residência 274	1959	245	Residência no Jardim América	Victor Reif	São Paulo
Residência 275	1959	246	Residência no Chácara Flora	Lucjan Korngold	São Paulo
Residência 276	1959	247	Residência no Brooklin Paulista	Jorge Zalszupin	São Paulo
Residência 277	1959	248	Residência no Jardim Europa	Hoover Américo Sampaio	São Paulo
Residência 278	1959	248	Residência em Higienópolis	Oswaldo Wolff	São Paulo
Residência 279	1959	249	Residência no Jardim América	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 280	1959	249	Residência no Guarujá	Miguel Badra Jr.	Guarujá
Residência 281	1959	250	Residência no Jardim América	Victor Reif	São Paulo
Residência 282	1959	250	Projeto para Casa de Campo	José Luiz Fleury de Oliveira	km 24 da estrada de Cotia
Residência 283	1959	252	Residência em Cidade Jardim	Alberto Botti e Marc Rubin	São Paulo
Residência 284	1959	252	Residência no Jardim Rosani	Roberto F. Martins de Mello e Toshio Tone	São Paulo
Residência 285	1959	253	Residência no Sumaré	Gilberto Junqueira Caldas	São Paulo
Residência 286	1959	254	Residência no Jardim Paulista	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 287	1960	255	Sede Social e Residência	Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar e Luiz R. Carvalho Franco	Serra do Mar
Residência 288	1960	255	Residência no Itaim	Roberto Bratke e M. Tomanik	São Paulo
Residência 289	1960	255	Anteprojeto para Residência de Campo	Ernesto Vargas Cardozo	Sem Localização
Residência 290	1960	258	Residência no Jardim Europa	Rino Levi - arquiteto, Roberto Cerqueira Cesar e Luiz R.	São Paulo

				Carvalho Franco	
Residência 291	1960	258	Residência no Ibirapuera	Hélio Gianotti	São Paulo
Residência 292	1960	259	Residência no Brooklin	Maurício T. Schneider	São Paulo
Residência 293	1960	260	Residência no Jardim Europa	Jon Maitrejean - arquiteto, Daisy Igel e Helmut Hein - colaboradores	São Paulo
Residência 294	1960	260	Residência no Itaim	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 295	1960	261	Casa de Praia em São Sebastião	Alberto Botti e Marc Rubin	São Sebastião
Residência 296	1960	261	Residência no Jardim América	Miguel Badra Jr.	São Paulo
Residência 297	1960	261	Residência em Santo Amaro	Leone Fischberg	São Paulo
Residência 298	1960	262	Residência no Jardim Paulistano	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 299	1960	262	Residência em Sorocaba	David Libeskind	Sorocaba
Residência 300	1960	263	Residência no Jardim Europa	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 301	1960	263	Residência no Aeroporto	Heitor Ferreira de Souza	São Paulo
Residência 302	1960	263	Casa de Praia (Guaiúba – Guarujá)	Oswaldo Corrêa Gonçalves	Guarujá
Residência 303	1960	263	Pavilhão de Praia (Guaiúba – Guarujá)	Oswaldo Corrêa Gonçalves	Guarujá
Residência 304	1960	264	Residência na Granja Julieta	Lívio E. Levi	São Paulo
Residência 305	1960	264	Residência no Pacaembú	David Libeskind	São Paulo
Residência 306	1960	266	Residência em Indianópolis	David Libeskind	São Paulo
Residência 307	1960	266	Residência no Sumaré	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 308	1961	267	Casas pré-fabricadas de alumínio	Milton Julio Carstens	Sem Localização
Residência 309	1961	268	Residência na Cidade Jardim	Luiz Contrucci	São Paulo
Residência 310	1961	268	Residência de Campo	José Luiz Fleury de Oliveira	24km, São Paulo – Cotia
Residência 311	1961	269	Residência no Jardim das Bandeiras	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 312	1961	269	Residência no Jardim Marajoara	Joaquim A. Heleno	São Paulo
Residência 313	1961	270	Três Anteprojetos de Residências (Alto de Pinheiros)	Rodolpho Ortenblad Filho e Paulo Renan Mamede	São Paulo
Residência 314	1961	270	Três Anteprojetos de Residências (Pacaembú)	Rodolpho Ortenblad Filho e Paulo Renan Mamede	São Paulo
Residência 315	1961	270	Três Anteprojetos de Residências (Pacaembu)	Rodolpho Ortenblad Filho e Paulo Renan Mamede	São Paulo
Residência 316	1961	270	Residência Experimental (residência do arquiteto)	J. M. Monfort	Sem Localização
Residência 317	1961	270	Residência em Alto de Pinheiros	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 318	1961	270	Pavilhão de Praia	Janus W. Wojdyslawski	Sem Localização
Residência 319	1961	271	Residência do Arquiteto	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 320	1961	272	Residência em Campo Belo	J. M. Monfort	São Paulo
Residência 321	1961	272	Residência no Alto da Lapa	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	São Paulo
Residência 322	1961	274	Residência no Brooklin Paulista	Victor Reif	São Paulo
Residência 323	1961	274	Residência no Jardim Paulistano	Israel Golmann	São Paulo

Residência 324	1961	275	Residência em Alto de Pinheiros	David Libeskind	São Paulo
Residência 325	1961	275	Residência no Ibirapuera	Ernesto Vargas Cardozo	São Paulo
Residência 326	1961	275	Residências de Praia (1 tipologia)	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Guarujá
Residência 327	1961	276	Residência Antonio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro
Residência 328	1961	276	Residência no Alto dos Pinheiros	Carlos Barjas Millan	São Paulo
Residência 329	1961	276	Residência de veraneio em Penedo	Rolf Werner Hüther	Penedo
Residência 330	1961	277	Residência na Praia	Abelardo de Souza	São Sebastião
Residência 331	1961	277	Residência no Jardim Paulistano	Arnaldo Furquim Paoliello	São Paulo
Residência 332	1961	277	Residência no Alto da Boa Vista	Wolfgang Schoedon	São Paulo
Residência 333	1962	278	Residência no Alto da Boa Vista	Paoliello e Moreira	São Paulo
Residência 334	1962	278	Residência do Arquiteto	Carlos A. C. Lemos	São Paulo
Residência 335	1962	278	Residência no Alto de Pinheiros	David A. B. Ottoni	São Paulo
Residência 336	1962	278	Residência em Ubatuba	Oswaldo Bratke	Ubatuba
Residência 337	1962	278	Residência do Arquiteto	Roger Zmekhol	São Paulo
Residência 338	1962	278	Residência de Praia	Giancarlo Fongaro	Sem Localização
Residência 339	1962	281	Residência em São José do Rio Preto	José L. Fleury de Oliveira	São José do Rio Preto
Residência 340	1962	281	Anteprojeto para residência	Nina Albu e Bernardo Vaisman	Sem Localização
Residência 341	1962	281	Residência no Jardim Paulistano	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 342	1962	281	Residência no Alto de Pinheiros	Jaime Lerner	São Paulo
Residência 343	1962	282	Residência no Jardim Guedalla	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 344	1962	282	Residência no Sumaré	J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi	São Paulo
Residência 345	1962	282	Residência do Arquiteto	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 346	1962	283	Residência no Itaim	Maurício Tuck Schneider e Pedro P. de Mello Saraiva	São Paulo
Residência 347	1962	283	Residência no Jardim das Bandeiras	Carlos A. C. Lemos	São Paulo
Residência 348	1962	284	Dois projetos para residências	J. M. Monfort	Limeira
Residência 349	1962	284	Dois projetos para residências	J. M. Monfort	São Paulo
Residência 350	1962	284	Residência de arquiteto	Rubens de Camargo Monteiro	São Paulo
Residência 351	1962	285	Residência no Jardim Paulista	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 352	1962	285	Residência na Chácara Flora	Jon Maitrejean	São Paulo
Residência 353	1962	287	Residência na Chácara Flora	Victor Reif	São Paulo
Residência 354	1962	287	Residência na Cidade Jardim	Alberto Botti e Marc Rubin	São Paulo
Residência 355	1962	287	Residência no Jardim Europa	Rubens C. Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 356	1962	288	Residência no Jardim Paulistano	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	São Paulo
Residência 357	1962	288	Residência no Ibirapuera	David Libeskind	São Paulo

Residência 358	1962	288	Dois projetos para residências	Adolpho Rubio Morales	São Paulo
Residência 359	1962	288	Dois projetos para residências	Adolpho Rubio Morales	São Paulo
Residência 360	1962	289	Bairro Residencial em Bauru	Fernando Ferreira de Pinho	Bauru
Residência 361	1962	289	Bairro Residencial em Bauru	Fernando Ferreira de Pinho	Bauru
Residência 362	1962	289	Bairro Residencial em Bauru	Fernando Ferreira de Pinho	Bauru
Residência 363	1963	291	Residência do arquiteto	Ney Marcondes	São Paulo
Residência 364	1963	291	Projeto de uma Residência (Morumbi)	J. M. Monfort	São Paulo
Residência 365	1963	291	Residência no Pacaembú	Hoover Américo Sampaio	São Paulo
Residência 366	1963	292	Casa de Praia	José L. Fleury de Oliveira	São Sebastião
Residência 367	1963	294	Residência no Alto de Pinheiros	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 368	1963	294	Residência em Piracicaba	João Chaddad	Piracicaba
Residência 369	1963	297	Residência em Brooklin	Paulo Mendes da Rocha e João E. de Gennaro	São Paulo
Residência 370	1963	297	Residência em Blumenau	Hans Broos	Blumenau
Residência 371	1963	297	Residência em Vila Clementino	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 372	1963	298	Residência em Santa Bárbara do Oeste	Hélio Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Tibau	Santa Bárbara do Oeste
Residência 373	1963	298	Residência no Jardim América	Jorge Zalszupin	São Paulo
Residência 374	1963	299	Residência no Sumaré	J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi	São Paulo
Residência 375	1963	299	Residência em Petrópolis	Stephan Eleutheriades	Petrópolis
Residência 376	1963	299	Anteprojeto para residência	J. M. Monfort	Sem Localização
Residência 377	1963	300	Anteprojeto para residência	Simão Goldman	Porto Alegre
Residência 378	1963	301	Casa da família Bernardes	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro
Residência 379	1963	301	Residência Hélio Cabral de 1951	Sérgio Bernardes	Petrópolis
Residência 380	1963	301	Residência Maria C. M. Soares de 1951	Sérgio Bernardes	Petrópolis
Residência 381	1963	301	Residência Paulo Sampaio de 1951	Sérgio Bernardes	Itaipava
Residência 382	1963	301	Residência Guilherme Brandi de 1952	Sérgio Bernardes	Petrópolis
Residência 383	1963	301	Residência Henry Hoyer de 1956	Sérgio Bernardes	
Residência 143	1963	301	Residência Joaquim B. A. de Lima de 1959	Sérgio Bernardes	Petrópolis
Residência 384	1963	301	Residência João de Souza Dantas de 1962	Sérgio Bernardes	
Residência 385	1964	302	Casa de Campo	Cesar Luís Pires de Mello	Campos do Jordão
Residência 386	1964	302	Residência em Vila Paulista	David A. B. Ottoni e Dácio A. B. Ottoni	São Paulo
Residência 387	1964	303	Residência na Granja Julieta	Carlos A. C. Lemos	São Paulo
Residência 388	1964	304	Residência em Santo Amaro	Claude Jeannet	São Paulo
Residência 389	1964	304	Residência de Campo	Ricardo Menescal	Clube dos 500, via Dutra
Residência 390	1964	305	Residência em São Bernardo do Campo	João Walter Toscano e José Caetano de Mello F.º	São Bernardo do Campo

Residência 391	1964	305	Casa de Praia	Marcello Fragelli	Guarujá
Residência 392	1964	305	Residência no Pacaembú	Henrique S. Sadocco	São Paulo
Residência 393	1964	305	Projeto para Residência (Jardim Leonor)	Sérgio F. de Féo	São Paulo
Residência 394	1964	306	Duas residências de praia	Rodolpho M. Dini	Praia Grande
Residência 395	1964	306	Duas residências de praia	Rodolpho M. Dini	Itanhaém
Residência 396	1964	306	Residência em Curitiba	Jaime Lerner	Curitiba
Residência 397	1964	306	Projeto para Residência	Luciano Gomes Cardim e C. A. Gomes Cardim F.	São Paulo
Residência 398	1964	307	Residência do arquiteto	Lúcio Grinover	São Paulo
Residência 399	1964	307	Residência em Itaim	Milton Ghiraldini	São Paulo
Residência 400	1964	309	Residência na Vila Nova Conceição	Victor Reif	São Paulo
Residência 401	1964	309	Residência no Jardim Everest	Cesar Luís Pires de Mello, Arnaldo Grostein e Maurício N. Lima	São Paulo
Residência 402	1964	310	Residência no Alto de Pinheiros	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 403	1964	311	Residência no Jardim das Bandeiras	Hoover Américo Sampaio	São Paulo
Residência 404	1964	312	Residência na Chácara Flora	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 405	1965	313	Residência no Sumaré	Rubens C. Vianna e Ricardo Sievers	São Paulo
Residência 406	1965	313	Residência no Jardim das Bandeiras	Eduardo Corona e Carlos Lemos	São Paulo
Residência 407	1965	315	Residência no Alto de Pinheiros	Rodolpho Ortenblad F.	São Paulo
Residência 408	1965	316	Pavilhão social	Benno Perelmutter	Guarujá
Residência 409	1965	317	Residência em Perdizes	Carlos Millan	São Paulo
Residência 328	1965	317	Residência no Alto de Pinheiros	Carlos Millan	São Paulo
Residência 410	1965	317	Residência no Morumbi	Carlos Millan	São Paulo
Residência 411	1965	317	Residência do arquiteto (Morumbi)	Carlos Millan	São Paulo
Residência 412	1965	318	Residência no Alto de Pinheiros	C. L. Pires de Mello, A. Grostein, M. N. Lima	São Paulo
Residência 413	1965	318	Residência no Alto de Pinheiros	David Ottoni	São Paulo
Residência 414	1965	318	Residência no Jardim Guedalla	Ítalo della Mana	São Paulo
Residência 415	1965	318	Sede de Fazenda	J. Pimont	Colorado - PR
Residência 416	1965	318	Residência em Belo Horizonte	Janus W. Wojdyslawski	Belo Horizonte
Residência 417	1965	319	Residência no Sumaré	Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro	São Paulo
Residência 418	1965	319	Residência no Itaim	Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro	São Paulo
Residência 419	1965	319	Residência em Perdizes	Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro	São Paulo
Residência 420	1965	319	Residência no Butantã	Sérgio Ferro	São Paulo
Residência 421	1965	319	Residência na praia	Flávio Império	Ubatuba
Residência 422	1965	319	Residência em Cotia	Sérgio Ferro	Cotia
Residência 423	1965	320	Residência em Pinheiros	Croce, Aflalo & Gasperini	São Paulo

Residência 424	1965	320	Residência no Alto de Pinheiros	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 425	1965	321	Residência	Oscar Niemeyer	Israel
Residência 426	1965	322	Residência na Aclimação	J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi	São Paulo
Residência 427	1965	323	Residência em Vila Mariana	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 428	1965	323	Residência no Rio de Janeiro	Marcello Fragelli	Rio de Janeiro
Residência 429	1965	324	Residência no Jardim Guedalla	Carlos Lemos	São Paulo
Residência 430	1966	325	Residência no Alto de Pinheiros	J. M. Monfort	São Paulo
Residência 431	1966	326	Habitações para solteiros	Oswaldo Arthur Bratke	Vila de Serra do Navio (Amapá)
Residência 432	1966	326	Habitações para operários	Oswaldo Arthur Bratke	Vila de Serra do Navio (Amapá)
Residência 433	1966	326	Habitações para funcionários	Oswaldo Arthur Bratke	Vila de Serra do Navio (Amapá)
Residência 434	1966	328	Residência no Jardim América	R. C. Vianna e R. Sievers	São Paulo
Residência 435	1966	330	Residência no Pacaembú	Dácio Ottoni e David Ottoni	São Paulo
Residência 436	1966	330	Residência no Jardim Leonor	R. Monteiro e M. Zuccon	São Paulo
Residência 437	1966	331	Residência no Brooklin	Jon Maitrejean	São Paulo
Residência 438	1966	331	Projeto de residência	W. Gottardi e A. M. Gottardi	Santo André
Residência 439	1966	331	Residência no Ibirapuera	Fábio Goldman	São Paulo
Residência 440	1966	332	Residência no Brooklin	Carlos Millan	São Paulo
Residência 441	1966	332	Residência Eternit	Carlos Millan	Osasco
Residência 442	1966	332	Grupo Residencial (1 tipologia)	Carlos Millan	São Paulo
Residência 443	1966	332	Residência no Morumbi	Carlos Millan	São Paulo
Residência 444	1966	332	Residência Barroquinha do Salmorão	Carlos Millan	Mairiporã
Residência 445	1966	332	Casa de Praia	Carlos Millan	Ubatuba
Residência 446	1966	333	Residência no Jardim das Bandeiras	Arnaldo A. Martino	São Paulo
Residência 447	1966	333	Residência do arquiteto	Oswaldo A. Bratke	São Paulo
Residência 448	1966	334	Residência no Jardim Paulistano	Roger Zmekhol	São Paulo
Residência 449	1966	335	Residência no Morumbi	H. Duarte e L. Grinover	São Paulo
Residência 450	1967	336	Projeto para Residência	A. Paesani, F. Penteado e T. Tamaki	Sem Localização
Residência 451	1967	337	Residência no Pacaembú	J. Maitrejean	São Paulo
Residência 452	1967	337	Residência no Sumaré	Roger Zmekhol	São Paulo
Residência 453	1967	338	Residência Carramenha	João Walter Toscano	São Paulo
Residência 454	1967	338	Residência Jagle	João Walter Toscano	São Paulo
Residência 455	1967	339	Residência na Vila Romana	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 456	1967	340	Projeto para Residência	Augusto Boccara e Maria C. Repetto de Boccara	Sem Localização
Residência 457	1967	340	Residência em Indianópolis	Eduardo Corona	São Paulo

Residência 458	1967	341	Casa de Praia	Eduardo Longo	Guarujá
Residência 459	1967	341	Projeto para Residência	Victor Reif	Sem Localização
Residência 460	1967	341	Residência em Vila Mariana	Bernardo Blanco e José Alvaro	São Paulo
Residência 461	1967	343	Casa em Piracicaba	Paulo A. Mendes da Rocha e João De Gennaro	Piracicaba
Residência 462	1967	343	Casa na Granja Julieta	Paulo A. Mendes da Rocha e João De Gennaro	São Paulo
Residência 463	1967	343	Casa no Jardim Guedala	Paulo A. Mendes da Rocha e João De Gennaro	São Paulo
Residência 464	1967	343	Casas no Butantã	Paulo A. Mendes da Rocha e João De Gennaro	São Paulo
Residência 465	1967	343	Casa na Mooca	Paulo A. Mendes da Rocha e João De Gennaro	São Paulo
Residência 466	1967	344	Residência na Granja Julieta	Augusto Boccara e Maria C. Repetto de Boccara	São Paulo
Residência 467	1967	345	Residência em São José do Rio Preto	Carlos Funes	São José do Rio Preto
Residência 468	1967	345	Residência em Interlagos	Jon Maitrejean	São Paulo
Residência 469	1967	345	Residência no Jardim Paulistano	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 470	1967 / 1968	346	Casa de campo	José L. Fleury de Oliveira	Cotia
Residência 471	1968	347	Residência 1	Joaquim Guedes	Piracicaba
Residência 472	1968	347	Residência 2	Joaquim Guedes	São Paulo
Residência 473	1968	347	Residência 3	Joaquim Guedes	São Paulo
Residência 474	1968	347	Residência 4	Joaquim Guedes	São Paulo
Residência 475	1968	347	Residência 5	Joaquim Guedes	São Paulo
Residência 476	1968	347	Residência 6	Joaquim Guedes	São Paulo
Residência 477	1968	348	Residência em Interlagos	Jon Maitrejean	São Paulo
Residência 478	1968	349	Casa de praia	João W. Toscano e Odiléa H. S. Toscano	Guarujá
Residência 479	1968	349	Quatro casas de praia I	Cesar L. Pires de Mello, Arnaldo Grostein e Maurício Nogueira Lima	Guarujá
Residência 480	1968	349	Quatro casas de praia II	Cesar Luiz Pires de Mello	Guarujá
Residência 481	1968	349	Quatro casas de praia III	Cesar Luiz Pires de Mello	Ubatuba
Residência 482	1968	349	Quatro casas de praia IV	Cesar Luiz Pires de Mello	Ilha Bela
Residência 483	1968	351	Residência em Porto Alegre	Cláudio Luiz Araujo	Porto Alegre
Residência 484	1968	351	Casa de praia	Rubens Gil De Camillo	Ubatuba
Residência 485	1968	352	Habitação 1	Siegbert Zanettini	São Paulo
Residência 486	1968	352	Habitação 2	Cândido Malta Campos F., Manoel K. Corrêa e Siegbert Zanettini	São Paulo
Residência 487	1968	352	Habitação 3	Cândido Malta Campos F., Manoel K. Corrêa e Siegbert Zanettini	São Paulo
Residência 488	1968	352	Habitação 4	Cândido Malta Campos F.	Botucatu
Residência 489	1968	352	Habitação 5	Siegbert Zanettini	São Paulo
Residência 490	1968	352	Habitação 6	Siegbert Zanettini	São Paulo
Residência 491	1968	357	Residência no Alto de Pinheiros	Benno Perelmutter	São Paulo

Residência 492	1969	358	Residência em Cotia	José L. Fleury de Oliveira	Cotia
Residência 493	1969	360	Residência no Jardim Guedalla	Joaquim Guedes	São Paulo
Residência 494	1969	360	Residência do arquiteto	Paulo Sérgio S. Silva	São Paulo
Residência 495	1969	361	Casa de campo	J. L. Fleury de Oliveira	Cotia
Residência 496	1969	362	Residência Rothschild	Oscar Niemeyer	Cesarea (Israel)
Residência 497	1969	362	Residência Mondadori	Oscar Niemeyer	Cap Ferrat - Alpes Maritimes (França)
Residência 498	1969	364	Projeto para Residência	Siegbert Zanettini	Sem Localização
Residência 499	1969	364	Residência na Aclimação	Benedito Lima de Toledo	São Paulo
Residência 500	1969	367	Residência no Brooklin	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 501	1969	367	Residência do arquiteto	Ary de Queiroz Barros	São Paulo
Residência 502	1969	368	Duas residências	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 503	1969	368	Duas residências	J. Vilanova Artigas	São Paulo
Residência 504	1969	368	Residência em Olinda	Frank Svensson	Olinda
Residência 505	1970	371	Residência em Jundiaí	Geraldo G. Serra e Paulo S. de Souza e Silva	Jundiaí
Residência 506	1970	373	Residência no Jardim América	Manoel S. de Figueiredo e Noemia X. Silveira F.	São Paulo
Residência 507	1970	373	Residência no Morumbi	David Libeskind	São Paulo
Residência 508	1970	378	Projeto de Residência	J. M. Monfort	Sem Localização
Residência 509	1970	380	Residência no Jardim América	Victor Reif	São Paulo
Residência 510	1970	380	Residência no Alto de Pinheiros	Menotti Levi Netto e Sérgio M. Assumpção	São Paulo
Residência 511	1971	381	Residência em Cidade Jardim	Sylvio B. Sawaya e Edmilson Tinoco Jr.	São Paulo
Residência 512	1971	381	Residência em Recife	Cristina Jucá e Frank Svensson	Recife
Residência 513	1971	382	Projeto de residência	Vitor Amaral Lotufo	Sem Localização
Residência 514	1971	385	Residência em Botucatu	Jorge Caron	Botucatu
Residência 500	1971	386	Residência 1	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 515	1971	386	Residência 2	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 516	1971	386	Residência 3	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 517	1971	386	Residência 4	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 518	1971	386	Residência 5	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 519	1971	386	Residência 6	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 520	1971	386	Residência 7	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 521	1971	386	Residência 8	Ruy Ohtake	São Paulo
Residência 522	1971	387	Residência na praia	Abelardo Gomes de Abreu	Santos
Residência 523	1971	387	Residência no Rio de Janeiro	Luiz C. Boeckel	Rio de Janeiro
Residência 458	1971	388	Casa CMC	Eduardo Longo	Guarujá

Residência 524	1971	388	Casa EPL	Eduardo Longo	Guarujá
Residência 525	1971	388	Casa RM	Eduardo Longo	Guarujá
Residência 526	1971	388	Casa MG	Eduardo Longo	Guarujá
Residência 527	1971	388	Casa FTD	Eduardo Longo	São Paulo
Residência 528	1971	388	Casa APG	Eduardo Longo	Guarujá
Residência 529	1971	389	Casa CAL	Eduardo Longo	Guarujá
Residência 530	1971	389	Casa FA	Eduardo Longo	São Paulo
Residência 531	1971	389	Casa ABH	Eduardo Longo	São Paulo
Residência 532	1971	389	Casa de praia EL	Eduardo Longo	Sem Localização
Residência 533	1971	389	Casa e escritório do arquiteto	Eduardo Longo	São Paulo
Residência 534	1971	389	Casa OP	Eduardo Longo	São Paulo
Residência 535	1971	389	Casa MPC	Eduardo Longo	São Paulo

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 1 – Oswaldo Bratke
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 2 – Tinoco & Pivatelli Ltda
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 3 – Luciano Camparci
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 4 – Phillip Lohbauer
Represa Velha, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 5 – Alfredo Ernesto Becker
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 6 – Eduardo Corona
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 7 – Victor Reif
Sem Localização, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 8 – Irineu de Moura
Araraquara, 1952

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAV. TÉRREO

PLANTA PAV. SUP.

Residência 9 – Carlos Lemos
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 10 – Philip Lohbauer
São Paulo, 1952

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 11 – Lucjan Korngold
Suzano, 1953

Residência 12 – Construtécnica Ltda.
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 13 – Italo Eugenio Mauro
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 14 – Rubens Carneiro Vianna
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 15 – Eduardo Corona
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 16 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 17 – Nilo Ramos Villaboim
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 18 – Escritório Técnico Pasternak
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 19 – Escr. Técnico Zeno Wolanski
Guarujá, 1953

Residência 20 – Sylvio Jaguaribe Ekman
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 21 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 22 – Italo Eugenio Mauro
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 23 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 24 – Rubens Carneiro Vianna
Sem Localização, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 25 – Marino Barros
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 26 – A. P. de Albuquerque
Belém, 1953

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 27 – Valdegorn & Verona
Guarujá, 1953

PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 28 – Leonidas Albuquerque
Carandubá, 1953

Residência 29 – Gilberto Junqueira Caldas
São Paulo, 1953

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 30 – Escr. Técnico Lucjan Korngold
São Paulo, 1953

PROJETO DE REFORMA - ANTES

Residência 31 – Pierre Weckx
Campinas, 1953

Residência 32 – Rino Levi
Residência de 1927 (reforma)
São Paulo, 1954

Residência 33 – Rino Levi
Casa de Week-End de 1935
São Paulo, 1954

Residência 34 – Rino Levi
Residência de 1931
São Paulo, 1954

Residência 35 – Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar
Projeto de residência para fazenda de 1949
São José dos Campos, 1954

Residência 36 – Warchavchik
Primeira casa modernista de 1927/28
São Paulo, 1954

Residência 37 – Warchavchik
Residência de 1928
São Paulo, 1954

Residência 38 – Warchavchik
Residência de 1929
São Paulo, 1954

Residência 39 – Warchavchik
Residência de 1930
São Paulo, 1954

Residência 40 – Warchavchik
Conjunto de casas de 1930
São Paulo, 1954

Residência 41 – Warchavchik
Residência de 1930
São Paulo, 1954

Residência 42 – Warchavchik
Residência de 1929
São Paulo, 1954

Residência 43 – Warchavchik
Residência de 1938
São Paulo, 1954

Residência 44 – Warchavchik
Residência de 1931
São Paulo, 1954

Residência 46 – Warchavchik
Residência de Praia de 1950
Guarujá, 1954

Residência 48 – Henrique Mindlin
Residência de 1939
São Paulo, 1954

Residência 45 – Warchavchik
Residência de Praia de 1943
Guarujá, 1954

Residência 47 – Henrique Mindlin
Residência de 1938
São Paulo, 1954

Residência 49 – Henrique Mindlin
Residência de 1937
São Paulo, 1954

Residência 50 – Henrique Mindlin
Casa de Campo de 1949
Petrópolis, 1954

Residência 52 – Abelardo de Souza
Casa de Campo de 1949
Minas Gerais, 1954

Residência 54 – Abelardo de Souza
Residência de 1952
São Paulo, 1954

Residência 56 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1944
São Paulo, 1954

Residência 51 – Abelardo de Souza
Residência de 1945
São Paulo, 1954

Residência 53 – Abelardo de Souza
Residência de 1945
São Paulo, 1954

Residência 55 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1940
São Paulo, 1954

Residência 57 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1945
São Paulo, 1954

Residência 58 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1940
São Paulo, 1954

Residência 59 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1948
São Paulo, 1954

Residência 60 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1940
São Paulo, 1954

Residência 61 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1950
São Paulo, 1954

Residência 62 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1950
São Paulo, 1954

Residência 63 – Oswaldo Arthur Bratke
Residência de 1942
São Paulo, 1954

Residência 64 – Oswaldo Arthur Bratke
Residência do Arquiteto de 1952
São Paulo, 1954

Residência 65 – Oswaldo Arthur Bratke
Residência de 1953
São Paulo, 1954

Residência 66 – Rodolpho Ortenblad Filho
Residência de 1950
São Paulo, 1954

Residência 67 – Rodolpho Ortenblad Filho
Residência de 1952
São Paulo, 1954

Residência 68 – Oswaldo Côrrea Gonçalves
Residência de 1951
Santos, 1954

Residência 69 – Oswaldo Côrrea Gonçalves
Residência de 1950
São Paulo, 1954

Residência 70 – Oswaldo Côrrea Gonçalves
Residência de 1953

Residência 71 – Eduardo Corona
Residência de 1952
São Paulo, 1954

Guarujá, 1954

Residência 72 – Eduardo Corona
Residência de 1952
São Paulo, 1954

Residência 73 – Philipp Lohbauer
Casa de Week-End de 1949
São Paulo, 1954

Residência 74 – Philipp Lohbauer
Casa de Week-End de 1953
São Paulo, 1954

Residência 75 – Construtécnica Ltda.
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 76 – Eulalio Vidigal Pontes
São Paulo, 1954

Residência 77 – Escr. Técnico Bresslau & Bastian
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 78 – Eduardo Corona
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 79 – Rubens Carneiro Vianna - arquiteto /
Ricardo Sievers - colaborador
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 80 – Francisco Beck
São Sebastião, 1954

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 81 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 82 – Italo Eugenio Mauro
São Paulo, 1954

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 83 – Escr. Técnico Bresslau & Bastian
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 84 – Escritório Técnico Jacques Pilon
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 85 – Eduardo Corona
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 86 – Rubens Carneiro Vianna
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 87 – Ítalo Eugenio Mauro
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 88 – Ítalo Eugenio Mauro
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 89 – Ítalo Eugenio Mauro
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 90 – Ítalo Eugenio Mauro
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 91– Construtora Marino Barros Ltda.
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 92 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1954

Residência 93 – M. Azevedo
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 94 – Construtora Ocle Ltda.
São Paulo, 1954

Residência 95 – Adolpho Timm & Cia. Ltda.
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 96 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA TIPO – PAVIMENTO TÉRREO

Residência 97 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Santos / Cubatão, 1954

PLANTA TIPO – PAVIMENTO TÉRREO

Residência 98 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Santos / Cubatão, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 99 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Santos / Cubatão, 1954

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 100 – Eugenio Silagyi
Praia Grande, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 101 – H. S. Caiuby Com. e Const. S. A.
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 102 – Construtora São Paulo S. A.
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 103 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1954

Residência 104 – Alfredo Ernesto Becker
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 105 – Rubens Monteiro
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PRIMEIRO PAVIMENTO

PLANTA SEGUNDO PAVIMENTO

Residência 106 – Charles Bosworth
Soc. Civil de Engenharia Ltda.
Rio de Janeiro, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 107 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 108 – Escr. Técnico L. C. Pereira de Almeida
São Paulo, 1954

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 109 – Victor Reif
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 110 – Paulo Wysling
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 111 – Soc. Constr. Camargo & Mesquita
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 112 – Francisco Beck
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 113 – Paulo Candiota
Rio de Janeiro, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 114 – Arthur Arcuri
Juiz de Fora, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 115 – Dino Adolfo Andreoni
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 116 – Rodolpho Ortenblad Filho
Campinas, 1955

Residência 117 – Rodolpho Ortenblad Filho
Campinas, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 118 – Rodolpho Ortenblad Filho
Campinas, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 119 – Clauss Eggers
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 120 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1955

Residência 121 – Construtora São Paulo S. A.
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 122 – Lauro da Costa Lima
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 123 – Eulálio Vidigal Pontes
São Paulo, 1955

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 124 – Rubens de Camargo Monteiro
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 125 – J. Vilanova Artigas
Santos, 1955

Residência 126 – Vítor Reif
São Paulo, 1955

Residência 127 – Rodolpho Ortenblad Filho

São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 128 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

Residência 129 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 130 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 131 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 132 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 133 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 134 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 135 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 136 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 137 – Arthur Arcuri
Juiz de Fora, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 138 – Aluísio da Rocha Leão
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 139 – Henrique Mindlin
Rio de Janeiro, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 140 – José Augusto Belucci
São Paulo, 1955

Residência 141 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1955

Residência 142 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 143 – Sérgio W. Bernardes
Petrópolis, 1955

Residência 144 – Valdergom & Verona
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 145 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1955

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 146 – Anibal Martins Clemente
São Bernardo do Campo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 147 – Anibal Martins Clemente
São Bernardo do Campo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 148 – Italo Eugenio Mauro
Guarujá, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 149 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 150 – Lygia Fernandes
Alagoas, 1955

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 151 – Sérgio W. Bernardes
Rio de Janeiro, 1955

Residência 152 – Mauro Müller
Petrópolis, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 153 – João B. de Araújo Camargo
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 154 – Grupo Cooperativo de Arquitetos –
Alcides Rocha Miranda, Elvin Mackay Dubugras e
Fernando Cabral Pinto
Rezende, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 155 – Grupo Cooperativo de Arquitetos –
Alcides Rocha Miranda, Elvin Mackay Dubugras e
Fernando Cabral Pinto
Rezende, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 156 – Juvenal Waetge Jr.
São Paulo, 1955

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 157 – Francisco Bolonha
Rio de Janeiro, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 158 – Francisco Beek
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO

Residência 159 – Olavo Redig
Itaipava - RJ, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 160 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 161 – Pedro Paulo de Mello Saraiva
Florianópolis - SC, 1956

ELEVAÇÃO LATERAL

ELEVAÇÃO POSTERIOR

ELEVAÇÃO LATERAL

Residência 162 – Marcello Vilacqua
Vitória - ES, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 163 – Sérgio Bernardes
Petrópolis - RJ, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 164 – Abelardo de Souza
São Paulo, 1956

Residência 165 – Luís Saia
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 166 – Zenon Lotufo
Botucatu, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 167 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA PAV. TÉRREO CASA 1
PLANTA PAV. SUP.

PLANTA PAV. TÉRREO CASA 1
CASA 2 PLANTA PAV. SUP. CASA 2

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO CASA 1
PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR CASA 2

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 168 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 169 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 170 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 171 – projeto de reforma– Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO

Residência 172 – projeto de reforma– Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Ilhéus, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 173 –Lucjan Korngold
Rio de Janeiro, 1956

PLANTA NÍVEL GARAGEM

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR - DORMITÓRIOS

Residência 174 – Pedro Paulo de Mello Saraiva
Florianópolis, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 175 –Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 176 – Mário Russo
Recife, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 177 –Vilanova Artigas
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 178 – Mário Russo
Recife, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 179 –Construtora Heep Ltda.
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 180 – Sérgio W. Bernardes
São Paulo, 1956

Residência 181 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO
SUPERIOR

Residência 182 – Jorge Salsupin
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

Residência 183 – César Luiz Pires de Melo
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 184 – César Luiz Pires de Melo
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO
SUPERIOR

Residência 185 – João B. de Araújo Camargo
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 186 – Ernani de Campos Avellar
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 187 – Roberto Carlos Millet
Santos, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 188 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 189 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO

Residência 190 – José Luiz Fleury de Oliveira
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO

Residência 191 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 192 – Zenon Lotufo
São Paulo, 1956

Residência 193 – Vaidergorn & Verona
Guarujá, 1956

PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 194 – Sérgio W. Bernardes
Rio de Janeiro, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 195 – Rubens Monteiro
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 196 – Victor Reif
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 197 – José Luiz Fleury de Oliveira
São Paulo, 1956

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 198 – Mário Russo
Recife, 1956

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 199 – Rodolpho Ortenblad Filho
Sem Localização, 1957

Residência 200 – Rodolpho Ortenblad Filho
Sem Localização, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 201 – Rodolpho Ortenblad Filho
Sem Localização, 1957

Residência 202 – Rodolpho Ortenblad Filho
Sem Localização, 1957

PLANTA DO ABRIGO E PISCINA

PLANTA DOS VESTIÁRIOS

Residência 203 – Olavo Redig de Campos
Sem Localização, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 204 – Ecel Ltda
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 205 – David Libeskind
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 206 – Ibsen Pivatelli
Rio de Janeiro, 1957

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 207 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 208 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo
Sievers
Caraguatatuba, 1957

Residência 209– Rodolpho Ortenblad Filho
1957

Continuação da publicação do mesmo autor da edição de
número 219(1957),
propondo neste uma melhor solução para lotes de 10 metros
de frente

Residência 210 – Rodolpho Ortenblad Filho
1957

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 211 – David A. B. Ottoni
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 212 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1957

Apresenta outras duas variantes da fachada, uma com alvenaria aparente e elementos vazados, outra com revestimento de pedra aparente

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 213 – Eugênio Szilagyi
São Paulo, 1957

Residência 214 – César Luiz Pires de Mello
Presidente Altino, 1957

Vista geral de um conjunto de 12 casas

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 215 – Luiz Saia
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 216 – Eduardo Corona
próximo de Campinas, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 217 – Ibsen Pivatelli
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 218 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 219 – Victor Reif
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 220 – Zenon Lotufo
1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 221 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 222 – David Libeskind
Goiânia, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 223 – Wit Olaf Prochnik
Itaipava, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 224 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 225 – Marcello Fragelli e Maurício Sued
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 226 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 227 – Eduardo Corona
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 228 – Telesforo Giorgio Cristofani
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 229 – Miranda Martinelli
Boaçava, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 230 – César Luiz Pires de Mello
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 231 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo
Sievers
Ilheús, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 232 – Marino Barros
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 233 – David Libeskind
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 234 – José Luiz Fleury de Oliveira
São Paulo, 1957

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 235 – Rodolpho Ortenblad Filho
1957

Residências para o Banco Hipotecário Lar Brasileiro

Residência 236 – Rodolpho Ortenblad Filho
1957

Residência 237 – Rodolpho Ortenblad Filho
1957

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 238 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1958

Residência 239 – Ibsen Pivatelli
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 240 – Arnaldo Paoliello
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 241 – Maschietto & Wolff Ltda.
São Paulo, 1958

Residência 242 – Gregório Zolko
São Paulo, 1958

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA A

Residência 243— Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA B

Residência 244— Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 245 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 246 – Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass
1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 247 – Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass
1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 248 – Jorge Wilhelm
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 249 – Jorge Wilhelm
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 250 – César Luiz Pires de Mello
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 251 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1958

Residência 252 – David Libeskind
Sorocaba, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 253 – Jarbas Karman
São Paulo, 1958

Residência 254 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Guarujá, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 255 – Zenon Lotufo
1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 256 – Marcello Fragelli
São Conrado, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 257 – Lauro da Costa Lima
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 258 – César Luiz Pires de Mello
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 259 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Paulo, 1958
1º prêmio governo do estado.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 260 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1958

Residência 261 – Maurício Schneider e Pedro Paulo de Melo
Saraiva
1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 262 – Marcello Fragelli
Petrópolis, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 263 – Júlio José Franco Neves
Jacareí, 1958

PLANTA SUBSOLO

Residência 264 – Rubens Monteiro
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 265 – Edoardo Rosso e Yoshimasa Klmachi
Americana, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 266 – Hoover Américo Sampaio
São Paulo, 1958

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 267 – Cesar Luís Pires de Mello
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 268 – Eduardo Corona
Sem Localização, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 269 – Eduardo Corona
Sem Localização, 1959

PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 270 – Jarbas Karman
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 271 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO
TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAV. INTERMEDIÁRIO

Residência 272 – Maschietto & Wolff Ltda.
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 273 – Miguel Badra Jr.
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 274 – Vítor Reif
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 275 – Lucjan Korngold
São Paulo, 1959

Residência 276 – Jorge Zalszupin
São Paulo, 1959

Residência 277 – Hoover Americo Sampaio
São Paulo, 1959

Residência 278 – Oswaldo Wolff
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 279 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 280 – Miguel Badra Jr.
Guarujá, 1959

Residência 281 – Victor Reif
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 282 – José Luiz Fleury de Oliveira
Vila Santo Antônio de Carapicuíba, 1959

Residência 283 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 284 – Roberto F. Martins de Mello e Toshio Tone
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 285 – Gilberto Junqueira Caldas
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 286 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1959

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 287 – Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar
e Luiz R. Carvalho Franco
Serra do Mar, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 288 – Roberto Bratke e M. Tomanik
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 289 – Ernesto Vargas Cardozo
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 290 – Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar
e Luiz R. Carvalho Franco
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 291 – Hélio Gianotti
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 292– Maurício T. Schneider
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 293 – Jon Maitrejean, Daisy Igel
e Helmut Hein
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 294 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 295 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Sebastião, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 296 – Miguel Badra Jr.
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 297 – Leone Fischberg
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 298 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 299 – David Libeskind
Sorocaba, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 300 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 301 – Heitor Ferreira de Souza
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 302 – Oswaldo Corrêa Gonçalves
Guarujá, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 303 – Oswaldo Corrêa Gonçalves
Guarujá, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 304 – Livio E. Levi
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO A

Residência 305 – David Libeskind
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO B

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 306 – David Libeskind
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 307 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1960

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 308 – Milton Julio Carstens
Sem Localização, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 309 – Luiz Contrucci
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 310 – José Luiz Fleury de Oliveira
Vila Santo Antônio, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 311 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 312 – Joaquim A. Heleno
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 313 – Rodolpho Ortenblad Filho
e Paulo Renan Mamede
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 314 – Rodolpho Ortenblad Filho
e Paulo Renan Mamede
São Paulo, 1961

Residência 315 – Rodolpho Ortenblad Filho
e Paulo Renan Mamede
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 316 – J. M. Monfort
Sem Localização, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 317 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 318 – Janus W. Wojdyslawski
Sem Localização, 1961

Residência 319 – Eduardo Corona
São Paulo, 1961

Residência 320 – J. M. Monfort
São Paulo, 1961

Residência 321 – Rosa Grena Kliass
e Wladimir Kliass
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 322 – Victor Reif
São Paulo, 1961

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 323 – Israel Golmann
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 324 – David Libeskind
São Paulo, 1961

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 325– Ernesto Vargas Cardozo
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAV. SUPERIOR

Residência 326 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
Guarujá, 1961

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PRIMEIRO PAVIMENTO

PLANTA SEGUNDO PAVIMENTO

PLANTA TERCEIRO PAVIMENTO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 327 – Jorge Machado Moreira
Rio de Janeiro, 1961

Residência 328 – Carlos Barjas Millan
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 329 – Rolf Werner Hüther
Penedo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 330 – Abelardo de Souza
São Sebastião, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 331 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 332 – Wolfgang Schoedon
São Paulo, 1961

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 333 – Paoliello e Moreira
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 334 – Carlos A. C. Lemos
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 335 – David A. B. Ottoni
São Paulo, 1962

Residência 336 – Oswaldo Arthur Bratke
Ubatuba, 1962

Residência 337 – Roger Zmekhol
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 338 – Giancarlo Fongaro
Sem Localização, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 339 – José Luiz Fleury de Oliveira
São José do Rio Preto, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 340 – Nina Albu e Bernardo Vaisman
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 341 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1962

Residência 342 – Jaime Lerner
São Paulo, 1962

Residência 343 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1962

Residência 344 – J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1962

Residência 345 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUP.

Residência 346 – Maurício Schneider
e Pedro Paulo de Melo Saraiva
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 347 – Carlos A. C. Lemos
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 348 – J. M. Monfort
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 349 – J. M. Monfort
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 350 – Rubens de Camargo Monteiro
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 351 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 352 – Jon Maitrejean
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 353 – Victor Reif
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 354 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 355 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 356 – Rosa Grena Kliass
e Wladimir Kliass
São Paulo, 1962

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 357 – David Libeskind
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 358 – Adolpho Rubio Morales
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 359 – Adolpho Rubio Morales
São Paulo, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 360 – Fernando Ferreira de Pinho
Bauru, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 361 – Fernando Ferreira de Pinho
Bauru, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 362 – Fernando Ferreira de Pinho
Bauru, 1962

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 363 – Ney Marcondes
São Paulo, 1963

Residência 364 – J. M. Monfort
São Paulo, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 365 – Hoover Americo Sampaio
São Paulo, 1963

Residência 366 – José Luiz Fleury de Oliveira
São Sebastião, 1963

Residência 367 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 368 – João Chaddad
Piracicaba, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 369 – Paulo A. Mendes da Rocha
e João De Gennaro
São Paulo, 1963

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 370 – Hans Broos
Blumenau, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 371 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 372 – Hélio Duarte, Lúcio Grinover,
Marlene Picarelli e Roberto Tibau
Santa Bárbara do Oeste, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 373 – Jorge Zalsupin
São Paulo, 1963

PLANTA SUBSOLO

Residência 374 – J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 375 – Stephan Eleutheriades
Petrópolis, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 376 – J. M. Monfort
Sem Localização, 1963

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 377 – Simão Goldman
Porto Alegre, 1963

Residência 378 – Sérgio W. Bernardes
Rio de Janeiro, 1963

RESIDÊNCIA HÉLIO CABRAL, 1951

Residência 379 – Sérgio W. Bernardes
Petrópolis, 1963

RESIDÊNCIA PAULO SAMPAIO, 1951

Residência 381 – Sérgio W. Bernardes
Itaipava, 1963

RESIDÊNCIA MARIA C. M. SOARES, 1951

Residência 380 – Sérgio W. Bernardes
Petrópolis, 1963

RESIDÊNCIA GUILHERME BRANDI, 1952

Residência 382 – Sérgio W. Bernardes
Petrópolis, 1963

RESIDÊNCIA HENRY HOYER, 1956

Residência 383 – Sérgio W. Bernardes
Sem localização, 1963

RESIDÊNCIA JOAQUIM B. A. DE LIMA, 1959

Residência 143 – Sérgio W. Bernardes
Petrópolis, 1963

RESIDÊNCIA JOÃO SOUZA DANTAS, 1962

Residência 384 – Sérgio W. Bernardes
Sem Localização, 1963

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 385 – Cesar Luís Pires de Mello
Campos do Jordão, 1964

Residência 386 – Dácio Ottoni e David Ottoni
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 387– Carlos A. C. Lemos
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 388 – Claude Jeannet
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 389 – Ricardo Menescal
Clube dos 500, via Dutra, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 390 – João Walter Toscano
e José Caetano de Mello Fº.
São Bernardo do Campo, 1964

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 391 – Marcello Fragelli
Guarujá, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 392 – Henrique S. Sadocco
São Paulo, 1964

Residência 393 – Sérgio F. de Féo
São Paulo, 1964

Residência 394 – Rodolpho M. Dini
Praia Grande, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 395 – Rodolpho M. Dini
Itanhaém, 1964

PAVIMENTO SUPERIOR

PAVIMENTO TÉRREO

Residência 396 – Jaime Lerner
Curitiba, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 397 – Luciano Gomes Cardim
e C. A. Gomes Cardim F.
São Paulo, 1964

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 398 – Lúcio Grinover
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 399 – Milton Ghiraldini
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 400 – Victor Reif
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 401 – Cesar L. Pires de Mello,
Arnaldo Grostein e Maurício Nogueira Lima
São Paulo, 1964

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 402– Ferraz de Andrade
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 403 – Hoover Americo Sampaio
São Paulo, 1964

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 404 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1964

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 405 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
São Paulo, 1965

Residência 406 – Eduardo Corona e Carlos Lemos
São Paulo, 1965

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 407 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1965

Residência 408 – Benno Perelmutter
Guarujá, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 409 – Carlos Millan
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 328 – Carlos Millan
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 410 – Carlos Millan
São Paulo, 1965

Residência 411 – Carlos Millan
São Paulo, 1965

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 412 – C. L. Pires de Mello,
A. Grostein, M. N. Lima
São Paulo, 1965

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 413 – David A. B. Ottoni
São Paulo, 1965

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 414 – Ítalo della Mana
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 415 – J. Pimont
Colorado, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 416 – Janus W. Wojdyslawski
Belo Horizonte, 1965

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 417 – Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 418 – Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro
São Paulo, 1965

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 419 – Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 420 – Sérgio Ferro
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 421 – Flávio Império
Ubatuba, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 422 – Sérgio Ferro
Cotia, 1965

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 423 – Croce, Aflalo & Gasperini
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 424 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 425 – Oscar Niemeyer
Hertzlia, Israel, 1965

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 426 – J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1965

Residência 427 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA SUBSOLO

Residência 428 – Marcello Fragelli
São Paulo, 1965

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 429 – Carlos A. C. Lemos
São Paulo, 1965

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 430 – J. M. Monfort
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 431 – Oswaldo Arthur Bratke
Vila de Serra do Navio, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA A

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA B

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA C

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA A

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO – TIPOLOGIA B

Residência 432 – Oswaldo Arthur Bratke
Vila de Serra do Navio, 1966

Residência 433 – Oswaldo Arthur Bratke
Vila de Serra do Navio, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 434 – Rubens Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 435 – Dácio Ottoni e David Ottoni
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 436 – Rubens de Camargo Monteiro
e M. Zuccon
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 437 – Jon Maitrejean
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 438 – W. Gottardi e A. M. Gottardi
Santo André, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 439 – Fábio Goldman
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 440 – Carlos Millan
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 441 – Carlos Millan
Osasco, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 442 – Carlos Millan
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 443 – Carlos Millan
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 444 – Carlos Millan
Mairiporã, 1966

Residência 445 – Carlos Millan
Ubatuba, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 446 – Arnaldo A. Martino
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 447 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 448 – Roger Zmekhol
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 449 – Hélio Duarte e L. Grinover
São Paulo, 1966

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 450 – A. Paesani, F. Penteadó
e T. Tamaki
Sem Localização, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 451 – Jon Maitrejean
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 452 – Roger Zmekhol
São Paulo, 1967

Residência 453 – João Walter Toscano
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 454 – João Walter Toscano
São Paulo, 1967

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 455 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 456 – Augusto Boccara
e Maria C. Repetto de Boccara.
Sem Localização, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 457 – Eduardo Corona
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 458 – Eduardo Longo
Guarujá, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 459 – Victor Reif
Sem Localização, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 460 – Bernardo Blanco e José Álvaro
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 461 – Paulo A. Mendes da Rocha
e João De Gennaro
Piracicaba, 1967

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 462 – Paulo A. Mendes da Rocha
e João De Gennaro
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 463 – Paulo A. Mendes da Rocha
e João De Gennaro
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 464 – Paulo A. Mendes da Rocha
e João De Gennaro
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 465 – Paulo A. Mendes da Rocha
e João De Gennaro
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 466 – Augusto Boccara
e Maria C. Repetto de Boccara
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 467 – Carlos Funes
São José do Rio Preto, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 468– Jon Maitrejean
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 469 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1967

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 470 – José Luiz Fleury de Oliveira
Cotia, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 471– Joaquim Guedes
Piracicaba, 1968

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA SUBSOLO I
I

Residência 472 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1968

PLANTA DO SUBSOLO I

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 473 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1968

SUBSOLO

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 474 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1968

Residência 475 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 476 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 477 – Jon Maitrejean
São Paulo, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 478 – João W. Toscano
e Odiléa H. S. Toscano
Guarujá, 1968

Residência 479 – César L. Pires de Mello,
Arnaldo Grostein e Maurício Nogueira Lima
Guarujá, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 480 – Cesar Luís Pires de Mello
Guarujá, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 481 – Cesar Luís Pires de Mello
Ubatuba, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 482 – Cesar Luís Pires de Mello
Ilha Bela, 1968

Residência 483 – Cláudio Luiz Araújo
Porto Alegre, 1968

Residência 484 – Rubens Gil De Camillo
Ubatuba, 1968

Residência 485 – Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 486 – Cândido Malta Campos F.,
Manoel K. Corrêa e Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 487 – Cândido Malta Campos F.,
Manoel K. Corrêa e Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 488 – Cândido Malta Campos F.
Botucatu, 1968

Residência 489 – Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 490 – Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 491 – Benno Perelmutter
São Paulo, 1968

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 492 – José Luiz Fleury de Oliveira
Vila Santo Antônio, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 493 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1969

PAVIMENTO TÉRREO PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 494 – Paulo Sérgio S. Silva
São Paulo, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 495 – José Luiz Fleury de Oliveira
Cotia, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 496 – Oscar Niemeyer
Cesarea (Israel), 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 497 – Oscar Niemeyer
Cap Ferrat - Alpes Maritimes (França), 1969

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA SUBSOLO

Residência 498 – Siegbert Zanettini
Sem Localização, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 499 – Benedito Lima de Toledo
São Paulo, 1969

Residência 500 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 501 – Ary de Queiroz Barros
São Paulo, 1969

Residência 502 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 503 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 504 – Frank Svensson
Olinda, 1969

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 505 – Sylvio B. Sawaya
e Edmilson Tinoco Jr.
São Paulo, 1970

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 506 – Manoel S. de Figueiredo e
Noemia X. Silveira F.
São Paulo, 1970

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 507 – David Libeskind
São Paulo, 1970

Residência 508 – J. M. Monfort
Sem Localização, 1970

PLANTA SUBSOLO

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 509 – Victor Reif
São Paulo, 1970

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 510 – Menotti Levi Netto
e Sérgio M. Assumpção
São Paulo, 1970

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 511 – Sylvio B. Sawaya
e Edmilson Tinoco Jr.
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 512 – Cristina Jucá e Frank Svensson
Recife, 1971

Residência 513 – Vitor Amaral Lotufo
Sem Localização, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 514 – Jorge Caron
Botucatu, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 500 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 515 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 516 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 517 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 518 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

Residência 519 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 520 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 521 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 522 – Abelardo Gomes de Abreu
Santos, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 523 – Luiz C. Boeckel
Rio de Janeiro, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 458 – Eduardo Longo
Guarujá, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 524 – Eduardo Longo
Guarujá, 1971

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 525 – Eduardo Longo
Guarujá, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 526 – Eduardo Longo
Guarujá, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 527 – Eduardo Longo
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 528 – Eduardo Longo
Guarujá, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 529 – Eduardo Longo
Guarujá, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 530 – Eduardo Longo
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

Residência 532 – Eduardo Longo
Sem Localização, 1971

PAVIMENTO TÉRREO

PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 533 – Eduardo Longo
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

Residência 534 – Eduardo Longo
São Paulo, 1971

PLANTA SUBSOLO

Residência 535 – Eduardo Longo
São Paulo, 1971

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

MODELOS RESIDENCIAIS MODERNOS UNIFAMILIARES UTILIZADOS COMO OBJETO DE ANÁLISE

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES**Maio de 1938 a dezembro 1971¹**

No período de maio de 1938 a dezembro de 1971, foram publicados, aproximadamente, 786 projetos de residência unifamiliar, dentre os quais: 24 são constituídos por projetos para o próprio arquiteto/engenheiro autor do projeto; 71 publicações com a exposição de mais de um projeto residencial unifamiliar dentro da mesma matéria; 47 projetos de residência de final de semana, geralmente localizadas no campo ou praia (residências de veraneio); 39 estudos de residência, constituídos pela publicação de desenhos e intenções de projeto.

Constituindo assim, um total de 935 publicações referentes ao tema de projeto de residência (s) unifamiliar (es).

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES**Setembro de 1952 a dezembro de 1971**

Através da análise e do cruzamento de dados de um total de 535 publicações inseridas na temática de residências modernas unifamiliares (projetos e estudos de residência, pavilhão, abrigo, abrigo e bar, e anexo) desenvolveu-se algumas tabelas, com a finalidade de melhor compreender as publicações ao longo do período de pesquisa.

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES**Setembro de 1952 a dezembro de 1971 - ANUALMENTE**

Esta tabela expõe o número de publicações referentes ao tema residencial moderno unifamiliar (projetos e estudos de residência, pavilhão e anexo) por ano, dentro do período de janeiro de 1952 a dezembro 1971, totalizando a publicação de 560 residências.

¹ Análise de dados baseada nos índices da revista Acrópole, no período de maio de 1938 a dezembro de 1971.

ANO	TOTAL		ANO	TOTAL
1952	31		1962	30
1953	21		1963	23
1954	77		1964	20
1955	48		1965	26
1956	42		1966	20
1957	39		1967	20
1958	29		1968	22
1959	20		1969	13
1960	21		1970	6
1961	25		1971	27

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

Setembro de 1952 a dezembro de 1971 - LOCALIZAÇÃO

A produção deste período, que se estende até inícios da década de 50, foi a mais fértil e unitária da arquitetura moderna brasileira. A ida de arquitetos formados na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro para outras cidades, principalmente Recife e Salvador, estimulou a difusão deste repertório. A renovação arquitetônica em São Paulo apresentou um panorama distinto, devido às tendências iniciadas anteriormente por Warchavchik, Flávio de Carvalho e Rino Levi e ampliadas pela chegada de inúmeros arquitetos europeus entre os quais Lucjan Korngold, Victor Reif, Bernardo Rudofsky, Giancarlo Piretti, Lina Bo Bardi e Adolfo Franz Heep. Além do mais, em São Paulo os arquitetos se formavam na Escola Politécnica, após completarem um curso cuja ênfase estava na formação técnica (ACAYABA, FICHER, 1982, p. 26).

Através de análises constituídas sobre a localização dos projetos residenciais, nota-se um número considerável, em sua totalidade, de projetos localizados na cidade de São Paulo, embora seja representativo o número de projetos realizados em cidades outras, em alguns casos, situadas em outras regiões do Brasil.

Diante de uma análise mais atenta, verifica-se que grande parte destes projetos pertence a obra de arquitetos paulistas, e que realizaram obras em outras cidades e regiões do Brasil, cuja concepção projetual de tais residências mantenha em suas características partido semelhante as residências desenvolvidas dentro da cidade de São Paulo.

Dentro de sua totalidade, procura-se verificar as características destes projetos que se assemelham e se distinguem, auxiliando, assim, no reconhecimento de uma arquitetura de maiores distinções dentro do modernismo.

CIDADE	Total
Alagoas	1
Americana	1
Araraquara	1
Bauru	3
Belém	2
Belo Horizonte	1
Blumenau	1
Boaçava	1
Botucatu	3
Campinas	5
Campos do Jordão	1
Cap Ferrat - Alpes Maritimes (França)	1
Caraguatatuba	1
Cesarea (Israel)	1
Clube dos 500, via Dutra	1
Colorado - Paraná	1
Cotia	6
Curitiba	1
Florianópolis	2
Goiânia	1
Guarujá	23
Hertzlia (Israel)	1
Ilha Bela	1
Ilheús	2
Itaipava	3
Itanhaém	1
Jacareí	1
Juiz de Fora	2
Jundiaí	1
Limeira	1
Mairiporã	1
Minas Gerais	1
Olinda	1
Osasco	1
Pacaembú	1
Penedo	1
Petrópolis	10
Piracicaba	3
Porto Alegre	2
Praia Grande	2
Presidente Altino	1
Recife	4
Rezende	2
Rio de Janeiro	12
Santa Bárbara do Oeste	1
Santo André	2
Santos	7
São Bernardo do Campo	3
São Conrado	1

São José do Rio Preto	2
São José dos Campos	1
São Paulo	339
São Sebastião	3
Sorocaba	2
Suzano	1
Ubatuba	5
Vila de Serra do Navio (Amapá)	3
Vitória	1
Sem Localização	37

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

Setembro de 1952 a dezembro de 1971 – AUTOR DO PROJETO

Buscando a verificação da autoria dos projetos e o número de projetos publicados por autor, criou-se uma tabela na qual constam seu/sua autor(es)/autora e a quantidade de projetos residenciais unifamiliares publicados na revista dentro do período em questão.

Embora muitos dos projetos tenham sido desenvolvidos em parceria, nesta tabela, procurou-se destacar o número de projetos publicados segundo cada arquiteto, engenheiro ou arquiteto-engenheiro. Assim como, os escritórios técnicos e sociedades construtoras², que assim se identificavam e impossibilitam precisar a autoria do projeto.

AUTOR	TOTAL
A. P. de Albuquerque	1
Abelardo de Souza	6
Abelardo Gomes de Abreu	1
Adolpho Rubio Morales	2
Adolpho Timm & Cia. Ltda.	1
Alberto Botti	6
Alcides Rocha Miranda	2
Alfredo Ernesto Becker	2
Alfredo Paesani	1
Aluísio da Rocha Leão	1
Ana Maria Gottardi	1
Anibal Martins Clemente	2
Arnaldo A. Martino	1
Arnaldo Furquim Paoliello	5
Arnaldo Grostein	3
Arthur Arcuri	2
Ary de Queiroz Barros	1
Augusto Boccara	2

² Adolpho Timm & Cia. Ltda, Charles Bosworth Soc. Civil de Engenharia Ltda, Construtécnica Ltda, Construtora Heep Ltda, Construtora Marino Barros Ltda, Construtora Ocle Ltda, Construtora São Paulo S. A., Ecel Ltda, Escritório, Técnico Bresslau & Bastian, Escritório Técnico L. C. Pereira de Almeida, Escritório Técnico Pasternak, Escritório Técnico Zeno Wolanski

Benedito Lima de Toledo	1
Benno Perelmutter	2
Bernardo Blanco	1
Bernardo Vaisman	1
Cândido Malta Campos F.	3
Carlos A. Gomes Cardim Filho	1
Carlos Alberto Cerqueira Lemos	6
Carlos Barjas Millan	11
Carlos Cascaldi	3
Carlos Funes	1
Cesar Luís Pires de Mello	14
Charles Bosworth Soc. Civil de Engenharia Ltda.	1
Claude Jeannet	1
Cláudio Luiz Araujo	1
Clauss Eggers	1
Construtécnica Ltda.	2
Construtora Heep Ltda.	1
Construtora Marino Barros Ltda.	1
Construtora Ocle Ltda.	1
Construtora São Paulo S. A.	3
Cristina Jucá	1
Dácio Araújo Benedicto Ottoni	2
Daisy Igel	1
David Araújo Benedicto Ottoni	5
David Libeskind	10
Dino Adolfo Andreoni	1
Ecel Ltda.	1
Edmilson Tinoco Júnior	1
Edoardo Rosso	1
Eduardo Corona	20
Eduardo Longo	14
Elvin Mackay Dubugras	2
Ernani de Campos Avelar	1
Ernesto Vargas Cardozo	2
Escritório Técnico Bresslau & Bastian ³	2
Escritório Técnico L. C. Pereira de Almeida	1
Escritório Técnico Pasternak	1
Escritório Técnico Zeno Wolanski	1
Eugenio Szilagyí	3
Eulálio Vidigal Pontes	2
Fábio Goldman	1
Fábio Penteado	1
Fernando Cabral Pinto	2
Fernando Ferreira de Pinho	3
Ferraz de Andrade	8
Flávio Império	1
Francisco Beck	3
Francisco Bolonha	1
Frank Svensson	2
Geraldo Gomes Serra	1

³ Escritório Técnico Bresslau & Bastian – Henrique Ernesto Bresslau e Franz L. Bastian

Gian Carlo Gasperini	1
Giancarlo Fongaro	1
Gilberto Junqueira Caldas	2
Gregori Warchavchik	11
Gregório Zolko	1
H. S. Caiuby Com.	1
Hans Broos	1
Heitor Ferreira de Souza	1
Hélio Duarte	2
Hélio Gianotti	1
Helmut Hein	1
Henrique Ephim Mindlin	5
Henrique S. Sadocco	1
Hoover Américo Sampaio	4
Ibsen Pivatelli	3
Irineu de Moura	1
Israel Golmann	1
Ítalo della Mana	1
Ítalo Eugenio Mauro	12
Jacques Pilon	1
Jaime Lerner	2
Janus W. Wojdyslawski	2
Jarbas Karman	2
João B. de Araújo Camargo	2
João Batista Ferreira Pimont	1
João Batista Vilanova Artigas	18
João Chaddad	1
João de Gennaro	6
João Walter Toscano	4
Joaquim A. Heleno	1
Joaquim Guedes	7
Jon Maitrejean	6
Jorge Caron	1
Jorge Machado Moreira	2
Jorge Wilhelm	2
Jorge Zalszupin	3
José Álvaro	1
José Augusto Belucci	1
José Caetano de Mello Filho	1
José Luiz Fleury de Oliveira	10
José Maria Monfort Guix	8
Julio José Franco Neves	1
Juvenal Waetge Jr.	1
Lauro da Costa Lima	2
Leone Fischberg	1
Leonidas Albuquerque	1
Livio E. Levi	1
Luciano Camparci	1
Luciano Gomes Cardim	1
Lúcio Grinover	3
Lucjan Korngold	4
Luis Saia	2

Luiz C. Boeckel	1
Luiz Contrucci	1
Luiz Roberto Carvalho Franco	2
Lygia Fernandes	1
Manoel K. Corrêa	2
Manoel S. de Figueiredo	1
Marc Rubin	6
Marcello Fragelli	5
Marcello Vivacqua	1
Marcos Tomanik	1
Maria C. Repetto de Boccara	2
Marino Barros	2
Mario de Azevedo	1
Mário Russo	3
Marlene Picarelli	1
Maschietto & Wolff Ltda.	2
Maurício Nogueira Lima	3
Maurício Sued	1
Maurício T. Schneider	3
Mauro Muller	1
Mauro Zuccon	1
Menotti Levi Netto	1
Miguel Badra Junior	3
Milton C. Ghiraldini	1
Milton Julio Carstens	1
Miranda Martinelli	1
Ney Marcondes	1
Nilo Ramos Villaboim	1
Nina Albu	1
Noemia X. Silveira F.	1
Odiléa H. S. Toscano	1
Olavo Redig de Campos	2
Oscar Niemeyer	3
Oswaldo Arthur Bratke	17
Oswaldo Corrêa Gonçalves	8
Oswaldo Wolff	1
Paulo A. Mendes da Rocha	6
Paulo Candiota	1
Paulo Renan Mamede	3
Paulo Sérgio de Souza e Silva	2
Paulo Wysling	1
Pedro Paulo de Mello Saraiva	4
Philipp Lohbauer	4
Pierre Weckx	1
Plínio Croce	14
Ricardo Menescal	1
Ricardo Sievers	20
Rino Levi	6
Roberto Aflalo	14
Roberto Bratke	1
Roberto Carlos Millet	1
Roberto Cerqueira Cesar	3

Roberto F. Martins de Mello	1
Roberto Tibau	1
Rodolpho M. Dini	2
Rodolpho Ortenblad Filho	32
Rodrigo Lefèvre	3
Roger Zmekhol	3
Rolf Werner Hüther	1
Rosa Grena Kliass	4
Rubens Carneiro Vianna	23
Rubens de Camargo Monteiro	6
Rubens Gil De Camillo	1
Ruy Ohtake	11
Sérgio F. de Féo	1
Sérgio Ferro	5
Sérgio M. Assumpção	1
Sérgio W. Bernardes	13
Siegbert Zanettini	6
Simão Goldman	1
Sociedade Construtora Camargo & Mesquita	1
Stephan Eleutheriades	1
Sylvio B. Sawaya	1
Sylvio Jaguaribe Ekman	1
Telesforo Giorgio Cristofani	1
Teru Tamaki	1
Tinoco & Pivatelli Ltda.	1
Toshio Tone	1
Vaidergorn & Verona	2
Victor Reif	12
Vitor Amaral Lotufo	1
Wilson Gottardi	1
Wit Olaf Prochnik	1
Wladimir Kliass	4
Wolfgang Schoedon	1
Yoshimasa Klmachi	1
Zenon Lotufo	4

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

Setembro de 1952 a dezembro de 1971 – PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS DOS ARQUITETOS

	ANO	Nº	TÍTULO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO
Residência 16	1953	178	Residência do Arquiteto	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 64	1954	184	Residência do Arquiteto de 1952	Oswaldo Arthur Bratke	São Paulo
Residência 103	1954	192	Residência do Arquiteto	Rodolpho Ortenblad Filho	São Paulo
Residência 113	1955	196	Residência do Arquiteto	Paulo Candiota	Rio de Janeiro
Residência 228	1957	229	Residência do Arquiteto (São Paulo)	Telesforo Giorgio Cristofani	São Paulo
Residência 316	1961	270	Residência Experimental (residência do arquiteto)	J. M. Monfort	Sem Localização

Residência 319	1961	271	Residência do Arquiteto	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 334	1962	278	Residência do Arquiteto	Carlos A. C. Lemos	São Paulo
Residência 337	1962	278	Residência do Arquiteto	Roger Zmekhol	São Paulo
Residência 345	1962	282	Residência do Arquiteto	Ferraz de Andrade	São Paulo
Residência 350	1962	284	Residência de arquiteto	Rubens de Camargo Monteiro	São Paulo
Residência 363	1963	291	Residência do arquiteto	Ney Marcondes	São Paulo
Residência 398	1964	307	Residência do arquiteto	Lúcio Grinover	São Paulo
Residência 411	1965	317	Residência do arquiteto	Carlos Millan	São Paulo
Residência 447	1966	333	Residência do arquiteto	Oswaldo A. Bratke	São Paulo
Residência 494	1969	360	Residência do arquiteto	Paulo Sérgio S. Silva	São Paulo
Residência 501	1969	367	Residência do arquiteto	Ary de Queiroz Barros	São Paulo
Residência 533	1971	389	Casa e escritório do arquiteto	Eduardo Longo	São Paulo

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

Setembro de 1952 a dezembro de 1971 – PUBLICAÇÕES DE ANEXO / ABRIGO / ÁREA DE LAZER

	ANO	Nº	TÍTULO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO
Residência 203	1957	219	Abrigo e Bar para Piscina	Olavo Redig de Campos	Petrópolis
Residência 259	1958	238	Abrigo e Piscina	Alberto Botti e Marc Rubin	Sem Localização
Residência 265	1958	242	Anexo de uma Residência	Edoardo Rosso e Yoshimasa Kimochi	Americana

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

Setembro de 1952 a dezembro de 1971 – PUBLICAÇÕES DE PAVILHÃO

Segundo a definição de Carlos Lemos e Eduardo Corona em “Dicionário da Arquitetura Brasileira”, Pavilhão consiste em “habitação portátil, tenda, barraco. Pequena casa. Construção menor contígua a outra maior. Ala de um edifício. Pequena construção isolada, em recanto de jardim ou parque” (CORONA; LEMOS, 1960, p. 52).

Este tipo de edificação conquistou seu espaço dentro do convívio social em São Paulo, “este pequeno pavilhão, que já é parte da vida social de São Paulo” (MINDLIN, 1999, p. 51) como afirma Mindlin sobre o pavilhão de praia da Sra. Jorge Prado, 1946, em Guarujá.

	ANO	Nº	TÍTULO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO
Residência 223	1957	226	Pavilhão de Recreio	Wit Olaf Prochnik	Itaipava
Residência 303	1960	263	Pavilhão de Praia	Oswaldo Corrêa Gonçalves	Guarujá
Residência 318	1961	270	Pavilhão de Praia	Janus W. Wojdyslawski	Sem Localização
Residência 408	1965	316	Pavilhão social	Benno Perelmutter	Guarujá

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

Setembro de 1952 a dezembro de 1971 – PUBLICAÇÕES DE ESTUDOS

Daí, expor aos colegas, na esperança de que possa haver interesse, não apenas “algumas residências construídas”, mas elementos mais completos que mostrem a evolução de nosso trabalho e do conjunto de idéias e experiências que fomos construindo ao longo dêle.

(...)

Acredito que não se pode avaliar o trabalho de um arquiteto pela sua obra construída apenas, mas que se deve levar em conta toda a obra feita, incluindo, portanto, projetos não realizados, escritos e desenhos. Talvez o mais importante permaneça, muitas vezes, no papel (GUEDES, 1968, p. 13).

Considera-se importante a manutenção deste tipo de publicação de estudos de obras, dentro da análise proposta, pois, como afirma Guedes na publicação especial dedicada a sua obra, eles representam mesmo que não construídos a importância de um raciocínio do arquiteto, importante dentro da análise da trajetória de sua obra e de seu pensamento arquitetônico.

	ANO	Nº	TÍTULO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO
Residência 6	1952	175	Estudo de Residência	Eduardo Corona	São Paulo
Residência 7	1952	175	Estudo de uma Casa de Campo	Victor Reif	Sem Localização
Residência 8	1952	176	Estudo de residência	Irineu de Moura	Araraquara
Residência 79	1954	186	Estudo de uma Residência	Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	Sem Localização
Residência 85	1954	189	Estudo de Residência	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 167	1956	210	Estudo de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 168	1956	210	Estudo de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 169	1956	210	Estudo de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 170	1956	210	Estudo de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 171	1956	210	Estudo de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização

Residência 216	1957	224	Estudo para Residência de Campo	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 220	1957	225	Estudo de Residência	Zenon Lotufo	Sem Localização
Residência 268	1959	243	Dois Estudos de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização
Residência 269	1959	243	Dois Estudos de Residências	Eduardo Corona	Sem Localização

A REVISTA ACRÓPOLE E A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM SÃO PAULO

Vista da rua, quer como cena que se projeta através dos vidros dos automóveis ou como surpresa que lentamente se desvela ao sabor dos passos e olhares distraídos dos transeuntes, a casa surpreende pelo que, simultaneamente, expõe e oculta (FARIAS, 1994).

Através do levantamento, catalogação, análise e do cruzamento de dados das 535 residências modernas unifamiliares acima referenciadas, este trabalho ao acompanhar a constituição da considerada arquitetura moderna brasileira entre os anos de 1952 a 1971, salienta características projetuais, tipológicas, técnicas e materiais construtivos muito diversificados, demonstrando uma riqueza plural da arquitetura moderna aqui produzida. Mesmo no período em que já poderia ser verificada a chamada “Escola Paulista”, durante a década de 1960, foi mantida uma grande pluralidade arquitetônica. Não se quer com isso dizer que não haja uma arquitetura que agregou o título de “Escola Paulista”, mas sim que outras concepções arquitetônicas foram coletâneas e a ela auxiliaram a difusão e a afirmação do modernismo em São Paulo.

Para tanto, salienta-se algumas considerações sobre as residências, anteriormente mencionadas, publicadas nos dois livros analisados, as quais as aproximam das publicadas na revista, caracterizando de uma maneira geral as construções deste gênero na cidade de São Paulo, dentro do período abordado por este trabalho.

Se por um lado são publicados exemplares de uma arquitetura desvinculada das discussões existentes sobre as novas técnicas e materiais construtivos como é o caso da residência 74 de Philipp Lohbauer. Por outro a arquitetura publicada pela revista expõe a preocupação com a disseminação da arquitetura moderna, principalmente desenvolvida na cidade de São Paulo.

Para salientar as características evidenciadas no trabalho e descritas abaixo, utilizou-se algumas imagens (vistas externas de residências), buscando facilitar a leitura e compreensão do texto, pois o material completo de análise está devidamente registrado e catalogado anteriormente. Assim, estas imagens buscam apenas ilustrar os comentários e não reduzir a análise mais ampla desenvolvida.

Residência 74 – Philipp Lohbauer
Casa de Week-End de 1953
São Paulo, 1954

Mantêm-se as características referentes à implantação das residências dentro de lote urbano, e pode-se afirmar que suas definições e limites auxiliam na definição de uma formalidade que será amplamente desenvolvida e disseminada através da revista.

Residência 327 – Jorge Machado Moreira
Rio de Janeiro, 1961

Residência 485 – Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

Residência 521 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1971

Em sua maioria de dimensões retangulares, os lotes estreitos em largura e de maior comprimento propiciaram o desenvolvimento de uma formalidade que busca ser purista e que agrega, muitas vezes, planos de materiais distintos, recobrando a hibridez compositiva salientada durante a análise anterior.

Residência 157 – Francisco Bolonha
Rio de Janeiro, 1956

Residência 311 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1961

Residência 373 – Jorge Zalsupin
São Paulo, 1963

Materiais como a alvenaria aparente ou revestida, elementos vazados, blocos convencionais, blocos estruturais expostos ou revestidos ou, simplesmente, buscam compor planos ou remetem a leitura de um plano, vale citar a influência de Mies van der Rohe em grande número dos projetos analisados.

Residência 222 – David Libeskind
Goiânia, 1957

Residência 231 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Ilheús, 1957

Residência 263 – Júlio José Franco Neves
Jacareí, 1958

Residência 286 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1959

Residência 306 – David Libeskind
São Paulo, 1960

Residência 459 – Victor Reif
Sem Localização, 1967

Estes materiais possuíam tanto uma função estrutural, de composição construtiva ou de criação de jogos de luz e sombra. A estes planos também eram agregados os tão disseminados na arquitetura moderna brasileira, os *brise-soleil*.

Residência 69 – Oswaldo Côrrea Gonçalves
Residência de 1950
São Paulo, 1954

Residência 427 – Ruy Ohtake
São Paulo, 1965

Residência 487 – Cândido Malta Campos F., Manoel K. Corrêa e Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

Em seus primeiros exemplares expostos durante o período de análise proposto evidencia-se a ausência de elementos de ornamentação e de fins decorativos, e assim, a construção de elementos de formalidade purista, assim como, os que posteriormente serão desenvolvidos por grande número de projetos.

Note-se uma continuidade entre obras introdutórias do modernismo e outras do período subsequente.

Residência 34 – Rino Levi
Residência de 1931
São Paulo, 1954

Residência 36 – Warchavchik
Primeira casa modernista de 1927/28
São Paulo, 1954

Muitas destas residências dispostas em dois pavimentos expõem preocupações plásticas compositivas de criação de volumes em forma de cubos, os quais não são rebatidos diretamente e espelhados com o seu primeiro pavimento. Estes “cubos” compõem a maneira de uma moldura proteção solar, terraços ou função estrutural no projeto.

Residência 90 – Ítalo Eugenio Mauro
São Paulo, 1954

Residência 142 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1955

Residência 176 – Mário Russo
Recife, 1956

Residência 185 – João B. de Araújo Camargo
São Paulo, 1956

Residência 226 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1957

Residência 227 – Eduardo Corona
São Paulo, 1957

Residência 228 – Telesforo Giorgio Cristofani
São Paulo, 1957

Residência 245 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1958

Residência 242 – Gregório Zolko
São Paulo, 1958

Residência 274 – Victor Reif
São Paulo, 1959

Residência 323 – Israel Golmann
São Paulo, 1961

Residência 337 – Roger Zmekhol
São Paulo, 1962

Residência 368 – João Chaddad
Piracicaba, 1963

Residência 371 – Ferraz de Andrade
São Paulo, 1963

Residência 374 – J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1963

Residência 491 – Benno Perelmutter
São Paulo, 1968

Residência 452 – Roger Zmekhol
São Paulo, 1967

Residência 486 – Cândido Malta Campos F., Manoel K. Corrêa e Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

Em muitos dos projetos residenciais de um pavimento também se evidencia esta caracterização formal de cubos, seja devido à utilização de todo o lote, com a utilização de uma viga em sua fachada principal, criando um frontão de entrada, seja pelas restrições de um programa menos amplo e um

projeto de dimensões menores. Ao se expor nessa sequência a residência Taques Bittencourt (residência 374) de Artigas e Cascaldi, pretende-se demonstrar a complexidade da produção arquitetônica. Ela é, ao mesmo tempo um marco da Escola Paulista e uma referência para o modernismo em geral, dialogando com uma produção mais extensiva do que a da Escola citada.

Residência 128 – Plínio Croce e Roberto Aflalo
São Paulo, 1955

Residência 360 – Fernando Ferreira de Pinho
Bauru, 1962

Residência 467 – Carlos Funes
São José do Rio Preto, 1967

A fachada principal de alguns destes projetos, voltada a rua, cria planos, superfícies chapadas, em que alguns arquitetos trabalham as possibilidades de materiais cerâmicos, como se pode citar alguns projetos de Eduardo Corona (residências 169, 170, 319).

Residência 169 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

Residência 170 – Eduardo Corona
São Paulo, 1956

Residência 319 – Eduardo Corona
São Paulo, 1961

Assim como possibilidades de intervenções artísticas como é o caso da residência 344 de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, com a pintura do artista Plástico Mário Gruber.

Residência 344 – J. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
São Paulo, 1962

Algumas residências exploram por sua vez formas de características retangulares, utilizando-se de volumes sobrepostos, espelhados ou não estes volumes são trabalhados salientando-se a horizontalidade do projeto, embora sua maioria seja constituída por dois pavimentos. Esta característica deve-se muitas vezes a amplitude do programa, com grande número de ambientes, a características do lote, como é o caso do lote de esquina, e as novas possibilidades de grandes aberturas, utilizadas com grandes painéis de vidro e terraços.

Residência 108 – Escr. Técnico L. C. Pereira de Almeida
São Paulo, 1954

Residência 58 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1940
São Paulo, 1954

Residência 179 – Construtora Heep Ltda.
São Paulo, 1956

Residência 275 – Lucjan Korngold
São Paulo, 1959

Residência 305 – David Libeskind
São Paulo, 1960

Residência 412 – C. L. Pires de Mello, A. Grostein, M. N. Lima
São Paulo, 1965

Enquanto outras exploram a plasticidade formal através da utilização do concreto e, sobretudo, da estrutura independente, agregados aos novos materiais construtivos.

Residência 1 – Oswaldo Bratke
São Paulo, 1952

Residência 14 – Rubens Carneiro Vianna
São Paulo, 1953

Residência 17 – Nilo Ramos Villaboim
São Paulo, 1953

Residência 67 – Rodolpho Ortenblad Filho
Residência de 1952
São Paulo, 1954

Residência 21 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1953

Residência 72 – Eduardo Corona
Residência de 1952
São Paulo, 1954

Residência 103 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1954

Residência 61 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1950
São Paulo, 1954

Residência 70 – Oswaldo Córrea Gonçalves
Residência de 1953
Guarujá, 1954

Residência 109 – Victor Reif
São Paulo, 1955

Residência 156 – Juvenal Waetge Jr.
São Paulo, 1955

Residência 150 – Lygia Fernandes
Alagoas, 1955

Residência 162 – Marcello Vilacqua
Vitória - ES, 1956

Residência 177 – Vilanova Artigas
São Paulo, 1956

Residência 180 – Sérgio W. Bernardes
São Paulo, 1956

Residência 212 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
São Paulo, 1957

Residência 303 – Oswaldo Corrêa Gonçalves
Guarujá, 1960

Residência 398 – Lúcio Grinover
São Paulo, 1964

Residência 406 – Eduardo Corona e Carlos Lemos
São Paulo, 1965

Residência 514 – Jorge Caron
Botucatu, 1971

A riqueza de formas apresentadas nessa última seqüência é muito significativa, devido à diversidade exposta, sob a influência de grandes mestres da arquitetura moderna, não apenas reproduzindo-se modelos, mas gerando resultados inovadores para a arquitetura brasileira. Ou seja, essa arquitetura plural, mostra maturidade e não a falta de clareza de objetivos.

A mesma questão liga-se a próxima seqüência, no sentido de observar-se a presença de Wright em muitas obras, mas como diálogo e não como modelo.

Residência 58 – J. Vilanova Artigas
Residência de 1940
São Paulo, 1954

Residência 64 – Oswaldo Arthur Bratke
Residência do Arquiteto de 1952
São Paulo, 1954

Residência 81 – Arnaldo Furquim Paoliello
São Paulo, 1954

Residência 256 – Marcello Fragelli
São Conrado, 1958

Residência 298 – Rodolpho Ortenblad Filho
São Paulo, 1960

Residência 343 – Oswaldo Arthur Bratke
São Paulo, 1962

Tipologias desenvolvidas para conjuntos residenciais, como é o caso da residência 214 de César L. de Mello, em que a residência tem como prioridade as dimensões mínimas de seu programa. Ou como é o caso da Vila de Serra do Navio, de Oswaldo Arthur Bratke, com tipologias residenciais diferenciadas para os funcionários solteiros e os com família, naqueles procura-se uma maior integração social entre as tipologias e sua dimensão é reduzida, nestes a tipologia faz-se mais semelhante a uma residência de padrão unifamiliar.

Destaca-se na Vila de Serra do Navio a utilização de diferentes materiais construtivos, alguns de caráter local, e a integração do ambiente interno ao externo, assim como a estrutura independente.

Residência 214 – César Luiz Pires de Mello
Presidente Altino, 1957

Residência 433 – Oswaldo Arthur Bratke
Vila de Serra do Navio, 1966

Residência 431 – Oswaldo Arthur Bratke
Vila de Serra do Navio, 1966

Residência 432 – Oswaldo Arthur Bratke
Vila de Serra do Navio, 1966

Em alguns projetos nota-se a referência direta a obra de Le Corbusier, com suas propostas de terraço jardim, pilotis e painéis de vidro. Mas, sobretudo, o uso variado da referência, nos termos já afirmados.

Residência 50 – Henrique Mindlin
Casa de Campo de 1949
Petrópolis, 1954

Residência 165 – Luís Saia
São Paulo, 1956

Residência 291 – Hélio Gianotti
São Paulo, 1960

Residência 328 – Carlos Barjas Millan
São Paulo, 1961

Residência 332 – Wolfgang Schoedon
São Paulo, 1961

Residência 377 – Simão Goldman
Porto Alegre, 1963

Residência 411 – Carlos Millan
São Paulo, 1965

Residência 465 – Paulo A. Mendes da Rocha e João De Gennaro
São Paulo, 1967

Residência 461 – Paulo A. Mendes da Rocha e João de Gennaro
Piracicaba, 1967

Residência 464 – Paulo A. Mendes da Rocha e João de Gennaro
São Paulo, 1967

Residência 472 – Joaquim Guedes
São Paulo, 1968

Residência 503 – J. Vilanova Artigas
São Paulo, 1969

Há que se destacar que o diálogo é amplo, incorporando vários ensinamentos, como o de Mies van der Rohe na configuração espacial de suas plantas.

Residência 45 – Warchavchik
Residência de Praia de 1943

Residência 168 – Eduardo
Corona
São Paulo, 1956

Residência 277 – Hoover Américo
Sampaio
São Paulo, 1959

Residência 206 – Ibsen Pivatelli
Rio de Janeiro, 1957

Residência 246 – Rosa Grena
Kliass e Wladimir Kliass
1958

Residência 341 – Rodolpho
Ortenblad Filho
São Paulo, 1962

Em outros projetos salientam-se as possibilidades garantidas pelas novas técnicas construtivas e materiais, e o seu questionamento, aonde destaca-se a atuação de Sérgio Bernardes, Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro.

Residência 143 – Sérgio W.
Bernardes
Petrópolis, 1955

Residência 151 – Sérgio W. Bernardes
Rio de Janeiro, 1955

Residência 163 – Sérgio Bernardes
Petrópolis - RJ, 1956

Residência 193 – Vaidergorn &
Verona
Guarujá, 1956

Residência 238 – Oswaldo Arthur
Bratke
São Paulo, 1958

Residência 404 – Oswaldo Arthur
Bratke
São Paulo, 1964

Residência 421 – Flávio Império
Ubatuba, 1965

Residência 422 – Sérgio Ferro
Cotia, 1965

Residência 417 – Rodrigo Lefèvre e
Sérgio Ferro
São Paulo, 1965

Residência 446 – Arnaldo A. Martino
São Paulo, 1966

Residência 456 – Augusto Boccara e Maria C. Repetto de Boccara.
Sem Localização, 1967

Residência 458 – Eduardo Longo
Guarujá, 1967

Residência 484 – Rubens Gil De Camillo
Ubatuba, 1968

Residência 490 – Siegbert Zanettini
São Paulo, 1968

Residência 506 – Manoel S. de Figueiredo e Noemia X. Silveira F.
São Paulo, 1970

O que foi mostrado aqui é um recorte possível, dentre outros. Várias soluções poderiam estar presentes em mais de uma seqüência de casas. O que não significa um problema, mas sim, reafirma riqueza dos projetos. Isso, não é entendido como dispersão de conceitos, mas sim, variações modernas.

Ainda dentre estas variações destaca-se a casa de praia pela sua maior liberdade projetual, aplicação de diferenciadas técnicas e materiais construtivos utilizados, assim como o programa diferenciado, por tratar-se de uma casa considerada de descanso e não como residência cotidiana.

Residência 254 – Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers
Guarujá, 1958

Residência 295 – Alberto Botti e Marc Rubin
São Sebastião, 1960

Residência 336 – Oswaldo Arthur Bratke
Ubatuba, 1962

Vale ressaltar a importância da publicação especial “Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo”, a qual reforça através de seu material a pluralidade da arquitetura desenvolvida na cidade de São Paulo. Proposta como um percurso planejado por esta cidade, constituído por edifícios modernos verticais voltados à habitação coletiva ou comercial, esportivos, educacionais, religiosos ou exemplos únicos de edifício industrial, parque, planetário e o conjunto de diversos usos em uma só edificação, como é o caso do Conjunto Nacional (1955) de David Libeskind.

Inclui-se neste roteiro, a maneira de uma seleção, mesmo que explicitada por seus autores (Carlos Lemos e Eduardo Corona) como sem caráter crítico, alguns exemplares de residências unifamiliares, muitas das quais se incluem dentro do objeto de pesquisa proposto, por terem sido publicadas pela revista Acrópole.

Assim, considera-se que este livro além de auxiliar na disseminação da arquitetura moderna, expõe o mesmo que este trabalho busca divulgar, a pluralidade da arquitetura moderna em São Paulo, principalmente, nas décadas de 1950 e 1960.

CONCLUSÃO

Limitações ao estudo

Contribuições para estudos futuros

Considerações finais

CONCLUSÃO

Este capítulo final tem o intuito de estabelecer uma análise mais cuidadosa e atenta sobre a importância real das publicações residenciais ou voltadas ao tema residencial deste periódico, cuja importância e papel dentro da historiografia brasileira já foram consolidados, embora não tenham sido objeto de uma análise minuciosa.

Assim, procura-se retornar aos objetivos do trabalho e a alguns aspectos teóricos para que sejam relacionados à análise a que se propõe. São tecidas algumas considerações a respeito da importância da análise de periódicos especializados em arquitetura, além dos resultados obtidos na pesquisa diante de suas limitações.

Primeiramente, é importante destacar que, as investigações sobre periódicos especializados em arquitetura, apesar de serem um objeto de estudo insuficientemente explorado pelas pesquisas já desenvolvidas, é assunto de extrema importância para a historiografia da arquitetura brasileira.

A pesquisa em torno dos autores dos projetos residenciais levantados salienta uma ausência de literatura referente a alguns destes nomes e, principalmente, a escritórios técnicos e sociedades construtoras de importância, cujas atuações são abordadas por esta pesquisa, assim como outros, pertencentes ao período anterior, que constituem o que foi nomeado como a primeira fase da revista Acrópole.

Alguns destes profissionais e sociedades encontram-se anunciados na forma de publicidade ao final de cada edição, anteriormente a coluna “São Paulo Imobiliário”, durante o final da década de 1930 e durante a década de 1940. Atualmente não há um levantamento amplo e esclarecedor sobre o tema, com maiores dados e detalhes sobre muitos desses⁴. Portanto, considera-se de grande importância a existência de registros de suas construções na cidade de São Paulo ou em outras cidades.

A preocupação deste trabalho em realizar um levantamento e catalogação das residências unifamiliares demonstram que, na verdade, apesar da existência de informações sobre o mesmo tema em diversos outros levantamentos e trabalhos ou que a ele dizem respeito. A partir da eleição de alguns modelos ou de alguns exemplares em virtude de outros se esconde o que ao final este trabalho visa expor, a pluralidade tipológica a que estava exposta a arquitetura brasileira durante as décadas de 1950 a 1970.

Entre os exemplares considerados objetos de análise desta pesquisa encontram-se residências urbanas, centralizadas em sua maioria na cidade de São Paulo, mas também em outras regiões do Brasil, assim como residências de “descanso” ou “final-de-semana”, de campo ou de praia.

⁴ Para tanto cita-se a publicação de Sylvia Ficher “Os Arquitetos da Poli”, de grande auxílio a esta pesquisa e que aborda este tema.

LIMITAÇÕES AO ESTUDO

Para delimitar o potencial das contribuições apresentadas pelo trabalho é importante aqui retornar às limitações do estudo. Trata-se este trabalho de uma pesquisa do tipo estudo de múltiplos exemplares, em que alguns poucos casos são estudados em profundidade. Esse tipo de investigação é interessante para estruturar conceitos que não sejam bem delimitados, analisando características gerais que exponham semelhanças e características.

Assim, não pôde realizar uma pesquisa em profundidade de um estudo de caso individual. Mas para a intenção desse trabalho, é importante a obtenção de uma síntese do estudo do objeto diante de um panorama geral, o qual salienta a existência de grande número de variações e a dificuldade de uma caracterização única a qual se faça suficiente diante da amplitude de “tipologias” verificadas.

O escopo do estudo também impediu que fossem feitos levantamentos em acervos particulares dos autores dos projetos, com raras exceções, como fora o caso de algumas obras de Vilanova Artigas. Este tipo de levantamento exige por si só um foco de pesquisa dedicado.

Também é importante citar que não foram feitas pesquisas a respeito do estado atual e existência das residências levantadas. Pontualmente, alguns casos foram verificados, mas também fora visto como razão de outro foco de pesquisa dedicado.

Por fim, é importante destacar que as análises desenvolvidas por esta pesquisa foram realizadas sob parâmetros comparativos que encontram similitudes e distinções projetuais visando caracterizá-las diante de suas influências e diante da criação de um repertório arquitetônico nacional moderno. Tal forma de análise, vista como interessante por este trabalho, pode reduzir características particulares de cada um destes projetos.

CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

As principais relações desse trabalho para outros estudos a serem realizados no futuro estão relacionados ao tema das residências unifamiliares modernas brasileiras, principalmente a arquitetura desenvolvida na cidade de São Paulo. Assim como para com outros estudos a serem realizados no futuro relacionados à publicação de residências unifamiliares dentro da revista Acrópole e, indiretamente, pela discussão sobre a publicação de residências unifamiliares em outros periódicos.

Também é possível realizar o levantamento de residências modernas utilizando-se como fontes de dados outros periódicos, o que permitiria a execução de pesquisas comparativas de maior abrangência. Assim, novos periódicos ou exemplares de residências levantados em pesquisas futuras e não inclusos neste trabalho poderiam ser acrescentados, ampliando a abrangência das considerações.

O levantamento resultante pode mesmo servir de guia inicial para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema de residências unifamiliares modernas publicadas em periódicos por interessados. Considera-se que as contribuições nessa área são importantes para suprir a ausência deste tipo de levantamento historiográfico específico dentro da arquitetura moderna brasileira.

Finalmente, ao levantar questões a respeito de residências modernas unifamiliares, este trabalho depara-se com dados que podem constituir temas de pesquisa interessantes com relação a seus autores, a localização destes projetos ou mesmo a questões específicas sobre o funcionamento dos periódicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento em que a arquitetura moderna brasileira já possui certa maturidade, liberdade e consolidação, este trabalho expõe a diversidade da arquitetura moderna paulista dentro do panorama da arquitetura moderna brasileira. Esta liberdade projetual é evidenciada com a construção do Conjunto Arquitetônico da Pampulha (1942-1944), de autoria de Oscar Niemeyer, em um momento em que a arquitetura moderna paulista é caracterizada por grande influência direta da arquitetura carioca, ou constituída por arquitetos provindos do Rio de Janeiro.

Posteriormente, uma das vertentes da arquitetura moderna produzida em São Paulo, a chamada Escola Paulista, adquire características hegemônicas, pelo menos nos meios formadores de opinião entre os arquitetos (escolas, entidades, revistas, etc.), talvez já ao final da década de 1960, mas sobretudo durante a década de 1970 e mesmo a de 1980, período e questão que fogem da análise deste trabalho.

Anterior a este período, este trabalho busca ressaltar o que de certo modo fora esquecido pela historiografia da arquitetura moderna brasileira, o moderno verificado e existente na cidade de São Paulo. O moderno reconhecido e hegemônico existente dentro da cidade de São Paulo.

Para tanto vale ressaltar a importância da publicação especial “Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo”, a qual reforça a pluralidade da arquitetura desenvolvida principalmente nas décadas de 1950 e 1960, do que a arquitetura a qual se convencionou chamar de arquitetura paulista.

Mas de todo modo, a pesquisa pretende que a sua maior contribuição esteja em que o olhar sobre a produção arquitetônica paulista (e brasileira) seja menos pré-concebido, aberto a perceber que a pluralidade, desde que exercida com critério, qualidade e devoção aos princípios modernos. Como no caso da produção apresentada, esta produção deve ser entendida como conhecimento e reflexão para renovação da arquitetura.

REFERÊNCIAS

- ACAYABA, Marlene Milan; FICHER, Sylvia. (1982). **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto.
- ACAYABA, Marlene Milan. (1986). **Residências em São Paulo: 1947 – 1975**. São Paulo: Projeto.
- ACRÓPOLE. (1956). **Residências Interiores**. São Paulo: Acrópole.
- ANDRADE, Mário de. (1985). Brazil builds. **Arte em Revista**. São Paulo: CEAC, n. 4, pp. 25-28, mar.
- ARANTES, Pedro Fiori. (2002). **Arquitetura nova**. São Paulo: Ed.34.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (2001). **Metrópole e Cultura**. São Paulo: EDUSC.
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. (1981). **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas; PINI.
- _____. (1951). **Le Corbusier e o imperialismo**. São Paulo: Fundamentos. p. 8-27.
- _____. (1997). **Vilanova Artigas**. São Paulo: Instituto Bardi; Fundação Vilanova Artigas.
- BANHAM, Reyner.(1966). **El Brutalismo en Arquitectura: etica o estetica?**. Barcelona: Gustavo Gili.
- BARROS, Marino. (1956). **Residências Interiores**. São Paulo: Ed. Acrópole, p. 32.
- BILL, Max. (1985). Censura os Arquitetos Brasileiros. **Arte em Revista**. São Paulo: CEAC, n. 4, pp. 49-50, mar.
- BILL, Max. (1954). Report on Brazil. **Architectural Review**. Londres: n. 116, outubro, pp. 235-240.
- BILL, Max. (1953). **Revista Habitat**. São Paulo: n. 12, setembro.
- BRATKE, Oswaldo. (1987/1988). A arte de bem projetar e bem construir. **Revista Projeto**. São Paulo, n. 106, dez/jan.
- BRUAND, Yves. (1982). **A Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva.
- BUZZAR, Miguel Antônio. (1996). **João Batista Vilanova Artigas: elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira – 1938-1967**. 337p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Mimeografado.
- _____. (2001). **Rodrigo Brotero Lefèvre e a idéia de vanguarda**. 409p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Mimeografado.
- CARON, Jorge. (1971). Prólogo. **Acrópole**. São Paulo: n. 385, p. 9, junho.

- CARRANZA, Ricardo. (2000). **Eduardo Corona: arquitetura moderna em São Paulo**. 200p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Mimeografado.
- CHAUÍ, Marilena. (1984). **O Que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense.
- CORBUSIER, LE. (2003). **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. (1960). Dicionário da Arquitetura Brasileira. **Acrópole**. São Paulo: n.266, p. 52.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. (1972). **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart.
- CORONA, Eduardo. (1971). IAB 50 anos. **Acrópole**. São Paulo: n. 389, p. 8, outubro.
- CORONA, Eduardo. (1964). Normas de conduta profissional para o arquiteto. **Acrópole**. São Paulo: n. 305, p. 22, abril.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. (1963). Roteiro arquitetura contemporânea São Paulo. **Separata revista acrópole 295/296**, São Paulo.
- CORONA, Eduardo. (1971). Vida e morte de uma revista. **Acrópole**. São Paulo: n. 390/391, p. 7, nov./dez.
- COSTA, Lúcio. (1951). Muita Construção Alguma Arquitetura e um Milagre. **Lúcio Costa: Sobre Arquitetura**. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura de Porto Alegre, p.199.
- [EDITORIAL]. (1950). **Habitat**. São Paulo: n.1, s/p, outubro-dezembro.
- [EDITORIAL]. (1954). **Acrópole**. São Paulo: n.191, p.1, ago.
- [EDITORIAL]. (1956). **Residências Interiores**. Editora: Acrópole. São Paulo.
- [EDITORIAL]. (1956). **Acrópole**. São Paulo: n. 207, p.1, jan.
- [EDITORIAL]. (1957). "Modern Architecture in Brazil" de Enrique E. Mandolin. **Acrópole**. São Paulo: n. 219, janeiro.
- [EDITORIAL]. (1957). Boletim do IAB. **Acrópole**. São Paulo: n. 219, janeiro.
- [EDITORIAL]. (1958). Boletim do IAB – Debitem. de São Paulo. **Acrópole**. São Paulo: n. 53, julho.
- EDITORIAL. (1963). 25º aniversário. **Acrópole**. São Paulo: n. 295/296, junho.
- EDITORIAL. (1963). Revistas de arquitetura no Brasil. **Acrópole**. São Paulo: n. 295/296, junho, pp. 201-203.
- [EDITORIAL]. (1965). **Acrópole**. São Paulo: n.321, p.20, setembro.
- [EDITORIAL]. (1966). **Acrópole**. São Paulo: n. 325, janeiro/fevereiro, p. 17.

- EDITORIAL (Estudantes da FAUUSP). (1969). Palavras a Oscar Niemeyer. **Acrópole**. São Paulo: n. 362, p. 13, junho.
- FARIAS, Agnaldo. (1994). **A Arquitetura de Ruy Ohtake**. Madrid: Celeste.
- FERRO, Sérgio. (1965). Notas sobre arquitetura. **Acrópole**. São Paulo, n. 319, p. 23, julho.
- FRAMPTON, Kenneth. (2000). **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes.
- FREYRE, Gilberto. (1977). **Sobrados e mocambos**. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- GIEDION, Siegfried. (1952). Le Brésil et l'architecture contemporaine. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Boulogne, v.23, n.42/43, p.3, oct.
- GOODWIN, Philip. (1943). **Brazil builds architecture new and old 1652 - 1942**. New York: The Museum of Modern Art.
- GROPIUS, Walter. (1972). **Bauhaus nova arquitetura**. São Paulo: Perspectiva.
- GUEDES, Joaquim. (1968). Depoimento. **Acrópole**. São Paulo: n. 347, p. 13.
- HOBSBAWM, Eric J. (1990). **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Tradução Maria Célia Paoli; Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- IAB, disponível em: <<http://www.iab.org.br/presidentes.asp>>. Acesso em: 10 de out. de 2006.
- IMPÉRIO, Flávio. (1965). Notas sobre arquitetura. **Acrópole**. São Paulo, n. 319, p. 23, julho.
- KOURY, Ana Paula. (2003). **Grupo arquitetura nova (Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro)**. São Paulo: EDUSP.
- LEFÈVRE, Rodrigo. (1965). Notas sobre arquitetura. **Acrópole**. São Paulo: n. 319, p. 23, julho.
- LEMOS, Carlos A. C. (1974). **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LEMOS, Carlos A. C. (1999). **Casa paulista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LEMOS, Carlos A. C. (1978). **Cozinhas, etc.- Um Estudo sobre as Zonas de Serviço da Casa Paulista**. São Paulo: Perspectiva.
- LEMOS, Carlos A. C. (1989). **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto.
- LEMOS, Carlos A.C. (2005). **O modernismo arquitetônico em São Paulo**. São Paulo: III Seminário Docomomo Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq065/arq065_01.asp>. Acesso em: 9 de jul. de 2007.
- LEMOS, Carlos A. C. (2005). **Viagem pela carne**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LONGO, Eduardo. (1971). **Acrópole**. São Paulo: n. 388, p.14, set.

LUCCHINO, Mariana Arruda Camargo. (2003). **MASP 7 de abril (1947-1957): a concepção de “Museu-escola”**. Exame de qualificação. São Carlos: EESC-USP, 2003.

MACHADO, Lúcio Gomes. (1992). **Rino Levi a renovação da arquitetura brasileira**. 456p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Mimeografado

MALTA, Cândido Campos F.. (1968). Homenagem ao arq. Manoel Kosciuszko Corrêa. **Acrópole**. São Paulo, n. 352, p.11, julho.

MARTINS, Carlos A.F. (1997). **Arquitetura e estado no Brasil**: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lúcio Costa (1924 / 1952). 225p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988. Mimeografado.

MELENDEZ, Adilson (2005). Entrevista com João Carlos Cauduro. **PROJETODESIGN**. São Paulo, n. 309, novembro.

MELLO, Eduardo Kneese de. (1938). Acrópole de Athenas. **Acrópole**. São Paulo: n.1, p.14, maio.

MINDLIN, Henrique E. (1999). **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano; I PHAN.

MINDLIN, Henrique E. (1956). **Modern architecture in Brazil**. New York: Reinhold Pub. Corp.

_____. (1975). A Nova arquitetura e o mundo de hoje. In: YOSHIDA, Célia Ballario et al.; **Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto**. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen; Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. p.165-172.

MIRANDA, Clara Luiza. (1998). **A Crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50**: a expressão plástica e a síntese das artes. 337p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1998.

MONTANER, Josep Maria. (1993). **Después del movimiento moderno – arquitectura de la segunda mitad del siglo XX**. Barcelona: Gustavo Gili, S.A.

MOTTA, Flávio. (1962). Introduzione al Brasile. **Zodiac**: revue internationale d'architecture contemporaine, Milano, n.6, p.61-68.

MOTTA, Flávio. (1968). Paulo Mendes da Rocha. **Acrópole**. n. 343, p. 17, setembro.

NEUTRA, Richard Joseph. (1948). **Arquitetura social em países de clima quente**. São Paulo: Gerth Todmann.

NEUTRA, Richard Joseph. (1972). **Vida y forma**. Buenos Aires: Marymar.

NEVES, Christiano S. das. (1956). Histórias para a história. **Acrópole**, São Paulo: n. 207, janeiro.

PEDROSA, Mário. (1973). A Bienal de cá para lá. In: GUILLAR, Ferreira. (Coord.). **Arte brasileira hoje**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1981). **Dos Murais de Portinari aos espaços de Brasília**. São Paulo: Perspectiva.

- PENTEADO, Fábio. (1970). Vilanova Artigas, Construtor de Escolas. **Acrópole**. São Paulo: n. 377, p.9, setembro.
- PEREIRA, Cyro Ribeiro. (1952). Deixa a direção de ACRÓPOLE o Snr. Roberto Corrêa Brito - Como se fundou ACRÓPOLE. **Acrópole**. São Paulo, n.173, s/p, setembro.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. (1997). **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva.
- REZENDE, M. A. Amaral. (1971). Arquitetura: novas aberturas. **Acrópole**, n. 390/391, p. 7, nov/dez.
- REZENDE, M. A. Amaral. (1971). Introdução. **Acrópole**, n. 390/391, p. 7, nov/dez.
- ROGERS, Ernesto N. (1954). **Casabella Continuità**. Rivista internazionale di architettura. Milão: n° 203.
- SAIA, Luís. (1985). A Fase Heróica da Arquitetura Contemporânea Brasileira já Foi Esgotada Há Alguns Anos. **Arte em Revista**. São Paulo: São Paulo: CEAC, n.4, mar.
- SAIA, Luis. (1972). **Morada paulista**. São Paulo: Perspectiva.
- SEGAWA, Hugo M. (1998). **Arquitetura no Brasil, 1900 – 1990**. São Paulo: EDUSP.
- SERAPIÃO, Fernando. (2006). A vanguarda fez mal para os negócios. **PROJETODESIGN**. São Paulo, n.312, fevereiro. Disponível em: < <http://www.arcoweb.com.br/debate/debate86.asp> >. Acesso em: 10 de jun. de 2007.
- SOUZA, Abelardo. (1956). Residência no Pacaembu. **Acrópole**, São Paulo, ano 18, n.209, p.174-176, mar.
- TAFURI, Manfredo; DALCO, Francesco. (1986). **Modern architecture**. New York: Electra; Rizzoli.
- TAFURI, Manfredo. (1979). **Teorias e história da arquitetura**. Lisboa: Presença; Martins Fontes.
- VEYNE, Paul. (1998). **Como se escreve a história**. Tradução de Alda Baltar; Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: UnB.
- VILABOIM, Nilo Ramos. (1956). Residências Interiores. São Paulo: Ed. Acrópole, p. 11.
- XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos. (1983). **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Pini.
- XAVIER, Alberto; KATINSKY, Júlio. (2003). **Depoimentos de uma geração**. São Paulo: Cosac & Naify.
- ZEVI, Bruno. (1975). **História da arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva.

ACERVOS CONSULTADOS DURANTE A PESQUISA

- Acervos pesquisados em São Carlos

Biblioteca Central da Escola de Engenharia de São Carlos – EESC/ USP

Endereço: Av. Trabalhador Sao-carlense, 400, Centro / tel.: (16) 3373-9247 / 3373-9257(fax)

CEP: 13566-590 - São Carlos – SP - Brasil

Disponível em: < <http://www.eesc.usp.br/biblioteca/> >

CEDOC – SAP – EESC

Endereço: Av. Trabalhador Sao-carlense, 400, Centro

- Acervos pesquisados em São Paulo

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Endereço: Cidade Universitária – Rua do Lago, 876 / tel.: (11) 3091 4519/ (11) 3091 5038

CEP.: 05508-080 - São Paulo – SP - Brasil

Disponível em: < <http://www.usp.br/fau/biblio/index.html> >

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Rua Maranhão, 88 / tel.: (11) 3256-7341 - r.21/ (11) 3256-7341 - r.24/ e-mail: bibfaumar@usp.br

CEP.: 01240-000 - São Paulo – SP - Brasil

Disponível em: < <http://www.usp.br/fau/biblio/index.html> >

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rua da Consolação, 930 / tel.: (11) 2114-8000

CEP.: 01302-907 - São Paulo - SP – Brasil

Disponível em: < <http://www.mackenzie.br/bibliotecas/> >

Biblioteca da Fundação Álvares Penteado

Endereço: Rua Alagoas 903 / prédio 2 do Campus / Tel. (11) 3662-7125 / Fax. (11) 3662-7121

Disponível em: < <http://www.faap.br/> >

Fundação Vilanova Artigas

Endereço: Rua Bento Freitas, 306 / 5º andar

ANEXO 1

LEVANTAMENTO NA REVISTA ACRÓPOLE (1952 – 1971)

Levantamento da revista Acrópole de setembro de 1952 a dezembro de 1971.

	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABRIL
XIV					173	174	175	176	177	177	178	179
XV	181						182	183	184	185	186	187
XVI	188	189	190	191	192	193	194	195	195	196	197	198
XVII	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210
XVIII	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222
XIX	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234
XX	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246
XXI	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256 / 257		258
XXII	259	260	261	262	263	264	265	266	267		268	269
XXIII	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281
XXIV	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293
XXV	294	295 / 296		297	298	299	300	301		302	303	304
XXVI	306	307	308	309	310	311	312		313	314	315	316
XXVII	317	318	319	320	321	322	323	324	325		326	327
XXVIII	328	329	330	331	332	333	334	335	336		337	338
XXIX	339	340	341	342	343	344	345	346	347		348	349
XXX	350	351	352	353	354	355	356	357	358		359	360
XXXI	361	362	363	364	365	366	367	368	369 / 370		371	372
XXXII	373	374	375 / 376		377	378	379	380	381		382	383
XXXIII	384	385	386	387	388	389	390 / 391					

Levantamento das edições especiais temáticas da revista Acrópole de setembro de 1952 a dezembro de 1971, com a localização do número de seus volumes em meses e anos.

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1952									173	174	175	176
1953	177	178	179	180	181						182	183
1954	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195
1955	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206
1956	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218
1957	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230
1958	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242
1959	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254
1960	255	256 / 257		258	259	260	261	262	263	264	265	266
1961	267		268	269	270	271	272	273	274	275	276	277
1962	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289
1963	290	291	292	293	294	295 / 296		297	298	299	300	301
1964	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	
1965	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324
1966	325		326	327	328	329	330	331	332	333	334	335
1967	336		337	338	339	340	341	342	343	344	345	346
1968	347		348	349	350	351	352	353	354	355	356	357
1969	358		359	360	361	362	363	364	365	366	367	368
1970	369 / 370		371	372	373	374	375 / 376		377	378	379	380
1971	381		382	383	384	385	386	387	388	389	390 / 391	

ANEXO 2

ALGUNS ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO VISUAL DA REVISTA

Expõem-se alguns exemplares da diagramação visual de algumas capas e índices da revista.

[illegible]

WELTON GALA, RINA

Downloaded from <http://ajphaphysoc.phapublications.org/> at University of California, San Diego on November 10, 2014

Deputado federal do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1938, o povo da cidade dirigiu-se em massa à quinta família de Condição, os homens e mulheres de Bontem.

Assim, quando a leitura de São Francisco, fundamentada em uma visão alheia à visão própria do cande genitoriano paulista, lá pouco restará ao

com o objetivo de estabelecer uma metodologia para a obtenção de dados de campo, a fim de avaliar a eficácia da intervenção planejada.

Os produtores todos concordam, inclusive os que não acreditam na glândula e que dizem: "mas desengraçadinha se faz assim e desengraça do resto pelo de certo não se faz assim". Os outros respondem:

que a população não pensa só sobre domingo, na
prática do Conselho; há além, há em cima, na embre-

[illegible][illegible]

B. Schepers , page 697, 698, 699	
F. Sjöberg , page 697, 698, 699	
G. Storz , page 698, 699	
T. Tschering , page 697, 698, 699	
L. von Stechow , page 697, 698, 699	
M. Wenzel , page 697, 698, 699	
Z. Zhang , page 697, 698, 699	

Excellence in Research, 200, 200, 200.

Preço desta edição	Cr\$ 35,00	
Assinatura anual	Cr\$ 100,00	

NOSSA CAPA

Supplies Cr\$ 25.00

Planta para o Estado de São Paulo

da Edição N.º 126.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

ANEXO 3

EDITORIAIS DE AUTORIA DE EDUARDO CORONA

Fevereiro de 1963 – nº 291

notas • arquitetura • notas • arquitetura • notas • arquitetura • notas • arquitetura**VII CONGRESSO DA UNIÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETOS**

Havana, Cuba, Setembro 29 a Outubro 3

Preparam-se ativamente os arquitetos brasileiros para uma participação efetiva no VII Congresso da União Internacional de Arquitetos, que este ano terá lugar na cidade de Havana – Cuba – de 29 de Setembro a 3 de Outubro.

Este será um dos mais objetivos Congressos já realizados pela U.I.A. e, talvez, por todas as organizações de arquitetos de qualquer país.

«A Arquitetura nos Países Subdesenvolvidos» é o tema principal único do Conclave. Tem sido preocupação constante da U.I.A. a intenção de promover encontros em escala internacional, para confrontar inquietações, assim como experiências dos arquitetos de todos os países, que enfrentam hoje problemas dos mais importantes no mundo em transformação.

No caso deste VII Congresso e de acordo com o tema que nele vai ser estudado, a intenção será determinar sob que aspectos e por que meios devem os arquitetos dos países subdesenvolvidos enfrentar e realizar as tarefas que de sua atividade dependem no empenho de satisfazer as necessidades sociais, culturais e políticas dos povos de seus respectivos países no processo dinâmico de seu próprio desenvolvimento. Esses, em síntese, os propósitos dos organizadores desta reunião que tão alto significado vai ter, principalmente para os países da América Latina, que terão oportunidade de chegarem seus problemas maiores de arquitetura e planejamento. Assim, serão tratados, discutidos problemas como: Planejamento regional – afim de analisar a atividade do arquiteto e sua participação na elaboração dos planos regionais e a execução das tarefas que delas derivam: fundamentos da determinação da área regional, política sobre distribuição e dimensões da povoação, programas de construções prevista, etc.; Habitação – que é um problema fundamental que enfrentam os arquitetos dos países subdesenvolvidos: dados gerais, dados estatísticos, demografia, quantidade de habitação, procedência e características do financiamento, demanda de habitações rurais e urbanas, relações entre os planos de habitação e os Planos Nacionais ou Regionais de Desenvolvimento Econômico, Físico e Social; Técnicas construtivas – métodos, industrialização da construção, etc. Este é o esquema de como enfrentarão os arquitetos este vasto tema num confronto nunca antes possibilitado nem mesmo pelas grandes organizações mantidas pelos Estados, pela União Pan-Americana, pela O.N.U. etc. Por isso, é que os arquitetos do mundo inteiro dedicarão o máximo de seus esforços para o sucesso deste Congresso, que terá alto significado no futuro desenvolvimento desses países, que necessitarão de grande dose de auto-confiança e de auto-conhecimento para se tornarem nações independentes, respeitadas e fortes. Voltaremos outras vezes sobre este assunto nesta página que manteremos mensalmente nesta revista.

Fevereiro/Março de 1963 – n° 295/296

autoria conjunta a Carlos Lemos**ROTEIRO ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA SÃO PAULO**

Foi idéia primeira um roteiro completo da arquitetura paulista. Roteiro que mostrasse exemplos significativos das várias épocas. No entanto, a cidade de São Paulo que nunca parou, perdeu aos poucos as escassas construções de real interesse histórico e arquitetônico que possuía. Hoje, restam algumas cãs e igrejas dos primeiros tempos, casas como a de José Góes e Moraes, a do Caxinguí, a do Padre Mateus Nunes de Siqueira, a casa dita do Bandeirante e templos como o de São Francisco e o Convento da Luz. O que sobrou, principalmente do ecletismo do século passado, no que diz respeito às casas urbanas, não tem maior interesse para o curioso da arquitetura. No campo da arquitetura contemporânea muita coisa boa se fez e obras de valor estão sendo construídas em todo canto. Assim, selecionamos sem espírito crítico e quase que ao acaso alguns projetos de arquitetos atuais especialmente lembrados no meio da arquitetura paulistana. Projetos êsses concluídos e executados, ao que parece, sempre de acôrdo com os planos iniciais de seus respectivos autores. Êste roteiro tem como escopo principal fornecer visão panorâmica da arquitetura, da boa arquitetura tal como é feita na cidade de São Paulo. E cremos que terá eventual serventia a estudantes em geral, aos de arquitetura em particular, aos colegas arquitetos que nos visitam e aos turistas. Os comentários ao pé de cada obra são inteiramente espontâneos, como que um início de diálogo entre o objeto e o observador.

Setembro de 1964 – n° 310

“ARQUITETURA FORMAS FUNÇÕES”

Acaba de ser posta à venda entre nós a já conhecidíssima revista «Arquitetura Formas Funções» publicada na Suíça em seu número 10. Como se trata de uma revista anual, ela comemora com êste, seus 10 anos de existência.

Com a quantidade de páginas que ela nos tem oferecido nos últimos anos, chega a ser um verdadeiro livro que nos vem às mãos anualmente. É um balanço que os responsáveis levam a efeito no mundo inteiro, todos os anos sôbre o que se tem feito nos diversos países, no campo da arquitetura, do urbanismo e das artes plásticas.

Dirigida por Anthony Kraft é orientada por um Conselho de Redação composto por homens de alto gabarito como os professores André Gaillard, Alfred Roth, Marc-J. Saugey, Rino Tami e Paul Waltenspuhl. Além do mais, mantém um grupo de correspondentes em vários países, notando-se a falta de um correspondente brasileiro para que tenhamos anualmente, pelo menos através dêsse veículo internacional, um panorama do que vai pelo Brasil, em matéria de arquitetura. Nêste número 10 registram-se os seguintes países com seus correspondentes permanentes: Austrália, Espanha, França, Inglaterra, Grécia, Índia, Itália, México, Rumânia e Venezuela.

Soubemos que «Arquitetura Formas Funções» publicou em seu número 5 o ministério da Educação e o Plano Pilôto de Brasília com o relatório de Lúcio Costa e o testemunho de Oscar Niemeyer. Em seu número 7 o artigo de Lúcio «A arte e educação». No n° 8 Jardins de Burle Marx e o Museu de Arte Moderna de Reidy. Mas, o que nos parece de fundamental importância é o panorama atual que se desenvolve no país inteiro e que necessitaria precisamente uma divulgação compacta, como as que são feitas nesta revista. O arquiteto Harry Seidler, por exemplo, realiza um magnífico trabalho com «A arquitetura na Austrália» ou como Alfred Roth com o artigo «50 anos de arquitetura moderna na Suíça» ou a «Arquitetura moderna na Índia» de Santosh Ghosh e assim por diante. Fazemos votos para que alguém consiga tornar-se correspondente brasileiro desta revista e tenhamos no próximo número já, o balanço da arquitetura moderna brasileira.

Podem ser destacados neste número 10, como de real interesse ou com destaque especial para o estudioso da arquitetura, não só a moderna como a de todos os tempos, os trabalhos de Pier Luigi Nervi, sobre «onde está a arquitetura hoje»? ou o original ensaio dos arquitetos Candilis-Josic-Woods que se intitula «Problemas de hoje: Unidade-Número – Maior em 1922 aos fenômenos sociais de 1963 onde a célula familiar (unidade) fica sacrificada pelo número e o número comprometido pelo maior número. Como será o abro de amanhã? Numa época em que a estrutura urbana determina problemas de número, o que faremos? Dizem os autores: « O urbanismo não é outra coisa do que a arquitetura na escala de hoje. Quando o urbanista ignora sua vocação de arquiteto, ele faz uma péssima arquitetura». E o problema fica posto para que nós arquitetos o enfrentemos com sabedoria e consciência para a realização de uma arquitetura digna do homem integral que desejamos.

E para que se possa dizer e analisar como Henri Stierlin o faz em seu trabalho «Reabilitar a arquitetura Ptolomaica» no qual analisa o Templo de Edfou é um dos raros exemplos deveras bem conservado para permitir a percepção de um espaço interno faraônico em sua atmosfera original. A impressão de grandeza e de miséria que se depreende deste edifício traduz bem a arte admirável dos construtores do antigo vale do Nilo. Iluminado por minúsculas aberturas colocadas no teto, o ângulo noroeste do templo apresenta surpreendente revelação: o aclaramento que se assemelha ao dos projetos modernos, cria uma luz tangente sobre os baixo-relêvos e prova a alta maestria dos arquitetos egípcios».

Architecture Formes Fonctions N° 10

Edições Anthony Kraft, 12, Lucinge, Lausanne – Suíça. Formato 30,5x 23,5cm, 273 páginas. Encadernado. Texto em francês com traduções resumidas para o inglês, o alemão e o italiano. Preço: 36 francos suíços. Distribuída no Brasil pela Livraria Kosmos.

Julho de 1965 – n° 319

ACÊRCA DA HABITAÇÃO POPULAR

Se há um assunto que está permanentemente na cogitação de toda a gente, esse assunto é a casa popular, a habitação para a grande maioria, o lar para o trabalhador que é o abrigo de sua família.

Governos, administradores, homens de empresa, técnicos, todos se preocupam, todos querem achar solução para o problema. Apenas o operário, o homem comum, este continua sem ver atendida a sua aspiração essencial: morar. Não, contudo, morar de qualquer forma, mas morar bem e barato, isto é, dignamente e de acordo com seu salário. Este tem sido o problema que vem desafiando, de modo geral, todos os países do mundo e, de modo peculiar e restrito, os países que se encontram em desenvolvimento. Por isto, se vê no Brasil, agora, Banco de Habitação, Cooperativas específicas, Organizações e Autarquias encarregadas de fornecerem casas e mais casas. Malabarismos financeiros, cálculos econômicos, artifícios envolventes para que o assunto seja pôsto frente ao trabalhador quase sempre de forma demagógica ou desavisada sem atender sua precisão imediata.

Ao lado, quase que no mesmo sentido, se debatem esbaforidos os técnicos, principalmente os arquitetos, na procura e na proposição de procedimentos técnico-construtivos que venham ajudar solução mais rápida, mais econômica, mais racional, mais lógica.

Assim, fala-se em pré-fabricação, em modulação, em estandarização, materiais leves, blocos disso ou daquilo, concreto aparente, paredes de concreto celular e outras coisas que tais. Ainda, surgem aqui ou ali, processos patenteados de elementos determinadas ou de encaixe de lajes e vigas ou de coberturas e, até mesmo, de casas inteiras na ilusão perfeita de imitar Jesus no milagre dos pães.

O que se vê, no fim de contas, é que nem este, nem aquele, conseguem apresentar solução satisfatória para o problema. De um lado, aparecem proposições ridículas de casas tipo «californiano» ou «vilas Kennedy» como se fossem maravilhas da habitação ou paraísos para o nosso trabalhador habitar, circular, recrear-se e, ainda por cima ir ao trabalho satisfeito.

De outro lado, casas pré-fabricadas – montadas em 4 horas – ou casas executadas com paredes da espessura de um chocolate, canalizações de super-nylon a cores, coberturas de papelão vitaminado, tudo rápido e barato. Só que não haverá mão de obra adequada, só que não haverá racionalização do trabalho, só que não haverá planejamento total, desde a casa à região, desde a região ao tipo de governo e, principalmente, também não haverá VIDA NA HABITAÇÃO, ou seja, maneira adequada de uso do espaço arquitetônico, de forma a favorecer o homem no seu eventual desenvolvimento em sociedade e naquilo que diga respeito à sua personalidade.

Evidentemente, não será de modo algum em casas de 30m² ou coisa que o valha – oscilam as chamadas casas mínimas entre os limites de 20 a 60 m² - que a família do trabalhador poderá desempenhar suas funções orgânicas e espirituais, portanto, essenciais.

Depois de tanta luta e tanto desalento, não tenho dúvidas que se tornará evidente a importância muito maior de ser estudada e resolvida a maneira de morar que ao homem deverá ser oferecida. Não importará mesmo o tipo construtivo da casa, o material empregado, etc.

E, sim, a possibilidade de não deixar a família operária vivendo em cubículos ridículos, em lotes de terreno que seriam lógicos para vinte galinhas se desenvolverem, crianças que depois da porta da sala, têm rua de tráfego intenso ou simplesmente rua que nada tem de humano, porque só tem portão e cerca. Chegar-se-á à conclusão de que será preferível construir casas de tijolo, embôço e reboco ou de adobe mas que ofereçam à família do operário e a cada pessoa em particular a chance de habitar e, também, coabitar no sentido de relações humanas adequadas e próprias do

desenvolvimento da personalidade. Viver em conjunto, no esforço comum de obter alegria e satisfação nas atitudes diárias e triviais de quem vive em comunidade.

É quase certo, portanto, que os conjuntos populares, os grupos habitacionais terão de ter outras soluções arquitetônicas e urbanísticas. Grupos de casas geminadas de um pavimento ou dois, agrupadas duas a duas, seis a seis ou coisa parecida, em áreas conseqüentes, umas privativas, outras coletivas, umas infantis, outras de adultos, circulação de pedestres, de veículos, verde, verde e mais verde... ora, tudo que os manuais rudimentares de urbanismo já dão mastigado, mas que os responsáveis pela política habitacional teimam, até o momento, em desconhecer.

Um planejamento total, de caráter nacional, no que se refere à habitação poderá ser feito pelos arquitetos que aí estão por esse Brasil inteiro ansiosos para estudarem o problema, mas que não têm sido colocados à frente desses problemas. Consultas só, não interessa. Projetos e idéias imediatistas, não servem. É necessário estudo demorado e de profundidade. É aí, tenho certeza, será dada mais importância ao homem do que à técnica, à vida, da família na casa do que o empilhamento de gente na sala e cozinha, ao desenvolvimento da criança e sua educação que terá no lar prolongamento da escola ainda que de modo singelo.

Como se pode depreender há maneiras e maneiras de viver. O difícil é descobrir e oferecer ao homem, em determinado momento, em determinado lugar, o melhor modo de habitar. Porque o custo, esse será sempre o mesmo.

Novembro de 1965 – nº 323

LOTUS – UM ANUÁRIO DE ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Acaba de chegar ao Brasil uma nova publicação sobre arquitetura de caráter internacional. Distribuído na América por Wittenborn and Company de Nova Iorque esse anuário chamado «Lotus» é editado em Milão por Bruno Alfieri e temos em mãos, de uma só vez, dois volumes, o primeiro 1964-1965 e o segundo correspondendo a 1965 – 1966.

Como informa Bruno Alfieri na introdução do 1º volume, trata-se de documentário «dedicado às obras de arquitetura, urbanismo e desenho industrial, indicando aos leitores as obras que possam ser particularmente importantes pela sua grande contribuição artística e funcional ou porque demonstram, em qualquer caso, com os defeitos próprios da experimentação, novos caminhos na pesquisa arquitetônica».

Gráficamente, temos edição de bom gosto, de tamanho agradável 23 x 24 cm com mais de 200 páginas cada volume e outras tantas ilustrações em ótimo papel couchê. Os artigos de introdução, escritos por Bruno Alfieri e Giulia Veronesi estão apresentados em italiano, alemão, inglês e francês. Há informação de que existem alguns também com texto em espanhol. Acontece, apenas, que os textos explicativos dos projetos são publicados na língua, talvez, que o autor tenha enviado para o editor, o que torna a publicação um tanto deficitária no que diz respeito a um público leitor mais homogêneo. No entanto, como documentário e panorama de uma produção de 12 meses de arquitetura de hoje é bastante interessante, dando-nos uma informação razoável do que se faz pelo mundo. É natural que transparece no correr de um exame geral a predominância de projetos

publicados dos que tenham sido enviados pelos autores ou, até mesmo, ali constando, por apadrinhamento flagrante.

De qualquer forma, para nós, uma publicação que reúna tantos projetos diferentes de uma só vez, apresenta característica de interesse didático imediato, pois uma síntese crítica pode ser feita em função disso mesmo. Como diz Bruno Alfieri no 2º volume «perdem o significado as velhas subdivisões, como «o orgânico», «o racional», «o neo-neo-clássico», para dar lugar, como se vê claramente, a trabalhos de arquitetos legitimamente representantes da sociedade à qual pertencem». Obras de arquitetura, aí se notam, objetivas, claras, sem rebuscamentos de falsos atributos, ou modismo, dignas da produção atual.

É verdade, também, que a maioria dos projetos constantes de cada número de «Lotus» já compareceu nas páginas de muitas revistas internacionais, mas o fato de estarem reunidos em volume desperta maior interesse pela possibilidade da comparação fácil.

Assim, temos nesses dois volumes frente a frente Mies van der Rohe, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Alvar Aalto, Marcel Breuer, Eero Saarinen, Arne Jacobsen, Kenzo Tange, Junzo Sakakura, Kunio Mayekawa, Sir Basil Spence, Paul Rudolph, Renato Severini, Craig Ellwood, Rino Levi, Pier Luigi Nervi I. M. Pei, J. H. van den Broek e J. B. Bakema e muito mais.

Junto com a publicação suíça «Architecture-formes-fonctions», «Lotus» contribui para compreensão mais apurada da arquitetura mundial. Gostaríamos de ver, e disso estamos necessitando com urgência, uma publicação desse gênero no Brasil. A arquitetura brasileira contemporânea com produção anual respeitável, não em número mas em qualidade, deveria ser reunida em volume assim, para uso inicial nas escolas de arquitetura e depois facilitar aos próprios arquitetos nacionais senso crítico mais apurado, concorrendo assim para um equilíbrio e uma harmonia maiores em tudo o que se faz ou se venha a fazer.

Abril de 1966 – nº 327

ARQUITETOS COMO ADIDOS CULTURAIS

Segundo o noticiário da imprensa nos últimos dias, o Itamarati decidiu que os adidos culturais às Embaixadas Brasileiras nos diferentes países não se restringiriam mais a serem homens de letras mas, também, e de agora em diante, a homens representativos das artes e ciências.

Êste é um assunto de real interesse para o nosso campo cultural que abrirá maiores horizontes e infinitas possibilidades no que se refere às nossas representações diplomáticas.

No que nos toca, podemos afirmar que o arquiteto, neste estágio de desenvolvimento de nossa cultura artística e técnica, é um dos elementos de categoria capaz de divulgar e difundir nossos aspectos culturais através de sociedades estrangeiras da forma mais positiva possível.

Lembre-se que o arquiteto é aquele profissional que, sendo mestre na arte de construir cria e anima os lugares nos quais atua e vive o homem e que, para expressar suas aspirações e satisfazer as necessidades de sua época, deve conhecer e compreender o meio humano, na mais ampla acepção

do termo, e testemunhar um respeito constante em relação à realidade econômica e todos os demais fatores que incidem sobre o meio.

Nessas condições, vale a defesa que aqui faço, do arquiteto para orientar numa Embaixada qualquer a divulgação da cultura brasileira. O fazer arquitetura, neste momento no Brasil, exige do arquiteto um conhecimento de seu país devéras aprofundado.

É a situação social, é a força econômica, é o desenvolvimento político e administrativo, é o conhecimento do clima e das regiões desse país, são os costumes e práticas regionais, são as artes plásticas e suas derivações que complementam a obra arquitetônica, é o próprio homem e suas necessidades materiais e espirituais que deve ser conhecido para que não seja dificultado o seu eventual desenvolvimento na vida coletiva. Tudo isso dá, sem sombra de dúvida, ao arquiteto uma capacidade de assimilação e de síntese dos fatos e das coisas que o coloca em destaque entre os homens de cultura em nossa terra. Sua própria formação nas escolas existentes entre nós tem sido das mais completas devido às reformas e o aperfeiçoamento dos programas de ensino, o que tem posto em evidência universal êsse aspecto brasileiro.

O arquiteto, portanto, põe às claras através de sua arte a relação imprescindível e existente obrigatoriamente na arte que é forma e conteúdo. Nela vai se destacar o homem social, seus sentimentos, seus pensamentos, seus atos, que o arquiteto condiciona, prepara, com o intuito de atingir um fim concreto – a utilidade da arquitetura – por uma ação emocional, pondo às claras a essência das coisas e dos fenômenos. Dessa maneira está fazendo uma arquitetura de alto sentido cultural e progressista, para que seu objetivo nunca seja deturpado e sua expressão se torne condizente com a época em que vivemos.

É assim que se pode prever para o arquiteto, se nosso poder diplomático assim o julgar, um papel tão importante quanto o tem sua profissão, no que diz respeito às atividades culturais de nossas Embaixadas no exterior. Através de uma divulgação da arquitetura brasileira, tôdas as outras atividades tanto da arte como da ciência poderão ser divulgadas, pois decorrem, sempre, da necessidade da criação arquitetônica, ou seja, toda vez que uma exigência social determina um programa arquitetônico, para realiza-lo, torna-lo construído, o arquiteto tem de recorrer a um campo muito vasto do conhecimento, principalmente, para que seu objetivo seja alcançado. Se for para explica-lo depois, novamente as razões deverão ser apontadas.

Um dos mais altos, sem dúvida, aspectos de nossa cultura. Creio que o arquiteto é um de seus representantes mais legítimos capaz de desempenhar a contenta função tão digna de adido cultural a uma Embaixada.

Maio de 1967 – nº 339

ARQUITETURA: ENSINO E PESQUISA

No que se refere ao ensino da arquitetura, o que se tem feito em nosso país, através da experiência já adquirida pelos arquitetos professores nas onze escolas existentes, é algo que ainda não mereceu análise crítica e nem mesmo apreciação por parte das vozes autorizadas no campo da pedagogia brasileira. Já é tempo para o Ministério da Educação promover um Simpósio sobre o ensino da arquitetura, de caráter oficial, para o balanço dessa atividade desde o primeiro brado de alerta lançado por Lúcio Costa, como diretor da Escola Nacional de Belas Artes em 1930, quando teve início a transformação da maneira de formar o arquiteto.

Profundamente significativa tem sido a ação dos arquitetos professores. E nesses quase quarenta anos num vai e vem de experiências, estagnadas às vezes por algum tempo, hoje, temos um grupo de escolas levando ao campo da prática no Brasil, um conjunto de arquitetos com papel destacado na cultura brasileira.

Escolas como a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a popular FAU, têm uma soma apreciável de experiências, de onde se pode destacar sem vacilação, o papel de seus arquitetos professores que têm elaborado inúmeras tentativas de renovação cujos resultados têm sido os mais positivos.

Hoje, o que podem informar os arquitetos professores da FAU é o que de mais válido se pode exigir no campo do ensino da arquitetura. Tudo o que se fez em matéria didática foi de um proveito sem par. Apesar de todos os percalços, apesar de toda a incompreensão por parte de autoridades do ensino e de alguns desavisados, o que é inevitável, principalmente no campo da cultura e quando há a necessidade de ampliá-lo para transmiti-lo.

Muita coisa ainda resta por fazer. Na FAU a estrutura do ensino está lançada, já foi lançada há alguns anos, consubstanciada na reforma proposta pelos arquitetos. Agora, a pesquisa deve ser imposta curricularmente em todos os setores para consolidar uma metodologia didática de enorme proveito para a formação do arquiteto. Sabemos que uma pesquisa quase sistemática, até mesmo teimosa, vem sendo feita por algumas cadeiras de arquitetura. Prova isso o acervo, já considerável, que a Biblioteca possui, seja de diapositivos (alguns milhares), monografias desenvolvidas pelos alunos, seja no levantamento da obra de alguns arquitetos e assim por diante. Provava isso a magnífica atividade de alguns anos do Museum, nome que se deu a uma espécie de Departamento Cultural, com publicações de grande interesse e de uma apresentação condigna, além das exposições, das maquetes executadas, etc. e que, infelizmente, por razões não bem explicadas deixou de funcionar. Terá de voltar porque é por demais importante, essa parte no ensino da arquitetura. É óbvia demais para não entrar pelos olhos do maior incauto.

E o que dizer da pesquisa histórica que o Departamento de História vem desenvolvendo dia a dia, sem esmorecer, e que de repente se transformará num repositório e num setor de análise insuperáveis para a história da arquitetura paulista e para a história da arquitetura brasileira.

Mas, e isso precisa de imediata atenção dos que têm em suas mãos as decisões oficiais sobre o ensino da arquitetura, não é nas costas dos de boa vontade apenas que se alcançam êsses

objetivos. Verbas e mais verbas devem ser consignadas no orçamento da FAU para aperfeiçoar a pesquisa. As cadeiras técnicas ainda não se lançaram a essa atitude. Desde a Geometria Descritiva com a investigação dos volumes através da história da arquitetura e sua representação espacial – maquetes, formas geométricas em escalas e de madeira, penetração de volumes, um verdadeiro museu da forma precisa ser organizado, até à pesquisa direta nos laboratórios da Universidade – que aí estão cada vez melhores – como fundações no IPT; hidráulica no de hidráulica; estruturas aonde for necessário para elaborar maquetes das mais variadas espécies; física aplicada no que se refere à iluminação e à acústica que só se domina com pesquisa e tantas outras coisas essenciais para a vida do arquiteto, que da maneira como se prevê, o estudante de arquitetura terá através dessa experiência prática, visual, manual, de contacto direto e de vivência autônoma, um proveito tão fabuloso que a melhor das aulas do tipo convencional não poderá jamais oferecer.

O próprio Governador do Estado, Abreu Sodré, afirmou outro dia que uma escola que não faz pesquisa não passa de uma agência de informações. Então, que obrigue o Conselho Universitário a quadruplicar no seu orçamento as verbas de pesquisa.

Março de 1968 – n° 348

O CONJUNTO HABITACIONAL DE CUMBICA

O problema da habitação popular está em pauta, neste momento, em tôdas as agendas da administração pública, dos governos centrais e, até mesmo, de muitas organizações particulares. A necessidade de casas atinge cifras mirabolantes. É um déficit habitacional sem precedentes, em todos os países em desenvolvimento. A maneira de atender essa necessidade é que tem variado muito em tôda parte. Essa política habitacional tem preocupado govêrno após govêrno. E, de modo geral, ninguém tem conseguido suprir essa falta. Milhões de pessoas continuam sem habitação. Enquanto alguém constrói milhares de casas aqui ou ali, milhares de pessoas numa explosão demográfica aparecem para reclamar casas e mais casas, outra vez. Dificilmente, portanto, conseguirá algum govêrno acabar com o déficit de habitações. A não ser que através de uma política profundamente corajosa, que atinja a consciência coletiva, possa industrializar êsse setor – e sòmente de forma estatal – para experimentar uma solução a curto prazo. Seria, para isso, necessário, um regime político sem demagogia, sem politicagem, de muita honestidade e muita valentia.

Tudo isso não impede, porém, que na mixórdia habitacional em que vivemos algo surja, de quando em vez, digno de elogios e digno de análise mais acurada. Precisamente, em meio a uma exposição que se realiza agora em São Paulo, que chamam 1ª FINAB, na qual, não se entendendo muito bem, entram o BNH, outras organizações oficiais ou semi-oficiais e muitos especuladores particulares, promovida também não se percebendo claramente por quem. Aparece aí, nessa exposição um projeto realmente de caráter habitacional e popular, além de notável como concepção urbanística, arquitetônica, etc.

Trata-se do Conjunto Habitacional de Cumbica, realização da CECAP, Caixa Estadual de Casas para o Povo, órgão do Governo Paulista que, segundo se pode deduzir, resolveu enfrentar o problema segundo ângulos legítimos e dignos de uma ação social correta. É que, para nós arquitetos, esse problema de habitação para a maioria transcende de muito aos aspectos meramente construtivos ou técnicos, para atingir questões decisivas da vida do homem em sociedade, sem o que ele não terá condições de evolução, de participação na vida da coletividade e mesmo aquelas de luta objetiva pela própria sobrevivência. Ora, quero dizer com isso, que nessa exposição, onde predominam prédios de apartamentos sem sentido, do mesmo tipo que a especulação imobiliária tem feito sempre, e onde aparecem algumas soluções mais tímidas – sociologicamente falando – como as dos arquitetos Abelardo Gomes de Abreu, Antonio Sérgio Bergamin, Nelson de Andrade, Paulo Lúcio de Brito, Sílvia Bronstein e Sérgio Pilleji [Pillegi], em equipe, e outra de Glazcon Mota Melo, mas que têm aquela qualidade inteligente do arquiteto, só se distingue como concepção para o futuro e, de fato, para o benefício do homem brasileiro, esse projeto para Cumbica, que o superintendente da CECAP, Sr. Magalhães Prado, resolveu entregar a uma equipe de arquitetos que vai causar um impacto verdadeiramente correto na vida brasileira – se esse governo levar a efeito o empreendimento.

Os arquitetos João Batista Vilanova Artigas, Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha, assessorados ainda pelos arquitetos Arnaldo A. Martino, Renato Nunes, Ruy Guerra, Maria Giselda C. Visconti e Geraldo V. Puntoni, com cálculos estruturais de José Carlos de Figueiredo Ferraz, João Antonio del Nero e José L. A. Castanho, com equipes especializadas de estudos sócio-econômicos, de engenharia hidráulica e sanitária, de instalações elétricas e hidráulicas, de orçamento e programação geral da obra e de geologia, realizaram um projeto magnífico, grandioso, que de fato resolverá um problema tão importante, mas de forma cabal. Cabal porque fará o homem viver melhor. Melhor em uma comunidade, o que é decisivo para o futuro de um país.

O conjunto está previsto em local de 130 hectares de terra, para 55.000 habitantes, com 10.600 moradias, com densidade geral de 423 habitantes por hectare e, ainda, subdividido em freguezias que terão cada uma 9.884 habitantes atingindo a densidade ótima de 650 habitantes por hectare. No mais, vejamos: transporte a 150m de distância, comércio cotidiano a 150 m de distância, escola pré-primária e primária a 100m de distância, 8 grupos escolares, 3 ginásios, 1 escola industrial, 1 hospital geral, 1 centro de saúde com dispensários de lepra e de tuberculose, 1 ambulatório com posto de puericultura, 1 estádio esportivo para 10.000 pessoas, 2 cinemas, 1 hotel, comércio e teatro, igreja, clube e entreposto de abastecimento.

Tudo isto – que ninguém nega deva ser parte integrante e obrigatória de nossa vida em comunidade – aliado a um planejamento inteligente e a uma arquitetura decente, coisas inerentes à capacidade de um bom arquiteto, fazem do Conjunto Habitacional de Cumbica, a mais importante realização de caráter humano, social, econômico e político dos últimos tempos no Brasil.

Frente a um panorama tão melancólico com que a gente se depara numa exposição como essa, onde a casinha – que ali há tantas – sem significado aparece ao lado do edifício de apartamentos, confundindo o homem comum, esse projeto enche a gente de satisfação. Deverão surgir homens neste país com miolo na cabeça; e nesses momentos encontrarão arquitetos dispostos a trabalhar, com capacidade e conhecimento para propor soluções.

Junho de 1968 – nº 351

RESULTADOS DO FORUM DA FAU

Tendo iniciado recentemente discussões do tipo amplo, entre alunos (todos) e professores (todos), a FAU vem chegando a resultados os mais promissores com relação às modificações tão necessárias no ensino da arquitetura e que, por seu lado, refletem as alterações obrigatórias e inadiáveis no ensino superior em geral. Por exemplo, aí temos esta verdadeira declaração de princípios que denota uma legítima aspiração e que foi aprovada, agora, em última assembléia:

“Este é o segundo Forum que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo realiza depois da planificação de ensino feita em 1962. Suas conclusões prometem um aperfeiçoamento notável nos métodos de ensino da arquitetura em nossa Escola, ao mesmo tempo que constituem as primeiras medidas para a união do corpo docente e discente na composição de uma pesquisa apropriada ao campo da arquitetura.

Dos debates ficou claro, que se trata de medidas exigidas por uma reforma universitária que deseje indagar sobre os caminhos do desenvolvimento e das possibilidades que se abrem para ultrapassá-lo. Na verdade há medidas mais profundas a serem tomadas pela Universidade, sem as quais nossos resultados perderão seu significado. Elas estão sendo discutidas em outro nível.

Certas correções poderiam ter sido feitas antes, na distância que nos separa do primeiro fórum. Se não o foram, deve-se à interrupção do processo de aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa universitária a partir de 1964.

É cada vez mais importante e significativo o papel que cabe ao arquiteto desempenhar no aperfeiçoamento de nossa cultura, em sua defesa, e na criação de uma tecnologia de planificação que corresponda às necessidades brasileiras de desenvolvimento econômico-social. Não nos basta construir; é necessário cada vez mais a independência e a liberdade exprimidas na noção de planejar.

A regulamentação profissional, que até pouco tempo, se resumia em organizar a construção, a execução, certamente supunha qualquer projeto. Já a nova regulamentação, quando põe a ênfase no projeto, abre um debate novo para os profissionais da arquitetura, porquanto permite a pergunta – que projetar?

Para esta resposta, cabe-nos conhecer em profundidade a nossa história em termos criadores; cabe-nos avaliar a experiência brasileira e a contribuição universal; sempre com o espírito crítico que permita afastar dos caminhos que escolhermos, os aspectos alienantes.

Em 1962 aplicamos o melhor de nossos esforços na ampliação do campo de atividade do arquiteto, na ampliação de sua produtividade na criação. Instituímos a noção de linguagem apropriada e variada. Fizemos o arquiteto também interessado no objeto – em particular no objeto de produção industrial. Demos uma caracterização melhor à noção de edifício, limitando-a de certa maneira, quando ampliamos a perspectiva profissional. Ainda em 1962, o urbanismo, a noção de planificação de cidades se esclareceu como disciplina, muito embora não tivéssemos conseguido logo de partida

caracterizar a cidade como expressão física da imperiosa necessidade brasileira de industrializar o país, de modificar nossas formas de produção da riqueza.

Estas medidas quase que se resumiram em reformas no Departamento de Projeto criado na ocasião. Certamente êste era o passo necessário e mais urgente.

Hoje, em 1968, estamos propondo a revisão dos métodos de ensino em todos os Departamentos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, e mais a criação de uma estrutura global de pesquisa que se consubstancia no Atelier Interdepartamental.

A proposta das unidades de ensino alternativas paralelas a unidades de ensino básicas, permite uma flexibilidade nos cursos que poderá atender, se soubermos aplicar com entusiasmo nossos recursos, a variedade de vocações profissionais que a realidade do desenvolvimento artístico e técnico brasileiros vêm estimulando cada vez mais.

As unidades alternativas oferecem por outro lado um campo de aplicação para os estudos do Atelier-Interdepartamental e a conveniência de professores de todos os Departamentos em programas resumidos.

Caberia a êste Fórum dar um outro passo à frente, que vem sendo solicitado pela necessidade urgente do avanço tecnológico brasileiro através dos arquitetos que militam no cotidiano da profissão. Trata-se de criar um curso de mestrado, que amplie, se não substitua, os atuais cursos de pós-graduação que temos feito. Êstes cursos de pós-graduação têm o vício de se restringirem às finalidades decorrentes da carreira universitária. Ora, isto é pouco, particularmente agora, quando se quer uma universidade cada vez mais voltada para um papel criador do desenvolvimento nacional. Compete-nos pois atrair para a FAU os arquitetos que tenham desempenhado uma atividade prática, para que, através de um curso de mestrado, reforcem os conhecimentos que adquiram em seu curso original, qualquer que êle tenha sido, e sua atividade prática.

Esta seria uma das medidas mais oportunas para aperfeiçoamento das reservas de técnicos da arquitetura.

Posteriormente seria necessário melhorar nossos métodos de pesquisa urbanística. Como já foi feito, e dito antes, a cidade no Brasil é instrumento da industrialização do país, instrumento de sua direção regional, instrumento de sua civilização e cultura.

A história da criação de cidades no Brasil, é muito nossa. Ela exprime com bastante clareza, os repetidos planos brasileiros de progresso e desenvolvimento, desde as imperiosas urgências do cotidiano até ter mesmo expressões ideais vizinhas da utopia. Êste viver histórico traduz frequentemente hipóteses de metrópoles estranhas à nacionalidade, mas também criou processos de apropriação da natureza e de organização urbana que nos são próprios. Daí uma técnica nunca humilde, que podemos chamar **brasileira**.

É inegável, entretanto, que face aos conhecidos problemas da cidade no século XX temos nos deixado levar na polêmica universal que conduz as questões urbanas, a posições que, de extremadas poderiam tanger o “desurbanismo”. Nada mais falso para um país como o nosso que investiga seus caminhos de desenvolvimento e emancipação econômica. Sem pretender neste momento debater qualquer destas questões, nelas insistimos porque impõem a elaboração de um ideário firme e conseqüente para a condução de problemática urbana no Brasil. A Universidade e em

particular a FAU, têm um papel a desempenhar nesse sentido e por isso nos parecem urgentes medidas que se venham a tomar para a divulgação e competente análise crítica do que já temos feito no campo da criação de cidades.

Assim como a ciência das construções e as ciências exatas tangíveis por nossos cursos e pesquisa, também uma estética brasileira apropriada à análise crítica das obras de arquitetura nos é necessário abordar. Há dois ângulos dessa apreciação estética que certamente os organismos que este Fórum imaginou não de considerar. Um deles é o do projeto e obras ligadas à apropriação dos recursos naturais que, por mau vêzo somente considerados sob o ângulo de um utilitarismo estreito – os represas, as pontes e os viadutos para menos exemplificar. Cabe-nos estudar seu sentido humano, seu aproveitamento cada vez mais amplo, e profundo. Para isso os Departamentos de Ciência e Técnica de Construção têm recursos e programas a desenvolver junto aos outros Departamentos da Escola.

Outro, é o lado da avaliação estética das obras e realizações que mais de perto exprimem o homem brasileiro, seu viver social, suas ansiedades, e que por isso, se definem menos pela objetividade técnica. Racionalizar êsses significados corresponde a traçar rumos para a cultura nacional e transforma-la em instrumento de emancipação econômica e desenvolvimento.”

Nada mais é preciso acrescentar!

Abril de 1969 – nº 360

UMA LIÇÃO DE ARQUITETURA

Pela primeira vez em São Paulo temos a oportunidade de poder apreciar de uma só vez quase tôda a obra arquitetônica de Oscar Niemeyer. Isso porque acha-se instalada no nôvo edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo na cidade Universitária, projeto do arquiteto Artigas, uma exposição dos trabalhos de Niemeyer. Organizada pelo museu de nossa faculdade com a ajuda inestimável de uma equipe de alunos, tem a finalidade precípua de homenagear o grande arquiteto e ao mesmo tempo inaugurar o ano letivo de 1969 nas novas instalações.

Muito bem montada, contando com centenas de fotografias e desenhos da quase totalidade dos projetos de Oscar Niemeyer, esta exposição, sob todos os pontos de vista, destacando-se o didático, constituiu-se, insofismavelmente, numa grande lição de arquitetura.

É que, com larga visão do conjunto de tôda uma vida profissional onde o ponto mais alto se encontra sempre no próximo projeto, nota-se imediatamente uma coerência fabulosa de uma produção arquitetônica raras vêzes alcançada no mundo inteiro em qualquer época.

Oscar Niemeyer manteve sempre posições claras, objetivas e sinceras tanto em sua vida particular como em sua atividade profissional. Nesta, através de uma força criadora sem par, tem êle indicado os rumos de nosso desenvolvimento, os grandes caminhos de nossa arquitetura. Através disso constatamos que sua obra reveste-se perenemente de enorme força criadora, indicando sempre a todos – arquitetos principalmente – que arquitetura se faz com muita imaginação e muito bom senso,

sem ser desprezado o aspecto tecnológico que sempre é uma das bases da realização arquitetônica. Como ele mesmo tem dito, «o avanço técnico não deve tolher a imaginação, que a invenção, o lirismo e a fantasia continuam presentes, pois constituem a própria arquitetura».

Nesta circunstância, podemos comparar e analisar nesta exposição ao lado de seus projetos mais antigos – já consagrados – suas melhores coisas de Brasília e os últimos trabalhos que comprovam excelentemente sua posição na produção arquitetônica. Ali mesmo, portanto, os projetos da Argélia como a Universidade de Constantino que substitue cerca de 40 edifícios por apenas 7 usando o argumento cientificamente pedagógico da centralização: salas e anfiteatros de um lado e laboratórios e centros de pesquisa de outro, em concepção espacial e plástica primorosa; a mesquita, em pleno Mediterrâneo; o plano de Argel; a sede da Editôra Mondadori em Milão, projeto de uma beleza excepcional, no qual se concentra tôda uma síntese das idéias sôbre arquitetura que um arquiteto da sua experiência poderia apresentar; a residência Giorgio Mondadori, na Riviera francesa. Não poderia ser melhor e mais oportuna a idéia desta mostra e sua localização na nova FAU, porque é ali que nascem as grandes idéias, as grandes e novas proposições sôbre os temas atuais da arquitetura brasileira, pois os arquitetos responsáveis pelo ensino nesta escola estão atentos aos problemas essenciais de nossa arquitetura e são, como profissionais, excelentes representantes da cultura brasileira atual. Dessa forma, os estudantes que têm permanecido bom tempo frente a êsses projetos, são beneficiados com uma lição potente e vigorosa da melhor arquitetura possível. Aí se aprende a compor o espaço, aí se verifica, como ensina Lúcio Costa, que o necessário, que é a força criadora do arquiteto que se adivinha não em determinados pontos da obra, mas distribuída uniformemente em tôdas as suas partes, aquilo enfim que só o arquiteto pode, consciente ou inconscientemente, transmitir, está em Oscar Niemeyer integralmente unido como a indicar que a boa arquitetura brasileira se resume em tôda a sua obra. De fato, entre a produção arquitetônica nossa de alto valor cultural, reunindo um grupo de arquitetos de muita capacidade, a obra de Oscar Niemeyer vai sempre à frente, indicando caminhos, abrindo horizontes de expansão que têm oferecido a todos um campo de uso da imaginação realmente infinito.

Oscar Niemeyer é um arquiteto consciente de sua posição na sociedade tentando sempre criar a beleza, através de expressão peculiar com determinada intenção plástica, preparando espaços para que seu semelhante viva cada vez melhor e, se possível de modo mais feliz. Por isso pode afirmar: «Sou a favor de uma liberdade plástica, que possibilite, quando se deseja, uma atmosfera de êxtase, de sonho e poesia». Vendo esta exposição, só podemos ter orgulho de termos um arquiteto assim, universalmente reconhecido e respeitado. Mestre mesmo, de grandes lições.

Junho de 1969 - nº 362

A ARQUITETURA NA VIDA

Para o homem comum, a arquitetura tem um significado muito importante que se manifesta de diversas maneiras. Pode atingi-lo conscientemente quando seu desenvolvimento cultural permite um diálogo inteligível e pode repercutir de forma inconsciente quando sua percepção não distingue muito bem o alcance da seleção dos espaços para que sua vida seja mais racional tanto em seus atos individuais como em seus atos coletivos. O fato é que sempre a arquitetura age sobre a personalidade do indivíduo, porque tem muito de impositivo.

Através da história seleciona-se a arquitetura que foi positiva na vida de um povo e afasta-se da análise ou da crítica aquela que não teve significado. Hoje, com o desenvolvimento técnico e científico pode-se qualificar o ato criador e dizer o que é e o que não é adequado para a vida do homem atual. Infelizmente, para a grande maioria constatamos a realização de uma arquitetura inadequada. Não pela quantidade, o que é sempre difícil atingir, por razões econômicas, mas sim pela qualidade, porque decididamente não é essa a habitação que é feita de modo geral, em toda parte, a mais correta para favorecer o homem no seu eventual desenvolvimento na sociedade.

E o arquiteto, profissional quase sempre consciente de seu papel, é quem mais sofre por não poder impor a idéia e oferecer ao homem uma arquitetura de muita qualidade e realmente positiva. Porque sabe que, através da manifestação arquitetônica também se consegue dar expressão aos anseios espirituais e, ao mesmo tempo, satisfazer as necessidades de uma época. Porque pode dizer com o arquiteto Luiz Miro Quesada: «Nós, arquitetos de hoje, em meio de nosso movimento de evolução construtiva, quase revolucionária, não devemos esquecer que em nossas produções deve comparecer vivida a maneira de ser de nossa cultura e que, por causa disso, nossas criações devem ser feitas, a imagem e a semelhança de nosso momento histórico cultural». Assim, sendo manifestação cultural, a arquitetura não poderá afastar-se dessa verdade, pois não se realiza sem aspectos materiais, espirituais, técnicos, definidos, implicados cada um deles separadamente e todos em conjunto, na objetivação de uma obra de arte. Podem, dessa forma, o arquiteto influir determinadamente nos sentimentos e nas idéias de todos os homens pra contribuir na valorização de uma consciência social dentro da qual, o homem comum possa ter as melhores intenções e as melhores idéias. Isto será evolução social e arquitetura têm muito a ver com isso, como facilmente se comprova. «Compreende-se, assim, como afirmou Joaquim Cardozo, como é complexa a profissão do arquiteto e porque ela representa uma soma de atividades que abrange um grande número de disciplinas... a profissão do arquiteto é coordenadora de outras profissões, não como simples articulação sem compromisso, mas visando o fim precípua da beleza e da harmonia, um sentido plástico para os espaços habitáveis, sentido que realize essa aliança, sempre almejada e muito poucas vezes conseguida entre espírito e matéria». Verifica-se, portanto, que o arquiteto não é um homem passivo, é dinâmico é evidente, e põe sua sensibilidade a serviço da vida, no encalço dos grandes serviços e das grandes tarefas que tenham por finalidade dignificar o homem principalmente nas suas formas de habitar, de trabalhar, de circular e de recrear-se. Isto é, realizar um ato de muita unidade de concepção e de expressão, cuja correlação de forças naturais e sociais não se afaste do

fim objetivo e ordinariamente desejado: o abrigo adequado, útil e ao mesmo tempo belo. Dentre os homens que realizam arquitetura no século atual – desde a simples habitação ao edifício público e ao tempo – Oscar Niemeyer é um que se destaca sobremodo, porque com êle a expressão arquitetônica atinge alto grau de permanência e duração, porque sua obra não é atingida pelo obsoletismo ideológico. Como diz Lewis Mumford: «em verdade, para uma obra de arquitetura, o obsoletismo ideológico é mais fatal do que o obsoletismo técnico. Quando um edifício perde seu significado, desaparece da vista, ainda que permaneça de pé».

Outubro de 1970 - nº 378

UM NÔVO PROJETO

Acaba Oscar Niemeyer de enviar de Paris, datado exatamente de 16 de outubro, o projeto novo que realizou para o Estádio Olímpico de Brasília. Uma evolução do projeto anterior e uma contribuição, como sempre para a evolução da nossa arquitetura.

Trata-se de uma proposição inusitada para estádios esportivos, porque coloca o público em contato com as provas, os jogos, o espetáculo enfim, como em muitos estádios europeus, desde o nível do chão e, também, oferece um artifício na cobertura, na qual a parte central se constitui em solução adequada para evitar a incidência dos raios solares sobre a arquibancada mais prejudicada e desvia a chuva de vento. Explica Oscar: «Um dos problemas mais graves que um estádio de 140 mil espectadores apresenta é a proteção ao público nas áreas insoladas, problema que nos países tropicais como o Brasil assume maior importância. Diversas soluções têm sido sugeridas mas o assunto é complexo e nenhuma delas – é fácil constatar – o resolveu plenamente. Apesar das limitações impostas pelo programa (construção da marquise por etapas, etc.) sentimos, satisfeitos, que nossa solução constituirá boa contribuição para o problema, oferecendo aos expectadores o conforto procurado, protegendo-os inteiramente do sol, protegendo-os, inclusive, da chuva que nos dias de vento invade – mesmo nos setores cobertos – a arquibancada. Nosso projeto prevê a construção da cobertura em duas etapas e, em uma terceira, a execução do sistema protetor idealizado: cabos de nylon afastados de dois em dois metros, providos de placas de plástico em que fios, também de nylon, as mantém nos afastamentos desejados. No restante, o estádio segue as normas usuais, em um esquema de circulação simples e definido com a utilização apropriada de largas rampas e avenidas, permitindo o escoamento de todo o estádio em 15 minutos. A estrutura tem seus apoios distantes de 10 em 10 metros e a cobertura cuidadosamente estudada nas seções e contrapeso. Todos esses problemas foram previstos por técnicos especializados; os de estrutura, cobertura de nylon, etc, pelo engenheiro Fabrequettes, responsável pelo cálculo das usinas atômicas da França e os de iluminação pelo engenheiro Arro. Eis os aspectos principais de nosso projeto cujas características deverão se repetir nos demais elementos do conjunto, a fim de que a obra – verdadeira vila olímpica – se mantenha na unidade indispensável».

A obra completa compreenderá os três estádios – futebol, piscina olímpica e ginásio – os edifícios de administração, da Escola Nacional de Educação Física, do centro médico, polícia, restaurantes, residências e um estacionamento para 50 mil automóveis. Será o Centro Esportivo de Brasília.

Trata-se de um projeto de alta qualidade plástica que traz em seu conteúdo uma grande lição de arquitetura. Sempre mais uma de Oscar Niemeyer.

Novembro de 1970 - nº 379

UMA NOVA FACULDADE DE ARQUITETURA

Está em funcionamento desde abril deste ano a mais recente faculdade de arquitetura fundada no Brasil. Trata-se da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo «Braz Cubas» de Mogi das Cruzes, em São Paulo, que já conta com mais de 200 alunos.

É a primeira escola de formação de arquitetos autorizada pelo Conselho Federal de Educação a fazê-lo em quatro anos. Em consequência, o currículo estabelecido é profundamente objetivo, tendo base total no ensino do planejamento físico da cidade e do projeto do edifício. Complementando, existem as disciplinas normais exigidas pelo currículo mínimo e, com mais profundidade, o estudo da arte brasileira, da arquitetura brasileira e dos problemas brasileiros que vão contribuir para a formação do arquiteto que deverá desenvolver e exercer sua profissão neste país. No restante não difere das outras faculdades, pois a parte tecnológica e a parte teórica não podem faltar. Assim como o Desenho do Objeto, a Comunicação Visual e o Paisagismo. Principalmente porque o objetivo essencial é fazer do arquiteto aquele profissional capaz de ordenar o espaço, criar e animar os lugares destinados ao homem, a fim de assegurar-lhe melhores condições de vida. Ele deve possuir e dominar a arte da composição, o conhecimento dos materiais e sua técnica e a experiência na execução da obra. Para expressar as aspirações e satisfazer de sua época, o arquiteto deve conhecer e compreender o meio humano, na mais ampla acepção do termo e testemunhar um respeito constante pelas realidades econômicas. Concebe sua obra dentro de um plano de conjunto, do qual ele deve ser, em todas as etapas, animador e o ordenador.

Através dessa conceituação, o curso na Faculdade de Mogi das Cruzes, será todo ele baseado na preparação do arquiteto planejador no sentido mais objetivo. Para isso, por proposta nossa, servirá de tronco das disciplinas de planejamento e de projeto do Plano Diretor de Mogi das Cruzes, elaborado desde 1966 pela ASPLAN e que tem necessidade absoluta de ser implantado com urgência e na sua totalidade do município. Porque é ele que orienta as decisões do Poder Público e das entidades particulares e das pessoas, que visa ordenar o crescimento físico das áreas urbanas, a circulação das pessoas e cargas, a adequada utilização do solo e a localização dos equipamentos sociais. Será, assim sob o ponto de vista didático, um excelente propósito para a formação do arquiteto. Ao lado da conceituação geral do planejamento físico – urbano e rural – teremos oportunidade, proximamente, de estudar e propor as soluções mais adequadas para os projetos futuros que a cidade requer, da habitação popular, da habitação coletiva, da escola, do hospital, do hotel, como também do Centro Cívico com seu Paço Municipal, do Fórum, da Estação Rodoviária, da

Estação Ferroviária, dos Edifícios da Cultura, do Comércio, da Agricultura e do Estádio Municipal. Que fonte inesgotável de análise e de estudo para o futuro arquiteto. Objetiva, real, de imediata comprovação, pois ali estará, junto à Faculdade, o Escritório técnico do Plano Diretor e a realidade física da cidade atual com suas contradições e seu desenvolvimento desordenado a serem controlados.

Além do mais, ainda por proposta nossa, a Faculdade de Mogi das Cruzes terá uma das oportunidades mais interessantes para o planejamento arquitetônico. Uma grande área de terreno será adquirida pela organização Braz Cubas e já prevista no Plano Diretor para a realização da universidade, já que conta com inúmeros cursos superiores. Nesta área a primeira edificação a ser feita será a da Faculdade de Arquitetura com caráter provisório e nela e seu curso será desenvolvido o plano geral da Universidade no qual trabalharão professores e alunos, numa equipe completa e numa oportunidade única de caráter didático para exemplificar toda uma teoria e uma concepção nas aulas mais práticas possíveis, ao pé das obras, num excelente canteiro de serviço. Em Brasília isso ocorreu pela primeira vez, em Mogi das Cruzes, deverá acontecer pela segunda. Nada melhor poderia se esperar para início de uma faculdade de arquitetura que já conta com uma equipe eficiente de arquitetos jovens constituindo seu corpo de professores e outros tantos que já se preparam para lecionar nessa escola em 71 e 72.

Pelo tipo de alunos que têm ingressado nessa faculdade, não só pela responsabilidade que demonstram, como pela média de idade que é mais elevada – grande parte já trabalha – pode-se prever um curso com novas características e com condições de fornecer ao Brasil, profissionais competentes e integrados na sociedade a que pertencem.

Março de 1971 - n° 383

A ARQUITETURA E O SEU ENSINO

Uma coisa verdadeiramente empolgante é o ensino da arquitetura. Simplesmente porque torna-se contundente a necessidade de se fazer compreender uma série de fatos humanos que caracterizam a vida cotidiana do aluno que, por sua vez, deverá, interpreta-los e traduzi-los numa linguagem adequada para repropô-los em forma de projeto arquitetônico, cujas qualidades deverão ser muito justas para se tornarem obra realizada.

O conjunto de procedimentos com a técnica didática apropriada é que constituirá o curso completo de formação do arquiteto. É o que deve ser a razão de existência de uma faculdade de arquitetura.

O mundo progride, a ciência evolue e a sociedade acompanha o caminho inexorável. Uma escola de arquitetura que se proponha a fazer de um cidadão normal, um mestre na arte de construção de acordo com as melhores condições de vida, que crie e anime os lugares nos quais atua e vive o homem e que consiga exprimir as aspirações e satisfazer as necessidades de sua época, essa escola deve acompanhar toda a transformação da vida, atualizando-se sempre. Por estas razões é que podemos registrar a evolução recente da Faculdade de Arquitetura Braz Cubas de Mogi das Cruzes, que apenas no seu primeiro ano de existência está numa adaptação vibrante e corajosa aos

problemas do ensino moderno da arquitetura. Seu corpo docente cresce rapidamente, tendo nas suas reuniões periódicas oportunidade de discutir e propor as modificações mais atuantes no que se refere à forma de oferecer ao campo do trabalho os arquitetos mais atualizados e capazes.

O conceito que se faz modernamente da arquitetura não se coaduna mais com as definições clássicas e obsoletas com o século em que vivemos. Hoje, a obra arquitetônica tem um significado muito importante para o comportamento do homem comum, que cada vez mais sentirá o seu efeito. Cabe ao estudante de arquitetura descobri-lo em primeiro lugar. Por isso, como explica V. Gregotti, essa obra «sòmente chega a ser concreta através da ação do sujeito que atua na modificação da tradição arquitetônica, mediante uma hipótese de satisfação de uma certa exigência originada de novas necessidades e de um conjunto de novas possibilidades dos materiais na arquitetura. É um modo de comunicar aos outros (também a nós mesmos, arquitetos) certa condição geral do ser do homem na terra, de seu pensamento, desejo de determinadas coisas e repúdio de outras, dentro daquele especial modo de fazer circular as idéias utilizando-as». «Podem ser individualizadas, separando-as artificialmente, duas ordens de proveitos da obra arquitetônica: a primeira ligada à destinação prática do conjunto de signos que constituem a dita arquitetura; a segunda, unida à dimensão semântica da obra, ao que ela pretende significar com sua própria proposta no sentido específico de exemplar, não só perante a cultura, mas também como presença modificante, propositiva, que constitui uma relação com a imaginação do grupo, com o conjunto de seus mitos, com a dimensão do inconsciente coletivo não menos do que com os fatores econômicos, sociológicos que definem a atividade e as exigências do corpo social em certo momento histórico, no qual agem as relações do «técnico e do significante».

Sabemos na FAU Braz Cubas que a formação de profissionais de arquitetura não é menos problemática do que a de outros profissionais de nível universitário, que essa formação deve dar condições ao aluno de desenvolver uma prática a posteriori e canalizá-los para esta mesma prática. Temos em mira aperfeiçoar o conhecimento da prática dos procedimentos profissionais e formar em nível universitário homens capazes de responder aos diferentes impactos com termos criadores.

Assim, o próximo passo a ser levado a efeito na FAUBC será o da criação dos três Departamentos fundamentais do curso: o do Desenho, no qual teremos as grandes linhas do seu desenvolvimento, o desenho do edifício, o desenho da cidade e o desenho da paisagem, unidades que se apoiarão tecnologicamente em duas ordens de disciplinas, desenho da informação e desenho do objeto; o de Tecnologia que compreenderá toda a sorte de disciplinas técnicas e científicas como a matemática, a geometria, a física, a mecânica, a resistência dos materiais, tecnologias do conforto, da estabilidade das construções, da análise dos solos, da estatística, da programação, das estruturas, etc.; e o de História, que se encarregará do estudo sistemático da evolução da vida do homem em comunidade (na casa, na cidade, na região, etc.) em relação à atuação do arquiteto, bem como dos problemas que envolvem êsses fatos como os sociológicos, os econômicos para a compreensão completa do significado do papel a ser desempenhado pelo arquiteto dentro do processo histórico brasileiro. E, ainda, uma formação filosófica para o arquiteto, centralizada no estudo de estética.

Muitas dessas proposições não constituem novidade na constituição de algumas faculdades de arquitetura. O que sim será de aspecto novo, é a integração das informações científicas e técnicas

para a realização de arquitetos capazes de enfrentar o mundo que se apresenta da conquista dos espaços, da automatização e da ibernética. Sem deixarem de ser arquitetos.

Maio de 1971 - nº 384

ESCOLAS. ESCOLAS.

Do ponto de vista da arquitetura, o problema escola tem sido discutido e debatido em toda parte. A União Internacional de Arquitetos que abrange arquitetos do mundo todo, periodicamente realiza reuniões de uma Comissão de Construções Escolares que examina o assunto sob todos os aspectos, desde o social, o econômico, etc até atingir conclusões relativas aos fundamentos construtivos e estéticos para que esse programa arquitetônico seja bem interpretado pelos arquitetos e por todas as autoridades do ensino e dos governos. A UNESCO tem solicitado sempre à U.I.A. informações e relatórios sobre o problema. De certa forma, universalmente, já se tem chegado às conclusões bastante claras e precisas sobre a escola como edifício e como espaço arquitetônico destinado a uma finalidade de grande importância social. O Brasil tem participado dessas reuniões através de inúmeros arquitetos mas, podemos afirmar, muito pouco tem aplicado das recomendações da U.I.A.. Volta e meia, entrevistas e declarações de autoridades e de pessoas especializadas no ensino, tem posto à mostra, de certa forma, a incoerência a morosidade com que se enfrenta o problema. No Estado de São Paulo, com todos os seus recursos, a questão pode muito bem ser medida. Sempre houve falta de escolas e sempre há queixas sobre a qualidade das obras realizadas. Agora, mesmo, o Governador Laudo Natel reafirma que «não é possível promover o desenvolvimento econômico e social sem a Educação», que «o déficit de salas de aula no Estado é de 20.000 unidades», que «para enfrentar o desafio e normalizar a situação do ensino, só no setor de obras, construindo, reformando e reaparelhando escolas, precisamos investir um bilhão de cruzeiros». Ao mesmo tempo, a Secretária da Educação, professora Esther de Figueiredo Ferraz declarou ao se referir aos prédios escolares: «com relação ao problema das construções escolares todos os prédios, de 10 anos para cá, foram mal concebidos e mal construídos e que muitos precisam ser reaparelhados e reformados, e em muitos casos a reforma custará mais caro que o preço da edificação. Os melhores prédios são ainda aqueles sólidos edifícios de há 50 anos, que precisam apenas de retoques. Daqui por diante, as novas construções obedecerão a critérios técnicos e modernos para que não se repita a inadequação das escolas».

Ora viva! Muito poucas vezes temos visto declarações de autoridades tão objetivas e tão claras. A profa. Esther vem de encontro ao esforço inaudito desempenhado pelos arquitetos deste Estado com relação a esse problema. Ninguém melhor do que o arquiteto, para saber com a U.I.A. que a educação deve se colocar no nível da criança, do que resulta necessariamente uma arquitetura na escala da criança; desenvolvendo paralelamente seu corpo, sua inteligência e sua personalidade, essa educação deve ser eminentemente variada do que resulta uma disposição de locais e espaços suficientes e diferenciados; a escola deve ser o prolongamento do âmbito familiar, do que resulta uma ambientação e espaços também em correlação com a habitação; a educação deve respeitar a

imaginação criadora da criança, do que deve resultar uma arquitetura simples e verdadeira, excluindo-se todo artifício. Para que a construção de escolas beneficie plenamente o progresso da pedagogia, uma íntima colaboração é indispensável entre o psicólogo e o educador, de uma parte, o arquiteto e as autoridades de outra parte.

Claramente percebe-se que o arquiteto tem condições de desempenhar seu papel com capacidade e conhecimento. O que não tem acontecido é a compreensão dos outros interessados quanto à qualidade das edificações destinadas à essa finalidade tão importante. Por isso, verificamos, agora, a deterioração total do prédio escolar. Existem alguns construídos que foram, na base da miséria – talvez da demagogia política ao mesmo tempo – que, hoje, mais parecem estrebarias do que escolas. E com isso, o projeto do arquiteto desmoronou-se. É a falsa economia que se faz, ou alguns pretendem fazer em cima de construções que devem atender a muitas gerações de crianças, incólumes no seu aspecto físico. Mas qual o quê, o que querem é fazer muitos e rapidamente de qualquer forma, portanto na base precária, materiais ordinários, etc. Recentemente, alguém inventou aqui algo que audaciosamente chamam de escola préfabricada, que não vai passar de outra mistificação da construção escolar, simplesmente porque não temos a indústria da préfabricação, ainda. Então, no âmbito municipal, que é onde inventaram isso, vão querer fazer no tempo de uma escola boa, 3 ou 4 porcarias. Dizendo, é lógico, que é para atender, mais crianças. Sim, de que forma? Não é mais possível, é necessário atender de uma vez por todas que o prédio escolar mais econômico é o mais bem feito, o mais bem construído, o mais bem aparelhado. Portanto, não é o mais barato. A arquitetura dentro de sua finalidade social e humana, no que tange ao prédio escolar tem sido esbulhada de maneira assustadora. E o arquiteto a sua maior vítima, depois da criança, é claro.

Setembro de 1971 - nº 388

BRASIL, PAÍS SEM ARQUITETOS

Apesar de tudo. Apesar do fato de nossa arquitetura estar na vanguarda dessa atividade no mundo no que se refere a qualidade e ao valor estético, nosso país carece de arquitetos de forma assustadora.

É verdade que essa falta torna-se pouco sensível porque no campo da tecnologia e no campo da indústria da construção, o engenheiro, principalmente o civil, está preenchendo êsses claros e exercendo a arquitetura legalmente e com todos os direitos pois há quarenta anos o arquiteto, de fato, não comparecia e não existia, a não ser na forma específica e precária de mestre de obras.

Hoje, com as dezesseis faculdades de arquitetura existentes no país, a situação modifica-se paulatinamente.

Pode-se ter a idéia do estado de coisas através da pesquisa pela Fundação Getúlio Vargas recentemente, e que nos dá notícia de fatos melancólicos à cêrca de uma atuação profissional que necessita ser modificada urgentemente. E que só o será na medida que mais e mais arquitetos se espalhem por êsse país a dentro. A constatação básica é de que é má a distribuição geográfica dos

profissionais de várias categorias, incluindo-se como das mais precárias a do arquiteto. Fenômeno que indica com clareza que nosso atraso sócio-econômico é agravado pelas distorções regionais.

A pesquisa localiza 8934 arquitetos em todo o Brasil distribuídos por apenas 204 de nossos 3738 municípios. Quer dizer 3734 municípios do Brasil nunca viram um arquiteto, 80,35% desses arquitetos localizam-se na região Sudeste, incluindo 47,69% na Guanabara e 26,24% em São Paulo. Assim, contamos hoje, com 3700 arquitetos na Guanabara e menos um pouco de 200 arquitetos em São Paulo. A Região Sudeste conta portanto com 1 arquiteto para cada 5200 habitantes. Na Região Norte, temos 1 arquiteto para cada 200.000 habitantes; na Região Nordeste 1 para cada 39.200; na Região Sul, 1 para cada 16.100 habitantes e na Região Centro-Oeste 1 para cada 33.000 habitantes. Das 27 unidades da Federação apenas 8 possuem mais de 100 arquitetos. 3 estão na faixa dos 20 a 100 arquitetos. 16 unidades contam com menos de 20, incluindo os casos extremos de Roraima e o Amapá, que não contam com nenhum.

Dos 572 municípios paulistas apenas 60 estão providos de arquitetos, o que significa que as Prefeituras não contam com esse especialista.

Ora, esses dados ainda sucintos nos dão um panorama melancólico da atuação desse profissional em nosso país.

Se levarmos em conta que a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas deve ter sido feita com base em dados fornecidos antes de mais nada pelos Conselhos Regionais de Engenharia e Arquitetura, esses números se referem a todos os profissionais diplomados e devidamente registrados, o que de certa forma é feito por todo recém formado. Isso não significa que todos estejam exercendo a profissão. Dessa forma podemos eliminar desses números pelo menos uns 30% ou mais de arquitetos que desviam suas atividades para outro rumo. Assim, pode se dizer que se tivermos 5.000 arquitetos exercendo a profissão nas mais variadas formas, será uma afirmação otimista.

Conclusão maior: falta muito arquiteto ainda em nossa terra. Se tornarmos São Paulo como base, a coisa se torna bem mais evidente: anualmente esta cidade – onde tanto se constrói – a Prefeitura aprova cerca de 20.000 projetos arquitetônicos. Desses, nem 500 são assinados por arquitetos. Quer dizer, então, que os restantes são realizados ou assinados pelos engenheiros civis existentes na praça.

Ninguém poderá contradizer que todo esse vulto de obras não deverá com o tempo chegar às mãos dos arquitetos, como de fato estão chegando, ainda que vagarosamente. A excelente especialização que está sendo oferecida cada vez mais vultosa no campo da engenharia, já está concorrendo para isso.

Quer dizer, então, das outras capitais, das outras grandes cidades do restante do Brasil, com relação a isso? É óbvio que necessitamos cada vez mais de arquitetos. Por que, sabemos, estão nisso, o edifício, a cidade, o desenho industrial, a comunicação visual, campos infundáveis para o arquiteto. Prevendo-se, em tudo, os desvios naturais e aceitáveis do profissional nos campos diversos, como aconteceu com o advogado, o engenheiro e até o médico – que segundo o I.B.C.E., apresenta a metade dos diplomados não exercendo medicina – em país em desenvolvimento.

Portanto, necessitamos de mais faculdades de arquitetura oferecendo arquitetos para este país que depois de Brasília e de uma Transamazônica, mais 30 ou 40.000 deles serão necessários.

Dezembro de 1971 - nº 390/391

VIDA E MORTE DE UMA REVISTA

Este é o último número desta revista chamada ACRÓPOLE. Pelo menos é a informação que os editores e proprietários fazem chegar a nós arquitetos acrescentando que as condições de manutenção financeira através da publicidade, não mais são favoráveis para a continuidade da revista. Após 33 anos ininterruptos isto é melancólico: uma revista especializada de projeção internacional desaparecer simplesmente. Na bibliografia de quase todas as revistas de arquitetura do mundo vem a ACRÓPOLE comparecendo mês após mês. Os arquitetos brasileiros acostumados a ver de quando em quando um projeto seu aqui publicado. Sua redação era ponto de encontro eventual de alguns arquitetos paulistas que até manuseavam livros e publicações de toda parte. Sua biblioteca de grande valor material e cultural acaba de ser adquirida pela Faculdade de Arquitetura Braz Cubas de Mogi das Cruzes. Sua história diz bem de sua importância no campo da divulgação e da análise de nossa arquitetura contemporânea. Muita coisa, hoje, ao ser pesquisada com relação à evolução de nossa arquitetura, o terá que ser feita nas páginas da ACRÓPOLE e cada vez mais o será.

Vejamos sua vida: em meados de 1937 o arquiteto Eduardo Kneese de Mello foi procurado pelo Sr. Roberto Corrêa de Brito para a confecção de um álbum impresso nas obras daquele arquiteto e que foi realizado nesse mesmo ano. No decorrer das conversações o arquiteto Kneese de Mello, sempre entusiasta das coisas da arquitetura, aventou a possibilidade de ser montada uma revista de arquitetura em São Paulo. O senhor Corrêa de Brito imediatamente interessou no assunto os arquitetos Henrique Mindlin e Alfredo Ernesto Becker, que se puseram à disposição da façanha. E o 1º número saiu em maio de 1938, contendo na capa um clichê do monumento a Ramos de Azevedo, e no editorial artigo do Kneese de Mello sobre a Acrópole de Atenas (evidentemente um símbolo da arquitetura de todos os tempos). Daí, paulatinamente, durante todos esses anos foi a revista publicando projetos e obras da maioria dos arquitetos de São Paulo e grande número de outros do resto do país. Realizou também números especiais. Realizou também números especiais como: IV Centenário de São Paulo em janeiro de 1954; 25º aniversário da Revista, sobre a cidade de São Paulo em maio de 63; sobre Sérgio Bernardes, em dezembro de 63; sobre a inauguração de Brasília, em fevereiro de 60 (2 edições); sobre escolas dos arquitetos Hélio Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Tibau, em fevereiro de 65; sobre Carlos Millan (2 números, em maio de 65 e setembro de 66; sobre os arquitetos Flávio Império, Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre, em julho de 65; sobre Oswaldo Bratke e seu projeto de cidade no Amapá, em março de 66; sobre João Toscano, em abril de 67; sobre Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro, em agosto e setembro de 67 (2 números); sobre Joaquim Guedes, em fevereiro em 68; sobre Zanettini, Campos F. e Corrêa, em julho de 68; sobre Oscar Niemeyer, em julho de 69; sobre o Metrô, em março de 69; sobre a Universidade de Brasília, em janeiro de 70; sobre o Mobiliário Brasileiro, contribuição de Luís Saia, em novembro de 70; sobre Jorge Caron, em junho de 70; sobre Ruy Ohtake, em julho de 71; sobre

Eduardo Longo (2 números), setembro e outubro de 71 e agora este último, dedicado às obras e trabalhos dos arquitetos João Cauduro e Ludovico Martino, de dezembro de 71.

Afora isto, a ACRÓPOLE como editora, publicou: um livro sobre Residências e Interiores, em junho de 54; Notas sobre a evolução da Morada Paulista de autoria de Luís Saia em 1957; a monografia Janelas – Venezianas de Bina Fonyat em setembro de 1959 e o Roteiro da Arquitetura Contemporânea em São Paulo dos arquitetos Corona e Lemos em junho de 63, além de ter editado a tese do arquiteto Eduardo Corona intitulada Princípios Fundamentais de Composição na Arquitetura Brasileira em setembro de 1957. Publicou, ainda, durante 5 anos seguidos, de abril de 57 a março de 62 o Dicionário da Arquitetura Brasileira dos arquitetos Eduardo Corona e Carlos Lemos (que se encontra de forma definitiva no preto e sairá este ano editado pela EDART); mais: publicou o Boletim do I.A.B. de São Paulo de janeiro de 54 a abril de 59, depois editado separadamente durante vários anos; publicou o Boletim do Instituto Brasileiro de Acústica de maio de 58 a janeiro de 67, tudo isso no corpo da Revista. Por fim, de abril de 63 até o presente número o arquiteto Eduardo Corona escreveu o artigo editorial todos os meses. Como se vê, o acervo realizado por Max e Manfredo Gruenwald, que são os proprietários e editores durante a quase totalidade de sua existência, é algo de muito importante no campo cultural brasileiro. Muito contribuíram eles para a divulgação de nossa arquitetura, principalmente no exterior.

E assim, encerra-se mais uma página de história de nossa arquitetura. E melancolicamente, porque a ACRÓPOLE é a última revista especializada de arquitetura que desaparece. Todas as outras já se foram, - que boas recordações da MÓDULO – esta foi a que mais tempo agüentou. É pena!

ANEXO 4

ENTREVISTA COM MANFREDO GRUENWALD

Entrevista concedida no dia vinte e nove de setembro de 2006.

Em seu apartamento nos Jardins, Manfredo Gruenwald guarda entre diversos livros apenas as edições especiais da revista Acrópole, seu acervo completo da revista Acrópole foi doado a Fundação Álvares Penteado.

Manfredo Gruenwald nasceu em Berlim, em 1926, e aos dez anos de idade muda-se para o Brasil. E após trabalhar em uma oficina de jóias inicia seu trabalho na revista Acrópole, comprada por ele e Max Gruenwald⁵, seu pai, no final de 1952.

Entrevista

Manfredo Gruenwald afirma que tomou consciência da mudança no trabalho realizado pela revista após a entrevista e o contato com o Fernando Serapião, porque esta mudança não foi percebida no dia-a-dia. Segundo ele, sob sua direção a revista tornou-se mais seletiva no que diz respeito a suas publicações.

Em que área exatamente atuavam seu pai (Max Gruenwald) e o senhor?

Max Gruenwald trabalhava de forma mais direta com a parte administrativa. Eu trabalhava com as publicações da revista, e embora nunca tenha trabalhado nesta área, considero que pessoalmente tinha alguma sensibilidade para escolher assuntos adequados e que com o passar do tempo esta sensibilidade foi se aprimorando devido ao contato constante com o tema, embora considere que diante de minha formação, eu era joalheiro, isto pudesse me restringir em alguns aspectos, como na elaboração de textos, entre outros.

O senhor havia alguma revista de arquitetura como base de referência, ou mesmo predileção por alguma?

Havia muitas permutas, dezenas de revistas de arquiteturas, revistas alemãs, americanas, entre outras, pessoalmente Manfredo possuía uma predileção pela revista Art Architecture, é uma revista que tinha um diálogo mais semelhante ao da Acrópole, que não havia uma parte artística mais apurada. Mas o desenvolvimento da revista foi feito de maneira autodidata, com o contato freqüente com arquitetos e pessoas do meio⁶.

No período em que iniciei a direção da revista, aos, aproximadamente, 27 anos, devido a minha idade possuía um contato maior com os arquitetos mais jovens.

Com relação às fotografias a serem publicadas dos projetos, como era o processo?

Pode-se dizer que José Moscardi era o fotógrafo oficial da revista, a própria revista quem pagava as fotos, desta forma à revista financiava estas fotos.

Qual é a visão do senhor sobre a arquitetura daquele período, da arquitetura moderna?

⁵ Max Gruenwald nasceu em Viena, em 1895, mudando-se para Berlim e em 1936 para o Brasil. Inicia seu trabalho na revista Acrópole devido à função de linotipista que exercia em uma empresa que imprimia a Acrópole. Devido a esta ligação com a tipografia irá tornar-se, posteriormente, o contato publicitário da revista em 1939.

⁶ A revista era moderna não por uma predileção, e sim pela forma de trabalhar no dia-a-dia.

Quando questionado sobre sua visão sobre a arquitetura do período, Gruenwald afirma que segundo sua opinião haviam tipos distintos de arquitetura, como por exemplo, Rino Levi, Bratke, Artigas, entre outros...

A exemplo de Artigas, a força de suas idéias e seu discurso mostrava-se mais de forma política do que arquitetônica, as pessoas se adequavam aos seus valores, induzidos mais por seu discurso político. Vários fatores favoreceram sua posição, sua força política, era de esquerda, mas não era radicalmente de esquerda, possuía “bom senso”. Pode-se dizer que os arquitetos foram atraídos por sua força política e arquitetônica.

Como era feita a seleção das obras e trabalhos a serem publicados pela revista?

Era o contato pessoal que proporcionava a publicação dos trabalhos na revista, sob minha seleção pessoal, pela qualidade do trabalho, mas as publicações eram feitas mais pela escolha da pessoa do que pelo trabalho, devido a minha formação, afirma ele mesmo.

Como era o funcionamento da revista? Havia uma equipe, quem trabalhava na revista?

A revista tinha que ser publicada todo mês, esta era uma grande preocupação e complicação. Praticamente não havia equipe. A diagramação era feita por mim mesmo, no início eram utilizados clichês e nunca chegou-se a utilizar o offset.

Eduardo Corona era editorialista, ele mantinha-se no papel de escrever o editorial, mas não propunha alterações na revista. Corona não recebia dinheiro por seu editorial, assim como outros que colaboravam na revista.

Como e porque se iniciou a publicação dos boletins do IAB na revista?

Devido à proximidade com os próprios arquitetos iniciou-se a publicação do boletim do IAB, e as publicações relacionadas à acústica.

Quem idealizou os números especiais, dedicados a um arquiteto ou associação de arquitetos e como eles eram feitos?

Os números especiais foram uma idéia minha, que considero muito interessante, além de oferecer maior facilidade na obtenção de dados de projeto a serem publicados.

Sobre o número especial do grupo “Arquitetura Nova”, a seleção dos projetos não foi feita de maneira cronológica, a seleção e a maneira de publicá-los era feita pelos próprios arquitetos, pois eu não me considerava qualificado para fazer tal seleção.

Porque foram feitos mais de um especial sobre um mesmo arquiteto?

Quando foram feitos dois especiais sobre alguns arquitetos, como no caso das edições especiais sobre Eduardo Longo e Carlos Millan, fez-se em função do excesso de material obtido sobre a obra destes arquitetos.

Porque não foram feitas edições especiais dos arquitetos considerados mais antigos naquele momento?

Não foram feitas edições especiais com os arquitetos mais antigos por não ter sido pensado fazê-las.

O que o senhor pensa da maneira de trabalhar dos arquitetos com os quais tinha contato, ou dos quais conhecia o trabalho?

Alguns arquitetos faziam suas residências como eles pensavam que se deveria viver, muitas vezes inadequadas a seus usuários. A forma de vida deveria ser como a imagem deles. Com, por exemplo, pode-se citar, Artigas, Zanettini, Paulo Mendes da Rocha, entre outros.

Por exemplo, o projeto de casas geminadas de Zanettini aonde o primeiro pavimento era uma área de convívio social, e, no segundo pavimento encontrava-se a área de vivência particular. Já Artigas, praticamente, aboliu da residência o quarto de empregadas nas residências e a construção de paredes que não se estendem até o teto em alguns projetos de Paulo Mendes da Rocha.

Quem elaborava o texto dos projetos publicados? Eram os próprios autores do projeto? Qual o problema o qual o senhor menciona na entrevista cedida a Fernando Serapião, na revista Projeto?

Os textos das reportagens eram feitos pelos próprios arquitetos, e isto constituía-se em um problema, pois os arquitetos eram de certa forma “poetas”, porque os textos eram entregues, e depois havia muitas vezes o desejo de alterá-lo, o que tornava o processo mais lento.

A critério da própria revista era exigido que o texto fosse feito por um arquiteto. E como não havia uma equipe como hoje em dia há nas revistas, uma equipe fixa, assim, o próprio arquiteto autor do projeto escrevia seu texto.

Qual era aproximadamente a tiragem da revista?

A tiragem da revista era de três a quatro mil exemplares, distribuídos por todo o Brasil. Com diversos representantes pelo Brasil todo.

Neste período, sob o governo de Getúlio Vargas, os jornalistas não pagavam para viajar. Assim, tentou-se ampliar a distribuição do material pelo Brasil, mas era muito complicado, inclusive para fazer a cobrança financeira. Neste período também, fazer uma ligação para locais muito distantes era muito complicado, e todos estes fatores complicavam a requisição de material de distintos locais do Brasil para serem publicados.

No Rio de Janeiro, a procura por material a ser publicado se fazia através de escritórios mais conhecidos, e também eram visitadas obras, mas a publicação de material do Rio de Janeiro era dificultada em função da falta de material dentro do prazo pedido e necessário. Enquanto na cidade de São Paulo podia-se fazer maior cobrança por material a ser publicado, e assim o material era recebido dentro do prazo necessário.

O contato era tranqüilamente estabelecido entre o senhor e os arquitetos?

Nunca consegui estabelecer um contato com Niemeyer, ao contrário de Lúcio Costa, a quem considerou de certa forma mais acessível sob estes parâmetros.

O maior número de publicações da cidade de São Paulo foi feita por uma predileção da revista, além da dificuldade já relatada na obtenção de material de outras cidades, como o Rio de Janeiro?

O maior número de publicações da cidade de São Paulo, devia-se, principalmente, a sua maior facilidade. Os arquitetos de São Paulo já estavam mais habituados ao funcionamento da revista, que tirava as fotos, o que era considerado um fator muito importante, pois facilitava a publicação dos projetos, com isto, os arquitetos apenas entregavam as plantas e os textos.

O senhor também foi proprietário ou dirigiu outras revistas?

Fui proprietário e dirigi mais outras três revistas⁷, as quais considero que foram mais adequadas ao dia-a-dia. Em 1959, inicia-se a publicação da revista Mundo Elétrico, sob sugestão de anunciantes da revista Acrópole (Pelotas e Petrarco dos irmãos Peters). E quando finaliza-se a publicação da revista Acrópole decide-se fazer uma revista mecânica.

Mas eu possuía grande prazer em trabalhar na revista Acrópole, era muito prazeroso trabalhar com arquitetos, neste período, meu contato era maior com os arquitetos em começo de carreira, que viam a importância da publicidade.

⁷ Gruenwald faz referência as três outras revistas por ele dirigidas: Mundo Elétrico, Mundo Mecânico e Controle e Instrumentação.

ANEXO 5

A ARQUITETURA PAULISTA DE 1945 À 1970

Texto não publicado, de autoria de Eduardo Corona, provável de 1971.

Fonte: CARRANZA, Ricardo, 2000

Com as grandes modificações resultantes da 2ª Guerra Mundial (de 39 à 45), este período da produção arquitetônica se caracteriza por inovações formais e estéticas de certo modo significativas. Após a derrota do nazi-fascismo no mundo, teremos no Brasil o fim do Estado Novo, a Anistia e a luta pela Constituinte, resultando na proposta de uma nova Constituição em 1946.

Nesse clima de euforia política e cultural manifestações das várias camadas de nossa sociedade tiveram chance de aparecer.

Em janeiro de 1945 realiza-se em São Paulo, o 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos, no geral os arquitetos tiveram a coragem de discutir e propor soluções para o problema da Habitação Popular, coisa que não era permitida até então. Uma das importantes decisões foi a de afirmar que a Casa Operária não deveria ser vendida, mas alugada, para evitar que o trabalhador, apesar de proprietário, se tornasse escravizado ao dono da indústria.

Surgia nessa época o livro "Brazil Builds" de Philip Goodwin, editado nos Estados Unidos e consagrando a nova arquitetura Brasileira que a partir do Edifício do Ministério da Educação passou a ocupar o seu lugar na produção arquitetônica mundial.

Em 1946, os arquitetos paulistas conseguem localizar a sua Sede definitiva da organização profissional, o Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, realizando para isso um Concurso de Projetos e até hoje está instalado nessa Sede realizada por 3 equipes que foram selecionadas no concurso. Nesta altura começam a surgir em São Paulo, inúmeras obras resultantes de projetos de arquitetos pioneiros da arquitetura moderna brasileira, consolidaram de uma vez por todas os caminhos dessa manifestação. As residências de Artigas (1945 à 1949), a casa de Rino Levi (1946), o edifício Mara de Eduardo Kneese de Mello (1948), seguindo-se projetos de Zenon Lotufo, Ícaro de Castro Mello, Abelardo de Souza, Oswaldo Corrêa Gonçalves, Hélio Duarte e outros que, num trabalho intenso, indicavam a direção aos demais. Junto a esses, destaca-se o trabalho de Oswaldo Bratke com sua honestidade profissional e sua precisão técnica, aprimorando a qualidade da arquitetura paulista.

Daí em diante, a produção se avoluma, coincidindo com um período de desenvolvimento industrial e econômico, atingindo a década de 50, sob forte inflação e, principalmente, a especulação imobiliária, favorecia por isso.

Com o número de arquitetos aumentando, pela fundação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, junto à do Mackenzie, passando a colocar na atividade profissional arquitetos de ótima qualidade, a produção arquitetônica tem chance de obter um desenvolvimento dos mais significativos. Reforça o fato, a vinda para São Paulo, de vários arquitetos, uns refugiados da Guerra, outros não, que com sua capacidade profissional contribuíram de forma positiva para esse desenvolvimento, com Franz Heep, Lucjan Korngold, Victor Reif, Lina Bo Bardi, Giancarlo Piretti, etc.

Depois de fundado em 1948 o Museu de Arte Moderna, tivemos em 1951 a 1ª Bienal de São Paulo, onde se destacaram os prêmios internacionais a Le Corbusier e a Pier Luigi Nervi, mestres ímpares da arquitetura e das estruturas de concreto armado.

Nos anos 50, São Paulo, passando dos 2.500.000 habitantes, torna-se a cidade que mais cresce no Mundo, o maior parque industrial da América Latina. Nesta euforia econômica, edifícios de todo o tipo surgem em todos os lados, não só no centro como em todos os bairros e todos os municípios, configurando a descentralização urbana que se tornava necessária. Consequência das metas desenvolvimentistas que Juscelino Kubitschek implantava no País.

A arquitetura realizada para a Exposição do 4º Centenário de São Paulo, no Parque do Ibirapuera, em 1954, trouxe novas condições de renovação, principalmente pela orientação dada por Oscar Niemeyer, chefiando a equipe de arquitetos paulistas.

Exatamente nessa década, na qual a produção arquitetônica torna-se enorme, a atividade dos arquitetos se desenvolve no sentido de aprimoramento do projeto, de um aperfeiçoamento das propostas e das soluções arquitetônicas, de condições técnicas, mais lógicas, de um uso de materiais adequados e condizentes com a tecnologia da construção do momento, ou seja, estruturas de concreto armado racionais, o concreto aparente com a nobreza que lhe cabe como material de construção, o vidro, o alumínio, o quebra-sol da arquitetura tropical, tudo isso ligado ao problema da funcionalidade que exigia sempre solução arquitetônica digna daquele instante.

Assim, surgiram edificações em grande quantidade, desde residências até escolas e arranha-céus, resultantes da criatividade de inúmeros arquitetos, primeiramente os mais experientes, em seguida, os jovens que consolidaram uma arquitetura de características brasileiras, cuja presença e cujo caráter reforçam as qualidades dessas obras reconhecidas pela crítica especializada e pelos historiadores da arquitetura. Ao lado disso, por influências negativas da comunicação de massas (a televisão que se desenvolveu e a imprensa), a especulação imobiliária, foi responsável junto com o crescimento desordenado de nossas cidades (sem planejamento e sem controle) pelo surgimento de muita coisa ruim, em matéria de arquitetura. Não por culpa dos arquitetos propriamente, mas pelo seu engajamento no processo, numa luta desenfreada pela sobrevivência. Um estudo histórico da arquitetura paulista quando for levada a efeito, separará o joio do trigo. Por enquanto, durante as décadas de 50 e 60, o trabalho dos arquitetos de boa qualidade tem assegurado o seu papel no registro que se tem feito por intermédio das revistas especializadas dos roteiros de arquitetura, dos congressos dos seminários, nas aulas nas Faculdades de Arquitetura e nas atividades das associações de classe.

Numa síntese referencial, pode se captar alguns exemplos importantes que, com seus autores, marcaram presença na produção arquitetônica paulista. Desde o Edifício Seguradora de Rino Levi, acabado em 1956 ao seu Banco Sul América de 1965 ou o Paço Municipal de Santo André de 1969, condicionaram-se realizações importantes. A piscina coberta da Água Branca ou o ginásio do Ibirapuera de Ícaro de Castro Mello (51 e 54), os colégios de Itanhaém e de Guarulhos, de Vilanova Artigas (1960 e 61), os projetos de Joaquim Guedes, os de Carlos Millan, os de Paulo Mendes da Rocha, os de Jorge Wilhelm, os de Pedro Paulo Saraiva, os de Croce/Aflalo e Gasperini, o de Alberto Botti e Mark Rubin, os de Miguel Forte e Galiano Cianpaglia, os de Abrão Sanovicz, os de Julio

Katinsky, os de Carlos Lemos, os de Fábio Penteado, os de Sigbert Zanettini, os de Décio Tozzi, o de Israel Sancovski e J. Bonilha, os de Ruy Ohtake, os de Roberto Tibau, os de Francisco Petraco, os de Jon Vergareche Maitrejean, os de Sérgio Ferro, os de Rodrido Lefèvre, os de Ubirajara Gilioli, os de Júlio Neves, os de Adolfo Rubio Morales e de Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers, os de Marcelo Fragelli e tantos outros.

Depois da inauguração de Brasília em 1960, nessa década o Brasil passa por várias situações políticas e, por consequência, econômicas, que viriam mudar alguns aspectos de sua vida cultural e artística. As crises de governo e mais inflação, contribuíram para isso, culminando com a chamada revolução de 64 e com os atos institucionais, entre eles o de número 5, em 1968. A arquitetura sofre igualmente todas as consequências, sua produção estaciona e sua expressão estética perde o sentido. Os arquitetos sentem-se frustrados. Sua arquitetura passaria a tomar aspectos diferenciados, produto de novo período que se iniciaria com a década de 70.

ANEXO 6

TABELA DE LOCALIZAÇÃO, ANO DE PROJETO E DE AUTORES DO LIVRO

MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL

LOCAL	TOTAL
Bonclima (próximo Petrópolis) RJ	1
Cataguázes (MG)	1
Fazenda Inglesa (próximo Petrópolis) RJ	1
Friburgo (RJ)	1
Guarujá	2
Maceió - Alagoas	1
Mangalarga (próximo Petrópolis) RJ	1
Parque Rio da Cidade (próximo Petrópolis) RJ	1
Petrópolis	1
Rio de Janeiro	9
Samambaia (próximo Petrópolis) RJ	2
Santos	2
São José dos Campos	1
São Paulo	9

ANO	TOTAL
1942	1
1943	1
1946	3
1947	1
1949	4
1950	1
1951	4
1952	3
1953	6
1954	4
1955	5

ARQUITETO/ ENGENHEIRO	TOTAL
Afonso Eduardo Reidy	1
Aldary Henriques Toledo	1
Arnaldo Furquim Paoliello	1
Carlos Frederico Ferreira	1
Francisco Bolonha	1
Gregori Warchavchik	2
Henrique E. Mindlin	2
Ítalo Eugênio Mauro	1
J. Vilanova Artigas	2
José Bina Fonyat Filho e Tercio Fontana Pacheco	1
Lina Bo Bardi	1
Lúcio Costa	1
Lygia Fernandes	1
Miguel Forte e Galiano Ciampaglia	1
Olavo Redig de Campos	2
Oscar Niemeyer	1
Oswaldo Arthur Bratke	2
Oswaldo Corrêa Gonçalves	1
Paulo Antunes Ribeiro	2
Paulo Everard Nunes Pires, Paulo Ferreira dos Santos e Paulo de Tarso Ferreira dos Santos	1
Rino Levi	1
Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar	2
Sérgio W. Bernardes	3
Thomaz Estrella, Joge Ferreira, Renato Mesquita dos Santos e Renato Soeiro	1

ANEXO 7

TABELA DE AUTORES DO LIVRO
RESIDÊNCIAS INTERIORES

ARQUITETO/ ENGENHEIRO	TOTAL
Arnaldo Furquim Paoliello	2
Carlos Lemos	1
Claus Eggers	1
Clóvis Felipe Olga	2
Eduardo Corona	2
Eugênio Szilagy	1
Eulálio Vidigal Pontes	1
Francisco Beck	1
Gilberto Junqueira Caldas	1
Henrique E. Mindlin	2
Ítalo Eugenio Mauro	1
J. Vilanova Artigas	2
Jacques Pasternak	1
Jacques Pilon	1
José Augusto Belucci	1
Lauro da Costa Lima	1
Lucjan Korngold	2
M. Azevedo	1
Marino Barros	1
Nilo Ramos Vilaboim	1
Oswaldo Arthur Bratke	2
Plínio Croce e Roberto Aflalo	3
Roberto Aflalo	1
Rodolpho Ortenblad Filho	4
Rubens Carneiro Vianna	2
Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers	1
Rubens Monteiro	1
Victor Reif	1